

Quem Somos?

CLÁUDIO LUÍS FERREIRA PEREIRA

Meu nome é Cláudio Luis Ferreira Pereira, tenho 22 anos de idade, nasci em São Paulo, em Santo Amaro, na zona sul. Moro no JD. KAGOHARA, bem próximo do centro do JD. Ângela, com a minha mãe, Maria de Lurdes Marcelo Ferreira, que trabalha como doméstica, e minha irmã, Juliana Pereira dos Santos que no momento só estuda.

Na 1ª série eu estudei na escola HERBERT BALDUS, e da 2ª à 8ª série, na escola OSWALD DE ANDRADE, onde fiz a minha primeira formatura, graças aos meus pais. Foi minha primeira e a melhor, foi inesquecível. Do 1º ao 3º colegial, estudei na escola JOSÉ RAUL POLETO, que fica bem próxima à minha casa. Para o futuro, pretendo fazer faculdade e me formar em Ciências da Computação, além de ser DJ de música eletrônica, como Dance, drum'n bass, techno e hip hop.

As coisas que eu mais gosto de fazer são jogar futebol, vôlei, vídeo game, andar de bicicleta, sair para casas noturnas, porque eu adoro um som alto, e ir para shoppings. O que eu odeio é a falsidade e pessoas que só sabem falar pelas costas.

A minha infância foi umas das melhores, pelo menos no meu ponto de vista. Meu pai e minha mãe, dentro do possível, me deram tudo que eu queria. Só não foi melhor por causa da separação dos meus pais.

Uma das coisas que eu não consigo esquecer foi um dia quando eu atropeliei um garotinho com a minha bicicleta. Eu fiquei muito apavorado. Para piorar, a mãe do menino falou que ia chamar a polícia e eu fiquei mais apavorado ainda. Mas uns homens viram o que tinha acontecido e disseram que a culpa não tinha sido minha. Eu pedi desculpas, mas ainda bem que não aconteceu nada de grave com o menino. Fui embora sossegado mas é uma coisa que eu não consigo esquecer.

Eu adoro ver e ler jornais, mas detesto quando a mídia fala mal do meu bairro, pois só sabem falar do lado ruim. Não espero que digam que meu bairro é o melhor, mas apenas, como a maioria, que também tem seu lado bom, como lazer, cultura, além de algumas comunidades que vem promovendo projetos para tirar as crianças das ruas e do mundo das drogas.

EDIMILSON DIAS ROCHA

Oi pessoal! Meu nome é Edimilson, mais conhecido como Japão. Tenho 18 anos, estudo no José Porphirio da Paz e estou no segundo ano do ensino médio. Moro no bairro Parque Novo Santo Amaro, aqui no Jardim Ângela.

Eu gosto muito de me divertir, danço Break, faço Graffiti e gosto muito também de namorar. Não gosto de pessoas que dizem ser amigos, mas só agem na "traíagem". E também não gosto quando a polícia abusa de seus poderes. Aliás, eu só gosto de quem gosta de mim, principalmente, minha família, que são os que considero meus amigos de verdade, como o meu primo Caca.

Eu e minha família morávamos na Bahia há muitos anos atrás. Depois, viemos para São Paulo, onde moramos em São Miguel na casa da minha tia. Pouco tempo depois, meu pai conseguiu um emprego e nos mudamos para Parelheiros, mas, por falta de opções, tivemos que nos mudar para o

Paranapanema, onde moramos por dois anos. Mudamos, então, para o Parque Novo Santo Amaro, no Jardim Ângela, onde estamos morando há oito anos.

Eu tenho um irmão de 20 anos, que trabalha como office-boy, e uma irmã estudante de 14 anos. O meu pai está desempregado, mas ele trabalhava de pedreiro e metalúrgico. Eu me orgulho muito dele e da minha mãe, que trabalha como camareira. Eu me dou muito bem com minha família, principalmente com os meus pais.

Eu fiz curso de Garffiti e informática no RAC (Redescobindo o Adolescente na Comunidade), hoje estou no Instituto Sou da Paz, trabalhando no projeto Observatório de Direitos Humanos.

Antes, eu gostava de pensar no futuro e tinha sonhos, mas, hoje, resolvi cair na real e acordar para a vida, na qual quem pode mais chora menos, e seja o que Deus quiser. O resto é só alegria.

DANIELA DOS SANTOS DE SOUZA

Me chamo Daniela dos Santos de Souza, tenho 17 anos e sou solteira. Moro em São Paulo, no bairro do Paranapanema, mas não sou paulista, sou sul mato-grossense, ou seja, nasci em Mato Grosso do Sul, onde morei até os 13 anos.

Dois fatos marcaram muito a minha vida: a morte do meu pai e a separação de uma pessoa a quem amo muito, a minha avó. Eu me separei da minha avó porque queria conhecer o modo de vida

da minha mãe e saber se tudo que minha avó me disse sobre ela era verdade. Meu pai morreu gostando dela e ela foi embora, pelo simples fato de que ele não estava mais fazendo ela feliz, além de outros motivos que eu prefiro não comentar.

Chega de falar de coisas tristes, vou falar de coisas boas, como a admiração que passei a ter pela minha mãe, coisa que eu jamais imaginaria. O ódio que eu tinha por ela virou amor e,



hoje, ela é uma das pessoas a quem eu mais amo.

Hoje sou independente, trabalho no Instituto Sou da Paz, gosto de ter meu dinheiro, adoro gastar, gosto de ter as minhas coisas. Sou uma pessoa comunicativa, em certos casos, sou curta, grossa e direta. Eu estou cursando o segundo ano do ensino médio e pretendo fazer faculdade de Psicologia e Turismo.

Eu tive uma ótima infância, tudo que uma criança de hoje faz eu fazia também, quer dizer, nem tudo. Fui muito levada, mas soube aproveitar. Hoje, eu sonho em ter minha casa, um ótimo emprego, muita saúde e ser feliz e, assim, conquistar todos os meus objetivos.

No momento, estou morando com uma amiga, minha ex-cunhada. Gosto muito dela e nós nos damos bem, lógico que, às vezes, temos algumas desavenças, mas é normal, nada que uma boa conversa não resolva. Pagamos aluguel, mas temos fé em Deus

que um dia subiremos na vida e teremos nossa casa, é só ter fé. Sou uma pessoa de personalidade simples, em algumas coisas gosto da opinião dos outros, mas não sempre. Me resumindo, sou muito vaidosa e gosto de ser independente e o primeiro degrau da minha vida já subi, pois conquistei a minha independência.

Eu fiquei com um cara durante oito meses, quatro namorando e quatro morando juntos. Foi horrível e eu me arrependo até hoje. Nós nos precipitamos, não nos conhecíamos direito e fizemos a burrada. Ele era muito ciumento, doente e possessivo, não queria nem que eu fosse para a escola. Hoje, namoro um cara há quatro meses, o nome dele é Dámon e tem vinte anos. Gosto muito dele e espero que ele me faça muito feliz, mas, por enquanto, não quero me apegar a ninguém de verdade.

Vou ficando por aqui, foi uma prazer contar minha história e minha vida, ou pelo menos um pouco dela.

ÂNGELA DE ASSIS DA SILVA

Meu nome é Angela, tenho 18 anos e sou moradora do Jardim Ângela, em São Paulo. Até os treze anos, morava no município de Itapeverica da Serra, mais propriamente falando no Santa Julia. Como era longe de tudo, meu pai resolveu mudar-se para o Jardim Ângela, que não muda muita coisa pela distância, mas melhorou nossa vida. Onde morávamos faltava muita água e energia e teve uma época que tínhamos de buscar água na bica. Foi um tempo sofrido pra minha mãe, mas para mim era diversão, pois eu era muito criança e só queria ir na bica brincar com água.

Moramos aqui há cinco anos, no bairro Jardim Turquesa. Às vezes, por aqui é tranquilo, outras vezes é meio "barra pesada". Mas eu penso que não tem essa de perigoso para uns e menos para outros, o perigo está para todos, é só você por o pé do lado de fora de sua casa que já está à mercê do perigo, isso é uma questão de sobrevivência.

Terminei o 3º ano do ensino médio no final do ano de 2001, fiz um curso de informática avançada no Projeto RAC (Redescobindo o Adolescente na Comunidade) e hoje faço curso de *Web Design*. Trabalho como monitora em um curso básico de informática e estou participando do projeto do Instituto Sou da Paz..

Meu pai se chama Lourenço da Silva, nasceu em Alvorada do Sul, Paraná, e minha mãe Ivanilde de Assis Silva, nascida em Tupã, Estado de São Paulo. Os dois se encontraram no Paraná, pois meus pais não tinham locais fixos para morar e moravam de fazenda em fazenda, trabalhando para os donos. Em uma dessas mudanças, os dois se conheceram. Minha mãe tinha quatorze anos e meu pai dezesseis. Meu pai foi o primeiro namorado da minha mãe. Namoraram dois anos e meio e se casaram. Vieram do Paraná tentar a vida aqui em São Paulo, chegaram aqui com uma mão na frente e outra atrás, moraram um tempo de favor na casa do irmão do meu pai e, como o emprego antigamente não exigia tantos conhecimentos, meu pai conseguiu um trabalho, do qual hoje está afastado por problemas na coluna. Hoje, ele se julga um homem realizado, por ter conquistado "seu espaço" com muito esforço e sofrimento.

Moro com meus pais e meus quatro irmãos: Maurício, 23 anos, Solange, 21, Alex, 16 e o Edson, 15 anos. No momento, somente eu estou trabalhando. Minha mãe nunca trabalhou, é dona de casa, e os meus irmãos mais velhos estão à procura de um emprego.

Meu relacionamento com minha mãe é muito bom, mas com meu pai só converso o necessário. É assim por criação e não acontece só comigo. Falando dos meus irmãos, não converso com o mais velho, não consigo explicar o porquê. Acredito que nem eu mesma saiba! Mas com os outros três o convívio é legal, conversamos bastante.

Falando do meu aspecto físico, tenho 1,70m de altura, 59 quilos, olhos castanho-esverdeados e cabelos castanhos. Considero-me um pouco tímida e só falo o que acho necessário nas discussões em grupo. Não consigo mostrar realmente para as pessoas o que sinto e o que acho de cada assunto. É chato ser assim, mas não consigo mudar o meu jeito de ser. Acho que pela minha criação eu sou assim, meus pais também são bem fechados.

Não tenho nenhum vício e no momento estou "enrolada" com um rapaz do Observatório. Gosto de sair, curtir um cinema, ouvir um som variado, sair à noite com amigos (sempre que posso, ou tenho oportunidades) e sempre trocar idéias com pessoas legais. Gosto de ler livros envolventes, que falam sobre a realidade, como os livros *Capão Pecado* e *Esmeralda: por que não dancei*, entre outros.

Como todo ser humano, tem coisas de que não gosto, como brincadeiras sem graça que sempre acabam em discussão e não gosto também de pessoas falsas.

Estou gostando de trabalhar nesse Projeto que visa acolher os problemas da comunidade e colaborar para a conscientização daqueles que "tapam os olhos".

Espero futuramente ser uma grande criadora de páginas para Internet e investir mais nessa profissão. Quem sabe até prestar uma faculdade nessa área.

ADRIANO FELIX DE SOUZA

Muito prazer! Meu nome é Adriano Felix de Sousa, mais conhecido como Gordo. Tenho 17 anos, sou moreno, 1,68m de altura, 80 quilos, olhos castanhos escuros e cabelos castanhos. Nasci no Estado do Ceará, assim como meus pais.

Minha mãe se chama Maria Olinda Felix de Sousa e trabalha em casa de família há 13 anos. Meu pai, Francisco Felix Nascimento Sousa, trabalha como ajudante de motorista há 7 anos. Nos mudamos para São Paulo quando completei 1 ano e 5 meses de vida. Quando chegamos aqui não tínhamos nada. No começo foi difícil, meu pai era alcoólatra, bebeu durante quatro anos. Mas, tendo fé, tudo pode ser realizado e já faz sete anos que ele não bebe.

Na minha infância curtia bastante o Rambo, eu tinha tudo dele, sapato, cartazes etc. Durante a minha infância, fui sozinho, talvez por ser filho único. Hoje em dia, gosto muito de sair com os amigos para comer pizza, além disso, adoro meus pais,

tenho uns 15 primos, uns 10 tios e tias e sou muito feliz com minha família. O que eu mais odeio são pessoas que gostam de humilhar as outras.

Estou cursando o 1º ano do ensino médio, pois repeti duas vezes a 2ª série. Estudo na escola Dom Duarte, em Socorro. É uma escola boa, mas estou com grandes dificuldades por uma certa defasagem de ensino que trago das escolas onde estudei antes.

No futuro, pretendo seguir uma carreira de grande vantagem, como administração.

Estou terminando o crisma e o estágio de canto e sou monitor de grupo de jovens. Tenho uma banda que está iniciando agora, chamada J.B.C. (Jovens em Busca de Cristo), na qual toco violão.

Eu também tenho sonhos, mas não devemos ficar sempre sonhando, mas sim realizá-los.

Onde Estamos?

O Jardim Ângela é um grande distrito que engloba vários bairros da zona sul de São Paulo, dentre eles o Jardim Kagohara e Jardim Ranieri. O Distrito do Jardim Ângela nasceu em 1989 e, atualmente, vai do bairro do Figueira até a Vila Calú. Provavelmente, seu nome se originou de uma igreja que existia na região, a igreja de Santa Ângela.

Os bairros do Jardim Kagohara e Jardim Ranieri possuem muitas ladeiras e a maioria das ruas é asfaltada, contudo algumas ruas são esburacas e muitas são mal iluminadas. As casas são mal construídas, porque os terrenos são mal divididos.

Temos, onde moramos, duas delegacias e três bases comunitárias da PM. Porém, o atendimento aos chamados nem sempre é feito com rapidez.

Não há hospitais no bairro e, nos postos de saúde, faltam medicamentos e médicos.

Podemos como opções de cultura e lazer, as quadras das escolas, que ficam abertas aos finais de semana, duas bibliotecas comunitárias, que, infelizmente, não estão em condições muito boas, e um palco onde acontecem shows de Hip Hop aos finais de semana. Há também o espaço Criança Esperança que oferece, durante a semana, cursos gratuitos de capoeira, axé, cidadania e *Popero*, e, nos finais de semana, cursos de DJ, MC, break, soul, axé, basquete e vôlei, entre outros. Futuramente, serão abertos também os cursos de grafite e informática. O espaço é o antigo Clube da Turma que também oferecia cursos, mas cobrava dois reais para a inscrição; hoje essa taxa foi extinta.

O bairro do Jardim Ângela tem aproximadamente duas creches e nove escolas, sendo quatro de ensino fundamental e cinco de ensino médio, nas quais, de um modo geral, falta segurança. As condições físicas das escolas não muito são boas: há vidros e carteiras quebrados, paredes pichadas, lâmpadas queimadas e lousas em mau estado. Quanto ao transporte, temos várias linhas de ônibus que servem ao bairro. Sobre o comércio, não temos muitas opções. Às vezes, por falta de mercadoria e devido ao preço muito alto temos que ir para outros bairros, para comprar alimentos e outras coisas.



RAC

REDESCOBRINDO O ADOLESCENTE NA COMUNIDADE

O Projeto Redescobrimdo o Adolescente na Comunidade (RAC) surgiu no ano de 2000, após várias reflexões sobre o abandono dos poderes públicos em relação aos adolescentes e jovens do Jardim Ângela. Essas reflexões foram realizadas no Fórum de Defesa da Vida, entidade fundada em 1999.

O projeto RAC é mais um dos projetos da Sociedade Santos Mártires, que visa atender adolescentes de 14 a 17 anos e onze meses, que estejam em situação de vulnerabilidade social. Funciona de segunda a sexta-feira, das sete horas às dezoito horas, oferecendo cursos de informática, Hip Hop, panificação e cabeleireiro. Esse projeto conta com uma equipe de profissionais formada por psicólogos, assistente social, pedagogo, estagiário de serviço social e educadores de oficinas. A entidade funciona em parceria com a Secretaria Social do Município de São Paulo e Campo Limpo (SAS) e com o Posto Sul da Febem.

Nos dois anos de existência, o RAC vem auxiliando os adolescentes e suas famílias através de oficinas de cidadania, autogestão, português, artes plásticas, dança de rua e outras. Presta um atendimento individual realizando visitas domiciliares, e outras intervenções, com o objetivo de despertar uma reorganização familiar e a elaboração de um projeto de vida.

Mas o RAC só acontece devido à dedicação de profissionais, das parcerias e de todos os adolescentes.

Jardim Ângela e o Direito à Segurança

O Jardim Ângela é um dos distritos de São Paulo mais presentes nos debates sobre violência. Esse problema incide diretamente sobre os moradores da região e, como resultado, o cotidiano destas pessoas e suas relações acabam sendo construídas a partir de uma lógica, em grande parte, imposta pela violência e pela ausência de segurança e liberdade.

Tais fatos acabaram influenciando a decisão dos jovens observadores do Jardim Ângela em relação ao direito de pesquisar o bairro. Trabalhamos os artigos III e V da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que tratam dos direitos à vida, à liberdade e à segurança.

O tema da violência no Jardim Ângela já foi tratado pelo grupo de observadores do projeto piloto dos Observatórios, no primeiro Relatório de Cidadania. Apesar disso, resolveu-se abordar o mesmo tema, sem ter, no entanto, a intenção de dar continuidade à pesquisa que já havia sido realizada, mas de demonstrar, agora, a partir de outros olhares, a influência que a violência e seus desdobramentos têm na vida de algumas pessoas da população local.

É importante ressaltar que, diferentemente do primeiro Relatório em que os grupos estavam localizados no extremo sul do distrito (Chácara Bandeirantes, Horizonte Azul e Vera Cruz),

o atual trabalho se concentrou no bairro do Jardim Kagohara, que, comparativamente, é uma região um pouco mais central e mais urbanizada.

A INTERFERÊNCIA DA VIOLÊNCIA NO COTIDIANO

Iniciou-se a pesquisa a partir da observação dos momentos do dia em que, na experiência dos próprios integrantes do grupo, ocorria a interferência da violência. Notou-se que, jovens ou não, muitos moradores passam a controlar seu dia-dia a partir das noções de segurança ou insegurança de determinados locais ou horários.

A falta de liberdade é um dos fatores que mais afetam os jovens da região, já que eles seguem determinadas regras (criadas por eles, pelas famílias, ou por grupos criminosos) que os fazem evitar sair em determinados momentos, passar por certas áreas ou até frequentar sua escola. Apesar de algumas regras serem mais explícitas, no geral cada um constrói seus limites.

Dois relatos indicam, por exemplo, como as mortes provocam insegurança, sendo tema presente nas conversas entre colegas de escola, podendo, até mesmo, interferir diretamente na realização das aulas:

“Vou contar um pouco da escola na qual estudo. Aqui quase não tem aula; se ocorre um homicídio perto da escola, passamos até uma semana sem aula. O problema é que agora tem um moleque que começou a roubar e foi rejeitado por sua família. Aí ele resolveu se vingar de todos da família e está matando todos os seus parentes. E alguns parentes dele estudam na escola.” (relato de aluno)

“Há pouco tempo colocaram a ronda escolar aqui em frente da escola, porque estavam colocando em todas as escolas da região. Mas não adiantou nada, porque alguns traficantes deram tiros na viatura da polícia para que ela não atrapalhasse o tráfico, que acontece em duas favelas próximas, e a presença da polícia afasta os compradores. Depois disso, a polícia não queria mais fazer a ronda na escola, então ficamos duas semanas sem aula. Mesmo depois que voltamos às aulas, por três semanas saíamos às nove horas da noite, até colocarem três viaturas na escola. Agora estamos saindo às dez e vinte da noite, e a direção disse que esse horário é definitivo, mas os alunos sabem que não é verdade, porque não é a primeira vez que eles falam que o horário vai normalizar.” (relato de aluno)

Partindo desses casos, pode-se perceber que a rotina escolar sofre mudanças associadas aos fatos violentos que ocorrem no entorno da escola, onde a presença do tráfico teria, inclusive, intimidado a polícia. As aulas acabam sendo alteradas com diminuição da carga horária, a segurança dos que frequentam a escola fica comprometida e a escola passa a funcionar a partir da rotina existente fora dos seus portões, alterando a sua programação de acordo com a noção de risco.

Esse tema foi também bastante discutido no Relatório de Cidadania II, na continuidade do projeto piloto. De acordo com esse trabalho, a recorrência da violência na escola acarreta também atitudes restritivas da direção ou da polícia que podem complicar ainda mais o problema da insegurança entre os alunos.

Observou-se o mesmo tipo de interferência em outros ambientes do bairro. As festas, jogos e atividades, que proporcionam cultura e lazer às pessoas da região, costumam ser muito prejudicados quando ocorrem conflitos violentos mais graves. O temor é que, pelo grande número de pessoas, o problema se amplie e conflitos banais acabem em assassinatos. Um episódio ocorrido em meio a uma “pelada” de futebol chocou a comunidade:

“Em um domingo ensolarado, no Jardim Ranieri, meninos jogavam futebol na rua, e outros só olhavam o jogo. Quando, de repente, um carro apareceu com cinco homens armados atirando para todo lado. Estavam atrás de um bandido que nem ali estava, se encontrava na favela que fica perto do acontecido. Começou uma correria, todos os meninos tentaram se esconder dos disparos. Um dos meninos que jogavam futebol acabou recebendo um tiro na

mão, e um outro rapaz, que estava de walkman, não entendeu direito o que estava acontecendo, mas correu. Infelizmente, tarde demais, os bandidos lhe acertaram um tiro na nuca.

Depois que os homens foram embora, o dono do bar veio socorrer o rapaz que estava agonizando. Colocou-o no carro e o levou para o Hospital do Jardim Jacira, mas quando chegou lá não havia médicos para atender ao caso. O dono do bar ficou desesperado e o levou para o Campo Limpo, só que com essa demora infelizmente o rapaz entrou em óbito assim que chegou ao Hospital e já não se podia fazer mais nada.” (relato de jovem morador)

A fatalidade da morte de um menino que se divertia levou as pessoas a se perguntarem sobre os riscos que corriam, mesmo à luz do dia. No caso, a intenção dos assassinos era ferir outro jovem, mas na velocidade do conflito feriram a dois garotos que jogavam futebol.

Em festas de rua, como as comemorações juninas, o temor é normalmente maior:

“Era época de festas juninas e havia várias festas acontecendo em alguns bairros ao mesmo tempo. Nelas compareceram vários grupos diferentes de diversas favelas próximas. Um grupo de jovens da região ia de uma festa a outra, buscando um pouco de diversão e observando as meninas. Esse mesmo grupo, então, ficou entre a festa da igreja e outra promovida pelos donos da ‘boca’, numa favela.

Um dos garotos desse grupo tinha uma namorada, mas estava de olho em uma menina que ele não conhecia bem. Alguns homens de uma favela próxima, que estavam na festa promovida pelo dono da boca, estavam de olho nele.

Na semana seguinte, todos foram novamente às festas promovidas na favela e na igreja. Como acontece sempre nessas festas, apareceram na igreja uns homens armados e todos os paroquianos acharam que alguma coisa estava errada, eles deviam estar procurando alguém.

Às 22:30 horas, o grupo [que estava entre uma festa e outra] resolveu descer para a favela, onde rolava um som maneiro e tinha muita gente. A ordem do ‘chefe’ [do tráfico local] era ‘Somente se divertir, nada mais. E cuidar para não acontecer nada.’

Mas a ordem não foi cumprida. O jovem estava novamente de olho numa mulher acompanhada de um dos gerentes do tráfico e ele não aprovou. O jovem levou a namorada para casa e resolveu voltar. Ao passar por uma rua que dá acesso a uma outra favela, um homem aguardava o retorno do jovem e atirou duas vezes na sua cabeça.



Todos que estavam na festa logo foram deixando o espaço, com medo que acontecesse mais alguma morte, porque o cara que o matou não era do bairro e provavelmente não sabia qual era a ordem. As pessoas que estavam na festa concluíram que o homem atirou a mando do gerente do tráfico, que não fez isso pessoalmente para não desrespeitar a ordem do 'chefe'.

A festa foi suspensa na mesma hora pelo 'chefe', e o que devia durar dois meses (junho a agosto) não durou duas semanas". (relato de jovem morador)

As pequenas desavenças entre os jovens, alguns do tráfico, teriam resultado na morte de um deles. Para todos que estavam se divertindo com as comemorações, a presença dos traficantes armados, mesmo sem impedir que os festejos ocorressem, intimidava a todos os participantes, que ficaram de sobre-aviso. Com o assassinato, imediatamente as pessoas fogem para suas casas, encerrando as comemorações.

Muitos dos crimes graves ocorrem justamente nos feriados e nos períodos mais festivos. Infelizmente, essas situações têm reduzido ainda mais os momentos de lazer. Poucas pessoas se dispõem a organizar as festas, por mais que a maioria dos jovens tenham muito interesse em que elas ocorram. Esse tipo de problema também não parece ser encontrado apenas no Jardim Ângela: o grupo de observadores de Sapopemba (na discussão sobre cultura e lazer) apontou um caso muito semelhante, em que outra festa junina acabou pela violência.

IMPUNIDADE

A impunidade da maioria dos casos ocorridos na comunidade abala a confiança dos moradores na polícia ou mesmo na justiça. A falta de investigação sobre alguns casos não é incomum, muitos acabam sendo esquecidos. Sem confiar, ou esperar que esses casos sejam resolvidos, muitos moradores que testemunham a violência tendem a silenciar, como forma de se proteger de represálias no futuro.

O descrédito na polícia decorre também de crimes que a própria polícia comete. O relato do assassinato de um jovem criminoso é um exemplo desse problema:

"Este jovem tinha 22 anos na época e estava envolvido com alguns bandidos e traficantes. Ele já tinha sido preso por suspeita de roubo, mas como não estava armado e não tinham muitas provas contra ele, soltaram logo; e já tinha sido parado diversas vezes pela polícia da região onde ele morava. Em um domingo à noite, estava próximo a um bar, quando a polícia chegou e abordou todos que estavam ali, dispensou os amigos dele e só ficou com ele. Eles começaram a conversar: havia várias pessoas na rua, e elas dizem que os policiais começaram a gritar bem alto para ele correr, depois que ele correu, dizem que a polícia deu seis tiros nele pelas costas. Mais tarde, a perícia chegou e os policiais falaram

que ele reagiu e correu. O caso ficou por isso mesmo." (jovem morador)

No caso, a polícia age deliberadamente na frente de vários moradores e ninguém se arriscou a denunciar a violência. Como destaca o primeiro Relatório de Cidadania, é grande o medo de se questionar a atuação dos policiais entre os moradores. A afirmação de que a morte do jovem só ocorreu por que ele tinha reagido é muito usada como justificativa para casos como esse.

Um outro exemplo da impunidade pode ser observado no próximo relato:

"Ocorreu na escada do meu portão. Tudo começou quando um cara de outro bairro estava de leva-e-traz [fofoca] com os moleques daqui. Um dia, oito horas da manhã, esse cara veio até aqui, sem saber o que estava por vir. Quando ele chegou, quatro caras do bairro já estavam esperando, todos armados; eles trocaram idéia, mas o cara vacilou, porque não teve idéia para trocar.

Aí, os cinco subiram no alto da escada. Quando o fulano percebeu que ia morrer, se desesperou e pediu para que não o matassem, mas um deles deu o primeiro tiro e chamou ele de safado, aí o outro mandou atirar na cabeça, e foram disparados mais seis tiros a queima roupa, com uma arma 38.

Muitas das pessoas que moram próximas a esta escada e estavam em casa ouviram a discussão. Depois do assassinato, o pessoal foi ver o corpo e a polícia chegou aproximadamente às 12 horas, logo após chegou o IML, às 14 horas. Os policiais deram uma intimação para o meu pai e alguns vizinhos irem depor. O meu pai foi e falou que não viu nada e não sabia de nada." (jovem morador)

Mais uma vez, o medo de falar algo e sofrer retaliações fez com que, mesmo conhecendo detalhes do conflito e de possíveis motivos que o influenciaram, se optasse por dizer que " não se viu, nem se sabe de nada". Por mais próximos e assustados que estejam os moradores, por terem presenciado todo o crime na porta de sua casa, eles não confiam que as investigações e as eventuais prisões dos criminosos possam trazer mais tranquilidade no futuro, ou mesmo que elas ocorram de fato.

O relato de outro assassinato mostra, ainda, que a opção de pessoas próximas das vítimas não é, muitas vezes, diferente:

"Aproximadamente 6:30 horas da manhã. Meu vizinho estava saindo com seu pai para trabalhar, como todos os dias fazia. Abrindo a garagem para retirar o carro, eles se deparam com quatro homens encapuzados e armados que colocaram a arma na cabeça da mulher e encostaram-na na parede. O outro bandido ficou com as outras duas vítimas, o pai ainda deu o celular e mais R\$ 500,00, para que eles fossem embora, mas não foram. Os outros dois

subiram as escadas em direção à sala da casa, o pai pediu para que não fizessem nada com as duas filhas, que ainda estavam dormindo. Ao ouvir isso, temendo talvez a reação dos moradores, os bandidos começaram a atirar acertando quatro tiros no filho e dois no pai. Os bandidos que estavam no andar de cima da casa ouviram os tiros e voltaram perguntando o que eles tinham feito. Sem levar mais nada, fugiram.

Essa casa fica do lado de uma viela, por onde depois do acontecido eles saíram correndo e entraram na favela. Depois ficamos sabendo que o filho infelizmente havia morrido e seu pai estava na UTI. Com todo esse acontecimento, depois que a família fez o enterro, foram embora do bairro e não sabemos de mais nada. Aconteceu em julho deste ano.” (jovem morador)

Geralmente, numa situação como essa, a opção dos familiares ou mesmo daqueles que sobreviveram aos ferimentos do crime parece ser abandonar a comunidade. Além de evitarem o local, evitam também os comentários sobre o caso, sempre indesejados.

A continuidade do relato sobre o crime ocorrido durante o jogo de futebol, relatado no tópico anterior, também fala sobre o sofrimento silencioso e a impunidade:

“Todos na vila ficaram indignados com a morte desse rapaz que tinha apenas 18 anos. Sua mãe começou a beber, seus irmãos queriam vingar sua morte. Hoje já se mudaram do local. Mais um fato triste que ficou por isso mesmo, nem ao menos ficamos sabendo se a polícia investigou o caso, apenas pediu para que algumas pessoas fossem depor e nada mais sabemos de concreto. A única coisa que sabemos é que depois de pouco mais de duas semanas o assassino foi morto por outros homens.” (jovem morador)

Apesar da morte dos adolescentes ter chocado muitos moradores, ninguém acompanhou ou aparentemente colaborou com qualquer investigação. Os irmãos teriam chegado a pensar em vingança como forma de reparação, mas ninguém demonstrou esperar a ação da polícia e da justiça. Infelizmente, parte do problema foi “resolvida” com a morte do assassino em outro conflito. Assim, notamos como a impunidade pode contribuir para que não somente o medo predomine, mas os conflitos se multipliquem.

A PRESENÇA DE ARMAS DE FOGO

Um dos problemas mais graves que notamos em nossa observação, e que claramente torna ainda maior a insegurança de todos, é a facilidade no acesso a armas de fogo. Além de, por vezes, serem portadas e mostradas em público (como foi relatado no caso da festa na igreja), as armas podem ser facilmente compradas e revendidas no bairro ou mesmo fora dele. Muitas vezes, pessoas que não têm nenhuma relação com atividades criminosas mantêm armas nas suas casas.

Vimos também moradores que, mesmo que sem terem

a intenção de possuir armas, acabaram, por um motivo ou outro, ficando de posse delas. O relato abaixo é um exemplo dessa situação:

“Há sete anos, havia um senhor que estava rifando uma arma, um 38 cromado de seis tiros, só que essa arma não continha nenhum documento, ela era fria. Cada nome da rifa era R\$ 15,00. Aí que entra meu pai: ele comprou a rifa, não com o interesse de ganhar, mas sim de ajudar o cara a vender toda a rifa. Só que quando abriram a rifa ele tinha ganho. Pegou a arma e levou para casa. Quando chegou em casa já avisou minha mãe que, por azar, tinha ganho e escondeu a arma, já que tinha um filho de dez anos. Ele ficou com a arma durante seis meses, e disse que nunca pensou que ter uma arma era ter segurança, mas já tinha usado duas balas, para desenferrujar a arma. Depois de tudo isso ele conseguiu vender por R\$ 100,00.” (jovem morador)

A arma, que não tinha documentação, teria sido rifada e depois vendida entre um grupo de amigos que, aparentemente, não tinha nenhuma relação em grupos criminosos. No caso, era apenas mais um prêmio. Essa banalização da presença de armas pode contribuir para que acidentes ocorram e pessoas que jamais se envolveriam com o crime sejam vítimas ou vítimas por conflitos cotidianos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – A IMPORTÂNCIA DO FÓRUM EM DEFESA DA VIDA

Tão importante quanto observar a violência no Jardim Ângela é também poder relatar algumas iniciativas interessantes de combate à violência que já ocorrem dentro do próprio bairro. Uma dessas iniciativas é o Fórum em Defesa da Vida, criado em 1996, que tem como maiores objetivos avaliar os problemas vividos e aproximar a justiça da população.

O fórum foi implantado no distrito do Jardim Ângela devido aos altos índices de violência da região. Com ele, cerca de 200 entidades se reúnem na Paróquia Santos Mártires para debater e discutir propostas que possam contribuir com a redução da violência. Além de abrir espaço para que as pessoas se manifestem e sintam que, além do silêncio, há outras formas para se reagir ao medo. Essa iniciativa tem gerado propostas que conseguiram melhoras para todo o bairro.

Desde sua fundação, alguns benefícios já foram alcançados pela comunidade como, por exemplo, um maior número de bases comunitárias da polícia e de policiais. Mesmo sabendo que o trabalho para reduzir as taxas de violência é difícil, os representantes do fórum acreditam que a população já sente os avanços deste trabalho, e sabem que mais ainda pode ser feito.

Por último, consideramos que para se diminuir as consequências da violência, além de se fortalecer e melhorar o policiamento, o acesso à justiça e se evitar a aquisição fácil das armas de fogo, é igualmente importante que as comunidades se fortaleçam por meio de espaços de propostas e trocas de experiências como o Fórum em Defesa da Vida.



UMA CIDADE INSEGURA

Apesar de importantes avanços na última década, a consciência pública nacional acerca da questão criminal ainda é predominantemente forjada nas “conversas de botequim”, contaminada por clichês, estereótipos e sentidos comuns que, entre outras conseqüências, produzem a falsa imagem de uma sociedade polarizada entre controlados de um lado e protegidos do outro. Tal como analisou Alessandro Baratta (Revista do IBCCRIM nº 29), através do conceito de segurança pública, a sociedade opera uma repartição dos papéis de vítima e de agressor, os primeiros selecionados entre os grupos privilegiados e respeitáveis e os últimos entre os grupos marginais e perigosos.

Esta visão seletiva da realidade é capaz de reconhecer o (até compreensível) sentimento de insegurança do motorista do carro blindado, mas se recusa a ver na criança do semáforo a condição de vítima, ainda que esta esteja excluída do acesso a direitos fundamentais e, ao perambular noite e dia pelas ruas da cidade, esteja sujeita às mais diversas formas de agressão, inclusive pela polícia. Pelo contrário, o jovem excluído converte-se em alvo de demanda punitiva; ao atribuir responsabilidades penais, a sociedade isenta-se de sua própria responsabilidade sobre conflitos que não consegue administrar.

Um risco dessa visão maniqueísta do tema segurança é a crescente associação entre ações voltadas à prestação de direitos fundamentais e a finalidade de prevenção social do delito. O dever de proteção contra potenciais delinqüentes passa a sobrepor-se ao dever de prestação de segurança a cidadãos marginalizados em seus direitos fundamentais. Pela via da assistência social ou da repressão penal, o excluído converte-se em grupo de risco para os objetivos da prevenção criminal.

A pesquisa do Observatório de Direitos Humanos no Jardim Ângela tem a virtude de apresentar uma visão mais abrangente da realidade de insegurança no espaço urbano. Revela o fenômeno da criminalidade no contexto de inúmeras outras violações de direitos fundamentais. Esta ótica global constitui um passo necessário para o surgimento de uma política integral de proteção de direitos, capaz de viabilizar estratégias políticas, sociais, econômicas que ofereçam respostas às demandas por segurança da sociedade e reduzam ao máximo a necessidade de recurso ao sistema penal. O horizonte, para mencionar uma vez mais o professor Baratta, é o de uma cidade que é segura porque todos estão seguros no exercício de seus direitos fundamentais.

Theodomiro Dias Neto

advogado criminal, diretor do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais (IBCCRIM).

DEFESA DA VIDA E DA DIGNIDADE HUMANA

Os anos 90 foram marcados por uma explosão do fenômeno denominado violência urbana. Os termos violência e criminalidade confundiram-se. Muitas vezes expressos em números e cifras, estes eventos passaram a ser tratados de forma homogênea, dando a ilusão de que é possível reduzir o fenômeno a um só. A mídia impressa e eletrônica tem demonstrado grande interesse pelo assunto. Denuncia-se; cobra-se uma postura das autoridades; e busca-se a opinião de especialistas na tentativa de circunscrever as causas da violência e propor alternativas para sua diminuição.

Os relatos colhidos pelos Jovens Observadores mostram que a violência precisa ser qualificada – tem história, tem motivos (por mais fúteis que sejam), relaciona-se com a história das pessoas e da comunidade. Mais do que contar o que acontece, os relatos apresentados nos mostram que esta violência faz parte do cotidiano de parcela da população dos grandes centros urbanos, não apenas como o medo de algo que pode acontecer, mas de forma bastante concreta, limitando seus espaços de circulação, interferindo nos desenvolvimento escolar de crianças e jovens, evidenciando as dificuldades de acesso e a desconfiança em relação às instituições de segurança e justiça. Trazem a necessidade de refletir sobre a dinâmica da violência e suas múltiplas formas de expressão, características que até aqui parecem ter escapado às tentativas de teorização e explicitam a distância existente entre a teoria (algumas políticas de intervenção) e a prática (a vida cotidiana num bairro de periferia).

A busca de alternativas para diminuir da violência deve também considerar a necessidade de diminuir esta distância. Uma saída está apontada no próprio texto. O Fórum em Defesa da Vida, assim como os Observatórios de Direitos Humanos, indicam que aqueles que vivem a violência não podem ser apenas objeto de intervenção, mas devem ser levados à condição de agentes da transformação.

O Fórum em Defesa da Vida nasceu de uma iniciativa da comunidade que a partir da identificação dos principais problemas existentes no local, organizou-se para buscar canais de comunicação e interlocução com os órgãos públicos, mostrando na prática que, a responsabilidade para promover e fazer respeitar os direitos humanos deve ser compartilhada pelo Executivo (Federal, Estadual e Municipal), Legislativo, Judiciário e pela Sociedade Civil. Não se trata de um movimento contra os homicídios que ocorrem na região, mas de um movimento que luta pela efetivação dos direitos civis, políticos, sociais, econômicos e culturais, ou seja, pelo direito à vida digna e saudável para toda a comunidade.

A experiência do Fórum e a realidade do Jardim Ângela, aqui retratada pelos Jovens Observadores, reforçam a idéia de que o respeito aos princípios básicos dos Direitos Humanos deve se constituir na razão das políticas públicas. Neste sentido, devemos ser intolerantes em relação às desigualdades sociais, ao desemprego, às políticas de restrição de direitos adquiridos, à violência policial, à corrupção, ao uso privado dos recursos públicos e ao abandono de nossas cidades. Em suma, devemos repensar a sociedade que queremos legar para as gerações futuras.

Wânia Pasinato Izumino

Socióloga. Pesquisadora do Núcleo de Estudos da Violência / USP



SÃO PAULO

JARDIM MONTE AZUL



Quem Somos?

ANA LETÍCIA EVANGELISTA PAIXÃO

Meu nome é Ana, tenho 16 anos e nasci na cidade de São Paulo, no dia 14 de setembro de 1985. Minha infância foi boa, aproveitei bastante, só houve um ponto ruim: a morte do meu pai. Um dia, pouco depois do meu aniversário de 5 anos, ele teve que ser levado às pressas para o hospital porque ele estava tendo uma parada respiratória. No meio do caminho, ele acabou não resistindo e morreu.

Após ter ocorrido este fato marcante houve várias mudanças em nossas vidas. A minha família, que morava aqui em São Paulo, foi morar no interior em uma cidade chamada São Roque, onde passei a maior parte da minha infância e uma boa parte da minha adolescência. Mas, no final do ano de 1999, o hotel onde a minha mãe trabalha mudou-se para cá, pois, ao invés de dar lucro, só estava dando prejuízo, e como ela é funcionária antiga, eles resolveram transferi-la também. Então, nós nos mudamos e, no começo, tudo era meio estranho para mim. Foi diferente ir para um lugar desconhecido, mas superei. As minhas primeiras amigas aqui foram Penélope, Gabriel, Neto, Fabiane.

Atualmente, estudo na escola Luiz Gonzaga, no período da manhã, e não gosto muito de lá, pois o ensino não é muito bom. Durante o ano passado, estudei no Zulmira, no período da tarde, que foi melhor colégio em que já estudei. O motivo da mudança de escola foi que eu precisava fazer outros cursos e, de manhã não

iria dar porque o tempo é corrido. Então, eu decidi mudar para o Luiz Gonzaga e me arrependi. No Zulmira, além do ensino ser ótimo, as pessoas que estudam lá são legais.

A minha convivência com a minha mãe é boa e o meu irmão é o meu melhor amigo. Tenho um namorado e vários grupos de colegas. Meu irmão mais velho mora no Chile e faz faculdade de Química. A minha mãe é governanta do hotel onde ela trabalha e meu irmão mais novo faz teatro junto comigo.

Atualmente, estou integrada a duas associações: a Associação Monte Azul, onde faço teatro, dança do ventre e ginástica, e a Trópis, onde ajudo na venda de camisetas e na produção geral.

Nas horas vagas gosto de ler, de ir para o teatro, escutar música, dançar e conversar com os amigos. O que eu não gosto é de pessoas falsas, porque eu sou uma pessoa que fala a verdade. Se eu não gosto de uma pessoa eu falo na cara, não falo por trás.

Um sonho que realizei recentemente foi o de conhecer a banda de que mais gosto, o Capital Inicial. A minha perspectiva para o futuro é cursar uma faculdade de Administração de Empresas.

CAROLINE PRISCILA ROGEL

Meu nome é Caroline Priscila Rogel, mais conhecida como Carol ou Carola. Nasci no dia 11 de março de 1985, na cidade de São Paulo, onde sempre morei.

Na minha infância, sempre fui uma criança bem sapeca. Como todas as outras, só pensava em brincar. Fui criada em uma creche, onde minha mãe trabalhava, divertia-me bastante e aprendia várias coisas. Desde criança, já era apaixonada por teatro, dança e esporte.

Na escola, continuei sendo bem extrovertida, mas sempre me dei bem com os estudos. Estou cursando o 3º ano do colegial na E.E. Renato Braga, onde estudo desde a 1ª série do primário (há onze anos, portanto). Minha escola já foi boa, mas hoje o ensino não é muito bom. Há muito desinteresse geral, tanto de professores, quanto de alunos. Mais parece uma prisão do que uma escola e a segurança é péssima. Mas, há vários professores bons e competentes também.

Moro no Jardim São Luiz, na zona sul de São Paulo, com minha mãe, Iracema Rogel, 47 anos, meu pai, Ernandes Rogel, 47 anos, e minha irmã, Cristiane Rogel, 24 anos. Minha mãe nasceu no Paraná e tem 10 irmãos, quer dizer, uma tia minha faleceu no ano de 2001. Minha mãe trabalhava em uma creche e hoje só cuida da casa. Meu pai nasceu em Minas Gerais,

mas foi criado aqui em São Paulo e tem apenas uma irmã. Quando era mais novo, ele foi DJ (*DJ Brother*), por isso, adora música. Considero-o como um moleque, pois adora uma bagunça. Atualmente, ele trabalha como motorista. Minha irmã nasceu em São Paulo, estuda o 4º ano do magistério e luta judô.

Passei por vários momentos marcantes em minha vida. O desemprego do meu pai (que durou três anos), a quase perda da casa em que moro, o que desestruturou bastante minha família, a morte de alguns amigos e várias outras coisas. Mas, não foram só coisas ruins, também rolaram umas coisas bacanas, como meu grupo de teatro, a Cia Paidéia, do qual faço parte há 3 anos, a minha cura, pois tive uma infecção no sangue, entre outras coisas.

Atualmente, participo de duas associações. Uma é a Companhia Paidéia de teatro, onde além de fazer teatro, faço aula de canto, dicção, movimento corporal e também faço parte do grupo de cenografia (que cuida do cenário e figurino). Conheci meu diretor Amauri Fauseti através de um amigo que nos apresentou. A outra é a Associação Sarambeque, onde estou fazendo aula de bateria. Foi através dela que me tornei uma observadora de direitos humanos.

Hoje, sou uma adolescente com várias histórias pra lem-



brar e contar. Sou uma garota super divertida e adaptável. Costumo me dar super bem com as pessoas e procuro sempre fazer o que me dá vontade e o que é certo. Tenho vários amigos na escola, no teatro, no meu bairro e pelo mundo afora. Me dou super bem com todos. No meu tempo livre gosto de sair, ir a shows, viajar e descobrir coisas, pessoas e lugares novos e diferentes. Também gosto de ficar em casa com minha família. Além disso, adoro rock, reggae e forró.

DOUGLAS EMIDIO DE ALMEIDA

Meu nome é Douglas Emidio de Almeida. Tenho 16 anos e nasci em São Paulo, capital, no dia 14 de outubro de 1985. Moro atualmente no bairro de Jardim Casa Blanca, mas já morei no Jardim São Luiz e no Jardim Lilian, próximo ao parque Santo Antônio, onde passei metade de minha infância. O bairro onde moro atualmente é bem tranquilo e com uma boa vizinhança. É o lugar onde quero viver toda minha vida.

Meu pai se chama Davi Silva de Almeida, é paulistano, mas graças a Deus, filho de nortistas. Ele nasceu em 27 de outubro de 1961, é motorista e tem como hobby, cantar. Minha mãe se chama Maria Donizett Emidio de Almeida, sempre trabalhou como escriturária, mas atualmente é dona de casa. Seu hobby é cozinhar. Minha convivência com meus pais é ótima. Depois de um tempo de conversa, conseguimos respeitar nossas diferenças, principalmente em relação aos nossos gostos. Em minha casa moramos em cinco pessoas: eu, meus pais e minhas irmãs, Thais de Almeida, 13 anos e Beatriz Silva de Almeida, 2 anos.

Minha rotina é muito agitada. Participo da banda "*Zunidos do Monte Azul*", que é derivada de uma associação chamada Sarambeque. Na banda, fazemos uma mistura de ritmos que vão do *funk* ao baião, com o objetivo de mostrar às crianças do Monte Azul e outras que ouvem apenas o rap, que nosso país abriga uma grande mistura de ritmos.

A associação Sarambeque ensina cidadania através da música. Os interessados em entrar na banda devem ser alunos que vão bem na escola e em casa, passar por alguns ensaios e, se gostarem e tocarem bem, são aceitos.

Também na associação, aprendi a confeccionar alguns instrumentos (chequerés, tamborins de madeira e alfaias). Faço aulas de música e alguns cursos, como cooperativismo e fotografia, envolvendo educação sexual. Nela, também aprendo, a cada dia que passa, a ser um cidadão melhor. A ligação que tenho com minha associação é extremamente legal, conheci através de uma amiga a uns três anos, desde então mudei to-

Hoje, com 17 anos, meu maior sonho é, basicamente, ser uma atriz conhecida e reconhecida. Que eu consiga alcançar todos os meus objetivos. "Pro meu futuro eu não me preocupo muito, pois em muito breve ele virá". Eu só quero que tudo dê certo em relação a mim e ao mundo. Que todos tenham os seus direitos.

almente meu jeito de pensar e de agir.

Hoje, trabalho no Observatório de Direitos Humanos pelo Sou da Paz, que tem sido uma experiência muito legal. Além disso, ajudo minha mãe no serviço de casa e gosto muito de ouvir música quando estou em qualquer lugar.

Em minha infância, sempre tive meus pais ao meu lado me ajudando em meu crescimento. Apesar de só poder sair aos finais de semana, sempre cultivei muitas amizades para brincar, como toda criança gosta de fazer.

Meu lazer é me reunir com meus amigos e jogar aquele futebol de domingo de manhã. Além disso, gosto de sair, mesmo sendo extremamente caseiro. Quando saio, vou ao Centro Cultural assistir a alguma peça de teatro ou a alguma banda. Na maioria das vezes, vou com o Márcio, que é um grande amigo meu.

Estudei em um colégio durante 10 anos. Iniciei meus estudos com cinco anos, na pré-escola. O colégio onde estudava é bem grande e já foi bom, só que, de uns três ou quatro anos para cá, ficou com um ensino muito ruim. Por isso, saí desse colégio, que se chama Professor Renato Braga, e fui para o Caran Aparecido Gonçalves, onde estou no segundo ano do ensino médio.

Meu sonho é viver em um país melhor e ter uma escola melhor, mesmo porque daqui a uns anos provavelmente terei filhos e gostaria de matriculá-los em um colégio público de qualidade.

Pretendo fazer faculdade de biologia e me especializar no ramo de pesquisa. Além disso, minha perspectiva é ser um músico profissional. Na verdade, pretendo ser músico muito mais do que biólogo.

Gosto muito de rock (CPM, Charlie Brown Jr., Legião Urbana, Metallica e muitos outros) e de MPB (Djavan, Paulinho Mosca, Marisa Monte e alguns outros). Gosto de curtir a vida sempre consciente de minhas obrigações.

ISABEL MEDEIROS BARBOSA

Olá, eu sou a Isabel, tenho 16 anos e vou contar um pouco da minha vida.

Nasci em São Paulo, no hospital e maternidade São Luiz. Tive uma infância muito tranquila, mas um pouco tumultuada pelas constantes mudanças de lugares onde vivia. Morei o co-

meço da minha infância na Aclimação, bairro da zona sul. Depois, nos mudamos para o Campo limpo, também na zona sul, quando eu tinha uns 6 anos.

Uns dois anos mais tarde, minha mãe foi transferida para Santos, litoral sul de São Paulo, e por isso tivemos que nos mu-



dar para lá. No começo, foi um trauma, pois tivemos que deixar tudo para trás por causa disso! Foi difícil, pois estávamos acostumados com a cidade grande... Mas, depois de dois anos e meio, já acostumados com a cidade, tivemos que voltar, novamente! Um tumulto na cabeça de uma criança. Fiquei muito triste ao voltar, mas passou logo, pois em São Paulo pude rever velhos amigos. Além disso, nos mudamos para um condomínio onde moravam meus tios e comecei a fazer vários esportes em um clube que fica do lado do condomínio.

Minha mãe se chama Ana e é psicóloga. Ela trabalhava em empresas e sempre nos deu tudo do bom e do melhor, até que ela perdeu o emprego e nós nos mudamos novamente, vindo morar aqui no Jardim Monte Azul, bairro localizado na zona sul de São Paulo. Eu odiei a mudança e minha irmã Júlia, que tem 19 anos, também não gostou muito da idéia. Minha irmã trabalha durante o dia e faz faculdade de jornalismo à noite. Ela está se especializando em fotografia. Nós nos damos muito bem, mas, de vez em quando, surgem as brigas normais de duas adolescentes.

Minha mãe se "casou" novamente (ela se separou do meu pai quando eu tinha dois anos) e quando nos mudamos fomos morar em frente a uma favela. Meu "padrasto" é baterista e começou a tocar. As crianças vinham assistir. Até o dia que a minha mãe teve a idéia de montar uma Associação e isso foi bom, pois aulas de música, muita dança e gente nova começaram a aparecer. Sem instrumentos para todos, montaram uma banda com instrumentos alternativos. A idéia deu certo e, hoje, cerca de 60 pessoas estão envolvidas e 20 crianças estão se especializando em música. Além disso, é o que tem nos sustentado até hoje!

Meu pai se chama Carlos Alberto Barbosa. Não foi muito presente durante a minha infância, mas, atualmente, sempre que pode ele dá uma força, estando mais presente. Ele sempre trabalhou com turismo, mas agora está montando um negócio próprio. A relação dele com a minha mãe é boa e eles são bastante amigos. A minha relação com a minha mãe também é ótima, até porque, sou muito parecida com ela. O fato dela ser psicóloga ajuda, pois sempre que tenho problemas sei que posso contar com ela.

Meu bairro é muito legal, bom mesmo. Conheci muita gente nova e comecei a me interessar por coisas que até então eu nunca tinha pensado, como projetos sociais e cidadania. O Jardim Monte Azul já foi considerado com 0% de criminalidade e bairro-modelo, mas é claro que tem seus defeitos!

Atualmente, estudo em uma escola estadual próxima à minha casa. Gosto muito da galerinha de lá. Tenho muitos amigos. Conheço o colégio todo e converso com todos. Contudo, não gosto da qualidade de ensino, que é muito fraca. Já estive muito melhor, mas acabo estudando com a minha mãe, que é muito inteligente e atenciosa. Eu estou no 2º colegial e tenho o sonho de me formar e ter uma vida legal. Penso em fazer veterinária, mas ainda não tenho certeza.

Meu dia-a-dia é bem agitado. Estudo pela manhã e faço o trabalho do Observatório de Direitos Humanos à tarde. À noite, eu estudo, saio para algum lugar ou vou para a casa de alguma amiga minha.

Minha adolescência tem sido muito boa. Saio muito e consigo me divertir bastante. Geralmente, vou para o forró, que é minha paixão. Ou vou também para algumas baladas em que haja música eletrônica.

JEFFERSON HENRIQUE LEAL

Sou Jefferson H Leal e nasci no dia 4 de setembro de 1981. Eu e minha família somos paulistanos. Cresci no bairro Vila Nova Cachoeirinha, na zona norte de São Paulo, e tive uma infância com muitas dificuldades.

Minha mãe era solteira e sempre trabalhou com vendas e costura de roupas. Ela cuidava de mim e mais três irmãos. Eu era o mais velho e sempre ajudei minha mãe. Com 13 anos, comecei a trabalhar como office-boy e acabei parando de estudar na 5ª série. Sempre gostei de trabalhar e saí da escola por vários motivos. Um deles foi a separação dos meus pais. Foi difícil para mim e para meus irmãos. Fiquei muito desmotivado em ir para a escola e acabei desistindo.

Na minha infância, meu pai foi um pouco ausente e, por isso, eu e meus irmãos fomos criados pela família da minha mãe. Meus tios sempre ajudavam quando podiam. Aos 17 anos, fui morar em São Sebastião com minha mãe e meus irmãos. Lá era um lugar muito bom de morar porque tem muitas praias e áreas verdes, o que faz muito bem para a saúde, mas só tem emprego na temporada porque é um lugar pequeno.

Eu tenho um irmão de 18 anos, que trabalha na praia ven-

dendo água de coco, uma irmã de 17 anos, que tem um filho de dois e trabalha de doméstica, e uma outra de 15 anos que estuda e está na 8ª série.

Eu tenho vinte anos. Com 15 anos conheci as drogas e o crime. Fui preso com 18 anos e sai com 19 anos. Perdi muitos amigos para a droga. Minha mãe sempre lutou para que eu e meus irmãos fôssemos alguém na vida, mas era muito difícil porque cuidar de quatro filhos não era fácil.

Hoje, tenho um sobrinho, estou morando com meu pai, que foi um pouco ausente na nossa vida, e tenho fé que tudo pode mudar para melhor. As drogas e o crime são só ilusão, tudo o que ganhei com isso foi uma cadeira de rodas. Mas, graças a Deus, estou vivo e sempre procurando melhorar minha vida e minha cabeça.

Trabalho bastante fazendo instrumentos de percussão, gosto de cantar HIP HOP, faço alguns cursos e pretendo voltar a estudar. Faço um curso de cooperativismo em uma associação do bairro porque é um modo de aprender como conseguir um mundo mais igual e que, quando várias pessoas com o mesmo propósito se unem para mudar alguma coisa, tudo se torna



mais fácil. Faço também um curso de grafite e um de fotografia. A associação trabalha com vários tipos de pessoas, de classe baixa e classe alta. Trabalhamos ensinando cidadania e música, com aula de violão e baixo, bateria e aulas de canto. Para mim está sendo uma recuperação muito importante.

Estou muito feliz por estar trabalhando como observador de direitos humanos. Agradeço a oportunidade de participar deste trabalho.

Dou graças a Deus por ter meu pai, pois sempre que preciso, ele me ajuda. Fico feliz por acreditarem na recuperação das pessoas que querem mudar do mal para o bem. Existem várias pessoas que não querem sair do crime, das drogas e do vício. Mas acredito que a maioria quer uma oportunidade e não encontra. Dou graças por ter encontrado uma oportunidade. Acredito na recuperação do ser humano.

Onde Estamos?

O bairro do Monte Azul está localizado na Zona Sul de São Paulo, perto do terminal João Dias, e conta atualmente com aproximadamente 14 mil habitantes.

O fundador do bairro foi Frederico Grassmam, um rico fazendeiro alemão que chegou aqui em 1922. No começo, havia casas e muitas árvores, daí o nome Jardim Monte Azul, graças à paisagem.

As condições de moradia têm melhorado. Antes, havia muitos buracos à beira do córrego, mas agora, com a canalização, as pessoas estão se importando mais com a aparência do bairro e os buracos estão desaparecendo. Assim, pode-se dizer que o saneamento está sendo bem trabalhado, o que faz com que doenças, antes frequentes, como a hepatite, tenham sua incidência diminuída.

A iluminação pública é satisfatória, a maioria das ruas é asfaltada e contamos com um bom número de telefones públicos. Os caminhões de lixo passam três vezes por semana e nas associações ocorre coleta seletiva.

O bairro possui três escolas estaduais e uma municipal. A Renato Braga, escola estadual, já foi uma escola-modelo na região e hoje conta com ensino fundamental, de 5ª à 8ª série, e médio. Nesta escola, há alguns problemas de segurança, pois já houve casos de bombas, arrombamentos e roubos no colégio.

Outra escola estadual é o Zulmira, onde há todo o ensino fundamental e médio. A escola é coberta por grades e há um guarda que, durante o período de aulas, permanece na escola.

No bairro há um posto de saúde e um ambulatório na favela Monte Azul. Contamos ainda com agentes de saúde e fisioterapeutas, que fazem um atendimento em casa. Elas tiram a pressão, fazem exames e medicação, mas são acompanhadas de um médico, pois as agentes de saúde estão em treinamento.

O policiamento é muito razoável. Temos rondas de viaturas policiais às 16hs e às 21hs. Algumas ruas são vigiadas o dia todo por seguranças particulares que são pagos pelos comerciantes e pelos próprios moradores. Há poucos homicídios e assaltos e, por vezes, ocorrem alguns roubos mais graves.

O transporte coletivo praticamente não entra no Jd. Monte Azul. Ônibus e lotações circulam pela estrada de Itapeirica. Existe também a linha de metrô que vai passar em um terminal que é próximo daqui, contudo, ainda não tem integração com as demais linhas.

Existem diversos grupos religiosos no bairro. Temos igrejas Católicas, diversas igrejas evangélicas e um grupo espírita. Não observamos a existência de grupos afro-brasileiros. Algumas dessas instituições fazem distribuição de cestas básicas e promovem bazares beneficentes. As igrejas evangélicas oferecem ensino supletivo para diversas pessoas da comunidade.

No bairro existem várias entidades de assistência social e cultural, as principais são a Associação Comunitária do Monte Azul, a Sarambeque e a Trópis.

O comércio no bairro é bastante desenvolvido e temos também algumas empresas que geram alguns empregos na região.

SARAMBEQUE

A Associação Sarambeque de Desenvolvimento Social e Cultural atua na integração de pessoas, sem excluir ninguém por idade, sexo, credo, classe social, partido político, etc. dando destaque às atividades ligadas a música e artes em geral.

A condição para que crianças e adolescentes participem do projeto é que estejam estudando, para isso intercedemos junto aos pais e às escolas próximas, buscando vagas, transferências e atuando no reforço escolar. O conteúdo programático de todas as atividades busca ao mesmo tempo resgatar valores, atitudes e costumes que levem ao exercício pleno da cidadania.

Temos hoje mais de 100 alunos matriculados nas oficinas de confecção de instrumentos musicais, percussão, bateria, contrabaixo, guitarra, violão, canto, dança afro e contemporânea.

Os alunos que se destacam nessas oficinas, participam da banda Unidos do Monte Azul, formada por professores de Música e Dança e seus alunos convidados. O Projeto conta com mais de 20 voluntários, que participam das atividades de ensino e administrativas.

Nossas instalações ainda estão restritas a uma garagem e um quintal de residência particular. Usamos equipamentos doados e os instrumentos usados em shows são confeccionados por nós. Nossa produção de instrumentos musicais é colocada à venda em feiras culturais, seguindo nossa proposta de auto sustentação.

Participamos de treinamentos empresariais, onde desafiamos os treinandos a tocar conosco, construindo seus instrumentos musicais alternativos a partir de sucatas e da percussão corporal, reforçando, assim, o espírito de equipe, os princípios de consumo responsável e qualidade de vida. Já realizamos treinamentos, entre outros, para: City Bank; Unilever; Telefonica; Telemar e APAS. Somos parte integrante dos eventos da Eagle'sFlight Treinamentos Especiais, da Mission – Desenvolvimento Profissional e da Original 37.

E finalmente cabe salientar que temos só três anos de vida. Tem sido um bom começo...

Jardim Monte Azul e o Direito à Educação

No bairro Jardim Monte Azul, observamos que ainda há muito o que se fazer para melhorar a situação referente à educação. As escolas públicas, a despeito de suprirem a demanda por vagas na região, oferecem um ensino de qualidade discutível. A partir desta primeira impressão, buscamos opiniões de outras pessoas do bairro a respeito do tema.

Porém, dada a complexidade desta questão, considerou-se que necessário visitar, além das escolas, outras entidades, como as creches e as associações de bairro.

Inicialmente, registramos diferentes experiências pessoais sobre a educação. Com base nos relatos, escolhemos os lugares mais comumente citados para concentrar nossa observação. Assim, visitamos as principais escolas públicas do bairro: E.E. Prof. Renato Braga, E.E. Zulmira Cavalheiro Faustino, E.E.

Caran Aparecido Gonçalves e E.E. Prof. Luiz Gonzaga Pinto e Silva. Fomos também a uma creche e às principais associações do bairro: Associação Comunitária Monte Azul (Acoma), Associação Trópis para Desenvolvimento Social e Cultural e a Associação Sarambeque.

Outro pressuposto fixado foi dialogar com pessoas de diferentes posições institucionais, como forma de preservar a pluralidade das opiniões. Assim, conversamos com professores, alunos, diretores e funcionários das referidas instituições.

A percepção de que não poderíamos focalizar somente as escolas resultou numa ampliação da abordagem do tema, cujo eixo se concentrou na relação educação formal/ informal. Ou seja, procuramos observar, de um lado, a situação das escolas e, de outro, como as iniciativas empreendidas pelas associações



interferem na educação dos jovens.

PROGRESSÃO CONTINUADA

Num primeiro momento, pensamos sobre a questão da qualidade do ensino público na região e percebemos, através dos relatos e dados coletados, que, atualmente, uma das principais questões levantadas pelos mais diversos atores do espaço escolar, no tocante à qualidade do ensino público de hoje, é o programa de Progressão Continuada.

A transformação nas relações dentro da escola acarretada pelo programa é um tema muito presente não apenas dentro da escola. O regime de progressão foi, por exemplo, alvo das mais importantes polêmicas na disputa eleitoral estadual e até federal.

De maneira geral, o centro das discussões e preocupações de pais, professores, alunos e diretores entrevistados parece ser a perda da noção da avaliação do desempenho do aluno, a partir da aprovação automática dos estudantes. Os argumentos mais frequentes relacionam-se ao fato de que a aprovação de muitos alunos que não acumularam os conteúdos previstos e não demonstraram interesse no curso estaria desestimulando a todos e acobertando dificuldades graves.

“Acho que deveria haver a suspensão e a completa revisão do regime de progressão continuada da rede estadual de ensino, que acaba com a repetência dos alunos e faz com que os alunos não tenham um desenvolvimento individual. Eu conheço pessoas da oitava série que mal sabem ler e escrever. Já escutei muitas reclamações tanto de pais, alunos como também de educadores, pois esse regime está gerando desinteresse nos estudantes, com o conseqüente aumento da indisciplina e sérios prejuízos de aprendizado”. (aluna do 2º ano do ensino médio).

Devido ao Programa, alunos e professores perdem a referência dos limites e dos objetivos de seu envolvimento com a escola. Muitos entrevistados argumentaram que ele fomenta a acomodação dos alunos em posturas passivas. Como reforça o depoimento anterior, as dificuldades com a leitura e a escrita entre muitos estudantes também são bastante frisadas para indicar a falta de qualidade na formação. Além disso, associam-se problemas de indisciplina e a insegurança dentro da escola à perda de referências possivelmente provocadas pela proposta.

“(...) a progressão continuada foi uma importação, ou seja, copiou-se um sistema de educação de outros países, mas aqui, na interpretação e na prática, as coisas não acontecem da mesma maneira”. (diretora de escola).

Assim, percebemos que o corpo de direção da escola ainda tem dificuldades em aceitar o sistema na sua prática. A diretora fez questão de frisar que, apesar de concordar com os fundamentos da proposta, considerava equivocada a forma como vinha sendo implementada. Sem contar com o apoio dos diferentes atores presentes na escola, de fato, a proposta parece apenas evidenciar uma série de problemas.

Buscando esclarecimento e informações, também consul-

tamos algumas pesquisas recentes sobre o tema. Em um levantamento realizado pela Apeoesp, em São Paulo, a Progressão Continuada, em certa medida, foi reconhecida como instrumento importante, que pode contribuir para a melhoria da qualidade de ensino, já que desenvolve diversos “subprogramas”, como a recuperação contínua, os projetos de reforço e a recuperação de verão. No entanto, segundo essa pesquisa, cerca de 90% dos professores ouvidos consideraram negativas as repercussões do regime adotado.

Por outro lado, no antigo sistema, a elevada taxa de repetência também trazia sérios problemas para os alunos, fazendo com que, muitas vezes, abandonassem a escola.

“Na minha infância, estudei somente em uma escola, na região da zona norte de São Paulo. Nela, tive vários problemas, não prestava atenção na aula e não me sentia bem na escola. Uma das coisas que eu não gostava era ter que ficar na classe com crianças menores do que eu, pois já tinha 14 anos e ainda estava na 3ª série. Elas, por estarem na idade escolar correta, ficavam rindo da minha cara. Além disso, a professora me fazia sentar no fundo da sala. O diretor e os professores falaram para minha mãe que eu não queria aprender e começaram a me deixar de lado (...).

Fiquei desmotivado a ir para a escola (...) A exclusão escolar me trouxe sérios problemas, como a perda de amigos na escola. Fiquei um pouco triste, mas ao mesmo tempo aliviado, porque era muito ruim ficar sendo excluído dos outros alunos”. (relato de ex-aluno)

Como mostra esse depoimento, os constrangimentos gerados pela repetência não se limitam à retomada de conteúdos de matérias já vistos pelo aluno em anos anteriores, mas incluem, principalmente, o desgaste na inserção do estudante entre seus colegas. A idéia de que a ameaça de punição com a reprovação contribua para o estímulo, a participação e o envolvimento dos alunos também parece ser equivocada – ao invés de estimular aqueles alunos que tenham dificuldades, corre-se o risco de cada vez mais reforçar a sua exclusão. Dessa maneira, por pior que venham sendo os resultados da implantação do programa de progressão continuada nas escolas públicas, apenas retomar a repetência não parece ser o melhor caminho para reforçar a qualidade dos cursos.

REGRAS DE CONVIVÊNCIA

Num outro momento, através dos casos e relatos, percebemos que um fator que incomoda muitos alunos refere-se ao modo como são estabelecidas as regras de convivência no cotidiano escolar. Questões aparentemente banais, como a definição das regras na entrada, das possibilidades de uso do espaço da escola, quando resolvidas de forma unilateral, foram mencionadas como motivos para o desinteresse ou desagrado com a vida escolar.

“Um dia fui para a escola. Cheguei três minutos atrasada e não me deixaram entrar na

escola. Insisti, insisti e mesmo assim não me permitiram entrar. Fiquei quase meia hora na porta da diretoria e nada aconteceu. Foi então, neste momento, que fiquei revoltada, pois queria entrar para estudar e há muitos alunos que não querem saber de nada além de zoar.

Dei a volta até o portão do pátio e, quando a inspetora saiu de lá, pulei o portão e entrei na escola. Aproveitei que outra sala estava em aula-vaga e fiquei no meio dessa turma. Mas quando o pessoal estava subindo, a inspetora me reconheceu e não permitiu que eu fosse para minha sala. Depois de um certo tempo lá esperando, pulei o portão de novo e fui embora. Nem insisti, pois já havia perdido várias aulas.” (aluna do ensino médio)

Segundo a aluna, a funcionária deixou que ela permanecesse dentro da escola, mas não permitiu assistir às aulas. Para ela, a regra que deveria afastar os alunos desinteressados pelas aulas acaba sendo usada contra aqueles que têm interesse em estudar. A rigidez nas regras e a falta de espaço para que se avalie a situação da aluna fazem com que a alternativa para se entrar ou sair da escola seja pular o portão.

“Se o portão fechou, ninguém entra mais. Além disso, os alunos são obrigados a esperar mais ou menos meia hora no pátio antes de começarem as aulas. Nesse tempo, os outros alunos ficam no portão da escola sem poder entrar. Eu acho que nesse tempo que o pessoal fica no pátio o portão poderia ficar aberto para o pessoal atrasado entrar, pois é um direito nosso como estudantes. Essa regra foi criada por ex-diretores e eu não concordo. Nem os outros alunos. Mas todos só reclamam e não fazem nada”. (aluna do ensino médio)

Apesar de muitos discordarem das regras, poucos se põem a agir pela mudança das mesmas. Notamos que, por vezes, a própria escola, através de algumas regras, acaba contrariando o direito dos alunos de estudarem. A maior participação dos alunos na discussão dessas regras poderia contribuir para o seu funcionamento, além de envolver mais os estudantes com o processo de aprendizado. Quanto a esse envolvimento, que não é notado pela aluna, nos parece que seja também papel da escola estimulá-lo.

ATIVIDADES CULTURAIS

Como um espaço de educação, espera-se que as escolas sejam também locais para o desenvolvimento de atividades culturais. Por vezes, os jovens buscam realizar atividades desse tipo que lhes permitam expressar suas idéias e habilidades na escola. A semana cultural, por exemplo, foi um dos eventos mais lembrados pelos jovens entrevistados nesse trabalho. Porém, apesar de ter sua importância reconhecida, foi destacado também que sua implementação é por vezes muito complicada, devido à falta de diálogo e integração entre direção, professores e alunos.

O relato de um aluno mostra uma intensa negociação de integração entre alunos, professores, funcionários e diretores para a promoção da semana cultural em sua escola.

“A gente resolveu fazer uma semana cultural na escola. Daí falamos com os professores. Eles disseram que não havia uma semana cultural porque a diretora não permitia.

A gente foi falar com a diretora, que disse que não existia uma semana cultural porque os professores não queriam. No começo do ano, quando foi feito o planejamento, eles tinham que agendar e organizar essa semana. Então, quando dissemos que queríamos fazer uma semana cultural, ela disse que não estava no planejamento. Depois de reivindicar muito, a gente conseguiu duas aulas para realizar a semana cultural.” (aluno do ensino médio).

As dificuldades para a proposição da atividade, que, teoricamente, já deveria estar inserida na programação normal, sugerem como, em certas escolas, são complicadas as negociações de propostas paralelas. Se a proposta do aluno em organizar a semana cultural, que já é realizada há algum tempo em inúmeras escolas, casou tanta estranheza, imaginamos que quaisquer inovações sejam mais complicadas. Porém, como ainda aponta o relato, as dificuldades não se restringem à obtenção de permissão para o evento.

“Então, a gente precisava de um espaço para ensaiar as atividades artísticas. Como não podíamos ensaiar no horário de aula, pedimos a escola nos fins de semana, só que os professores não eram pagos para isso e não queriam participar. Mas a gente conseguiu três professoras para nos acompanhar, pois sem elas não poderíamos ensaiar. Ensaíamos durante vários fins de semana e divulgamos a atividade na escola”. (aluno do ensino médio)

No depoimento, nota-se que, além de a direção não colaborar para a realização do evento, muitos professores também são resistentes, ou não demonstram interesse. Já no início de sua tentativa, o aluno conversou com uma professora que apenas o encaminhou para a direção, sendo que os esforços são vistos como um peso a mais na carga de trabalho desses professores. Mesmo assim, atividades culturais, como as que estavam sendo propostas, podem ser muito relevantes para o trabalho em sala de aula e, portanto, deveriam ser mais observadas. Além disso, a abertura do espaço da escola para atividades culturais de seus próprios alunos parece ser muito burocratizada.

Felizmente, alguns professores se interessaram e endossaram a proposta, mas a falta de vontade da maioria da equipe de educadores na concretização do evento prejudicou sua execução.

“Aí chegou o tão esperado dia da apresentação. Os alunos foram para o pátio do colégio e, no meio das apresentações, a coordenadora pedagógica abriu o portão. Metade dos alunos foi embora. Quando terminou a apresentação,



ela me chamou até uma sala de aula e me mostrou que um aluno havia entortado o ventilador. Então, eu fui arrumar o estrago.

A coordenadora não deixou e disse que ia mostrar para a diretora, para ela nunca mais deixar fazer nada na escola. Aí eu fiquei nervoso e joguei uma cadeira nela, só que pegou na professora de português. Justo nela, que tinha vindo todos os finais de semana nos ajudar a ensaiar.

Quando nos reunimos com a diretora, chegamos à conclusão de que ‘criança que nunca viu bolo, quando vai a festa se lambuza’. E, se os alunos eram mal educados, era porque a escola não propiciava eventos para eles se acostumarem a se educar.”

A falta de colaboração da coordenadora pedagógica com o evento cultural foi total. Tanto no momento em que abre os portões durante a apresentação da peça ensaiada pelos alunos, como quando aponta os estragos que teriam sido causados pelos jovens no evento, ela parece querer deixar bem claro que não tem nem deseja ter qualquer relação com o evento em curso. Essa atitude é tão estranha quanto irresponsável.

Por mais que os alunos não estivessem habituados com eventos desse tipo, como conclui-se na conversa com a diretora, certamente a falta de integração da escola com a proposta foi a maior dificuldade encontrada. A atitude da coordenadora pedagógica, quando impede o conserto do ventilador, indica que sua principal preocupação era apenas provar que eventos assim trazem problemas para a escola.

Consideramos esse relato exemplar, pois nele fica muito claro como a falta de abertura para o diálogo entre alunos, professores e diretores, mesmo se uma proposta é aceita e até apoiada por parte deles, pode ser determinante para o insucesso de muitos trabalhos. As atividades culturais, assim como as outras implementadas pela escola, ganham sentido se forem reconhecidas como relevantes para os interesses de todos participantes e, portanto, devem ser construídas com a colaboração decisiva das várias pessoas presentes nesse espaço.

AS ASSOCIAÇÕES DE BAIRRO E A EDUCAÇÃO

No bairro do Monte Azul, é notável a presença de associações comunitárias com diferentes propósitos. No que diz respeito à educação, a atuação desses grupos ganha, cada vez mais, um papel decisivo na comunidade, complementando ou até substituindo as atividades do ensino formal. Também chama a atenção a variedade de grupos envolvidos, conteúdos e métodos empregados, podendo ser uma referência importante para aqueles que buscam promover o Direito à Educação.

A Associação Comunitária Monte Azul (Acoma) funciona como uma espécie de pólo gerador destas ações. Certamente, é a entidade cujo impacto sobre a comunidade se faz sentir de maneira mais sensível, dado seu tempo de atuação. Os resultados do trabalho, que se estende desde a fundação em 1979, têm efeito em diferentes gerações de adolescentes e demonstram grande importância na melhoria da situação da comunidade.

A Acoma desenvolve projetos que apresentam uma relação direta com a educação. Nas várias creches mantidas pela Associação, as crianças são educadas com base nos princípios da pedagogia *Waldorf*. A entidade também promove a alfabetização de crianças portadoras de deficiência mental.

Uma outra linha de atuação consiste nas atividades voltadas à arte e cultura, com aulas permanentes de música, dança e teatro. Os grupos constituídos a partir de tais atividades se reúnem na própria Associação, que mantém um espaço para apresentar os resultados alcançados. Outras pessoas da comunidade, ou mesmo de outros lugares, também usufruem deste espaço para exporem seus trabalhos artísticos. Com frequência, são realizadas mostras de música e de teatro, que agregam quantidade e diversidade significativas de espetáculos. As manifestações artísticas mais tipicamente praticadas na periferia de São Paulo também são estimuladas, sendo que a entidade possui uma oficina de grafite, em que os participantes se reúnem uma vez por semana. Os próprios muros da instituição são cobertos por seus desenhos.

Outra associação que desenvolve projetos junto à juventude do bairro é a Trópis. A linha mestra de sua forma de atuar reside na promoção do respeito às diferenças por meio da convivência entre os jovens. Para os membros da Trópis, a escola pública atual não é um bom modelo educacional.

“Acreditamos também que a educação tem que estar ligada à cultura e que o sistema educacional é falho. Desde a forma que as pessoas se sentam (quando nós temos aulas, sentamos em roda), a maneira de atuação dos professores e a quantidade de alunos por sala. A nossa forma de educação é a arte.

Nós temos um novo sistema pedagógico que é a educação convivial. Ela é uma educação pelo convívio e para o convívio. Ela se dá no convívio”. (relato de membro da Trópis)

Recentemente, a associação realizou uma pesquisa para saber como as suas iniciativas são percebidas pelas pessoas do bairro. Sintetizando os resultados, um dos associados deu seu depoimento.

“Até a Trópis se estabelecer na sede atual, ela era vista como uma casa onde vários jovens se encontravam para fazer coisas diferentes. Hoje, notamos que a comunidade, principalmente em se tratando dos jovens, reconhece a Associação em primeiro lugar como um real espaço de convívio e com a seriedade de um espaço que pode propiciar cultura, conhecimento e cidadania a todos”.

Um bom exemplo de atividades que são oferecidas pelas associações do bairro foi o curso *“Olha o Passarinho”*. Contando com o apoio da Associação para a Prevenção e Tratamento da AIDS (Apta) e da Secretaria Municipal de Educação, o curso foi acolhido pela Associação Sarambeque. As aulas ocorriam na Acoma e envolviam as doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e fotografia. Este curso teve duração de seis sábados.



Participaram dele cerca de 30 pessoas, de 12 a 20 anos. Máquinas fotográficas, livros, preservativos e manequins foram alguns dos materiais utilizados.

As aulas foram consideradas diferentes e divertidas, o que teria atraído a atenção dos alunos. Além disso, os participantes do curso ressaltam que a junção de conteúdos diferentes, como o trabalho com fotografia e a discussão sobre doenças sexualmente transmissíveis, tornava as discussões mais interessantes.

As iniciativas das associações na comunidade Monte Azul criam um ambiente propício à mobilização da comunidade e geram oportunidades valiosas de desenvolvimento pessoal e profissional aos jovens. Isso faz com que as pessoas não só assimilem conteúdos, mas estabeleçam laços sociais mais fortes dentro da própria comunidade. Por todos esses motivos, consideramos que o trabalho desses grupos deva ser uma referência nas propostas voltadas para promoção da educação, dentro e fora das escolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar nossa observação no Jardim Monte Azul, pôde-se concluir que não existe uma carência quanto ao acesso às escolas públicas no bairro, ao contrário, elas atendem inclusive pessoas de localidades vizinhas. Porém, o mesmo não pode ser dito sobre a qualidade destas escolas. Vários fatores são indica-

dos como causas desse problema e exploramos aqui alguns pontos que consideramos importantes.

Seja na polêmica sobre a progressão continuada, seja nas discussões sobre regras de convivências e organização de eventos culturais, os espaços de conversação parecem ser muito raros e, normalmente, alunos, professores e diretores se mostraram pouco inclinados a discutir seus pontos de vista em conjunto. Nos dois primeiros tópicos, a imposição de uma regra vinda seja de fora, seja de dentro da própria escola foi muito questionada por todos. Assim, é importante que sejam criadas melhores condições para que esses vários atores realmente dialoguem e efetivem suas propostas.

Por outro lado, como o bairro é bem servido de associações, os jovens encontram nelas um espaço para realizarem atividades que lhes propiciam novos aprendizados, bem como a possibilidade de expressarem suas idéias e habilidades. Nesses termos, observamos que a escola parece não ser mais a referência absoluta quando se fala em educação. Muito do espaço outrora monopolizado por ela está sendo ocupado, no Monte Azul, pelas associações de bairro, que acabam por compensar suas carências e deficiências.

Possivelmente, uma maior interação entre as escolas e as iniciativas presentes na comunidade contribuirá para o maior desenvolvimento de ambas.



EDUCAÇÃO PÚBLICA

O relatório dos observadores está enraizado nas questões e nos desafios contemporâneos da educação pública de São Paulo. Sua questão central é: a demanda por quantidade está praticamente resolvida, mas não a demanda por qualidade.

Assim, o texto investiga aspectos da falta e da presença de qualidade nos equipamentos educacionais da região, incluindo os espaços não-escolares. Há três temas principais: a progressão continuada, a sociabilidade no espaço escolar e os espaços educacionais não-escolarizados.

Quanto à progressão continuada, os observadores registram o impasse das políticas educacionais estaduais dos últimos tempos. O êxito dessa projeto depende de outras iniciativas que não foram efetivadas e, dessa forma, não cumpre seus objetivos e legitima a falta de qualidade, pois aprova e diploma alunos que não desenvolveram os saberes socialmente esperados. Por outro lado, a política educacional que vigorava antes criava históricos de reprovação sucessiva e reforçava a exclusão escolar. Sem dúvida, dar conta da compreensão e solução desse desafio é, hoje, uma das questões mais prementes da agenda política para a educação pública.

É na parte dedicada à socialização no espaço escolar que o relatório apresenta sua maior riqueza. Os observadores se posicionam claramente a favor da participação dos jovens na construção das regras de convivência, a favor da criação de espaços na rotina escolar que permitam aos jovens expressar suas idéias e habilidades além de apontarem a necessidade dos diferentes agentes do espaço escolar legitimarem e incentivarem a participação juvenil.

A partir desse posicionamento, fatos da rotina escolar são relatados e interpretados. Destacam-se os entraves para a construção de um ambiente público de participação e negociação entre os diferentes agentes da vida escolar. Um dos elementos de dificultam essa transformação das relações sociais na escola é a própria história dessas relações, pois há padrões de relacionamento, papéis sociais e relações de poder estabilizados além de modos tradicionais de interpretar e intervir nos conflitos que são contrários ao posicionamento defendido pelos observadores.

Ao registrarem a contradição entre as necessidades dos jovens e esses empecilhos, os observadores apontam dois comportamentos resultantes: desmotivação e violência. Sendo assim, o relatório nos permite pensar que a ausência de espaços para a participação juvenil, o autoritarismo e a violência encerram um círculo vicioso que reproduz uma estrutura de relações que não satisfaz as necessidades de ninguém e muito menos ajuda a realizar a demanda por qualidade do ensino público.

Por fim, o relatório apresenta iniciativas educacionais não-escolares bem sucedidas. As instituições que as realizam são responsáveis por muitos trabalhos culturais e educacionais na região e acumulam boas experiências que podem e devem ser levadas em conta na formulação e execução de políticas públicas. Entretanto, não creio que elas possam “compensar a falta de políticas públicas” ou as “carências e deficiências da escola”, como dizem os observadores. O papel da escola e das políticas públicas nas áreas de educação e cultura são distintos dos trabalhos das instituições da sociedade civil e não podem ser supridos por estes.

O relatório dos observadores expressa a complexidade que está envolvida na promoção da “educação pública de qualidade” e indica desafios que devem ser assumidos. Sem dúvida, estes dizem respeito tanto a aspectos históricos e estruturais quanto a aspectos dados no espaço de ação direta dos diferentes agentes que estão na escola. Enfrentar a questão, portanto, não depende de um grupo ou outro. Ao contrário, o caminho possível, como aponta o relatório, está na consolidação de espaços públicos democráticos nos quais haja a participação dos diferentes agentes, a tomada de decisão levando em conta diferentes vozes e o diálogo com a sociedade civil.

Maurício Êrnica
antropólogo



SÃO PAULO

JARDIM ROSANA



Quem Somos?

ANDERSON DANTAS DA CRUZ

Meu nome é Anderson Dantas da Cruz, tenho 19 anos, sou filho de Manoel José da Cruz e Dolores Dantas da Cruz e tenho dois irmãos, Marcos André e José Adilson.

Meu pai tem 51 anos, é pedreiro, nasceu no estado da Bahia, está cursando a 6ª série e, atualmente, está morando na região de Itapeverica da Serra. Minha mãe tem 45 anos, é copeira, nasceu no estado da Bahia, estudou até a 3ª série do ensino fundamental e, hoje, mora no Jardim Rosana.

Meu irmão, Marcos André, tem 21 anos e está cursando faculdade Ciência da Computação há um ano e meio. O José Adilson tem 26 anos, no momento só está trabalhando e já concluiu o 2º grau. Ambos moram com minha mãe.

Bem, tudo começou no dia 4 de julho de 1983, às 8h15m da manhã, dia e horário do meu nascimento. Já iniciava a minha vida como um lutador, pelo fato de ter conseguido escapar de algumas tentativas de aborto de minha mãe. Ela e meu pai brigavam muito enquanto ela estava grávida de mim, mas, mesmo assim, eu já estava nos planos de Deus. A partir dos meus 5 anos, eu me lembro de tudo. Lembro-me até que só pude entrar no pré quando já estava com cinco anos e meio, por que faria aniversário somente no meio do ano.

Eu era um menino muito dedicado, apesar de ser muito levado e, por isso, levava muitas broncas e cheguei a ficar muitas vezes de castigo. Com broncas e sem broncas, cheguei à primeira série. Já não existia mais aquela história de tia como era no pré, dali pra frente a coisa iria se complicar um pouco.

Veio então o primeiro problema, que não tinha nada a ver com os professores ou com lição: a minha primeira paixão, que se chamava Ana Paula. Está certo que era aquela coisa de criança, mas, naquela época, no meu entender era tudo pra mim. Eu, sempre romântico, colhia flores do jardim da escola para dar pra ela e adorava escrever bilhetinhos de amor. Foi dela que levei meu primeiro fora aos quase oito anos de idade, fiquei muito triste. Apesar de começar minha vida amorosa muito cedo, ainda sobrava tempo para fazer o que eu mais gostava que era jogar futebol com os amigos e continuar sendo um menino levado.

E assim seguiram-se os anos até 1995, ano em que eu completei meus onze anos e, como presente, recebi uma notícia bombástica: meus pais haviam resolvido se separar. Aquilo veio em mim como uma bomba de Hiroxima, pois nós víamos as brigas constantes entre eles, mas não esperávamos que isso chegaria a acontecer. Ele nunca ousou encostar a mão em nenhum de nós, sempre que fazíamos algo de errado ele procurava conversar, a sua forma de educar-nos sempre foi o diálogo. Apesar do impacto, não havia nada que eu pudesse fazer porque eles já haviam se decidido.

Foi muito difícil para mim e para meus irmãos, porque tínhamos meu pai como um rei que sempre organizava tudo em casa, sempre nos aconselhava para não entrarmos em caminhos errados. Aí surgira outro problema: na separação, com quem iríamos ficar? Pelo fato de minha mãe continuar morando no mesmo lugar, o juiz achou melhor que nos ficassemos com ela, porque já estudávamos na escola perto de casa e tínhamos muitos amigos lá. Foi aí que conhecemos um lado da minha mãe que até então não conhecíamos: ela se mostrou uma guerreira, que lutava pelo objetivo de nos criar com a melhor educação possível, sem nunca nos deixar faltar nada: nem roupa, nem comida, ou carinho. Ela fazia de tudo para nos dar amor e atenção, o máximo que podia.

Quando completei doze anos, entrei no grupo do meu irmão, que ele havia acabado de montar. Ele me deu um instrumento, um repique, que ainda hoje tenho e considero como um troféu. Tocávamos nas noites de São Paulo atrás de um pouco de conhecimento e, também, de uma chance para podermos seguir a carreira. Chegamos a tocar com grupos famosos, como Originais do Samba, Pixote, Moleque Travesso, Gera Samba e outros que nem me lembro mais. Mas, mesmo assim, as portas não se abriam.

Comecei então a me dedicar mais ao futebol, jogava nos times aqui do jardim Rosana e cheguei a jogar também em alguns campeonatos que se realizavam anualmente na escola, organizados pela A.A.B.B. (Associação Atlético Banco do Brasil). No futebol, tive o reconhecimento que esperava tanto ter no samba. Havia um olheiro da equipe da Ponte Preta que se impressionou com meu futebol e me convidou para jogar nas categorias de base do time. Para isso, eu teria de me mudar para Minas Gerais, já que as categorias de base do clube ficavam lá. O problema era convencer minha mãe a me deixar ir para Minas Gerais. Infelizmente, ela não deixou, pois achou que seria muito perigoso eu ir me mudar para longe, sozinho e com apenas 13 anos. Fiquei muito magoado e resolvi voltar ao mundo dos músicos, só que, antes disso, resolvi arrumar um emprego.

Comecei a trabalhar em um lava rápido, por indicação de um amigo meu, o Gilberto, que já trabalhava nesse local há algum tempo. Lavávamos carros, aspirávamos e, como lá também era um estacionamento, nós até manobrávamos os carros também. Mas tudo com a supervisão do dono do estacionamento, o Carlos, que nos deu essa oportunidade de trabalho e confiou em nossas habilidades, além de curtir e deixar eu fazer um pagode, de vez em quando, no estacionamento. Enquanto isso, me preparava para voltar ao mundo da música.

Montamos a banda novamente, com algumas alterações, mas com força total. Só não esperávamos que, depois de tanto



tempo parados, fôssemos tão bem acolhidos pelas pessoas. Aonde chegávamos, éramos reconhecidos e tratados com o maior respeito. Até na minha escola eu já era bem popular, adorava quando chegava lá e via que o principal comentário era sobre os nossos shows.

Mas, mesmo nessa febre, eu ainda não tinha esquecido o lance de Minas Gerais e, por isso, continuava a jogar bola aonde podia. Foi em um desses campeonatos que minha vida teve uma reviravolta total, não em termos profissionais, mas sim sentimentais, pois conheci uma menina que me chamou muito a minha atenção por aparentar, à primeira vista, ser diferente das outras. Ela estava conversando com uns amigos meus, eu fiquei muito impressionado e, dali pra frente, meu mundo giraria em torno dela. O seu nome é Valeria, tinha a mesma idade que eu e, aos meus olhos, ela seria a mulher da minha vida. O problema é que eu não tinha coragem de dizer isso a ela, pois tinha muito medo do que ela poderia achar. Talvez por causa desse meu medo e de minha demora em falar com ela, ela tenha ficado com um dos meus melhores amigos. Depois disso, já havia eliminando todas as esperanças e, dali, saiu mais uma desilusão. Foi um baque muito grande, chorei e sofri por muito tempo como nunca havia chorado na minha vida por ninguém.

Aos poucos, fui me recuperando. Decidi, então, como desafo, fazer acontecer algo e, dessa vez, eu dei o primeiro passo. Fiquei loucamente apaixonado novamente e já nem tinha controle de meus atos. Mas, levei outro fora, só que, dessa vez, era pior porque mal eu tinha sarado, já me encontrava em outra desilusão.

Talvez por maus exemplos que já tinha visto, procurei consolo para meus problemas na bebida. Até então eu nunca havia provado, mas me diziam que fazia esquecer os problemas. Tudo mentira, pois, além de não resolver nada nem trazer de volta quem eu queria, me dava era uma baita dor de cabeça. Eu passava várias tardes embriagado-me e chorando, culpando deus e o mundo pelos problemas que eu tinha.

Passados alguns meses, pra ser exato 8 meses, comecei a participar da igreja perto de casa, onde passei a viver um mundo novo. Tinha novos amigos, fui muito bem tratado, recebi muito consolo e compreensão de todas as pessoas. Além disso, encontrei uma pessoa que fez meu coração bater mais forte outra vez.

Começamos a namorar escondidos, mas logo resolvi oficializar o nosso namoro. Fui com toda coragem até a casa dela para falar com seu pai. Lá encontrei o senhor Manoel Nivaldo (pai) e, quando olhei aquele homem tão grande, perdi toda a coragem que tinha, mas já estava lá não iria voltar atrás. Contei a ele o que estava acontecendo e disse que pretendia continuar, se ele permitisse, é claro. Ele ficou pensativo mas acabou deixando.

Tenho tido muitos momentos felizes ao lado da Rosângela. Aprendemos muita coisa sobre o amor juntos, juntos também enfrentamos muitas barreiras e conseguimos ultrapassá-las. Estamos namorando há 3 anos. Temos um cachorrinho, o Roger, que tem 8 meses e cuidamos dele como se fosse um filho.

Ainda hoje, resido na região do jardim Rosana, gosto muito daqui apesar dos problemas como roubos, seqüestros, assassinatos e coisas desse tipo. Sempre morei aqui e sempre foi mais ou menos assim, está certo que, em alguma medida, atualmente está um pouco melhor do que há uns 10 anos.

Em 2001, completei meus estudos e pretendo, depois do observatório, arranjar um emprego para pagar uma faculdade de psicologia ou educação física, quer dizer, se até lá o meu grupo de samba... não ficar famoso, por que ainda estamos na luta por um espaço só nosso.

Continuo também jogando futebol constantemente aqui mesmo no Rosana na Associação Moradores, onde temos um ótimo espaço para a prática do esporte. Participo ativamente da minha Igreja Católica Apostólica Romana, ajudando na formação de retiros de recuperação para pessoas que estejam em "caminhos errados". Temos também o T.L.C. (Treinamento de Liderança Crista), no qual procuramos fazer com que pessoas que nunca tiveram um verdadeiro encontro com Deus, tenham um momento inesquecível ou, como costumamos dizer, descubram o verdadeiro primeiro amor. Além disso, ajudo também na parte da música, pois, graças a Deus, eu tenho o dom de aprender a tocar muitos instrumentos e, na banda, eu toco bateria e ajudo a "pescar" almas perdidas para voltarem ao caminho do Pai, isso é o que eu mais gosto de fazer.

E assim continua minha vida com altos e baixos, mas agora, estou mais ciente dos meus direitos e deveres, já que antes eu sequer sabia que "todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direito", como diz o primeiro artigo da declaração dos direitos humanos. Seria ótimo se todas as pessoas estivessem cientes disso, pois assim, poderiam lutar por seus direitos que existem, mas ainda não são obedecidos.

Eu adquiri muita experiência nesse tempo de trabalho com todo o grupo e coordenadores do projeto. Apreendi a fazer coisas que não imaginava fazer, como por exemplo, essa carta que estou escrevendo, pois, antes, eu não teria coragem de fazer isso nunca. Também aprendi a me expressar melhor e a me relacionar com pessoas de diferentes regiões e padrões de vidas. Ainda não sei como vou colocar esses conhecimentos em prática, mas sei que logo descobrirei maneiras de ajudar pessoas mais necessitadas.

Enfim, tenho ao meu lado também minha mãe, meus irmãos e meu pai, pessoas que me amam e me querem muito bem, isso não é ótimo?

WELLINGTON MARIANO

Meu nome é Wellington Mariano, tenho 17 anos e moro no Jd. Rosana, na zona sul da cidade de São Paulo. Meu pai se chamava Luiz Mariano e minha mãe se chama Maria de Lourdes Nunes. Ao todo tenho seis irmãos: Adriano, Everton, Daniela, Michele, Keila e a Keller, todos já são casados e têm filhos. Moramos todos no mesmo quintal e, na medida do possível, somos bem felizes.

Meu pai e minha mãe sempre trabalharam para nos sustentar, sempre foram responsáveis e disso não tenho nada do que reclamar. Meu pai bebia, mas era um cara super legal e gente fina e minha mãe até hoje trabalha como doméstica. Eles nunca nos deixaram passar fome e, sempre que possível, procuravam nos dar algum brinquedo de presente.

Meu pai trabalhou 25 anos em uma única firma, era muito dedicado e só faltava no serviço se acontecesse alguma coisa a um de nós, mas nunca deixava de ligar para se justificar. Ele só parou de trabalhar porque acabou pegando uma doença em decorrência do seu trabalho, chamada "silicose", que causa falta de ar, pois faz com que o pulmão fique empedrado impedindo a respiração. Por direito, ele deveria usar máscara enquanto trabalhava e fazer exames médicos de três em três meses, para diagnosticar qualquer alteração o mais cedo possível, o problema é que nada disso foi feito e, quando descobrimos, já não havia mais cura. Por isso, durante dois anos e meio ele precisava de um cilindro de ar, que tinha de ser trocado toda a semana, para poder respirar.

Em relação à morte dele eu falo abertamente porque ele não morreu fracassado e sim como um vencedor, um lutador, cumpridor de seus compromissos o que eu acho o mais importante. Sei que de onde ele está ele olha por minha família e está feliz com a gente. Nunca o senti longe de mim sei que ele está por perto e em um lugar melhor do que este.

Vou falar agora um pouco da minha infância. Sou feliz aqui onde moro, passei toda a minha infância aqui brincando de carrinho, fazendo castelo na areia e, principalmente, subindo nas árvores para pegar frutas como ameixa, mexerica, amora, manga verde e limão para comer com sal. Eu gostava muito de brincar de lutinha com um amigo meu chamado Diego, mas o que eu mais gostava de fazer mesmo era brincar de cantar, tanto que até hoje eu continuo cantando. Além disso, eu gostava muito de atuar e fazia teatro na praça do Campo Limpo, que fica aqui perto, a uns dez minutos de minha casa.

Comecei trabalhar aos 12 anos como estoquista em uma firma que vende acessórios para churrasco. Não me arrependo, porque lá aprendi muito e sei que tudo foi só o começo.

Apesar de trabalhar, nunca parei de estudar. Estou no primeiro colegial e quero terminar os estudos. Estudo na Messias Freire, que é uma escola estadual que fica no Inocoop, um bairro vizinho a um 5 minutos de casa.

EWERTON DANILO OLIVEIRA RAMOS

Meu nome é Ewerton, tenho 17 anos e moro no Jardim Walquiria, um bairro próximo ao Jardim Rosana, na região de Campo Limpo, zona sul de São Paulo.

Meu pai chama-se Edson, tem 42 anos, cursou até a oitava série do primeiro grau e está desempregado no momento. Minha mãe se chama Maria de Lourdes, já terminou os estudos e entrou na faculdade para se formar como professora, mas, infelizmente, ela foi obrigada a desistir por não ter condições de pagar as mensalidades. Mas, mesmo assim, ela chegou a trabalhar um tempo como professora e, agora, ela trabalha como agente de saúde do SUS (Sistema Único de Saúde).

Tenho dois irmãos. O mais velho se chama Emerson, tem 21 anos, parou de estudar no segundo ano do ensino médio, tem uma filha de dois anos chamada Sthefani e, no momento, está desempregado. Minha irmã se chama Deise, tem 18 anos, é casada e também está desempregada. Ela parou de estudar na oitava série do ensino fundamental para cuidar de seus dois filhos, Gabriel, de dois anos, e o Gustavo, de um ano, mas ela pretende terminar os estudos quando puder.

Sou bastante eclético e gosto de todos os tipos de música. Sou moreno claro, tenho os olhos castanhos claros, 1,75m e cabelos pretos. Sou bastante caseiro e não gosto muito de sair, mas sou bem divertido. Tenho minha namorada, que se chama Amanda, mas não quero me casar cedo, pois quero construir o meu futuro primeiro.

Gosto do meu bairro e não quero sair daqui e, sim, lutar para tentar melhorar algumas coisas. Um dos nossos problemas é a violência, que tem crescido muito ultimamente. Além disso, na área do lazer, infelizmente, a única coisa que encontro é a quadra da associação de moradores do JD Rosana, que oferece também aulas de computação e outros projetos, que precisam apenas de um patrocínio para ficarem ainda melhor. Eu mesmo tenho muito a agradecer à associação pelas oportunidades que ela me ajudou a descobrir e aproveitar.

Em relação a este projeto, antes eu não tinha nenhuma noção de quais eram os meus direitos, mas hoje, tenho uma visão mais clara sobre alguns problemas enfrentados por minha comunidade, como a falta de segurança, de emprego, de educação, de lazer etc. Daqui para frente, pretendo colaborar para a conscientização da comunidade sobre seus direitos, ensinando um jeito novo de observar, o que um dia já foi observado mas não com a atenção necessária, para que, assim, possamos ter uma vida digna no futuro.

Agradeço à minha mãe por todo o esforço, que eu acho que não foi em vão e quero fazer jus ao que ela me fez.

Se algum dia um amigo lhe fizer algum mal,

Escreva na areia para que o vento,

Ou a água do mar possa apagar,

E se algum dia ele lhe fizer alguma coisa boa,

Escreva na pedra para que jamais alguém possa apagar.

Falando sobre minha infância, logo quando nasci enfrentei alguns problemas, porque nasci muito magro e com problemas de saúde que me fizeram ficar dois meses internado, mas consegui me recuperar rapidamente. Mas, logo em seguida, tive uma pneumonia que me obrigou a ficar mais duas semanas internado.

Superados esses problemas, minha infância foi super legal. Mas, na adolescência, com 15 anos de idade, no ano de 2000, perdi duas pessoas que foram os meus melhores amigos. Primeiro foi o Jefferson, que na época tinha 16 anos, que morreu tentando assaltar um supermercado aqui da região. Depois, foi o André, perseguido por policiais civis, morreu tristemente com um tiro na cabeça. Esses foram os dois tristes fatos que marcam minha adolescência.

No momento, estou no primeiro ano do segundo grau e estou participando do projeto Observatório dos Direitos Humanos. O que mais gosto de fazer nas minhas horas de lazer é bater um "fut" e jogar vídeo-game. E o que eu mais gosto de fazer na vida, como a maioria dos jovens, é jogar futebol. Sou um CORINTHIANO roxo e jogo no time de futsal da Associação



de Moradores do Jardim Rosana, que oferece vários projetos para o bairro, como o curso de computação gratuito, aula de judô, escolinha de futsal, entre outros.

Agora, falando dos direitos humanos, eu acredito que se todos nós trabalharmos juntos, teremos uma sociedade civilizada, com um alto nível de educação e com pessoas sabendo lidar com seus direitos para terem uma vida digna. Em relação

ao projeto, eu pessoalmente gostaria de ficar um pouco mais para poder ver o fruto desse nosso trabalho. Mas, independentemente disso, acredito que, depois dessa experiência, poderei ajudar a minha comunidade a lutar por seus direitos.

Obrigado pela sua atenção e, se você for um homem, um abraço, se for mulher, um beijo de uma pessoa que, independente da situação, procura estar sempre muito alegre. FUI.

ANNE DENISE DA COSTA

Oi, meu nome é Anne Denise da Costa, tenho 17 anos. Nasci no dia 20 de setembro de 1985, às 21h10min no hospital e Pronto Socorro Santa Marta, na região de Santo Amaro.

Sou filha de Antonio Costa, 49 anos, natural de Ribeirópolis, Sergipe, e Luzinete da Costa, 46 anos, natural de Teixeira, na Paraíba. Meu pai não concluiu o ensino fundamental e, desde jovem, trabalha como marceneiro. Já minha mãe, hoje em dia, estuda para aprender ler e escrever, pois quando morava na Paraíba ela não estudou e, embora ela tenha chegado a estudar um ou dois anos aqui em São Paulo, não foi o suficiente. Ela trabalha como faxineira num edifício há quase 10 anos.

Tenho dois irmãos. O mais novo se chama Anderson Fernando da Costa, tem 19 anos, está no último ano do ensino médio e trabalha como balconista em uma farmácia que fica no Shopping Ibirapuera. A outra é a Fernanda Cláudia da Costa, tem 26 anos, concluiu o ensino médio e está no primeiro ano da faculdade de Administração de Empresas. Ela trabalha em uma loja de acessórios para casa desde os 18 anos, na qual começou como caixa e, hoje, atua como sub-gerente. Os dois moram comigo e a minha mãe, são solteiros e só minha irmã está namorando.

Após, o meu nascimento fui direto para a casa onde meus pais moravam, no bairro do Jardim São Luiz, aqui na zona sul de São Paulo. Essa casa era alugada, tinha dois cômodos e ficava num quintal onde havia outras casas.

A minha infância foi tranquila, apesar de algumas dificuldades que a minha mãe passou. Ela veio para São Paulo nova, aos 16 anos, e aqui conheceu um homem por quem se apaixonou. Quando minha mãe estava grávida de 9 meses da minha irmã, ela foi abandonada, e foi aí que surgiu o meu pai que se tornou também pai da minha irmã. O meu pai sempre bebeu, desde que minha mãe o conheceu sempre foi assim. Apesar disso, até antes de eu nascer, os dois se davam bem, mas, alguns anos após o meu nascimento, a convivência estava se tornando cada vez mais difícil em casa. A bebida estragou tudo! Quando eu era pequena, 2 ou 3 anos, nós chegamos a passar necessidade, às vezes faltava até o que comer e tudo por causa da bebida.

Passado um tempo, minha mãe não agüentou mais e decidiu procurar trabalho. Conseguiu emprego como empregada doméstica em uma casa no bairro, de onde saiu para outro emprego, num edifício, onde conseguiu o dinheiro para comprar o terreno em que moramos hoje. Passaram-se mais 7 anos e meus pais, enfim, se separaram. Fiquei aliviada, pois, apesar do meu pai gostar muito de mim, ele sempre foi muito grosso, nunca foi de conversa e arrumava muitas intrigas em casa e na rua.

Mesmo com a separação, meu pai continua morando perto da gente e, por isso, me controla. Tudo o que acontece, mi-

nha mãe e meus irmãos contam pra ele e, como ele tem muito ciúme de mim, quer me comandar.

Aqui em casa todos trabalham, mas a minha mãe é a principal no sustento da casa. A minha irmã recebe para pagar a faculdade, meu irmão gasta com um fusca velho que ele tem e, de vez em quando, paga algumas contas e faz compras para casa. Quanto a mim, gasto meu dinheiro comigo, o que já uma forma de ajudar.

Falando um pouco de mim, tenho 1,60m de altura, sou morena clara, sou magra (peso 47 quilos) e tenho os cabelos lisos castanhos. Estou cursando o 2º ano do ensino médio em uma escola perto da minha casa chamada Moacyr de Castro Ferraz, que, pelo que falam e eu como aluna comprovo, é uma das melhores escolas públicas da região. Os professores são gentis, se preocupam com a gente, aconselham e incentivam os alunos a estudar. A direção procura também manter o contato direto com os alunos, além de incentivar alguns eventos culturais. Há pouco tempo, fomos assistir à peça de teatro "O Cortiço", que foi muito interessante. A escola não é perfeita, porém, para quem quer, ela oferece oportunidades. Mas sempre há "uma maçã podre" no meio das outras e existem aqueles alunos que não querem nada com nada.

Aqui no bairro não temos grandes centros culturais, mas temos uma biblioteca. Apesar disso, acontecem alguns eventos culturais na praça do Campo Limpo, bairro próximo. Acho que quem quer cultura basta ir atrás.

No ano passado, eu tive o privilégio de participar de um projeto muito interessante chamado "Conhecer para Transformar", dirigido pelo CEMPEC (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação Cultural e Ação Comunitária). Participaram do projeto mais de vinte jovens, todos com o mesmo intuito: aprender. Recebíamos uma bolsa de R\$ 55 mensais e participávamos de oficinas sobre formação de pesquisador, cidadania, informática, fotografia e planejamento de projetos. Fizemos uma pesquisa quantitativa por todo o Jardim Rosana, levantamos dados sobre vários temas, como cultura, lazer, saúde, habitação etc. Depois, fotografamos todo o bairro e, no final, fizemos uma grande apresentação e uma exposição. Esse projeto me fez crescer intelectualmente, foi uma boa experiência que, com certeza, guardarei por toda vida.

Um pouco depois desse projeto, quando ainda tinha 15 anos, eu comecei a trabalhar em uma mini padaria pertinho da minha casa. No início, meus pais foram contra, pois lá só iria ter eu de mulher, mas fui contra a vontade deles e, no final, acabaram aceitando. Nesse emprego, adquiri muita experiência, apesar do pouco tempo em que fiquei lá, apenas três meses. Eu ia dormir à meia noite, acordava às 5hs e ficava lá até às 14hs,

sem almoçar, só com o café da manhã, tanto que até fiquei com problemas de estômago. Além disso, precisava cuidar da casa e me preocupar com a escola. Saí de lá em novembro do ano passado, fiquei alguns meses em casa, mas depois comecei a procurar emprego e não achei. Foi então que, por intermédio da Associação de Moradores, fui chamada para participar do Observatório de Direitos Humanos.

Antes de me tornar uma observadora, não sabia exatamente o que significava direitos humanos. Sabia apenas que são os direitos que os homens têm perante a lei e a sociedade, mas não sabia que abrangiam tantas coisas. Hoje, vejo os direitos humanos como um tema muito importante a ser defendido, e, na minha opinião, nós, observadores, temos os nossos direitos mais contemplados que os outros, pois, ao menos, temos a oportunidade de conhecê-los.

Eu mais do que nunca estou super feliz com esse trabalho, a cada dia vejo coisas novas. É muito legal trocar idéias com pessoas de outras comunidades e de outras cidades e descobrir que elas enfrentam problemas parecidos. Essa é uma oportunidade única, pois todos nós pensamos diferente e, por isso, quando essas idéias se misturam formamos uma opinião completa e podemos nos ajudar.

Gostaria de deixar registrado um trecho de uma música:

“ Todos juntos somos fortes,/ Somos flecha e somos arco,/ Todos nós no mesmo barco, / Não há nada a temer/ Ao meu lado há um amigo que é preciso proteger” .

Hoje em dia, tenho muitos planos para o futuro para aproveitar o que tenho aprendido no Observatório. Acho que é essencial passar para o próximo o que aprendemos, pois são muitas informações que, certamente, são úteis para muitas pessoas.

Quanto às minhas horas livres, gosto de assistir TV, ouvir radio, escutar CD e sou fã do cantor Leonardo, acho ele demais. Adoro namorar, como todo mundo. Meu namorado se chama Tiago, tem 18 anos, mas a gente se vê muito pouco. Também adoro dançar axé, forró, samba e mais o que vier. Curto muito cinema, teatro, shows, pena que não dá pra ir em todos.

Como toda garota, tenho sonhos. Pretendo fazer faculdade de veterinária, pois adoro animais. No ano que vem, gostaria de fazer a formatura do 3º colegial, espero que consiga.

Ah! Não poderia deixar de contar a minha paixão pela carreira de modelo e atriz. Desde a passagem da minha infância para a adolescência penso nisso e o que quero mesmo é ser modelo fotográfico e aparecer em comerciais. Mas, enquanto isso, pretendo fazer um curso de teatro profissional.

Um abraço a todos e até logo.

DANIELA MARIANO

Oi, meu nome é Daniela Mariano. Tenho 22 anos, sou casada há sete e tenho 3 filhos, Etiely, Wesley, Riquelmi. Sou filha de Maria de Lourdes Nunes e de Luiz Mariano (em memória), e tenho 6 irmãos.

Moro no Jardim Rosana, zona sul de São Paulo, desde que nasci. Minha infância nesse bairro foi muito legal, tenho boas lembranças. Por exemplo, minha mãe fazia e faz de tudo para agradar seus filhos e, em tempos de festa, nunca deixava de nos dar algum presente. Tantos natais que tenho gravados em minha mente!

Apesar da situação ser difícil, nunca me faltou nada. Meus pais trabalhavam e nós ficávamos com a nossa irmã mais velha, a Keller. Ela era muito rígida, batia na gente por qualquer coisa, por isso, quando minha mãe chegava do trabalho era aquela festa.

Me lembro que adorava brincar no quintal e na horta do meu avô. Depois de brincar muito, veio o tempo da escola. Sempre estudei na escola “Messias Freire”, de onde tenho muitas lembranças. Quando eu estava na 2ª série, lembro que minha professora era um pouco chata e brava, por isso comecei a faltar e acabei repetindo aquele ano. Por ironia do destino, cai com a mesma professora na 3ª série. Dessa vez, ela disse que só seria chata com quem fizesse bagunça, eu, então, comecei a estudar e passei de ano.

O tempo foi passando e a série que eu gostei mais foi a 5ª série. Tive uma grande amiga que se chamava Ires, que faz um bom tempo que não vejo. Adorava aquela escola pois tudo era bem organizado.

Aos 16 anos, eu estava na 8ª série e namorava há um ano. Pretendia trabalhar naquele ano, mas não consegui. Em fevereiro, engravidei da minha primeira filha, a Etiely. Por imaturida-

de, eu sofri muito, pois não estava preparada para ser mãe. Eu chorava igual criança por qualquer motivo, mas, na graça de Deus, tive o apoio do meu namorado, que hoje é o meu marido. Quando o meu segundo filho nasceu, o Wesley, eu fui morar na zona leste, no Tatuapé. Não gostava de morar lá, pois é um bairro que tem muitos riquinhos, além disso, não via ninguém na rua, o comércio ficava longe de casa e as pessoas eram muito metidas. A única vantagem de morar lá era que eu não ouvia barulho de tiros. Quando nasceu meu terceiro filho, o Riquelmi, fazia 6 meses que tinha voltado a morar no Jardim Rosana.

Hoje, moro com a minha mãe e ajudo nas despesas da casa. O que mais gosto de fazer é levar os meus filhos para passear e assistir televisão. Minha família inteira torce pelo time do São Paulo.

Apesar de ter atrasado um pouco minha vida, a melhor coisa que me aconteceu foi o nascimento dos meus filhos. Desde a minha primeira gravidez, parei um pouco no tempo e hoje, com o projeto Observatório de Direitos Humanos, estou conhecendo outras pessoas e o mais importante, estou trabalhando e evoluindo um pouco.

Estou há cinco anos fora da escola, mas o meu ideal é voltar a estudar e me profissionalizar para dar o melhor para os meus filhos. Além disso, pretendo ter um bom diálogo com eles, para que não cometam os mesmos erros que cometi.

Eu gosto do meu bairro. Na minha opinião, é um dos melhores bairros para se morar porque tem moradores legais, cada um na sua. Tem também a associação de moradores que dá oportunidade aos jovens, além disso, temos várias opções de comércio, tudo perto.



Onde Estamos?

O Jardim Rosana se localiza na zona sul da cidade de São Paulo. O nome do bairro é uma referência à filha de um antigo proprietário do terreno, conhecido como Boró, que possuía uma olaria onde, atualmente, fica o Jardim Rosana. Esta olaria fornecia tijolos e blocos para as construções no centro da cidade e, com a morte de Boró, sua filha passou a administrar os negócios. Com o passar do tempo, os compradores, quando queriam se referir à olaria de Boró, diziam: “Vamos comprar na olaria de Rosana”, e assim foi surgindo o nome do bairro.

O bairro começou a ser povoado por volta de 1957 e, antigamente, na rua Reverendo Peixoto da Silva passava um rio de água limpa e pura que vinha de uma bica, exatamente onde hoje está a quadra da associação do bairro. Hoje, essa rua está asfaltada, mas existem bueiros abertos que fazem com que se formem poças nas sarjetas além de ser um perigo para as pessoas que transitam por ali. Em outras ruas, existe lixo jogado pelos próprios moradores, o que causa vários transtornos.

Mas, não podemos esquecer o lado bom, temos canteiros com flores e árvores, as calçadas são pintadas e a avenida principal, Carlos Lacerda, acabou de ser reformada e nela foram instalados semáforos e lombadas.

A maioria das casas são de tijolos, são bem conservadas e a maior parte das pessoas possuem casa própria.

O comércio é bem diversificado, temos opções de escolha em tudo que queremos. Temos uma feira maravilhosa onde podemos encontrar de tudo, como frutas, peixes e muitas coisas mais.

As pessoas do bairro, na maioria trabalham em regiões próximas, como o Campo Limpo, Santo Amaro e Pinheiros. No geral, os moradores são bem solidários, mas há alguns que adoram se meter nos assuntos dos outros, por isso, algumas vezes acontecem problemas.

A coleta de lixo é feita de dois em dois dias, no período noturno, mas às vezes os garis vem e dão uma limpadinha.

Não temos postos de saúde no Jardim Rosana, mas temos acesso aos postos nos bairros vizinhos, a cerca de 20 minutos daqui. No geral, o atendimento não é bom, pois muitas vezes faltam médicos e as consultas têm de ser marcadas com um mês de antecedência. Já o hospital mais próximo é o hospital Campo Limpo, que fica a 50 minutos daqui, dependendo do transporte. As ambulâncias só funcionam em caso de urgência extrema, pois existem poucas para suprir toda a demanda da região. Em compensação, o Resgate do Corpo de Bombeiros, que é responsável pelo atendimento em acidentes de trânsito e outros casos graves, é muito bom e eficiente. A comunidade dispõe também do programa Saúde da Família.

Na área da educação, a região Jardim Rosana não possui nenhuma escola estadual nem municipal, por isso, os moradores daqui utilizam escolas de bairros vizinhos, como a escola municipal de ensino fundamental Levy de Azevedo Sodré, que se localiza no Vale das Virtudes e o colégio Messias Freire, de ensino fundamental e médio, que se localiza no JD. Leônidas, entre outras. Temos apenas uma creche dentro do nosso bairro e outra no bairro vizinho, a 25 minutos daqui. Temos também uma E.M.E.I (Escola Municipal de Ensino Infantil), no Vale das Virtudes, e uma escola particular.

A delegacia mais próxima ao Jardim Rosana fica, mais ou menos, à 35 minutos. Não temos posto policial, mas temos, de vez em quando, a base móvel. Atualmente, não sabemos se por causa das eleições, o número de policiais aumentou bastante.

Para o lazer, temos a quadra da associação, que está no centro do bairro. Nas proximidades temos o parque “Santo Dias” e a praça do Campo Limpo, onde são desenvolvidos eventos como o Projeto 50 horas que tem a finalidade de promover oficinas de canto hip hop, artesanato, baile da terceira idade, quadras e palcos para grandes eventos. Há também pessoas que preferem passear no shopping, mas o mais próximo fica a 40 minutos daqui.

Temos centros religiosos no bairro de todas as religiões, mas a que mais atrai fiéis é a católica. Todas ajudam a sociedade, embora a católica se sobressaia.

Independentemente de todos os problemas e qualidades, gostamos do nosso bairro.



ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO JARDIM ROSANA

Associação de Moradores do Jardim Rosana Jardim Rosana foi fundada em 31 de março de 1989 por jovens da Paroquia Santa Isabel, que já atuavam na comunidade. Com a arrecadação de verbas feitas através de festas, bazares e bingos, foi construída a sede que hoje possui uma quadra poliesportiva. Desde então, a entidade vem buscando atender às demandas de pavimentação, semáforo, creches, lazer e cultura trazidos pela comunidade.

A entidade tem por objetivo favorecer a área social e esportiva na comunidade, como também identificar necessidades na área cultural e educacional. Para tal, busca encaminhar pessoas da comunidade para outros núcleos que possam suprir estas demandas.

Através dos projetos realizados pela Associação dos Moradores do Jardim Rosana, acreditamos estar favorecendo as áreas do direito ao lazer, à cultura, à informação e à formação de cidadãos, e principalmente o direito a expressão.

A sede atualmente possui uma sala para escritório, lanchonete, sala para reuniões, vestiários, uma sala destinada ao projeto sampa.org/telecentro da prefeitura, banheiros, sala de troféus, uma quadra poliesportiva, 10 computadores em contrato de comodato, e um computador doado pelo Fundo Social.

Os Projetos já realizados pela associação foram: “Alegria, Sim, Violência, Não”; e outros realizados em parceria, como: “Projeto Sampa.org”; “Observatório de Direitos Humanos”; projeto Centro Nacional de Formação Comunitária (CENAFOCO); “Conhecer para Transformar”; “Economia Solidária”; “Gestão e Planejamento” e “Informática é cidadania”.



Jardim Rosana e o Direito à Saúde

O grupo do Jd. Rosana identificou a Saúde como um dos maiores problemas enfrentados pelos moradores do bairro. Em nossas conversas, identificamos que os principais equipamentos de saúde utilizados pelos moradores do Jd. Rosana são: Posto de Saúde CS – 2 (mais conhecido como “Arrastão”); Posto de Saúde do Jardim Marcelo; Posto de Saúde do Jardim Macedônia e o Hospital Campo Limpo. Além disso há na região um Centro de Referência em doenças sexualmente transmissíveis e Aids que fica no Jardim Mitsutani.

Contudo, apesar do Jd. Rosana estar numa área onde existem vários equipamentos públicos de saúde, os serviços por eles prestados se mostraram abaixo da expectativa de vários dos moradores com quem conversamos. O Hospital Campo Limpo é sobrecarregado com o atendimento de vários dos mais populosos distritos da Zona Sul de São Paulo, como Campo Limpo, Jardim São Luis, Jardim Ângela e o Capão Redondo. Por esses motivos, nossa abordagem se concentra principalmente nas dificuldades decorrentes da *capacidade de atendimento* e da *qualidade dos atendimentos* prestados aos moradores do Jardim Rosana.

CAPACIDADE DE ATENDIMENTO

Apesar de haver vários serviços de saúde razoavelmente próximos ao Jd. Rosana, muitas vezes não garantem que os atendimentos procurados sempre estarão disponíveis. Conversando com algumas pessoas que trabalham nesses locais, descobrimos que, em parte, isto acontece porque o Hospital de Campo Limpo e os postos próximos ao Jd. Rosana têm de atender toda a região de Campo Limpo e arredores, tendo somente Campo Limpo cerca de 162 mil habitantes, número muito superior à capacidade de atendimento de todo o sistema de saúde da região.

Assim, a grande demanda por atendimento médico existente nos postos de saúde e no hospital da região se traduzem em grandes filas ou longas esperas por um atendimento, de semanas a meses, dependendo da especialidade procurada. Tais fatos acabam causando grandes transtornos à população. Exemplo disso foi o que nos contou uma das moradoras do bairro que, para garantir seu atendimento, tinha de sair às 4 horas da manhã de sua residência.

Outra moradora disse que para marcar consulta teve de aguardar vários meses e, após passar pelo atendimento médico, ainda teve de esperar mais cinco meses para a realização da cirurgia à qual ela havia sido encaminhada.

“Mesmo com o encaminhamento fiquei quatro meses esperando. Consegui marcar uma consulta com o clínico geral que faria o encaminhamento ao Cirurgião Plástico. Nesse mês não havia vagas, então a cirurgia foi marcada para o mês seguinte.” (moradora)

Se as consultas médicas são de difícil realização, o problema se torna ainda mais grave quando se depende de atendi-

mento hospitalar. Isso porque, diferentemente dos Postos de Saúde que existem em maior número, na região há somente um hospital público, o Hospital do Campo Limpo.

A grande demanda por atendimento teria motivado uma reforma desse hospital, conforme entrevista de uma funcionária:

“Atendemos às áreas de abrangência, que são as obrigatórias: são Campo Limpo, Jardim São Luiz e Vila das Belezas. As áreas de influências são várias: Itapeverica da Serra, Taboão da Serra, Capão Redondo, Jardim Ângela, Grajaú e outros bairros menores da região.”

“O número de pessoas é muito alto. Por sermos o único hospital da região, temos sempre problemas com a superlotação. Mas reformas foram feitas para tentarmos contornar essa situação.” (funcionária do Hospital Campo Limpo)

Essa mesma funcionária contou que para se tentar atender a população de todos esses bairros com os recursos que dispõe, o hospital do Campo Limpo tem funcionado no limite de sua capacidade. Para nos exemplificar, ela deu os seguintes números:

“A média mensal de atendimento é de 1.486 internações, com 301 leitos operacionais; 332 cirurgias, 322 partos, 15.000 atendimentos no pronto-socorro, 4.580 atendimentos nos ambulatórios de especialidades. O atendimento por dia no pronto-socorro oscila em 700 a 1.200 pessoas, que é a capacidade total do hospital.” (funcionária do hospital Campo Limpo)

Contudo, nem sempre essa quantidade de atendimentos se mostrou adequada para as condições do local. Segundo o relato de um dos moradores do bairro, houve situações que, para se dar conta de tantos atendimentos, o hospital foi obrigado a improvisar alguns espaços.

“No pronto-socorro a fila é enorme e a situação é precária; os corredores, no limite, são feitos de leito.”

Para se tentar evitar as grandes filas e a falta de vagas, causadas pela grande quantidade de pessoas que procuram o hospital do Campo Limpo, alguns moradores buscam atendimento em outros hospitais da rede pública. Mas nem sempre se buscar hospitais públicos de outras regiões da cidade garantem o atendimento. Vejamos o que aconteceu com uma de nossas entrevistadas:

“Moro aqui no Jardim Vale das Virtudes, região próxima a Itapeverica e sempre me consultei no Hospital São Paulo. No dia 18 de abril fui ao Hospital São Paulo, como já fazia de costume, mas ao passar no clínico-geral ele me encaminhou para o hospital Campo Limpo

e disse que eu não morava na região e não poderia me consultar lá. O médico alegou que tal procedimento era ordem da prefeitura.”

Observamos, ainda, que a dificuldade em encontrar atendimento médico leva as pessoas a procurarem outras alternativas de resolução para seu problema, que nem sempre são as mais adequadas e seguras. Sobre isso, vejamos o seguinte depoimento:

“Quando fiquei doente, uma gripe muito forte, fui me consultar numa farmácia próxima a minha casa. Nessa farmácia eu tomei uma injeção de eucalipto e logo depois dessa injeção apareceu o caroço, que crescia à medida que o remédio agia. Depois de alguns dias, voltei à farmácia e mostrei à enfermeira o caroço. Ela falou para eu fazer compressa, mas de nada adiantou. Deixei pra lá e agora, depois de muito tempo, fui me consultar.”

Ao nosso ver, casos como esse talvez não acontecessem com tanta frequência se não fosse tão trabalhoso e demorado se conseguir consultas, encaminhamentos e acompanhamentos médicos. Dessa forma, a própria falta de capacidade para a realização adequada de atendimentos e tratamentos e, principalmente, com rapidez, acaba criando ou mesmo fomentando problemas mais sérios para o sistema de saúde, que já anda tão sobrecarregado.

QUALIDADE DO ATENDIMENTO

Com essa sobrecarga de pacientes, seria difícil manter a qualidade nos serviços que são oferecidos aos moradores, alvo de muitos comentários das pessoas entrevistadas na comunidade. Alguns atribuíram a esses problemas o agravamento do seu estado de saúde.

O tempo de espera, a falta de médicos, e a dificuldade para realização dos exames solicitados, por inexistência dos aparelhos necessários ou pela precariedade daqueles que o hospital possui, foram apontados por muitos entrevistados como os principais pontos negativos na qualidade de atendimento prestado. O relato abaixo serve para exemplificar essa situação:

“Eu estava com uma forte dor de barriga e minha mãe me levou ao hospital, que custou a me atender, e depois que passei com o médico ele me deixou em observação, sem fazer nenhum exame. Não fiz nenhum exame porque o hospital não tinha aparelhos, (...).”

Além dos problemas associados à falta de equipamentos nos postos e hospitais, observamos também, em alguns casos, que já o primeiro atendimento na recepção é motivo de problemas. No relato de uma jovem moradora, a insistência da atendente em registrar equivocadamente os motivos da internação causou transtornos para a paciente e sua mãe:

“Quando tive minha primeira menstruação, meu corpo não estava preparado e tive uma hemorragia muito forte, que durou todo o

fim de semana. Na segunda-feira, minha mãe me levou ao hospital mais próximo da nossa casa. Saímos de casa às 9 horas da manhã, estávamos muito assustadas. Chegando lá, tinha aquela fila enorme na entrada do hospital. Como eu não podia esperar, pois a hemorragia continuava muito forte, minha mãe conversou com o guarda e só assim passamos, indo direto para a recepção.

Na recepção minha mãe explicou o que tinha acontecido comigo e a recepcionista escreveu normalmente. Quando a minha mãe pegou a ficha nas mãos, estava escrito que eu estava abortando e minha mãe ficou louca, porque de jeito nenhum ela havia dito aquilo. Aí a mulher disse que foi erro do computador e fez outra ficha.

Fomos direto à ginecologista, que pediu para eu tirar a roupa e deitar na cama, enquanto pegou um ferro enorme dizendo que ia tirar o resto do bebê. Saí correndo e gritando para perto de minha mãe que começou a reclamar. A médica ligou para a recepção e mandou a recepcionista para a diretoria. Se eu estivesse sozinha, poderia ter acontecido um desastre.”

Na discussão desse caso pelo grupo, foi considerada a possibilidade de que o procedimento de levantar algumas informações sobre as condições do paciente talvez fosse uma tentativa de agilizar os atendimentos médicos, pois, como mostra o próprio relato, havia uma enorme fila na frente do hospital. Contudo, o que também chamou a atenção foi o fato de essa médica não ter examinado e nem confirmado o diagnóstico apresentado, apenas disse que retiraria o feto presumido pela recepcionista. Tal atitude precipitada não apenas quase submeteu a paciente a um procedimento médico desnecessário para o seu caso, como também lhe causou um sério constrangimento.

Muitas outras pessoas que entrevistamos também se queixaram de, em algumas consultas, os médicos quase nem olharem para o paciente e muito menos buscarem, através dele, outras informações que auxiliem o seu diagnóstico. Como resultado, muitas vezes descrevem tratamentos inadequados. A respeito disso, vejamos o seguinte caso:

“Fui no hospital público passar no clínico-geral, pois é o que trata de quase tudo por lá. Eu estava com umas pintinhas por todo o corpo, que coçavam muito. O médico olhou e logo falou que eu estava com sarna e, na mesma hora, eu falei que não podia ser, pois eu não tenho animais em casa. Ele me disse que eu poderia ter pego na rua em algum lugar que sentei.

Ele não fez nenhum exame e já foi me receitando dois remédios, um era um tipo de vitamina e o outro era um sabonete para tomar banho diariamente. Voltei para casa meio duvidosa, mas tudo bem. Comecei a tomar os remédios, e de nada adiantou, só me fizeram



mal. Fiquei com o rosto todo inchado e as pintinhas aumentaram, então resolvi procurar um outro médico.

Nessa época, morava com minha tia, então liguei para minha mãe e marquei uma consulta pelo convênio dela, que fica em Santo Amaro. Fui consultar com o clínico-geral e ele me passou outro diagnóstico. Perguntou o que eu havia comido nos últimos dias, e respondi chocolate. Então, o médico constatou alergia ao chocolate. Ele me indicou remédio para alergia e que eu não comesse mais chocolate. Só assim meu problema foi resolvido.”

No caso acima, o que chama atenção é o tratamento prescrito pelo primeiro médico, para sarna, quando, como constatou o segundo médico, se tratava de uma alergia alimentar. Note-se que na segunda consulta o médico, a partir de poucas perguntas à paciente, fez seu diagnóstico corretamente. Mesmo que o médico não sinta a necessidade de interrogar o paciente, a ausência de diálogo nas consultas médicas causa sempre estranheza e gera grande desconfiança. Notamos que quando o médico ou a enfermeira estão mais disponíveis para ouvir seus pacientes, a relação de compromisso contribui com o próprio tratamento de saúde.

Além das dificuldades vividas no atendimento, outros pacientes, pelo contrário, elogiaram as atenções que receberam. Vejamos um exemplo:

“Minha mãe voltou comigo para casa e fomos para um outro hospital, que fica no Morumbi. Lá fui atendida imediatamente e quando constataram a crise me operaram na mesma hora. Os médicos foram muito legais. (...) A cirurgia correu muito bem, o hospital é bem limpo, a comida era gostosa e fiquei internada por quatro dias, nem parecia hospital público. Depois da cirurgia só apareci lá para tirar os pontos e foi tudo tranquilo.”

Na discussão desse caso, foi lembrado que a qualidade diferenciada desse atendimento talvez somente tenha ocorrido porque esse hospital está localizado numa das regiões mais nobres da cidade de São Paulo. Contudo, existem relatos demonstrando que na nossa região também é possível ter acesso a um atendimento público de boa qualidade. Assim como demonstram os casos abaixo:

“Fui bem-atendida, mesmo com todos os contratempos e demoras. Demorou mais valeu a pena, pois diferentemente do que muitos me disseram, o hospital Campo Limpo não é tão ruim assim, fiz a cirurgia no braço e está tudo bem, estou aqui em casa me recuperando. Fui muito bem-tratada.”

“Quem me levou para o hospital foi meu primo junto com a minha mãe e meu marido. Foi numa madrugada de quarta para quinta-feira. Cheguei lá às 3 da manhã e fui ganhar o

bebê às 4 horas e 45 minutos. Esse hospital é público mas é muito bom, os médicos foram legais e tive remédio de graça.”

Como se percebe nas falas dos entrevistados, as expectativas de se receber um bom atendimento são geralmente pequenas quando as pessoas se dirigem aos equipamentos públicos disponíveis. Mas, por vezes, essa visão se mostrou infundada. Pequenas mudanças no tratamento recebido e na organização do espaço físico são muito elogiadas pelos entrevistados, mesmo com dificuldades como a fila e as carências de espaço. Limpeza, abertura para o diálogo e oferecimento de informações detalhadas são aspectos que foram muito considerados nos elogios ao atendimento considerado bom.

Além desses casos, o grupo conheceu ainda iniciativas existentes na região que buscam garantir o direito à saúde. Uma dessas iniciativas é o Centro de Referência de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e Aids, no Jardim Mitsutani, bairro vizinho ao Jardim Rosana. Segundo depoimento de uma das funcionárias, esse centro conta com profissionais e os equipamentos necessários para se realizar os atendimentos. Vejamos o depoimento:

“Atendemos em torno de 40 pacientes por dia. Todos os médicos são infectologistas. Temos um ginecologista, um pediatra, um clínico e cinco infectologistas. Fora os enfermeiros, auxiliares, pessoal da limpeza e várias outras funções. Atendemos às regiões de Campo Limpo, M'Boi Mirim, Jardim Ângela, Capão Redondo. Nos outros bairros não existem esses serviços. Não temos nenhum problema, temos todos os medicamentos e equipamentos. Tratamos bem os pacientes, um bom atendimento é o começo de tudo. Até para ajudar no tratamento.”

Essa iniciativa foi considerada positiva porque acompanha com mais profundidade esses temas, não só pelas melhores condições que apresenta, mas pelo fato de estar especificamente voltada a problemas de saúde ligados à Aids e às doenças sexualmente transmissíveis. Além disso, evita as imensas aglomerações que se formam nos grandes hospitais que, segundo especialista, não apenas dificultam a organização como podem aumentar riscos de contágio no ambiente hospitalar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da observação realizada, parece que a grande demanda por serviços de saúde presente na comunidade do Jardim Rosana e de seus arredores não pode ser adequadamente suprida pelo Hospital do Campo Limpo e pelos postos de saúde que se localizam no entorno. Mesmo se considerarmos apenas as estatísticas, a relação do número de leitos para a população local é considerada insatisfatória segundo os parâmetros da Organização Mundial da Saúde (OMS). Portanto, é fundamental que a capacidade dos equipamentos públicos de saúde na região sejam ampliados.

Como ressaltamos também, nessas circunstâncias a qualidade do atendimento médico tem normalmente deixado a desejar. A insatisfação com o serviço, além de trazer ainda mais

transtornos para o paciente que por ele tanto aguardou, pode aumentar as demandas pelo próprio sistema de saúde devido a diagnósticos equivocados. Daí, a importância de iniciativas de atendimento mais cuidadoso, organizado e, como no caso do Centro de Referências sobre DST e Aids, mais especializado.

Se, no curto prazo, é difícil que se ampliem os espaços físi-

cos no atendimento, melhor organização e acesso adequado às informações sobre os serviços oferecidos já podem auxiliar os moradores que procuram ser atendidos.

QUESTÕES SOBRE O ACESSO À SAÚDE

Infelizmente, a situação encontrada pelo grupo do Jardim Rosana não é novidade nos diagnósticos sobre o acesso ao direito à saúde no Brasil. Primeiramente, podemos relacionar tal situação à crônica ausência de investimentos públicos no setor, o que só recentemente se tentou corrigir por meio da emenda constitucional que assegura parcelas do orçamento público ao setor.

Além disso, o modelo adotado no Brasil, que prevê a complementaridade entre os setores público e privado na oferta de serviços de saúde, alimenta as contradições de nossa sociedade: os segmentos sociais que mais poderiam contribuir na sustentação financeira do setor, pagam por serviços privados, e desresponsabilizam-se pela qualidade dos serviços públicos prestados ao restante da população.

Soma-se, ainda, na cidade de São Paulo, o seu crescimento desordenado e a ausência de planejamento na garantia dos direitos sociais, de forma que identificamos por toda a cidade a falta de equipamentos sociais nas suas regiões mais populosas. Sendo assim, apesar de até serem identificados serviços de saúde no Jardim Rosana, como comentado pelo grupo, sabemos, por exemplo, que o Hospital do Campo Limpo é insuficiente para assegurar os cuidados à saúde de uma população de 2 milhões de habitantes tal como ocorre atualmente.

Para completar a situação encontrada, percebemos pequena integração entre os serviços de saúde, numa condição em que unidades básicas de saúde não servem de apoio ao hospital, nem vice-versa, além de que há pequena responsabilização daquelas instituições em relação às situações vividas pela população em seu interior (o que causa imenso desconforto e desconfiança por parte da população em relação aos serviços públicos de saúde). Estes últimos aspectos podem vir a se transformar mais rapidamente com a implantação do Sistema Único de Saúde na cidade de São Paulo, já em relação aos demais aspectos as mudanças que podem ocorrer a curto prazo não parecem suficientes para mudar muito rapidamente o quadro encontrado pelo grupo.

Vale ressaltar, ainda, alguns últimos comentários:

- *somos levados a crer, em nossa sociedade, que a oferta de atendimento médico e de serviços hospitalares serão responsáveis pela melhoria dos cuidados com nossa saúde, enquanto, na verdade, há uma grande variedade de condições de vida, de profissionais e de modalidades de cuidados que podem impactar positivamente nossa qualidade de vida e nossa saúde, assim vale alertar o grupo de que deveria atentar mais para os cuidados com a saúde provenientes das unidades básicas de saúde — UBS (ou os “postos de saúde, como costumam ser chamadas as UBS) e do trabalho de outros profissionais de saúde, que não somente os médicos;*
- *outra importante questão é que a participação popular é um dos pilares básicos do Sistema Único de Saúde no país e que, portanto, a discussão desta avaliação local em relação ao direito à saúde da população do Jardim Rosana no âmbito dos Conselhos Gestores¹ das Unidades de Saúde aí citadas, bem como no Conselho Distrital² de Saúde deve ocorrer, de forma a propiciar a construção de soluções para os problemas aí identificados.*

Gabriela Calazans

Psicóloga, Mestre em Psicologia Social e Responsável pela Área Temática de Saúde do Adolescente e do Jovem da Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo

¹ Atualmente, todas as unidades de saúde devem ter um Conselho Gestor, com formação paritária entre usuários, gestores e trabalhadores da saúde, sua função é orientar a ação destas unidades.

² No início desta última gestão da Prefeitura de São Paulo, a cidade foi subdividida em 39 Distritos de Saúde para facilitar a gestão das políticas de saúde, adequando-as às necessidades locais. Cada DS equivale a uma cidade de aproximadamente 300 mil habitantes. Cada DS tem um Conselho Gestor das Políticas de Saúde, mantendo, tal qual no Conselho Municipal da Saúde e nos Conselhos Gestores das Unidades, a formação paritária entre usuários, trabalhadores e gestores.



SÃO PAULO

SAPOPEMBA



Quem Somos?

CARLOS ALBERTO RIBEIRO

Olá! Meu nome é Carlos Alberto Ribeiro, tenho 20 anos e estou na quinta série do supletivo. O motivo de estar atrasado nos estudos eu explicarei mais adiante.

Bom, a minha estória começa na época do disco de vinil, brincadeira...

Em 10 de julho de 1981, eu vim ao mundo. Minha família não era estruturada em nada. Minha mãe, Sônia Ribeiro, não esperava ter outro filho (pois eu tenho um irmão mais velho que se chama Heberson e é filho do primeiro marido de minha mãe). Eu não tinha nem muitas, nem boas roupas e fui criado com cinco fraldas de pano que uma tia deu à minha mãe. Meu pai se chama José Tadeu Casiovaski da Silva. No começo, ele disse que se acostumaria facilmente comigo, mas ele não conviveu muito comigo.

Meu pai não trabalhava e gostava muito de ficar com os amigos. Por esse motivo, minha mãe e ele já brigaram muito. Uma briga que eu acho que devo mencionar: um dia, meu pai chegou em casa mais ou menos às 6hs da tarde e, por esse motivo, minha mãe reclamou, mas ela não sabia que ele estava usando maconha. Então, começou uma confusão. Meu avô, José Daniel, chegou alcoolizado e se pôs na briga. Meu pai, que estava dopado, não estava nem aí e meu avô pegou uma foice e foi para cima dele, mas, graças a Deus, ele conseguiu escapar a tempo. Depois disso, meu pai nunca mais usou maconha.

Aos seis anos, eu já conhecia o lugar onde morava (o Parque Santa Madalena, aqui em São Paulo). Era em um morro e eu adorava descê-lo e ficar brincando sozinho entre os matos, onde eu me sentia muito feliz e à vontade para fazer o que quisesse e quando quisesse. Muitas vezes, minha mãe se surpreendeu comigo brincando com os mais diversos tipos de animais, entre eles um passarinho João de barro, marimbondos, camundongos do mato, galinhas d'água, lagartos e até uma cobra, que hoje eu julgo que era cobra d'água, já que não me mordida nunca e aparecia várias vezes na semana.

Pouco tempo depois, essa área onde nós morávamos foi considerada de risco. Já havia ocorrido vários desmoronamentos por lá, inclusive um bem na frente da minha casa, o que quase a derrubou morro abaixo. Então, tivemos que nos mudar (e que mudança!) e sair do morro.

Fomos para casa de uns conhecidos que nos acolheram, mas não podíamos ficar lá para sempre, por isso, minha mãe começou a correr atrás de uma casa na prefeitura. Depois de uns 40 dias de muita insistência, a prefeitura acabou cedendo um barraco no qual logo fomos morar. A casa ficava fora do barranco, na Viela dos Tigrões. Era pequena e humilde, feita de madeira e tinha as telhas vermelhas, feitas de barro. Tinha também uma mangueira (um pé de manga) que passou a fazer parte da minha vidinha.

Como nenhum sonho dura eternamente, essa casa era cheia de ratos que, muitas vezes, me morderam e aos meus irmãos, Nanci e Jeferson. Eu queria saber o motivo dos ratos estarem ali, se era por causa dos matos atrás de casa ou se era por causa das casas próximas. Pulei a cerca dos fundos de casa e descobri que mais para baixo tinha um lixão bem grande, que foi surgindo porque as pessoas que moravam atrás de nós jogavam lixo morro abaixo. Por causa desse bendito rato, meu pai construiu a primeira espingarda e eu me lembro dele pintando a arma.

Essa espingarda ficou em casa por nove meses até que aconteceu algo. Um homem, que era mudo, levou um facão para matar a minha vizinha, mas minha mãe e minha tia interferiram, minha tia com um facão e minha mãe com a espingarda. O cara, claro, foi embora aos trancos, sem nem sequer olhar para trás. Mesmo assim, alguém chamou a polícia que levou a bendita arma embora.

Eu comecei a estudar no prézinho com 6 anos e meio. Nesse tempo, minha mãe estava grávida e meu pai começou a trabalhar como de pintor, mas, também, começou a beber e muito. Chegou várias vezes em casa tombando e batia na minha mãe, chegando até a quebrar o braço dela uma vez. Eu não podia fazer nada, não tinha nem sete anos e ele não se importava de brigar na minha frente. Foram poucas as vezes que eu levei uma surra, mas todas que levei deixaram marcas ou vergões. Um dia, minha tia Lucimara me levou para um beco atrás de casa e eu descobri que ela cheirava cola. Estava ela e uma amiga cheirando, doidonas, e ela me ofereceu cola. Eu disse que não queria e, então, ela me obrigou, colocando a cola no meu rosto e me fazendo cheirar. Com dois suspiros eu me senti tão mal que minha cabeça rodava e eu comecei a ter alucinações. Chegando em casa, eu contei para a minha mãe o que havia ocorrido. Ela ficou uma fera, pegou minha tia, que tinha 14 anos nesse tempo, e deu uma surra nela e na amiga dela. Minha mãe pegou um pedaço de pau e sujou elas todinhas de cola, mas, mesmo assim, minha tia não parou de cheirar e, como consequência, ela passou para drogas maiores.

Certa vez, ela me levou para o centro da cidade de São Paulo, na praça da Sé, para me mostrar como era. Logo de cara, eu conheci um senhor barbudo que dormia na rua e ficava sempre sujo. Ela o chamava de "pai de rua" e queria que eu também o chamasse assim. Como eu não o conhecia, eu não chamei e, é óbvio, nenhum dos dois gostou. Ela me ameaçou dizendo que se eu não fizesse o que ela queria, eu ficaria no centro da cidade sozinho. Então, eu tive que chamar um estranho de pai. Nesse dia cheguei muito tarde em casa e nunca mais fui na cidade com ela. Mais pra frente, falarei o que aconteceu com minha tia.

Bom, a hora de mais uma mudança chegou. Minha avó



Aparecida, morava na rua Icaririba (a uns 1.200 metros de onde eu morava). Onde minha avó morava não era favela e, até então, eu e minha família morávamos em uma favela. Houve, então, um acordo entre minha avó, meu pai e minha mãe sobre a troca das casas, pois meus avós estavam se mudando para São Miguel Paulista. Eu fui o último a saber, o que me deixou um pouco chateado.

Meu novo endereço passou a ser Rua Icaririba, 25, e eu ainda não estava muito contente, até que conheci alguns amigos novos (criança tem facilidade em fazer amigos): Rogério, Rubinho, Ronaldo, Fernando, Renato, Rodrigo, Douglas, André, Marcelo, Vânia, Andreis, Kátia, Solange, Paula, Renata, Roberta, Eunice, Leonice, Keila, Sheila, são os que eu me lembro no momento. Espero que você tenha uma noção do tanto que esse monte de amigos foi importante para mim.

Comecei a estudar na primeira série na E.M.E.F. Arlindo Caetano Filho e aconteceu algo. Um garoto chamado Andrio pegou um lápis e furou a minha cabeça. Eu comentei com a professora que não me deu ouvidos. Ainda me lembro o nome dela, "Valquíria". Cheguei em casa e contei para minha mãe que, é claro, foi lá tirar satisfação. A professora me chamou de mentiroso, disse que eu provocava os outros, mas minha mãe me conhece e é disso que a professora se esqueceu. A professora foi mandada embora e eu fiquei chateado por ter ficado com ódio dela quando quem aprontou foi o menino que não levou nenhuma punição.

Sai dessa escola na terceira série, pois já não aguentava a humilhação e rejeição dos outros garotos. Dois amigos meus tramaram contra mim também. Fernando e Robson combinaram e executaram um plano idiota: decidiram não falar mais

comigo. O motivo eu não sei, mas isso mostra o quanto as cabeças deles eram fracas e de pouco raciocínio. Senti falta deles e, por três vezes, tentei reatar a amizade, mas nada. Então, caí na real que amizade não se implora, se doa e se conquista.

Quando eu tinha 11 anos, meus pais começaram a tramar outra mudança, íamos trocar de casa de novo. Então, voltei para a favela, mesmo sem gostar e sem saber de nada. Passei por vários problemas, encontrei várias soluções. Às vezes até nos lugares mais estranhos eu encontrava as respostas. Hoje, eu estou morando perto do morro de novo.

Minha família é muito unida e, atualmente as coisas estão mais ou menos assim: minha mãe teve nove filhos, um a cada dois anos, só a última foi depois de oito anos e o nome dela é Ana Shaiene. O Heberson, meu irmão mais velho, mora com minha avó em São Miguel e eu o vejo só de vez em quando. José Tadeu, meu pai, continua bebendo de vez em quando, mas agora respeita muito a família. Meu avô fugiu de casa quando eu tinha 6 anos e nunca mais o vi. Meus irmãos estão bem e Nanci se tornou. Já minha tia hoje mora na Cracolândia (região do centro de São Paulo) e é portadora do vírus HIV. Ela não usa mais drogas, só o álcool é o problema.

Dos amigos, o Cleiton está na vida do crime, o Wellington foi preso e não sei como está, o Andrio (o menino que furou minha cabeça com o lápis) tinha saído da escola e também estava no crime, mas ele perdeu o irmão mais novo assassinado e, de alguma forma, conseguiu sair do crime. A Vânia namora, Kátia casou e tem um filho, Solange tem um filho e é casada. Cleonice mudou-se para São Miguel, mas voltou de lá casada e, em três meses, o marido dela foi assassinado dentro da favela e, por causa disso, ela perdeu o filho que esperava.

JANAÍNA DO NASCIMENTO

Meu nome é Janaína do Nascimento, tenho 16 anos e concluí a oitava série do primeiro grau no mês de junho deste ano, pois estava fazendo supletivo na escola Ivete Vargas (Sapopemba, zona leste da cidade de São Paulo).

Nasci na periferia de São Paulo, no bairro Vila Prudente, zona leste da cidade, e, com mais ou menos dois anos de idade, meus pais me levaram para o Ceará, mais precisamente para a cidade de Salitre. Pouco tempo depois, voltamos para São Paulo, mas só eu e minha mãe, pois meus pais haviam se separado. Meu pai não nos ajudou em nada e, sem ter onde morar, minha mãe encontrou a ajuda de uma amiga que nos acolheu em sua casa no bairro da Vila Prudente.

Quando eu tinha mais ou menos cinco anos, eu e minha mãe fomos morar na favela do Heliópolis com um homem com quem minha mãe havia se juntado. Durante esse tempo em que moramos no Heliópolis, minha mãe trabalhava numa casa de família e sua patroa era muito gentil e deixava eu ficar em sua casa enquanto minha mãe trabalhava. Depois de algum tempo do relacionamento, esse homem mostrou seu lado violento e não demorou muito até minha mãe decidir ir embora.

Quando isso aconteceu, fui morar com a minha avó na região do Brooklin, zona sul de São Paulo. Minha mãe continuou

a trabalhar na mesma casa e estava morando de pensão na casa de uma mulher na favela da Vila Prudente. Nos finais de semana, eu ia dormir com minha mãe e cheguei a presenciar alguns momentos de sofrimento daquelas mulheres, pois o marido da dona da casa era alcoólatra e ameaçou matar a mulher várias vezes. Ele invadia o barraco quebrando tudo e batendo na mulher. Não me lembro muito bem se ele entrava armado ou com faca, pois, com o passar do tempo, a gente esquece um pouco do que realmente aconteceu. Mas eu lembro perfeitamente que a gente ficava ali sem dormir, com medo dele fazer algum mal para a gente, pois ali só moravam mulheres e só havia Deus para nos proteger.

No Brooklin, também houve um fato nessa época que me marcou muito. Eu vi a mãe do meu primeiro namorado sendo baleada.

Na casa da minha avó, o convívio também era um pouco difícil. Morávamos na casa eu, minha tia, meu tio, que também era alcoólatra, e minha avó, que era caseira. Como meu tio e minha tia não se entendiam de maneira alguma, em uma de suas brigas, ele acertou minha avó com uma cadeirada que cortou a cabeça dela. O dono da casa que minha avó cuidava havia proibido-a de deixar meu tio entrar na casa, pois ele cau-



sava muita confusão. Por isso, ele acabou mandando minha avó arrumar um outro lugar para morar.

Na Vila Prudente, minha mãe conheceu o pai do meu irmão Lucas e, depois de algum tempo, decidiram morar juntos. Moraram um tempo na Vila Prudente e depois viemos morar aqui no bairro Teotônio Vilela (bairro do distrito de Sapopemba).

Em 1995, minha mãe se separou do pai do Lucas, eu voltei a morar com minha avó por um tempinho e minha mãe voltou para a Vila Prudente. Minha mãe trabalhava e minha tia Ana cuidava do Lucas e, nos fins de semana, ela ia para a casa de minha avó. Foi nessa época que minha mãe conheceu o Alberto, pai do meu irmão mais novo, o Gabriel.

O Alberto, certa vez, foi baleado pelo Zezinho (pai do Lucas), que hoje é falecido. Ele era muito violento e ameaçava minha mãe de morte. O tempo em que ela viveu com ele foi um pesadelo e, depois que eles se separaram, ele piorou ainda mais e perseguia minha mãe como uma sombra.

Um fato que ocorreu em um desses lugares que moramos me chocou muito. O lugar se chama Morro do Urubu, favela de vila Prudente. Em uma dessas perseguições do Zezinho, uma pessoa foi baleada. Eu, que tinha 9 anos, e o Lucas, com apenas 2 anos, estávamos dormindo e, ao acordar, presenciamos essa cena. Corri em direção a um posto policial, mas não consegui ajuda. Então, fui ao corpo de bombeiros e a pessoa foi, finalmente, socorrida.

Em 1996, fui para o Ceará com minha avó paterna conhecer meu pai, só que eu me decepcionei, pois ele não me tratou da mesma forma que às outras filhas dele. Na verdade, ele me tratou como uma filha bastarda. Então, eu arrumei minha mala e fui morar com a minha bisavó que me acolheu de braços abertos lá no Ceará. Mais ou menos nessa época, eu fiquei sabendo que a favela da Conde (Brooklin, zona sul de São Paulo), onde minha avó materna mora, tinha pegado fogo e, nisso, o barraco dela também se queimou. Ela ficou um tempo com minha tia Ana que mora nessa mesma região.

Depois de seis meses no Ceará, eu voltei para São Paulo e, quando cheguei, minha mãe estava morando no morro do Pau, na Vila Prudente. Logo, viemos morar em Sapopemba novamente e minha mãe ficou grávida da Karol. Meu padrasto, Alberto, não queria assumir a segunda gravidez. Minha mãe estava desempregada e o Gabriel ainda era pequeno, por isso, minha mãe não teve condições de criá-la e uma mulher conhecida a pegou para criar. Minha mãe demorou para se conformar. Tinha vezes em que ela acordava de madrugada chorando, mas eu tentava consolá-la.

Quando minha mãe e o Alberto se reconciliaram, ele veio morar aqui com a gente. A primeira impressão foi estranha porque eu tinha ido passear na casa de minha avó e, quando voltei, já me deparei com a notícia de que o Alberto iria passar a morar em casa. Mas eu acabei me acostumando

Em 2000, fui novamente morar com minha avó no Brooklin.

Um dos motivos de nova mudança foi o desacerto, a briga entre as favelas do Teotônio Vilela, onde eu moro, e a favela Promorar. Tem uma regra que eu violei, que era a regra de quem mora no E7 (Teotônio Vilela) não pode descer para o Promorar. Eu achava que não tinha nada a ver, porque eu não me envolvia com a briga deles e estava muito empolgada por estar namorando o finado Kinha, que morava no Promorar e eu gostava muito dele e não ligava para o perigo.

Não demorou até que uma pessoa fizesse fofocas sobre mim, dizendo que eu estava de "leva e traz". Devido a esse fato, minha mãe achou melhor que eu fosse embora. Quando fui morar com minha avó, algum tempo depois, fiquei sabendo da morte do Kinha, devido ao desacerto entre as favelas. E eu sofro muito com isso até hoje.

Depois de um tempo, voltei para o Sapopemba de novo e, então, meu vício em fumar maconha foi crescendo cada vez mais. Eu já não sabia mais o que fazer, ficar num lugar que eu não aceitava, ter minha memória infectada, descontrolada.. Arrumei um emprego na boca de venda de drogas, mas só que mal sabia eu que viria muita maré pela frente.

Não demorou nem um mês para eu ser apreendida duas vezes seguidas pela polícia. Na primeira vez, teve acerto, mas na segunda, como tinham me entregado, não teve jeito, foi "roça". Dentro da Febem, vivi altos bocados com os funcionários, tive contato com muitas meninas, muitas estórias, enfim, aprendi muito com elas e acredito ter passado algo para elas também.

Hoje, minha mãe trabalha na Sarica Cristais. Já faz cinco anos e seu cargo é de estampadora de mostrador de relógios. Eu estou trabalhando no projeto Observatório dos Direitos Humanos e estou satisfeita apesar de não me conformar com o fato de que, em breve, esse projeto acabará. Estou fazendo parte também de um projeto que chama Arte em Movimento, realizado pelo CEDECA (Centro de Defesa da Criança e do Adolescente), no qual participo da oficina de Breaking. Estou muito satisfeita por participar da cultura Hip-Hop, a qual eu prestigio muito. Não gosto só da dança Breaking, mas também da música, o Rap. Também faço capoeira e, de vez em quando, jogo futebol, fliperama e sinuca. Além disso, gosto de escrever algumas letras de Rap, escrever poesia e desabafar nas folhas o que sinto. Gosto também de algumas baladas, sou humilde e hoje já tenho um pouco do limite de curtir.

Eu cuido dos meus irmãos desde pequeninhos, o Lucas, mais velho, agora mora com a minha avó e está na segunda série. O Gabriel está morando com a gente (eu, meu padrasto e minha mãe) e está no terceiro estágio da pré-escola. Eu gosto muito deles dois e é como se eu os tivesse criado de alguma maneira.

Assim sou eu.

Tchau a todos ... !



IGOR FONSECA BECYK

Sou Igor Fonseca Becyk, tenho 22 anos e nasci no dia vinte de novembro de 1979 em São Caetano do Sul (ABCD paulista) numa manhã maravilhosa para Darci Fonseca Becyk, minha mãe, e Wasi Becyk, meu pai, e familiares. Recebi este nome por ser o pseudônimo artístico de meu pai. Ele era dançarino e líder do GRUPO FOLCLÓRICO UCRANIANO de São Caetano do Sul e percorria o Brasil todo fazendo inúmeras apresentações.

Nascido na Alemanha, meu pai foi trazido para o Brasil com dois meses de idade pelos meus avós, Tecla Becyk e Piort Becyk, ou Pedro Becyk, que fugiam da Segunda Guerra. Meu avô participou da Segunda Guerra Mundial como maquinista de um trem que trazia em seus vagões todo o armamento do exército russo. Ele conheceu a minha avó na Polônia no decorrer do seu processo de fuga. Hoje, meu pai trabalha com manutenção de máquinas em um frigorífico, à noite.

Minha "MAMIS", meu arrimo, meu porto seguro, nasceu nas Minas Gerais e é professora. Eu me orgulho muito de sua profissão, não é à toa que eu pretendo exercer-la daqui a três anos. Minha mãe é a pessoa que vejo na condição de base, pois ela é a estrutura fundamental em casa.

Meu irmão, Fábio Fonseca Becyk, tem vinte e um anos, nasceu no mesmo lugar que eu, em São Caetano do Sul, é um rapaz esforçado que luta para ter tudo o que quer. Não somos muito amigos, mas gosto muito dele.

Não sei se posso falar de amigos, pois é difícil em vinte e dois anos manter muitas amizades. Hoje, considero como amigos, principalmente, meus pais, o Dj Ene (Sérgio) e o Andersom (Gordo) e fico triste pelas pessoas que, de alguma forma, se afastaram de mim, mas sempre busco novas amizades. Ah! Não posso me esquecer do meu grupo de observadores, do "Marrom" (meu instrutor da oficina de canto), do DJ Edy e do Bispo.

Iniciei minha caminhada estudantil no Colégio "Huguinho", aos quatro anos de idade. Dois anos mais tarde, ingressei no colégio "Dom Pixote", onde fiz o Pré I e o Pré II.. Fiz a minha primeira série na E.E.P.G. "Prof. Olga Mil Homens Costa", hoje chamada E.E.P.S.G. "João Camargo". E a sexta, sétima e a oitava séries no colégio São Matheus. Já o ensino médio, eu fiz na escola E.E.P.S.G. São João Evangelista.

Atualmente, estou cursando o segundo semestre de História, curso que eu amo, na Universidade Camilo Castelo Branco – UNICASTELO – situada em Itaquera, zona leste da cidade de São Paulo.

Ainda quando eu era muito pequeno, eu e minha família saímos de São Caetano do Sul e viemos morar em São Matheus,

bairro da periferia da zona leste de São Paulo. Não gostaria de revelar as razões da nossa mudança, pois gostaria que quando lessem meu relato, não lembrassem dos momentos tristes, mas sim de um rapaz sério, simples e romântico.

Meu primeiro emprego foi muito engraçado. Eu comecei exercendo a minha profissão de letrista (fazendo letreros) e desenhista, mas, com dois dias no emprego, meu patrão brigou com sua esposa e fugiu, me deixando na mão, sem sequer me dar uma satisfação, pois quem me informou do fato foi uma senhora, vizinha de meu ex-patrão.

Hoje, trabalho pela formalização e legitimação daquilo que mais defendo e amo que é a cultura Hip-Hop, por meio da música (Rap) e da tese que pretendo defender na faculdade (MUEB - Manifesto Universal Evolucionário Brasileiro). Faço parte de um grupo musical, chamado "Profilaxia do Gueto", no qual componho e canto. Faço, também, uma oficina de canto (MC) no CEDECA (Centro de Defesa da Criança e do Adolescente), que tem um espaço chamado Projeto Arte e Movimento.

Nas horas vagas não faço nada...

Desculpas, brincadeira. Digo isso porque o que faço, respiro e o que me movimenta é o Hip-Hop e as artes, como o desenho, grafite e a arte de se fazer História.

Depois de ajudar aquilo que amo (o Hip-Hop), pretendo, com muito esforço e muita fé em Deus, estruturar uma ONG.

E, por fim, falo que do meu bairro, São Matheus, eu não tenho do que reclamar, exceto no que diz respeito a iniciar as coisas e não terminar e é o que me motiva a fazer algo por ele.

Agradeço a Deus por me proporcionar à confecção deste relato.

Alguém

Quem poderia imaginar que alguém nasceria em meados de novembro e mudaria a vida de seus pais proporcionando alegria a eles e a seus familiares.

Que em sua jornada vitalícia viesse a testificar a condição do ser humano que é?

Que no auge de sua maturidade pudesse ser aquilo que todos gostariam de ser, ter e dizer? (Na medida do possível).

Que hoje, com 22 anos, goza de sua plenitude de saber, ser e conhecer e que, acima de tudo, tem a humildade de se questionar a todo momento!

Este alguém sou eu !

SÉRGIO MARTINS DA CRUZ

Meu nome é Sérgio, tenho dezenove anos e sou um jovem cidadão me fazendo presente no espaço da sociedade. Para que me compreendam melhor descreverei minha história desde o início até os dias de hoje.

Nasci na região do Parque São Rafael, zona leste de São Paulo, e por lá morei quatro anos. Pelo fato de ser criança, não tenho muitas lembranças dessa época. O que mais me lembro é do mercado da vizinha, pois ela sempre me dava bolachas e, também, me lembro de uma senhora chamada Germana que não me largava do seu colo. Eu, que era pequeno, me sentia sufocado.

Minha família, pai, mãe e principalmente meus irmãos, Fernando e Cristina, sempre acharam engraçado o comportamento da Germana. Meus irmãos não gostavam de brincar comigo, então, eu me sentia muito sozinho e também diferente, especialmente por ser o caçula.

Em 1986, nos mudamos para o Jardim Iguatemi, zona leste da cidade de São Paulo. Na época, era um bairro não desenvolvido, com poucas casas e a maior parte das terras ainda era de área verde. Pouco a pouco foram chegando novos moradores e, conseqüentemente, novos hábitos, aos quais eu passei a analisar. Por exemplo: alguns moradores se esforçavam ao máximo para manter a construção de seu teto e o sustento da família, enquanto outros ficavam à toa pelo bairro. Esses, por sua vez, eram os que não faziam bem à comunidade, pois ficavam pelas esquinas e terrenos baldios se drogando. Também cometiam delitos, pois a minha casa, quando ainda estava em construção, foi furtada por um vizinho que arrombou a janela da sala e levou a areia. Soubemos que foi o vizinho porque ele deixou um rastro de areia até onde residia.

Não posso deixar de falar que lá moram pessoas dignas e carismáticas, por isso aprendemos a gostar do bairro, mesmo com a condição precária existente em alguns lugares de lá. Digo isso porque algumas pessoas vivem à beira do córrego e encontram dificuldades para ter atendimento público quando se precisa de saúde, educação, cultura, segurança, lazer etc.

Com seis anos, entrei na pré-escola, onde tive o meu primeiro contato com várias pessoas e crianças ao mesmo tempo, o que me impressionou, como acontece até hoje em outros contatos.

Me lembro do começo da adolescência, fase onde queremos nos mostrar rebeldes. Eu era muito menos interessado em progredir e sofri uma grande mudança quando conheci o estilo musical Rap (Rhythm and Poetry). A princípio, essa mudança foi um pouco confusa, pois eu não tinha conhecido o Rap como

um todo e não enxergava a possibilidade de uma influência negativa, pois, para mim, ele era perfeito. Mas, o tempo me ensinou e ensina a observar e compreender melhor o mundo.

Concluí o ensino médio em 2000. Em 2001, fiz um curso profissionalizante em operação e manutenção de computadores. Nesse curso, conheci uma adolescente de quem eu vim a gostar muito. Nos relacionamos durante cinco meses e, no final, aconteceu um inesperado para mim que me proporcionou saber que a vida é uma caixinha de surpresas. Durante esse tempo, eu comecei a me comportar de maneira mais séria, pois com um namoro assumido, é natural que eu começasse a fazer planos para a minha vida. Também acho que ela tinha mudado, embora não quisesse amadurecer como acredito ter acontecido comigo. De fato, foi uma experiência e tanto, pois dividimos emoções como rir e até chorar juntos. O que aconteceu é que ela desanimou da relação e disse que eu, como namorado, estava ausente na vida dela, do que eu discordo completamente, pois deixei de fazer coisas de que gostava para estar ao lado dela. Ela também me disse que não dava para voltar atrás porque o que ela sentia por mim já tinha mudado, o que me faz achar que tenha faltado um pouco de maturidade por parte dela. Talvez tenha outro motivo, mas sou suspeito para falar e acho que ela não vai nem gostar quando souber que escrevi sobre nós.

O tempo passou e me distraí desse caso, até mesmo devido ao esforço que preciso fazer para viver e até me profissionalizar no que gosto de fazer, pois participo da oficina de Dj (disc jockey) do CEDECA (Centro de Defesa da Criança e do Adolescente), entidade que fica no bairro de Sapopemba. Estou nessa oficina há mais de dois anos e me interesso radicalmente pelo Hip-Hop (conjunto de elementos culturais do qual o Rap faz parte).

Também tenho um grupo de Rap chamado "Profilaxia do Gueto", que tem outros dois integrantes além de mim. Por falar em estilo de vida e trabalho, aproveito para dizer que sou o único da família nesse caminho, pois minha mãe é dona de casa – e das melhores –, meu pai é aposentado e considerável cozinheiro, meu irmão é frentista de posto de gasolina e minha irmã é escrituraria de hospital.

Ainda não convenci minha família sobre a importância do Hip-Hop, mas pela seriedade com que o trato, eles já o respeitaram. Me sentirei realizado profissionalmente quando poder viver da música, pois é o que compreendo e gosto de fazer. Me baseio em pessoas como meu instrutor, Dj Edy, que persiste no que faz e retribui isso ao próximo.

KÊNIA PALOMA DE OLIVEIRA

Meu nome é Kênia Paloma de Oliveira, tenho 19 anos, nasci em Minas Gerais e fui criada no Rio de Janeiro. Moro em São Paulo há oito anos.

Meus pais se separaram quando eu ainda era pequena. Minha mãe foi para Minas Gerais e meu pai continuou morando no Rio de Janeiro, eu e meus irmãos acabamos ficando com ele. Meus pais tiveram 16 filhos, mas, infelizmente, 6 morreram.

Algum tempo depois, minha mãe veio buscar suas filhas mais novas. Ela disse para o meu pai que tinha encontrado um homem bom que queria conhecer suas filhas e assumir um compromisso sério. Então, minha mãe levou a mim e a minhas duas irmãs. Chegando em Minas Gerais, ela nos apresentou para este homem do qual ela tanto falava e que, a partir daquele momento, passaria a ser meu padrasto. Com o tempo, nós fo-



mos nos conhecendo e eu e minhas irmãs começamos a adorá-lo. Para nós, ele era um bom homem, pois nos respeitava e nos tratava como se fôssemos filhas dele. Nós o chamávamos de Tio Zé. Mas, infelizmente, ele teve que partir. Eu sei que enquanto estive com a gente ele fez tudo de bom. Ele partiu para sempre, mas não partiu do nosso coração. Pois, para mim, uma pessoa que parte da Terra não parte do coração jamais. Minha mãe ficou muito chateada com a morte do meu padrasto. Ela não tinha mais cabeça para nada.

Depois do enterro do nosso querido Tio Zé, minha mãe teve que resolver algumas coisas de documentação. Por isso, ela pediu que minha irmã mais velha levasse as três irmãs mais novas (eu, Mislene e Kelly) para o meu pai no Rio de Janeiro e explicasse o que aconteceu. Falou também que, assim que ela resolvesse tudo, iria nos buscar. Meu pai cuidou da gente normalmente. O tempo foi passando e nós fomos crescendo. Meu pai tentou se juntar com outra mulher, mas não deu certo.

Tempos depois, minha mãe veio como ela havia dito, mas só levou minha irmã Kelly, a caçula. Eu e Mislene continuamos morando com meu pai que, para nós, foi pai e mãe.

Depois de tudo isso, meu pai enfim se juntou com uma mulher que já tinha uma filha. Nós morávamos como uma grande família. Minha madrastra ficou grávida e teve um filho de meu pai, um menino. Depois de um tempo, minha madrastra ficou grávida novamente, mas, infelizmente, esse irmãozinho, que Deus o tenha no céu, morreu aos seus 6 meses de idade.

Pouco tempo depois, minha irmã Rosa, que morava em São Paulo, pediu para meu pai que mandasse a mim e a Mislene a ajudarmos em sua casa e para estudarmos. Meu pai, sem perceber, estava nos prejudicando, deixando a gente sem estudar. Fomos para São Paulo, onde fizemos a primeira série. Mas, antes de irmos para a segunda série, meu pai veio nos buscar. Então, ficamos atrasadas nos estudos outra vez.

Enfim, lá fomos nós de volta para o Rio de Janeiro. Minha madrastra ficou grávida de novo e, depois, de novo. Eu e minha irmã cuidávamos de nossos novos irmãos. Minha outra irmã teve problemas com o marido e veio morar com a gente e trouxe seus dois filhos. Eu cuidava deles como se fossem meus. Novamente, Rosa pediu para meu pai que deixasse eu ir morar com ela. Mas desta vez era diferente, pois eu estava muito apegada aos meus sobrinhos e me separar deles seria um horror. Mesmo assim, acabei voltando para São Paulo, dessa vez junto com minha madrastra e meus irmãos. A minha separação dos meus sobrinhos foi uma das piores coisas que me aconteceram. Só de lembrar meu coração fica apertado.

Em São Paulo tudo era novidade para mim e eu voltei para a escola e ajudava minha irmã em casa. Depois de algum tempo, meu pai resolveu também se mudar pra cá. Eu fiquei muito feliz de saber que iria rever meu pai, minha irmã e meus sobrinhos.

No começo, foi uma bagunça. Primeiro, eu morei com minha irmã mais velha, depois com meu irmão e, finalmente, com minha cunhada. Eu parecia uma bola. Acho até que é por isso que eu adoro jogar bola futebol.

Aos 12 anos, eu reencontrei minha mãe. Fiquei muito emocionada e pensei: agora eu tenho uma mãe e vou ter uma casa. Mas nem sempre tudo é do jeito que pensamos. Minha mãe e

minha irmã caçula, a Kelly, foram morar com minha irmã mais velha e eu continuei ficando de casa em casa.

De todas as minhas irmãs, eu era mais apegada com a mãe dos meus sobrinhos. O nome dela é Rosemeiry, mas nós a chamamos de Cinha. Eu morei um bom tempo com ela e adorava morar em sua casa porque ela me tratava como gente e acreditava em mim. Eu estudava, cuidava da casa e dos filhos dela.

Meu irmão mais novo conseguiu um bom emprego. Comprou uma casa e eu, Mislene, Kelly e minha mãe fomos morar com ele. A casa que ele comprou ficava perto da família. Eu fiquei muito feliz ao saber que iria morar com minha mãe e, enfim, ter uma família. Meu irmão comprou os móveis e tudo que uma casa precisa.

Eu sempre pensei em trabalhar, terminar meus estudos e ser feliz. Eu e minhas duas irmãs nunca demos trabalho na escola, estávamos sempre com o caderno em dia e era difícil a gente faltar. Eu, particularmente, adoro estudar, que é uma das coisas que eu mais valorizo em minha vida.

Eu não cheguei a fazer o prezinho. Fui direto para a primeira série e depois tive que parar por um tempo. Minha vontade de aprender era tanta que, quando voltei a estudar, não precisei fazer a primeira série de novo. Fui direto para a segunda série na escola "Brasílio Machado Neto", onde fiquei até a oitava série e sempre fui uma aluna exemplar. Essa escola para mim era maravilhosa, eu adorava os professores e os meus amigos. Até hoje eu não me esqueço deles, principalmente daqueles que me ajudaram, tanto nos estudos quanto em conselhos bons.

Quando eu terminei a oitava série, fiz minha formatura. Era um dos meus sonhos e, graças a Deus e a mim, eu realizei. Minha formatura foi uma das coisas que me marcou muito. Primeiro porque eu mesma paguei com o meu suor, depois por rever meus professores e ver minha família me vendo receber o certificado. Aquilo para mim foi um sonho realizado.

Como eu disse, fui eu quem paguei minha formatura. Desde meus treze anos eu queria trabalhar. Logo quando eu fui morar com meu irmão caçula, minha mãe e minhas irmãs, eu consegui um emprego. Não era lá aquelas coisas, mas eu queria ter meu dinheirinho e poder ajudar em casa. O meu irmão Ronaldo, o caçula, não gostou muito da idéia. Ele não queria que eu trabalhasse, pois ele iria dar de tudo para mim e minhas outras irmãs, mas eu não aceitava isso. Para mim, ele já fazia demais, me sustentando e me dando abrigo. Por isso, eu achava que era hora de eu procurar também ter minhas próprias coisas. Em casa, isso foi um conflito. Meu irmão mandava na casa e o que ele falava estava falado e pronto, não importava o que eu achava. Minha mãe tentava dizer para ele deixar eu trabalhar.

Enfim, o tempo foi passando e eu comecei a jogar futebol na escola de final de semana. O padre Xavier resolveu fazer um time de futebol feminino. Como eu sempre fui interessada, entrei neste time. Minhas outras colegas, que gostavam de vôlei, passaram a gostar de futebol porque eu insisti para que elas entrassem no time. Eu também insisti para que minhas irmãs entrassem no time. No começo, uma delas entrou, a outra demorou um pouco.

O time foi caminhando com cinco meninas, depois com



dez meninas, foi crescendo e se desenvolvendo. A dona Irene, uma mulher respeitada por todas nós, nos ajudou muito. Ela marcava reunião, dizia quando ia ser o jogo, que horas, ia nas casas falar sobre o time. Falava com as mães das jogadoras para que elas soubessem que time e que lugar suas filhas estavam freqüentando. O nosso time não era só um time de futebol e sim uma família. Nós tínhamos palestras com o padre Xavier, discutíamos sobre o assunto e tirávamos dúvidas. Era muito bom tudo aquilo. Só que meu irmão, como sempre, não gostava de nada disso. Minhas irmãs resolveram sair. Foi aí que eu comecei a sentir mais necessidade de trabalhar porque, algumas vezes, os jogos eram longe e nem sempre o padre Xavier tinha a condução e, quando eu ia pedir para meu irmão, você já sabe qual era a resposta. Isso para mim era horrível. Mas eu não estava nem aí. Decidi ir atrás do que eu queria por mais que meu irmão fosse contra. E foi o que aconteceu. Comecei a trabalhar e jogar futebol e, é claro, jamais pensei em parar os estudos.

Tudo estava ótimo, mas dentro da minha casa estava um conflito, pois eu brigava com meu irmão diariamente. Por causa do serviço, eu tive que mudar o horário da escola e ele ficou mais nervoso ainda. Minha mãe não dizia nada. Ela mal falava e, quando falava, meu irmão achava que ela estava apoiando as coisas das quais ele discordava. Ele mal falava comigo, não procurava saber se eu estava bem ou se precisava de algo, não material, mas sentimental. Entre eu e meu irmão faltava diálogo, compreensão, enfim, tudo o que uma pessoa precisa para saber lidar com a outra.

As minhas outras irmãs não se importavam, não ligavam para o que meu irmão pensava, ou, se ligavam, fingiam que não se importavam. Eu não era assim. Se eu estou errada abaixo a cabeça, mas a partir do momento que eu acho que estou certa, eu não volto atrás. Por isso, o relacionamento com meu irmão foi ficando cada vez mais difícil, pois nenhum dos dois procurava o diálogo, o que foi a pior coisa e foi a causa disso tudo.

Com esses problemas em casa, eu ficava louca, mas eu sabia levar. Teve um tempo que eu sentia falta de alguém comigo, para ficar do meu lado nas horas difíceis. Foi aí que eu conheci o irmão da minha colega que jogava comigo. Ele se interessou por mim e eu por ele. Começamos a namorar, quer dizer, para mim era um namoro, mas para ele não passava de um ficar. Nós ficávamos de final de semana, isso quando ele não saía. Eu dediquei quase toda a minha vida naquele momento a esse menino, mas, infelizmente, ele não soube valorizar.

Perdi várias chances de ser feliz com outra pessoa, mas eu persistia em uma coisa que eu não via resultado. Mas é como é a vida: só aprende depois que quebra a cara. Foi o que aconteceu. Namorei com esse menino escondido durante dois anos. Nesse tempo todo, tivemos lá os nossos conflitos. Depois de um desses conflitos, numa noite de dezembro, às duas horas da madrugada, eu sai feito louca atrás dele pensando que ele fosse me deixar para sempre, sabe aquela coisa que você põe na cabeça e já era. Nessa madrugada eu sai e fui aparecer de volta em casa seis dias depois.

Fiquei na rua, passei por tudo que uma menina passa quando está sem abrigo, sem comida, enfim, passei coisas terríveis que não gosto nem de lembrar. O bom disso tudo é que isso me serviu de lição de vida e até hoje eu aprendo cada vez mais.

Como eu já falei teve o lado bom de tudo isso. Eu aprendi que nada em nossa vida acontece por acaso. Se aconteceu foi porque Deus quis assim.

Naquele momento de aflição, desespero e angústia eu buscava um homem que nunca se importou comigo, sendo que eu tinha esse homem comigo a todo momento só faltava eu perceber, e foi com isso que eu percebi que, acima de tudo, devemos amar a Deus e a nós mesmos, porque, assim, sabemos amar ao próximo. Deus sempre esteve comigo, mas eu não via isso, foi preciso eu quebrar a cara para descobrir. Hoje, eu agradeço a Deus por tudo a cada momento de minha vida.

Voltei para casa depois de seis dias desaparecida. A minha fé me fez voltar para casa, sem ela acho que não estaria aqui com minha família. Depois que eu apareci, eu aprendi a valorizar a mim mesma e à minha família que sempre esteve do meu lado. Quando cheguei em casa, eu só perguntava do meu ex-namorado, pedia para ele vir me ver, pois seria uma boa oportunidade para ele dizer para minha família que nós namorávamos. Mas ele foi covarde de assumir que estava comigo. Mais uma vez, no momento em que eu estava me recuperando, precisando dele, ele foi covarde. Mas eu pensei comigo mesmo: o único homem que eu preciso para eu melhorar é Deus e meu pai da Terra. Isso eu tinha, então pronto, bola pra frente.

Não foi fácil, mas eu consegui me recuperar aos poucos. Com a ajuda de Deus, em primeiro lugar, e da Ana Lúcia, psicóloga do CEDECA (Centro da Defesa da Criança e do Adolescente), que me ajudou muito e continua me ajudando até hoje.

Depois disso tudo, eu continuei minha vida como era antes, sem me envolver com ninguém. Para mim todos os homens eram iguais. Mas, certo dia, eu conheci o Rafael e começamos a namorar. Ele me tratava totalmente diferente do outro, me tratava como nenhum outro homem me tratou. Foi aí que começamos a nos conhecer e, graças a Deus, estamos juntos até hoje e já temos uma filha. Nós namoramos já faz um bom tempo. Eu aprendi muito com ele e acredito que ele também aprendeu comigo.

Hoje, eu moro com a minha mãe. Na casa da minha mãe moramos eu, minha irmã Mislene, minha avó, meus sobrinhos e minha família. Graças a Deus os conflitos com minha família acabaram, principalmente com meu irmão Ronaldo. Hoje, um passa a saber do outro, tem diálogo, compreensão, acho que era isso que faltava entre nós. Por isso, hoje eu me considero uma menina feliz, só de saber que eu tenho vida, força, garra, determinação, fé para lutar pelos meus objetivos.

O CEDECA me ajudou muito a partir do momento que eu me interessei em estar preparada para a realidade. Cheguei até a ser conselheira. De ano em ano, eles reúnem doze adolescentes para serem eleitos conselheiros e os votos são das crianças que freqüentam a Cidade Bacana, que é uma atividade recreativa desenvolvida pelo Centro na quadra da escola Brasília Machado Neto, todos os sábados das nove horas da manhã até ao meio dia. Na Cidade Bacana desenvolve-se a cultura, lazer, tem um lanche para as crianças, enfim, tem tudo que uma criança precisa ter. Os conselheiros se encontram durante a semana para estudar o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), falar sobre as atividade que serão desenvolvidas durante o sábado, entre outras coisas.



Mudando um pouco de assunto, vou falar o que gosto de fazer no meu dia a dia. Antes de eu ter minha filha, eu trabalhava em uma oficina de costura e fazia parte de algumas atividades do CEDECA. À noite, eu estudava e, de final de semana, jogava bola. O futebol para mim é como se fosse uma terapia. Eu amo o futebol e meu sonho era ser uma jogador de futebol profissional, mas hoje já não é mais. Eu não parei de jogar, mas com a mudança na minha vida eu penso em fazer uma boa faculdade, ainda não sei ainda qual, mas eu estou descobrindo isso com o tempo.

Minha filha para mim é tudo. Antes dela eu sempre fui uma lutadora, agora eu tenho mais um motivo para lutar. Eu pretendo ter um bom relacionamento com ela, ser amiga, procurar ter diálogo, dar de tudo o que eu não tive.

Eu sempre procurei ajudar o próximo. Eu gosto de fazer amizades, sou alegre e não desisto das coisas facilmente. Procuro a melhor maneira de resolver minhas coisas. Hoje, em tudo o que eu faço me inspiro em minha filha. O nome dela é Kimberly, ela tem seis meses. Eu agradeço a Deus por ela ter tudo. Para mim, ela veio em uma boa hora.

Eu estou terminando os meus estudos, continuo jogando bola de final de semana e namoro com o meu futuro marido e pai da minha filha, o Rafael.

Para finalizar vou falar um pouco o que eu penso hoje sobre mim. Uma menina que nem sempre teve de tudo em sua vida, mas sempre procurou lutar pelos seus objetivos. Por mais dificuldades que eu passei, e passo, hoje eu não abaixo a cabeça. Se algum dia eu vencer, quer dizer, eu vou vencer, será com muito esforço.

Assim que o projeto Observatório dos Direitos Humanos infelizmente acabar, eu pretendo arrumar um bom emprego e, se Deus quiser, fazer uma boa faculdade. Este é um dos meus sonhos e eu já tenho uma faculdade em mente que é a de psicologia na educação física.

Este projeto tem sido muito importante para mim. Cada momento, dia, hora que eu passo com os meus amigos observadores e com o monitor eu aprimoro meus conhecimentos. Hoje, eu posso dizer que essa oportunidade que tive no Observatório dos Direitos Humanos foi uma das melhores coisas que aconteceram em minha vida. Além do aprendizado e da experiência que adquirimos, acredito que será sempre bom lembrar com muito carinho de tudo que passamos aqui e procurarmos passar para o próximo tudo o que aprendemos com o nosso brilho da curiosidade.

Eu continuo estudando com dedicação e esforço. Faço a 2ª. série do ensino médio na escola "Aroldo de Azevedo".

Minha família, apesar de alguns obstáculos, continua lutando e acreditando que, um dia, todos nós vamos viver em paz e harmonia, isso é o que todos nós queremos. Minha mãe e meu pai são pessoas que eu valorizo muito em minha vida, eu os amo e, se não fossem eles, acho que eu não estaria mais aqui. Minha avó também foi uma pessoa muito especial para mim, sinto muito a falta dela e gostaria muito de tê-la de novo ao meu lado. Infelizmente, ela faleceu no dia 09/08/2002, um dos piores dias para mim e minha família.

Mudando de assunto, vou falar do pai da minha filha que hoje também faz parte dos meus planos. O nome dele é Rafael, tem 20 anos, está no 2º. ano do curso de Ciência da Computação. Passa por algumas dificuldades por não ter um emprego e não poder fazer alguns cursos para aprimorar sua faculdade. Ele é uma pessoa que sonha muito. Apesar do seu esforço, já faz um bom tempo que ele está desempregado e eu e a Kimberly fazemos de tudo para ajudá-lo, tanto com palavras como com gestos. Para mim e para minha filha ele é uma pessoa muito especial, ele é pai, amigo, namorado, marido. Apesar das dificuldades, estamos juntos e acreditamos que tudo um dia vai passar se Deus quiser, é só lutar. Eu aprendi e aprendo muita coisa com o Rafael e acredito que ele também aprende comigo.

Quando eu conseguir vencer, pretendo ajudar muito minha família assim como eles me ajudaram e me ajudam. Na favela onde moro vejo muitas coisas desagradáveis e não pretendo ficar para sempre aqui. Eu pretendo ter minha própria casa junto com minha filha e o Rafael, não que eu esteja sendo orgulhosa com essa atitude, mas o que eu passei não gostaria que minha filha passasse. Enquanto eu tiver vida vou lutar para que minha filha não tenha que ver tiros, cadáveres em sua via, passar medo enquanto estiver vindo da escola etc.

Graças a Deus nosso bairro, apesar das carências e precariedade, luta para ter uma condição digna. O CEDECA promove eventos legais, fazendo com que os jovens e crianças passem a acreditar em si mesmos e a lutarem pelos seus sonhos. Isso mostra para eles que o fato de um(a) menino(a) da favela e querer fazer uma boa faculdade faz parte de seus direitos. Infelizmente, aqui onde moro poucos pensam em fazer uma boa faculdade por causa da dificuldade, mas isso não faz eu desistir das coisas. Vou lutar, vou vencer, vocês vão ver.

Onde Estamos?

Situada onde hoje é considerada a Zona Leste da cidade de São Paulo, a aproximadamente 13 Km do centro, a região de Sapopemba foi reconhecida a partir do surgimento de alguns bairros, cujas terras foram doadas pelo Império Português.

Há duas interpretações sobre a origem do nome Sapopemba. Uma delas é que o nome seria originário da árvore de mesmo nome, que é uma espécie comum na Amazônia. A outra interpretação é de alguns moradores que dizem que o nome foi dado pelos indígenas da nação Tupi que foram os primeiros habitantes do local. Na língua Tupi, o significado da palavra sapopemba é raiz branca.

Os primeiros passos de urbanização da região se deram graças à instalação da fábrica de chocolates Falchi e à proximidade da estação ferroviária do Ipiranga, o que foi o atrativo da imigração de povos italianos, espanhóis, portugueses e lituanos.

O surgimento da olaria Sacomã, em 1910, trouxe nova vida à região e atraiu novos moradores. O interesse da população próxima foi despertado devido ao fato da companhia fornecer material de construção para os empregados locais, levando essa população a ir morar no bairro. Ocorreu, então, o loteamento da área em chácaras e a região recebeu o nome de Vila Sapopemba.

Devido ao crescimento demográfico, à recente migração, observa-se um desenvolvimento precário das condições de moradia na região. O processo não foi diferente com o Parque Santa Madalena, a princípio fruto do mesmo processo de desenvolvimento dos outros bairros da região da Sapopemba.

O bairro Parque Santa Madalena é carente de infra-estrutura. Por exemplo, a coleta de lixo não é regular, pois o relevo do bairro não proporciona essa atividade periodicamente e a falta de conscientização e recurso dos moradores faz com que o lixo se acumule, resultando no aparecimento de animais e insetos que transmitem doenças.

O acesso à saúde não é adequado. Temos hospitais, como o Hospital de São Mateus e o Hospital do Jardim Ivã, e prontos socorros, mas o atendimento, no geral, é bastante insatisfatório. Observamos um mau preparo dos funcionários, falta de medicamentos para a distribuição pública, entre outras coisas. Essa situação causa uma indignação em várias pessoas, que chegam a fazer duras críticas ao Hospital Geral de São Mateus, chamado-o de "Açougue Geral de São Mateus".

Teve um caso de uma mãe que procurou o Hospital em um domingo, às 19:00 hs, com uma criança de três meses com uma alergia no corpo todo. Além do atendimento ineficiente, deram a medicação errada e, então, a mãe teve que procurar um outro hospital onde a criança teve o tratamento certo, pois a médica que atendeu a criança no primeiro hospital não era especializada no tipo de doença que a criança tinha.

Outro fator a ser citado é o transporte coletivo. Os principais problemas são o alto preço da tarifa, que não condiz com o poder aquisitivo da comunidade, e a carência de ônibus e linhas, pois, atualmente, o sistema não atende a toda a demanda da região. Outro exemplo: depois das 17hs, na avenida Sapopemba, trajando boné e calça larga, é difícil embarcar em qualquer transporte coletivo, pois, devido aos constantes furtos, motoristas e cobradores estão com medo.

Quanto à questão da violência, percebemos vários problemas. Em alguns casos, podemos perceber uma certa falta de preparo e de recursos dos policiais, além de a relação polícia-comunidade ser, muitas vezes, conflitante e divergente. As delegacias que conhecemos na região são três: 69º DP Teotônio Vilela, o 23º DP de Vila Prudente e o 42º DP do Parque São Lucas. Em várias situações, a ação dos policiais é descuidada e violenta, pois, às vezes, as invasões da polícia, tanto nas favelas como nos domicílios, ocorre em plena luz do dia, enquanto crianças ainda brincam nas ruas.

Devido a esses problemas de relacionamento com a comunidade, há quem diga que "na madrugada, pra polícia todo mundo é bandido".

Em alguns casos, podemos observar que a corrupção também é um problema importante. Existem casos em que policiais abordam um jovem e, além de agressões verbais e corporais, eles querem obrigá-los a dar informações que possam ajudá-los. Se o jovem se nega, às vezes, eles forjam flagrantes, ou mesmo, levam-no para a delegacia, obrigando-o a passar noites e noites na Febem ou nos "corrós" (local onde os jovens ficam de "castigo").



A educação também é uma coisa séria aqui no Parque Santa Madalena, mas passa despercebida aos olhos e mentes das pessoas. Muita gente está concluindo o primeiro grau por meio de supletivo, mas nota-se por aqui que, em alguns casos, alguns alunos continuam sem saber nada até a quinta série ou até mais longe. Em outros lugares, têm escolas especiais ou professores capacitados para lidar com pessoas especiais. Por aqui não temos essas escolas, mas existe o Cantinho da Esperança, instituição que faz um trabalho com pessoas especiais (deficientes).

Alguns professores (não todos, lógico) só passam a lição na lousa e se sentam. O aluno vai perguntar algo que não entendeu e o professor, além de não explicar, muitas vezes chega a ofender o aluno. Não há muita coisa para oferecer para um aluno que quer aprender quando o professor não se sente na obrigação de tornar a sua aula uma coisa legal e produtiva. Mas, é claro, que o professor não é o grande vilão dessa história, pois a evasão escolar se dá em um processo complexo, sendo que, muitas vezes, o próprio professor tem seu trabalho desrespeitado.

A educação é uma das áreas mais importantes para todos, pois, se não estudarmos, não vamos saber; se não soubermos, não vamos analisar; e se não analisamos, não teremos noção dos nossos reais problemas e, assim, não nos mobilizaremos para tentar resolvê-los.

Na área da favela do Paulo Rosa, a coleta do lixo não é muito bem sucedida, pois não há muito espaço para os carros e caminhão de lixo trafegarem. Por isso, os moradores têm que levar o lixo para lixeiras próximas, fora da favela. Uma delas, fica na rua Palmeira de Bacabá, a alguns metros da porta da escola, local de entrada e saída dos alunos.

Às vezes, o lixo fica durante vários dias a céu aberto, atraindo animais que transmitem doenças, como ratos e moscas. Tem animais que se alimentam dos restos do lixo, como cachorros e gatos. Esses animais levam para as casas das pessoas doenças como sarna de cachorro, que não escolhe idade, e até sarna de rato, que é mais grave.

Sobre ratos, tem uma estória que aconteceu com o Carlos, um dos observadores de Sapopemba. Numa noite, ele ia subindo a Paulo Rosa e então viu aquele vulto imóvel, parecia um bloco de cimento de tão grande. Foi até ele e percebeu que era um rato enorme, bateu o pé e: “o filho da rata correu tanto atrás de mim que eu quase voltei de onde eu parti, a minha casa. Esse não me alcançou, mas eu já fui mordido por ratos enquanto dormia não só eu como meus irmãos também. Os ratos mordiam nossos dedos da mão”.

Os problemas com o lixo não se limitam só ao fato dos lixões nas ruas. No fundo da favela Rodrigues dos Santos há uma depressão, digamos uma enorme vala, onde tem três lixões, um pequeno e dois grandes, que também são um perigo constante para os moradores. Tem dias que o cheiro dos lixões é insuportável, fato que é agravado porque o encanamento das casas do morro é voltado para a grande vala, deixando o chão úmido e piorando muito o mau cheiro.

Um outro grande perigo ocorre no tempo de chuva intensa, entre janeiro e março. Os lixões, algumas vezes, desmoronam e as pessoas correm o risco de verem suas casas destruídas e arrastadas para dentro da vala, isso se elas não estiverem dentro de casa, pois já houve óbitos aqui por causa de desmoronamentos. Houve casos também que, cansado dos mosquitos, ratos e baratas, alguém colocou fogo no lixão, o que acabou causando incêndios.

Na região de Sapopemba são poucas as opções de lazer. Aqui no Madalena há um Centro Desportivo Municipal, que serve mais para os adultos irem jogar futebol do que para as crianças. Pracinhas? Tem uns quadradinhos com bancos, que a gente vai para tomar um ar no fim de semana.

Para sermos sinceros, as únicas opções de lazer são os bares em que os jovens, ou até mesmo as crianças, vão jogar fliperama e beber, e a Cidade Bacana que é um evento criado pelo CEDECA (Centro de Defesa da Criança e do Adolescente), que acontece aos sábados, com brincadeiras e gincanas com as crianças. Tirando essas opções, só sobram os salões que são um pouco distantes, mas que, mesmo assim, são freqüentados pelos jovens do bairro.

Infelizmente, os jovens não ouvem falar em teatro e em outras coisas que chamem a atenção deles. Por isso, para muitos, as bebidas e danças são suas diversões, assim como cigarros e drogas são distração.

Com todos esses problemas, muitos moradores, mesmo com pouca informação, chegam a conclusão de que falta ação política na região, iniciativas partidárias por aqui só são tomadas em época de eleição. É restrita a relação das comunidades com a Administração Regional, pois existe a burocracia que atrapalha o diálogo.

Essas dificuldades, muitas vezes, são compensadas pelas organizações de bairros como o CEDECA, uma entidade de atitude freqüente no Parque Santa Madalena que realiza oficinas culturais e eventos de reintegração dos jovens ao bem-estar social, mobilizando, assim, toda área ao seu redor.

CEDECA

CENTRO DE DEFESA DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

O Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (CEDECA) “Mônica Paião Trevisan” surgiu em 1986, com a proposta de reconhecer e trabalhar a questão da prostituição infanto-juvenil. Era um abrigo e contava com o apoio da Unicef e da Pastoral da Criança. Essa entidade foi legalmente instituída no ano de 1991.

Com a aprovação, em 1990, do Estatuto da Criança e do Adolescente, e com a Constituição de 1988, que reconhece a criança e o adolescente como pessoas em situação de desenvolvimento, o CEDECA foi fundado com o objetivo de lutar pela efetivação da lei, exigindo isto do Poder Público. Para tal, utiliza-se da formação sobre a lei voltada à comunidade, recebendo denúncias de violações. Também realiza intervenções através da atuação em alguns projetos.

Essa organização está situada no distrito de Sapopemba, no bairro do Parque Santa Madalena, extremo leste da cidade de São Paulo. Esse bairro apresenta uma população predominantemente infanto-juvenil e uma ausência quase plena do Poder Público. Essa ausência torna-se visível pela falta de: escolas, áreas verdes, cultura e lazer, empregos, além de apresentar escolas de má qualidade, habitações precárias e a presença marcante do crime organizado.

Desde a década de 80, percebe-se que as crianças e adolescentes estavam se tornando alvos fáceis e frágeis para aliciamentos direcionados à prostituição, ao crime organizado, ao consumo de entorpecentes e para atos de violência. Essas crianças e adolescentes também sofriam com a violência doméstica.

Atualmente, possuímos os seguintes projetos: “Projeto Liberdade Assistida Comunitária”, que visa acompanhar adolescentes que estejam cumprindo medida judicial de liberdade assistida; promove atendimento jurídico especializado; o “Projeto Nasce Para Voar”, que visa acompanhar crianças, adolescentes e suas famílias em situação de risco social e pessoal; o “Projeto Arte e Movimento”, que visa estimular a arte do Hip-Hop e seus elementos, tais como: grafite, Dj, Mc, Break, ballet, ginástica para as mães e teatro; o “Projeto Raízes”, que visa resgatar diversas culturas que se encontram na comunidade, tais como a nordestina, a paranaense, a mineira, a indígena, etc. Todos os projetos contam com a interdisciplinaridade de educadores, advogados, psicólogos e assistentes sociais.

Sapopemba e o Direito à Cultura e ao Lazer

Escolhemos os Direitos à Cultura e ao Lazer como tema deste trabalho principalmente pela percepção e o envolvimento que já tínhamos com o tema a partir da participação em movimentos culturais e em projetos do Centro de Defesa da Criança e do Adolescente (Cedeca) em Sapopemba.

Para dar início a este trabalho, registramos algumas das experiências que o próprio grupo já havia vivido, tanto positivas como dificuldades e problemas na busca da cultura e do lazer.

Foram vários os problemas discutidos em grupo, a começar pela própria distância de muitos espaços culturais e de lazer da região de Sapopemba e os custos para conseguir usufruir esse tipo de atividade. Mas, neste relatório, descreveremos apenas três dos temas abordados, todos eles a partir de experiências vividas dentro de Sapopemba.

Primeiro, descreveremos algumas iniciativas consideradas positivas que vêm sendo implementadas por grupos locais; em



seguida, a interferência da violência nos momentos de lazer da comunidade; e, por último, o preconceito sobre o Movimento Hip Hop e suas conseqüências para essa atividade cultural.

INICIATIVAS DA COMUNIDADE

Apesar de não ser provida de muitos espaços públicos para o lazer e para a cultura, a região de Sapopemba abriga várias organizações que desenvolvem trabalhos importantes nessa área. Especificamente na comunidade do Parque Santa Madalena, há aproximadamente 15 anos, temos o trabalho do Espaço Gente Jovem Construindo o Amanhã, com atividades que envolvem principalmente jovens e crianças.

Mais recentemente, em 1998, nasceu o projeto Cidade Bacana, proposto e organizado a partir da cooperação entre o Padre Xavier e o Cedeca. Crianças e adolescentes de até 18 anos freqüentam esse espaço juntamente com suas mães e irmãos mais velhos. Aos sábados, são promovidas gincanas esportivas entre outros jogos.

Consideramos a iniciativa da Cidade Bacana positiva, não apenas pelas atividades que são oferecidas, mas também pela forma como essas atividades são desenvolvidas e implementadas. Além da equipe de coordenação pedagógica, há a participação de um grupo de jovens que são chamados de “conselheiros”, selecionados pelas crianças que freqüentam o projeto para colaborar com a organização do espaço. Tais conselheiros se reúnem durante a semana para estudar o Estatuto da Criança e do Adolescente e preparar e divulgar as brincadeiras que irão acontecer na Cidade Bacana.

O envolvimento participativo dos jovens na construção de espaços e atividades de cultura e lazer, como ocorre na Cidade Bacana, parece ser um elemento fundamental para que essas atividades sejam bem-sucedidas. Ao participarem da gestão, os jovens podem contribuir com propostas diferenciadas e mais adequadas às diversas expectativas presentes, pois os interesses em cultura e lazer variam de acordo com os grupos a que pertencemos. Além disso, esse compromisso ajuda muito na organização e na divulgação do trabalho.

Participando como conselheiros e envolvidos nos debates sobre o Estatuto, os jovens também acabam recebendo uma importante formação, tanto na implementação de propostas desse tipo, como em relação aos direitos e caminhos para a sua promoção na comunidade.

O evento cultural Rap em Festa, que comentaremos mais adiante, é também uma iniciativa positiva de promoção da manifestação cultural dos jovens de Sapopemba. Há cerca de dez anos, vários grupos de Rap, a partir do mês de janeiro, realizam reuniões periódicas para definir a temática e a organização deste evento, reunindo fraternalmente diversas correntes do rap. A cada ano esses grupos apresentam suas novas composições sobre temas que são definidos em conjunto. Novamente, o funcionamento participativo e aberto para vários grupos parece contribuir com o sucesso dessa proposta.

Criado no final do ano de 2001 e oficializado em 2002, o projeto Arte em Movimento foi elaborado pelo Cedeca e também propicia atividades de cultura e lazer para as crianças e adolescentes da região de Sapopemba que vivem em situação de risco social. O projeto é muito conhecido pelas oficinas que

desenvolve, tais como: canto, dança, teatro e sobre os segmentos da cultura Hip-Hop (oficinas de Mc's, Dj, Breaking e Graffiti).

O Arte em Movimento foi implementado com o apoio dos recursos disponibilizados pela Prefeitura de São Paulo para projetos que promovessem os direitos das crianças e dos adolescentes. Os financiamentos obtidos cobrem um ano de atividades e podem ser ampliados, mesmo assim há insegurança quanto a sua continuidade.

As dificuldades para manter e sustentar projetos como esse acabam causando a frustração de algumas pessoas que nele se envolveram e o desmantelamento de equipes treinadas. Nesse sentido, é muito importante que se garantam financiamentos mais constantes para a estabilidade de tais espaços. Afinal, a participação também não se inicia imediatamente, é preciso tempo para que os moradores reconheçam e contribuam com a iniciativa proposta.

Em todos esses programas, os jovens destacam que um dos aspectos mais importantes é a ampliação das possibilidades de contato e diálogo, entre grupos de jovens, crianças e adolescentes ou entre esses grupos e suas famílias. Esse é, por exemplo, um dos objetivos do projeto Raízes que busca resgatar o diálogo entre pais e filhos a partir da promoção do conhecimento sobre as raízes culturais dessas famílias. Para tanto, são realizadas atividades como aulas de danças regionais, passeios ao teatro, museus, etc.

INTERFERÊNCIAS DA VIOLÊNCIA NAS ATIVIDADES DE CULTURA E DE LAZER

Se por um lado, são marcantes as iniciativas dos grupos locais, por outro, o aumento da violência e a insegurança em Sapopemba, assim como em outras áreas da cidade, vêm atrapalhando muitas das atividades tradicionalmente organizadas na comunidade. Seus efeitos são sentidos tanto no estado de conservação de alguns espaços públicos, como nas festas populares de rua.

Nas discussões sobre os espaços para lazer existentes no bairro, foi lembrada a grande deterioração de uma das principais praças da comunidade, ilustrando o desgaste que os espaços públicos de lazer sofrem com o crescimento da insegurança:

“Nesta praça tiveram vários entretenimentos, como o parquinho de diversões. O parque ficou na praça por uns dois meses e depois foi embora. Talvez ele tivesse se demorado mais um tempo, mas aconteceram dois tiroteios no local e o parquinho foi embora e não voltou mais.

Com o passar do tempo, a pracinha começou a ser habitada por usuários de drogas, o que fez com que a situação mudasse. A polícia começou a abordar e revistar as pessoas que ficavam na pracinha. A abordagem ocorria quase sempre quando os usuários não estavam, mas sim pessoas de bem, deixando muita gente indignada e as pessoas acabaram se afastando da pracinha. Hoje em dia a praça Francisco Távares Velozo está de certa forma abandonada...” (relato de jovem morador)

Neste depoimento de um dos integrantes do grupo, percebemos como, gradualmente, a violência afastou atrações e pessoas desse potencial local de lazer, chegando, até mesmo, a impedir sua utilização. A chegada da polícia para coibir a presença de usuários, em vez de trazer mais tranquilidade, parece reforçar a sensação de que a praça é um local que deva ser evitado.

Casos como esses parecem formar uma espécie de ciclo vicioso: eventos com brigas banais espalham a idéia de que determinados locais devam ser evitados, pois estariam dominados, por exemplo, por criminosos ou viciados em drogas. Com isso, por mais interessante e importante que sejam os espaços, eles tendem a perder a presença de muitos moradores; finalmente, sem a comunidade por perto, a tendência é que se deteriore e, possivelmente, que de fato passem a servir a grupos criminosos.

Em outro relato, notamos como a quermesse tradicional foi afetada por conflitos entre os participantes:

“Se eu não me engano, foi em um sábado que tudo ocorreu. Estava em casa sozinho, angustiado por não ter o que fazer. Resolvi ir para a quermesse para presenciar o evento que ocorria perto de minha casa, já que era a única opção que eu tinha. A festa já havia começado há um bom tempo. Já tinham tocado dois grupos de pagode e agora estava tocando um grupo de Rap.

De repente, sem mais nem menos, eu ouvi os tiros no meio da multidão e a correria começou. Eu pude ver por cima do carro o cara dar um tiro na face do que fora atingido. Depois desse ato, com bastante rapidez, montou na moto e sumiu em alta velocidade.

Cinco minutos depois a polícia chegou e pegou o corpo do cara que jazia sem vida no chão. A festa acabou nesse momento, pois todo mundo que estava ali reunido, ficou com medo do assassino retornar e cometer outra brutalidade como aquela. A quermesse já interou três anos que não é realizada na paróquia.” (relato de jovem morador)

A presença de armas de fogo em espaços de comemoração pública, naturalmente amedronta a todos os participantes da quermesse. O medo de que eventos violentos como esse se repitam acabou fazendo com que nos últimos anos essas festas de rua diminuíssem muito de duração, evitando que se estendam até mais tarde. No caso, a paróquia deixou de abrigar a quermesse.

Essas festas e comemorações são o espaço para muitas manifestações culturais e fazem muita falta aos moradores. Retomá-las não passa apenas a envolver o policiamento, que pode inclusive contribuir para o fim da violência se mantiver boas relações com os participantes, mas depende da articulação dos grupos locais na promoção conjunta desses eventos.

Nesse ponto, voltamos com o exemplo do Rap em Festa. Um frequentador comentou a tranquilidade do evento:

“Nesses dez anos do Rap em Festa nunca

ocorreu nenhuma briga nem intervenção policial, devido à organização e ao regulamento do evento, pois todo o grupo tem responsabilidade pelas pessoas que trazem ao local. Se algumas dessas pessoas arrumarem alguma confusão, o grupo responsável é automaticamente expulso do próximo Rap em Festa.” (relato de jovem frequentador)

Para o jovem, a articulação dos grupos como responsáveis pelo evento e a clareza sobre suas regras consolidam a situação mais calma. Assim, seja na conservação dos espaços, seja na promoção de eventos, a insegurança só pode ser superada se, de fato, os grupos interessados participarem ativamente de sua preparação e execução.

PRECONCEITOS COM RELAÇÃO AO HIP-HOP

Ao longo do trabalho e mesmo antes dele, notamos que há entre os jovens um grande interesse no Movimento Hip Hop, interesse por desenvolver atividades culturais, em que possam se expressar por meio da música Rap, da dança Breaking ou das artes plásticas, o grafite.

Entretanto, pôde-se constatar também a existência de um grande preconceito em relação à cultura Hip-Hop, o que dificulta o acesso do jovem da periferia a espaço e apoio para colocar suas idéias em prática e desenvolver seus projetos ligados ao movimento.

Essa situação pode ser claramente notada na descrição de um show de Rap que aconteceria em uma rua do bairro Jardim Iguatemi e teve sua realização interrompida e cancelada por policiais que trabalhavam no posto da polícia militar situado nas proximidades do palco. O show representava uma oportunidade de expressão da cultura dos jovens e foi interrompido no meio, sem maiores justificativas pelos policiais que ameaçaram deter alguns músicos, provocando uma grande confusão.

Apesar do show ter sido interrompido, teoricamente por questões de segurança, essa decisão acabou, na verdade, trazendo o conflito. Tal comportamento, além de discriminatório, vai contra o direito de livre-expressão desses grupos. Mesmo que a polícia seja frequentemente criticada por alguns grupos de Rap, a atitude dos policiais foi abusiva e discriminatória. Posturas assim, apenas alimentam e até fundamentam as críticas que a polícia parece querer afastar.

Um jovem relatou outra situação que também ilustra o preconceito com relação ao Hip-Hop. Ele e um amigo tinham um projeto de desenvolver cultura e lazer na escola onde estudavam a partir de um show de Rap. Vejamos seu depoimento:

“Nós apresentamos a proposta para a diretora da escola e ela, sem questionar, não concordou e nos disse que não poderia ceder o espaço, pois nossa iniciativa iria atrair vândalos para a escola. Como não sabíamos lidar com tal dificuldade, deixamos de lado nosso objetivo, mesmo nos sentindo prejudicados.

Após alguns meses, aconteceu nossa indicação maior, porque um grupo de pagode da região conseguiu fazer turnê pelas escolas em



todos os horários e somente com o propósito de promover sua carreira. Não nos indignamos por eles serem de outro estilo musical mas porque tiveram o privilégio de tocar na escola.” (relato de jovem)

De acordo com o jovem, a recusa imediata da diretora em sediar um evento de Rap foi justificada com o argumento de tratar-se de uma manifestação que atrairia vândalos para a escola. Essa postura preconceituosa teria ainda sido confirmada quando o grupo de pagode circulou livremente pela escola. É preocupante que a diretora de uma escola local, que poderia ser um dos pontos de ligação de maior promoção cultural e de lazer, adote uma postura tão resistente a uma forma de expressão muito presente entre seus alunos.

Percebe-se, também, que não existiu qualquer diálogo entre os alunos e a diretora. sequer discutiu as condições que a direção acharia adequadas para sediar esse tipo de evento.

Tempos depois, essa diretora saiu do local e a pessoa que a substituiu felizmente tinha maior abertura para o diálogo. A nova direção incentivou a organização de um evento musical com a participação de vários alunos, nele ocorreu uma mistura entre as várias tribos existentes na escola. Com essa abertura, os grupos ligados ao hip-hop se manifestaram em conjunto com muitos outros, não ocorrendo qualquer incidente de violência no local. Muito pelo contrário, a proposta integrou mais todos à escola com a troca de experiências e eles foram reconhecidos por sua participação.

Nas duas situações relatadas, polícia e escola parecem associar o Hip Hop a problemas com a violência. Evidentemente, esse movimento (assim como muitas outras manifestações atuais), traz entre seus principais temas a violência. É verdade também que o ponto de vista de muitas de suas manifestações é

questionado pela polícia ou mesmo por outros moradores. Entretanto, a discriminação dessa expressão prejudica a todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dissemos, isso foi parte das várias discussões que tivemos no processo de observação. No conjunto do trabalho, percebemos como as atividades que promovem os Direitos à Cultura e ao Lazer estão ligadas (como ressaltava os objetivos de uma das iniciativas destacadas) à idéia de se promover o diálogo e o contato entre indivíduos ou grupos.

Mesmo na experiência dos integrantes do grupo, cada participação em uma das iniciativas existentes significa fazer contatos, conhecer amigos, trocar ou mostrar idéias, atividades fundamentais para cada um, seja ele jovem ou não. Imaginamos que é por isso que certas iniciativas conseguem, desde a sua elaboração, envolver diferentes grupos de interessados e construir propostas comuns tão importantes.

Além disso, a violência parece barrar as atividades desse tipo na medida em que se perde a crença de que é possível fazer algo em conjunto com pessoas que não conhecemos. O mesmo ocorre na discriminação do movimento Hip Hop em detrimento de outras manifestações tidas como “ inofensivas” . Se conseguirmos superar essa perspectiva negativa e assegurar espaço para os diferentes interesses e propostas, poderemos fortalecer os movimentos que existem e, quem sabe, ainda descobrir outros.

Inúmeras questões poderiam ser levantadas sem que esse tema fosse esgotado. Mas consideramos que o importante é esse material servir de referência para novas reflexões e para a busca da melhoria das condições de vida de tantas outras comunidades como aquelas que foram observadas em Sapopemba.

MOVIMENTO HIP HOP, UM “TOQUE” SOBE DIREITOS HUMANOS

Comandada pelas mãos habilidosas do DJ a agulha dança sobre o disco para frente, para trás, num risco ou num salto, para outra faixa, para outro disco. Na pista são pernas e braços que riscam o ar em saltos e rodopios, enquanto os olhos vêem o mundo girar de cabeça para baixo. Nos muros e fachadas quem salta são as cores e imagens, no risco do grafite e de quem arrisca a vida para deixar sua marca. Rodam também letras e idéias nos palcos e platéias, nas mentes e nas ruas. Movimento do corpo, movimento da mente, movimento estético cultural e social. Movimento Hip Hop.

Mas o que nos diz, ou qual é o “toque” que esse movimento nos dá? Será que quando tocamos um rap estamos também tocando em Direitos Humanos?

As inscrições e pinturas que interferem na paisagem urbana disputam, espaço com a publicidade da mercadoria e do consumo, dando visibilidade a personagens de um mundo que até pouco tempo atrás se procurava ocultar. Os adeptos do Hip Hop sabem que para continuar existindo é preciso mais do que pensar, é preciso mostrar que existimos e fazer ouvir nosso pensamento. É preciso disputar um lugar nos muros e no mundo, confrontar realidades e expressar uma outra versão, de uma forma que salte aos olhos, fira os ouvidos e desperte as consciências.

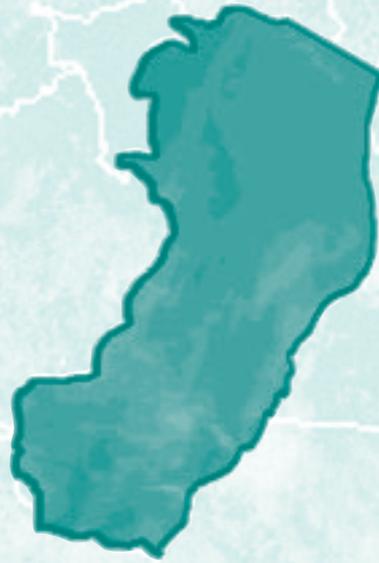
Antes de mais nada é preciso garantir, mesmo que “na marra”, o direito à livre expressão, seja na clandestinidade das inscrições, nas gravações independentes, nas rádios piratas ou comunitárias. Se não foi possível ter acesso a instrumentos musicais, o toca disco permite criar uma nova música repetindo os fragmentos de outra. Se não há toca discos, vale o improviso, batendo palmas, batendo na lata ou trazendo a batida na boca. O importante é expressar idéias com ritmo e poesia.

A mais de duas décadas (no Brasil) o movimento Hip Hop tem se utilizado dos canais disponíveis e, principalmente, dos indisponíveis para se expressar e gritar por direitos, em especial pelo direito à vida, para que essa não seja estupidamente roubada por outro indivíduo igualmente roubado, ou pela arbitrariedade das forças do próprio Estado. E para que a vida seja digna, o Hip Hop grita por outros direitos, ao cantar o cotidiano de pessoas e lugares onde parece não existir direito algum.

Da periferia, as margens da cidade e no limite entre a exclusão e a sociedade, o Hip Hop descreve através das letras de rap cada uma das situações em que essa exclusão se manifesta. Ao fazer essa denúncia reivindica a igualdade de direitos e oportunidades, independente da origem étnica ou social de cada indivíduo. Reivindica o reconhecimento e à livre expressão da identidade e da cultura. O Hip Hop manifesta-se contra a discriminação racial e social, denuncia a violência praticada contra negros e pobres e reclama o acesso dessas minorias à educação, ao trabalho, à saúde e outros direitos fundamentais à dignidade de qualquer ser humanos.

Há muito mais coisa a rodar pelos palcos, pistas de dança e toca-discos do que imaginamos. Sem falar expressamente em Direitos Humanos, o Hip Hop coloca em pauta tudo o que deveria ser de direito a todos os seres humanos, as necessidades que são ao mesmo tempo fundamentais e universais. Tudo isso os adeptos fazem cantando e dançando, com ritmo e poesia, pois, afinal de contas, a felicidade deveria ser de direito a todos.

Pedro Guasco
Mestre em Antropologia pela USP



PARTE II

VITÓRIA

ESPIRITO SANTO

ITARARÉ • JARDIM BOTÂNICO • JARDIM CARAPINA



AGRADECIMENTOS

À Maria Noélia Oliveira Scandian (diretora da Cáritas), por ter abrigado o projeto em Vitória, constituindo a equipe de trabalho, cuidando da parte administrativa, facilitando articulações com outras entidades.

À Maria Aparecida Dal Rio Santos (secretária da Cáritas), que durante todo o processo se responsabilizou com dedicação pelo envio e recebimento das correspondências.

À Dione Miranda, Kefren Caleira dos Santos e Vanda de Aguiar Valadão que comentam os textos sobre temas específicos.

Ao CDDH em Carapina e à Comunidade Eclesial de Base São Benedito em Jardim Carapina, ambos no município da Serra.

À Associação de Moradores e a Direção da Escola Municipal Otto Ewald Junior no bairro Itararé município de Vitória.

Ao Espaço Gente Feliz da Pastoral do Menor em Jardim Botânico no município de Cariacica.

Ao Serviço de Engajamento Cristão da Paróquia Santa Rita (SECR), que por vezes nos cedeu espaço para reuniões e eventos.



Indicadores Gerais – Vitória

VITÓRIA

População:	292.304 habitantes
Área:	89 Km²
População até 18 anos:	101.573
Taxa de alfabetização:	95,70
Hospitais:	11
Leitos hospitalares:	1.462
Salário Médio (Salário/Pessoal Ocupado Assalariado) nas unidades locais:	830,39
Empresas com CNPJ:	14.360
Taxa de desemprego:	não-disponível
Taxa de homicídios por 100.000 habitantes:	78,7
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos:	160,5
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos/ Sexo Feminino:	22,4
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos/ Sexo Masculino:	309,0

Fonte: IBGE

Dados sobre homicídios: Waiselfisz, Jacobo. Mapa da Violência: Os Jovens do Brasil. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Ministério da Justiça/SEDH - 2002

SERRA

População:	321.181 habitantes
Área:	551 Km²
População até 18 anos:	134.802
Taxa de alfabetização:	92,20
Hospitais:	3
Leitos hospitalares:	257
Salário Médio (Salário/Pessoal Ocupado Assalariado) nas unidades locais:	671,33
Empresas com CNPJ:	6.119
Taxa de desemprego:	não disponível
Taxa de homicídios por 100.000 habitantes:	108 (Datasus, 1999)
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos:	não disponível
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos/ Sexo Feminino:	não disponível
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos/ Sexo Masculino:	não disponível

Fonte: IBGE

CARIACICA

População:	324.285 habitantes
Área:	285 Km²
População até 18 anos:	130.679
Taxa de alfabetização:	91,70
Hospitais:	3
Leitos hospitalares:	495
Salário Médio (Salário/Pessoal Ocupado Assalariado) nas unidades locais:	610,71
Empresas com CNPJ:	4.538
Taxa de desemprego:	não disponível
Taxa de homicídios por 100.000 habitantes:	67,2 (Datusus, 1999)
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos:	não disponível
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos/ Sexo Feminino:	não disponível
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos/ Sexo Masculino:	não disponível

Fonte: IBGE



Cáritas Arquidiocesana de Vitória

A Caritas Arquidiocesana de Vitória foi fundada em 29 de setembro de 1967 e é um organismo da Igreja Católica. Define sua atuação a partir da orientação da Caritas brasileira, cuja missão tem sido promover a solidariedade ecumênica libertadora e participar da defesa da vida, da organização popular e da construção de um projeto de sociedade. Essa missão está baseada na busca da cidadania plena para todas as pessoas, a caminho do reino de Deus.

Num esforço de desenvolver uma prática que sustente a garantia de direitos, a Caritas assume como função favorecer a organização de grupos, promovendo o exercício da cidadania e da dignidade fragilizada pelo processo de exclusão.

Os trabalhos realizados pela Caritas Arquidiocesana são desenvolvidos principalmente na área da assistência social. Através deles, a entidade visa prestar serviços voltados para a inserção dos excluídos e excluídas no acesso de bens e serviços, na defesa dos interesses coletivos e pela ampliação da cidadania. Em relação à prevenção, apoia e ajuda a população em situação de risco social, buscando evitar sua exclusão, num esforço de elevar a cidadania.

A Caritas desenvolve programas de atendimentos à criança e adolescente, de trabalho e geração de renda, de formação de agentes, de atenção à saúde, de atenção a presos, de atendimentos sociais, além de atividades de ocupação dos espaços públicos e fortalecimento da organização da Caritas.

Dentre as atividades desenvolvidas pela entidade, cuja base está firmada pela perspectiva da cidadania e resgate da dignidade, merece destaque o trabalho de *economia solidária*. Este tem por objetivo investir em ações que visam construir e fortalecer a organização de grupos produtivos, associações e cooperativas populares. Além disso, promove a construção de uma rede de iniciativas de economia popular solidária, visando a construção de um novo projeto de sociedade. O trabalho é desenvolvido com base na orientação, formação e assessoria de grupos que apresentam alternativas vinculadas a economia popular solidária.

O papel da Caritas tem sido o de articula-se com cada grupo na construção de um projeto de trabalho voltado à economia popular. Posteriormente, o grupo cria autonomia e, a partir da autogestão, amplia a visão de direitos no trabalho. Um exemplo disso foi a ação de um grupo de catadores de materiais recicláveis do município da Serra, que apresentou um projeto na câmara de vereadores pedindo a implantação da coleta seletiva nos bairros. Esta proposta foi resultado da organização do grupo que, para conquistar uma aprovação, travou uma luta buscando a participação de todo o grupo.

Através do verdadeiro sentido de filantropia, a Caritas constrói uma relação no campo dos direitos sociais e na defesa de valores como: igualdade e equidade na sociedade. Assim, podemos afirmar que o sentido de filantropia assumido pela Caritas, enquanto organismo da Igreja Católica, encarna a realidade cotidiana da população excluída, identificando e agindo em função dos desafios que focalizam situações sociais.



CÁRITAS ARQUIDIOCESANA DE VITÓRIA



ESPÍRITO SANTO

ITARARÉ



Quem Somos?

GILSILENE GOMES FIGUEIRA

Nesse momento, quero partilhar com vocês um pouquinho da minha vida. Tudo começou mais ou menos assim:

Há uns 45 anos se conheciam aqui no Bairro de Itararé, em Vitória-ES, Dermeval Gomes e Maria da Penha Sobrinho. Ele havia chegado de Guaraná-ES, uma cidade do norte do Estado. Ela já morava neste Bairro há alguns anos, vindo de Taperoroma, também no norte do Espírito Santo. Ao longo desta união, os dois se casaram e tiveram 8 filhos, 5 homens e 3 mulheres. Até o 7º filho, tudo corria bem da gestação até o parto, apesar da pouca estrutura de atendimento médico que havia na época. Passados 5 anos do nascimento do 7º filho, Maria da Penha ficou grávida novamente, desta vez de uma menina, e tudo parecia correr bem. Mas, no 6º mês algumas complicações surgiram e, após duas semanas, as complicações aumentaram e a mamãe teve que ir às pressas para o hospital verificar o que estava acontecendo. Chegando lá, os médicos reuniram toda a família e disseram que mamãe corria risco de vida e que seria impossível o bebê sobreviver. Mas, o que para todos parecia impossível, para Deus tornou-se possível e para a felicidade do casal veio ao mundo, às 13h45m do dia 08 de julho de 1981, uma menina que pesava 840gr., media 28cm e que recebeu o nome de GILSILENE GOMES.

Tive algumas dificuldades como era previsto, mas tendo conseguido a "vida", dez dias na incubadora e alguns cuidados dos pais foram suficientes para a minha recuperação. Com o passar do tempo, fui crescendo ao lado dos meus irmãos. Todos tinham carinho e admiração por mim. Recordo-me com saudades das vezes que minha irmã mais velha me arrumava com lindos vestidos e tranças no cabelo para passear. Meu irmão, na época com 7 anos, sentia ciúmes, dizia mamãe.

Com 6 anos fui para a Creche Santa Rita de Cássia. Lá sentia muita falta de casa, mas sabia também que a mamãe e o papai estavam trabalhando, ela como cozinheira e ele como porteiro. Meus pais não puderam estudar, pois precisaram começar a trabalhar cedo para ajudar meus avós no sustento da

casa. Hoje, os dois estão aposentados.

Tudo parecia bem, mas aos 9 anos tive sérios problemas nos rins por causa de umas castanhas de caju que minha avó passou em umas verrugas que eu tinha nas pernas. Recordo-me, em alguns momentos, o quanto meus familiares sofreram naquela semana chuvosa de março.

Fora isso, tudo foi festa. Concluí o 1º grau na Escola Municipal Otto Ewald Junior e no dia em que cheguei em casa com o meu "histórico escolar", mamãe havia preparado meu prato preferido: bife à milanesa com batata frita, arroz e feijão.

Com 15 anos queria ajudar em casa e comecei a trabalhar como garçone em um restaurante de um amigo, mas não fiquei lá muito tempo, pois logo surgiu a oportunidade de trabalhar como recepcionista numa escola de ensino supletivo. Nesse emprego, fiquei quase dois anos e tive oportunidade de adquirir conhecimentos sobre a vida e sinto que lá eu cresci e amadureci. Comecei a me preparar para realizar meus sonhos. Com 18 anos, terminei o curso de Técnico em Administração na Escola de 2º Grau Arnulpho Mattos, em Vitória-ES.

Eu sempre quis poder passar, à minha maneira, todo o carinho que meus pais tiveram e têm por mim para as pessoas que se sentiam necessitadas. O melhor jeito que encontrei para isso foi servir a Deus, o meu ídolo, o grande autor da minha vida, o responsável por toda a minha felicidade e sinceridade. A partir disso, comecei a participar da catequese, fiz a primeira comunhão, tornei-me catequista, fui crismada e participei das atividades de recreação como auxiliar de coordenação. Participei também do grupo de jovens e, há 4 anos, sirvo na Renovação Carismática na Igreja Católica do bairro onde moro.

Hoje, aos 20 anos de idade, sou casada há cinco meses com Paulo César Gomes Figueira e continuo morando no Bairro de Itararé, onde a violência assusta, mas espero, confiante que um dia tudo será tranquilo como antigamente.

NALDEMIR SIMÕES CECILIOTE

Oi, vou começar minha história não por minha apresentação, mas contando um pouco sobre como meus pais se conheceram e todo aquele blá-blá-blá, afinal de contas, se eles não tivessem se conhecido, hoje eu não estaria escrevendo esta história.

Bem, vamos ao que interessa. Meu pai se chama Namir (qualquer semelhança com o meu nome pode ser mero acaso), nasceu no dia 05 de junho de 1952, em Marilândia, no norte do estado, onde morou por muito tempo antes de vir para Vitória. Minha mãe se chama Marilza, nasceu aqui mesmo em

Vitória, no dia 31 de dezembro de 1960. Em 1970, meus pais se conheceram, mas, o relacionamento entre eles só começou em 1976, ela com 16 anos e ele, 24 anos. Namoraram por 4 anos e, durante esse período, meu pai terminou o 2º grau, enquanto minha mãe tinha parado de estudar na 5ª série, por ter que ajudar no sustento da casa. Após estes 4 anos de namoro, começou minha história, porque em 1980, mais especificamente no dia 12 de setembro, minha mãe deu à luz a um menino e, adivinha quem era esse menino? Eu.



Agora, me apresento: meu nome é Naldemir (não disse no início da semelhança com o nome de meu pai?), tenho 21 anos, moro no Bairro de Itararé, município de Vitória-ES. Tenho 1,67m de altura, sou moreno, magro (muito) e tenho olhos e cabelos pretos.

Tive uma infância muito boa, com todas as brincadeiras possíveis, como pique-esconde, carrinho de rolimã, soltar pipa etc. Dos 5 aos 7 anos de idade, cursei o pré-primário, na Escola Santa Rita de Cássia, da Prefeitura Municipal. Aos 8 anos, comecei a primeira série do primeiro grau na EPSG Aflordizio Carvalho da Silva, onde estudei até o término do 2º grau. Durante minha formação, fiz muitos amigos que até hoje encontro para um bate papo.

Após terminar o 2º grau, consegui um emprego como instrutor de informática na CAJUN (Associação Caminhando Juntos), que se destina ao lazer de crianças e adolescentes de 7 a 17 anos e fica sediada no Bairro de Engenharia, próximo a Itararé. Lá passei por alguns momentos difíceis enquanto tentava ensinar informática para crianças de 7 a 11 anos, mas, também fiz amigos e conheci muitas pessoas.

Bom, agora vamos às minhas preferências: gosto de ouvir música, especialmente de pop/rock tipo Legião Urbana, que, diga-se de passagem, é a melhor banda do mundo. Gosto também de desenho animado, de praticar esportes (futebol, vôlei,

ciclismo), de informática (internet é muito legal) e de tocar violão, apesar de, por enquanto, ainda desafinar um pouco. Além disso, gosto de sair com os amigos para festas, shows etc.

Tenho dois irmãos: Vanderson, de 16 anos, que está cursando o 2º ano do ensino médio, e Leticia, 19 anos, que já concluiu o ensino médio, tem uma filha de 3 anos, a Brenda, no momento está desempregada e é dona-de-casa.

Moro com minha mãe, pois meus pais estão separados desde 1996. Minha mãe atualmente trabalha como diarista e meu pai, como auxiliar de contabilidade numa loja no centro de Vitória.

Quero cursar faculdade de informática, comprar uma moto e um bom computador. Tento ser simples em tudo que faço, ser sincero, amigo, valorizo muito os amigos que tenho e, principalmente, minha família. Sou um pouco tímido, mas não dispenso uma boa conversa.

Gosto do bairro onde moro, apesar dos problemas com que temos que conviver, principalmente a violência. Gosto dos vizinhos que tenho, da praia, da minha cidade.

Para terminar, vou mandar uma frase em latim: URBANA LEGIO OMNIA VINCIT (Legião urbana a tudo vence).

Fui!!!

GISELE SIMÕES DOS SANTOS

Queridos Amigos,

A minha vida começa assim...

A jovem Marli, com a idade de 15 anos, moradora do Bairro de Itararé, Vitória-ES, conheceu Edmilson, 17 anos, também morador do bairro Itararé, ela estudante do 1º grau e ele soldador elétrico. Namoraram durante cinco anos, depois se casaram. No dia 30 de novembro de 1977, às 13h de um dia muito quente, nasceu Gisele Simões dos Santos, com 2,55Kg, 49cm, pele super rosada e muito cabeluda. Assim, começava minha vida.

Com sete anos, entrei na 1ª série da EPSG Aflordizio Carvalho da Silva, em Vitória-ES, onde cursei todo o ensino fundamental. Aos nove anos, minha vida tomou novos rumos. Meus pais se separaram e fiquei morando com minha mãe. Passamos muitas dificuldades, minha mãe trabalhava como camareira para nos sustentar e eu tomava conta da casa. Fazia tudo para ajudar minha corajosa mãe, pois meu pai se negava a dar pensão para mim.

Com o tempo, passei a poder ajudar ainda mais. No 2º grau, cursando técnico em contabilidade, eu fiz um estágio de seis meses na Prefeitura Municipal de Vitória e outro de 1 ano na CETURG.GV, que me ajudaram tanto profissionalmente quanto financeiramente. Infelizmente, depois que me formei em 1996, não consegui mais nenhum emprego na área, somente bicos como manicure para "quebrar galho".

Sinto saudades do tempo de escola, porque lá me sentia bem, tinha muitas amigas e podia contar com o apoio delas sempre que precisava.

Com 16 anos, comecei a namorar um rapaz chamado Sidney, com quem me casei. Com um ano e pouco de casados, tivemos nosso primeiro filho, o Matheus, que hoje está com 3 anos de idade. Nós, neste ano, completaremos 5 anos de casados. Atualmente, eu e meu marido somos evangélicos. Há 3 anos pertencemos à Igreja do Evangelho Quadrangular, do Bairro da Penha, onde desenvolvo atividade de montagem de peças teatrais, baseadas em relatos de experiências individuais, a partir das quais trabalhamos temas variados como drogas, violência familiar, alcoolismo etc.

Hoje, com 24 anos, posso dizer que sou assim: adoro comer pizza (por isso sou gordinha), sou baixinha, tenho cabelos pretos, sou amiga, responsável, segura e exigente. Por ser exigente, o que mais admiro em uma pessoa é a sinceridade. O que eu mais gosto de fazer é ouvir música Gospel, conversar e sair para passear com meu filho e o meu marido.

Moro no mesmo endereço onde nasci, Itararé, bairro que eu amo apesar de todos problemas que tem como drogas, falta de segurança, violência das mais variadas etc. Tenho fé em Deus que um dia viveremos em um país e num bairro onde todas as pessoas possam viver com igualdade em todos os setores da vida.

JULIANA SENA ROCHA

Caros Amigos,

Sou Juliana Sena Rocha, tenho 16 anos, cabelos longos e pretos, sou morena, peso 46kg e tenho 1,57m de altura. Nasci no Estado do Espírito Santo, no município de Vitória e, estou cursando o 2º ano do ensino médio na Escola Municipal Aflordízio Carvalho da Silva, no Bairro de Itararé, onde moro.

Participo do Projeto Agente Jovem para o Desenvolvimento Social e Humano, da Prefeitura de Vitória. Nesse projeto, fizemos pesquisas com os moradores do bairro sobre questões importantes para a comunidade como drogas, violência, saúde e segurança. Realizamos, também, peças teatrais como forma de conscientizar os jovens. Além desse projeto, sou representante das turmas do 2º grau na escola onde estudo. Como representante, procuro resolver problemas ocorridos com colegas relacionados à escola.

Sou uma pessoa muito alegre e divertida, também sou muito sentimental. Tenho defeitos e qualidades, como qualquer ser humano. Sou sonhadora e sonho em, um dia, ter um emprego digno de meus estudos. Sonho, também, encontrar uma pessoa que me ame, para formarmos uma família e convivermos lado a lado.

Falando um pouco sobre minha família, minha mãe, Maria Lúcia Sena Rocha, nasceu no município de Caravela, na Bahia, e veio para Vitória com mais ou menos 20 anos. Meu pai, Laudelino Soeiro Rocha, nasceu em Nova Almeida, município da Serra, aqui mesmo no Espírito Santo. Eles se conheceram em uma festa de rua e, em pouco tempo, ficaram noivos e se casaram, apenas no civil. Foram morar em Maringá, no município da Serra. Após um ano de casados, tiveram o primeiro filho, um menino de pele rosada, cabelos lisos, olhos claros, o João

Carlos Sena Rocha.

Após 3 anos, a família mudou-se para o Bairro de Barcelona, no mesmo município, e teve mais um filho que morreu ao nascer. Dois anos mais tarde, tiveram o terceiro filho, um menino de cor morena, cabelos lisos e muito gordinho, que chamaram de Vanderson. Depois, veio a Laudicéia, de cabelos pretos, olhos castanhos escuros e de cor morena, e, passados mais 2 anos, eu nasci.

Vimos todos morar no Bairro da Penha, no Município de Vitória, numa casa deixada pelo meu avô paterno. Logo meu pai empregou-se na Brahma como ajudante de cargas, desempenhando essa função por 16 anos. Hoje, infelizmente, ele está desempregado.

Tivemos uma infância com muitas dificuldades, porém legal. Com o pouco que meu pai ganhava, ele sustentava a família e mantinha as despesas da casa.

Os anos foram passando, e as crianças viraram adolescentes responsáveis, com consciência sobre a importância de ajudar a família. Com 13 anos, meu irmão mais velho começou a trabalhar em uma oficina mecânica e, algum tempo depois, Vanderson também começou a trabalhar como office-boy. Ambos contribuíam para a despesa da casa, diminuindo, assim, as dificuldades.

Hoje em dia, o meu irmão mais velho é casado, tem um filho e não mora mais conosco. O sustento da família fica por conta do Vanderson que continua trabalhando como office-boy. Com o pouco que ele ganha, vivemos tranquilos e felizes, por sermos uma família unida.

VANDERLÚCIO SANT'ANA

Meu nome é Vanderlúcio Sant'Ana, tenho 20 anos e nasci no Município de Vila Velha, no Espírito Santo, no dia 08 de julho de 1981. Moro atualmente na casa de um amigo, devido a problemas familiares, ou melhor, problemas com meu padrasto, pois nós nunca nos entendemos bem. Na verdade, não consigo entender o motivo que o leva a me rejeitar.

Terminei o 2º grau do curso técnico em contabilidade no ano de 2000 no colégio Maria Ortiz, no centro da cidade. Foi uma época agradável, pois fiz amigos de diferentes municípios vizinhos à Vitória, além dos professores que me orientaram em minha formação profissional. Apesar de, no momento, não estar trabalhando, tive várias experiências profissionais, me identificando com a área administrativa (ADM). Minha primeira experiência em carteira foi como estagiário no Banco Santos Neves, onde trabalhei por um ano e seis meses atuando no setor de talonário, trabalhando com arquivo, organização e digitação de documentos, controle de mapa, de chaves e atendimento ao cliente.

Meu primeiro emprego foi no Carrefour, com contrato temporário, como digitador. Classificava notas fiscais de entrada e saída no sistema. Meu contrato foi renovado por duas vezes,

mas como não eram permitidas mais renovações, fui dispensado. Trabalhei em vários outros lugares com venda de jornal, casa de família, oficina mecânica, escritório contábil e administrativo. Gostaria muito de voltar a trabalhar no Banco Santos Neves ou no Carrefour, por me identificar com o trabalho e pela relação de solidariedade que os colegas de trabalho desenvolvem nesse dois lugares. Gosto muito da área de informação, comunicação e informática.

Infelizmente, nunca participei de nenhum movimento comunitário, pois venho de uma família que limita as relações com a comunidade e mantém a educação dos filhos no espaço da casa para o trabalho. Depois que comecei a trabalhar, conquistei minha liberdade me relacionando com outras pessoas e fazendo amigos. Foi nesse período que saí de casa, pois sofria muitos maus tratos de meu padrasto. Inclusive, já estive duas vezes na Delegacia do Menor para denunciá-lo e hoje ele não fala comigo.

Gosto muito de viajar conhecer lugares e pessoas diferentes. Meu passatempo é navegar na internet fazendo pesquisas sobre cidades, regiões, estilos de vida e outros, além de ter amigos virtuais de vários lugares do mundo. Quase todo final



de semana nós, internautas da nossa região, marcamos um encontro para nos conhecermos pessoalmente (é muito divertido). Gosto também de jogar vôlei na praia, nos finais de semana, com os meus amigos e vizinhos. Além disso, quase todos os dias nos reunimos para um “bate papo” na rua, pois, assim como eu, eles também não gostam de ir ao Horto Municipal e nem na praça do bairro por não ser lugares seguros.

Tenho quatro irmãos: Victor e Vinicius são gêmeos, têm 11 anos e estão cursando a 5ª série; Vanessa tem 13 anos e está cursando a 7ª série; e Vandeir, o mais velho, tem 22 anos.

Minha mãe nasceu no dia 24 de dezembro de 1959, em Pendanga, no município de Ibiracú, norte do ES. Morou em diversos lugares como e veio para Vitória há mais ou menos 29 anos. Estudou até a 8ª série do ensino fundamental e trabalha

como autônoma, vendendo perfumes. Antes, trabalhou em uma indústria têxtil e também como zeladora em condomínio, deixando o trabalho após o nascimento de minha irmã.

Quando minha mãe conheceu meu pai, Carlito de Mello, ambos tinham 19 anos e moravam no Bairro de Oriente, em Cariacica – ES. Moraram juntos por dois anos, época em que nasci. Após um ano da separação, minha mãe conheceu meu padrasto e mudaram-se para Vitória. Moramos em vários bairros como Cruzamento, Romão, Ilha de Santa Maria, Santo Antônio, Morro de Jaburuna, Gurigica e Morro do Horto, onde minha mãe comprou a casa onde estamos morando há 17 anos no Bairro Itararé.

E aqui termina o resumo de minha vida.

Onde Estamos?

O Bairro Itararé – antigamente chamado de Tararé, cujo significado é desconhecido pelos moradores – fica a oeste de Vitória, ES, a 25 minutos do centro da cidade, entre as Avenidas Maruípe e Leitão da Silva, com duas grandes vias de transporte urbano.

O bairro existe há aproximadamente 55 anos. A vila que começou com 14 famílias hoje já possui 7.585 moradores, distribuídos em 2.295 domicílios residenciais numa área de 491.293 m², segundo dados do Censo/2000 IBGE.

Hoje, em nosso bairro as casas são de alvenaria, ao contrário de tempos atrás quando só havia barracos. As ruas também mudaram e estão asfaltadas.

Atualmente, Itararé é bastante urbanizado e quase não há paisagens naturais. O bairro é provido de supermercados, farmácias, lojas variadas, restaurantes, pizzarias, igrejas de diversas denominações, bares, praça e campo de futebol.

Em nosso bairro há sete linhas de ônibus que atendem satisfatoriamente aos moradores, pois transitam por todo o bairro, inclusive nos morros mais altos. Além disso, permitem o acesso à diferentes pontos da cidade, como o centro, o shopping principal do município etc. O que nos falta é uma linha de ônibus que nos leve à Praia de Camburi, pois, além de ser um ponto turístico, é também um centro de lazer com apresentações de shows musicais de bandas locais e torneios de vários esportes como triatlon, beach soccer (futebol de praia) e vôlei.

Nosso bairro dispõe de iluminação pública em todos os locais de maior trânsito dos moradores. A água e o esgoto também são conquistas alcançadas, raramente falta água e o esgoto é de rede oficial. A coleta de lixo é feita diariamente. Também contamos com a coleta de entulhos, quando solicitada pelos moradores.

Em relação à saúde, nosso bairro é carente. Há apenas um posto montado e coordenado pela Associação de Moradores do Bairro Itararé (AMBI), atendendo aos associados que pagam uma pequena mensalidade de R\$ 2, além de R\$ 1 por consulta. Os outros moradores utilizam os Postos de Saúde de bairros vizinhos, como o Gilson Santos, no Bairro da Penha, ou o Centro de Saúde de Maruípe. Caso o atendimento seja de urgência, contamos com o pronto socorro do Hospital Universitário, no Bairro de Eucalipto, e com o Hospital Santa Rita, que é conveniado com o SUS (Sistema Único de Saúde) e oferece tratamento para diagnóstico de câncer. Os últimos três citados ficam a mais ou menos 15 minutos do bairro.

Os Agentes Comunitários de Saúde do Posto Gilson Santos atendem aos moradores de nosso bairro com visitas à crianças, gestantes, pessoas com problema de pressão arterial, diabéticos e também indicam famílias carentes para receber o leite, que serve de alimento para crianças de baixo peso.



Ainda nos falta um Posto de Saúde Público que permita o tratamento e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DST), prevenção à gravidez precoce de adolescentes, atendimento dentário e que ofereça palestras sobre drogas e outros assuntos ligados à saúde, bem como ajuda a dependentes químicos. Precisamos também de uma ambulância comunitária, pois o transporte de doentes, em casos de urgência, é feito pelos próprios moradores.

A segurança é o que mais nos preocupa. Não há Posto Policial no bairro, apenas uma ronda feita por rádio patrulhas da Polícia Militar, 24 horas, todos os dias. Não há polícia interativa, nem comunitária, o que colabora para o alto índice de violência causado, principalmente, pelo tráfico de drogas nos bairros vizinhos.

A educação é satisfatória. Há duas escolas municipais de 1º grau e uma escola estadual de 1º e 2º graus. Porém, não dispomos de creches suficientes, são apenas duas que não suprem toda a demanda.

Segundo dados levantados pelo Projeto Terra/Prefeitura Municipal de Vitória para Diagnóstico da População de Itararé, 28,7% dos moradores concluíram o ensino médio, 33,2% concluíram o ensino fundamental, 25,5% pararam de estudar entre a 1ª e a 4ª série do ensino fundamental, 2,7% concluíram o ensino superior, 4,9% são analfabetos e 5%, sem informação.

Em relação ao lazer e cultura, temos um campo de futebol e uma praça pública que possui quadra poli-esportiva, pista para skate e uma área especial para o lazer das crianças, com gangorras e escorregadores. Não temos uma biblioteca comunitária, nem cinema próximo, por isso, nossa maior forma de distração são os grupos de "bate-papo" e "bares".

Temos o Movimento Comunitário que foi fundado em 1985 com o objetivo principal de reivindicar melhorias para o bairro, como escadarias, asfaltamento e iluminação pública, todas conquistadas. Além disso, o movimento fez uma parceria com o SESI e o SENAI que oferecem cursos de manicure, carpintei-ro, técnico em vendas e atendente odontológico. Há ainda a Associação de Moradores do Bairro Itararé (AMBI) que foi fundada em 1984 com o objetivo de reivindicar obras de infra-estrutura que eram essenciais para o bairro na época.

Há também igrejas evangélicas que desenvolvem projetos de ajuda à comunidade oferecendo cursos de crochê, vagonite e pinturas, além de ajudarem com alimentação. A única igreja católica do bairro oferece cursos de informática, manutenção de computadores, corte e costura, além de colaborar no encaminhamento a empregos, ajuda jurídica, alimentação, remédios e na construção e reformas de casas para famílias carentes.

O comércio local é composto por supermercados, padarias, bares, lanchonetes e lojas em geral, gerando empregos para a comunidade. A maior parte da população, 59,9%, possui renda entre um e quatro salários mínimos, segundo dados do Projeto Terra/PMV.

Temos também representações políticas como Luiz Paulo Amorim, que é vereador do município de Vitória e presidente da AMBI, e João Coser, hoje deputado Federal, que morou no bairro durante 17 anos e participou da criação da AMBI.

Para finalizar podemos dizer que nosso bairro fica próximo aos principais pontos da cidade, o que facilita a vida dos moradores, principalmente na área profissional, porque uma parte trabalha em lojas e escritórios que ficam no centro e outra parte, em casas de famílias de bairros nobres, próximo à região litorânea.



AMBI

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO DE ITARARÉ

A Associação de Moradores do Bairro do Itararé foi fundada em 1984. Surgiu a partir da reivindicação dos moradores da comunidade por melhorias nas obras de infra-estruturas para o bairro. Está localizada junto ao Posto Médico Santa Rita de Cássia, em parceria com a Paróquia Santa Rita de Cássia.

Esse Posto é administrado pela diretoria da Associação e atende aos associados e moradores de Itararé. Os associados pagam um taxa mensal simbólica de dois reais como forma de contribuir para distribuição de medicamentos. O Posto é composto por 25 médicos, que atendem as áreas de clínica geral, dermatologia, ginecologia, pediatria, odontologia e odontopediatria.

A Associação sobrevive de seus próprios recursos. Os equipamentos e os medicamentos são cedidos por voluntários, que diante da emergência da situação enfrentada no que se refere à saúde da comunidade, tomaram a iniciativa de ajudar.

Através da luta política realizada pela Associação, foram conquistados vários resultados, tais como: asfaltamento, construções de rampas e escadarias de acesso a residências, recapiamento asfáltico das ruas principais do bairro, linhas de microônibus, bem como construção da Praça José Pereira de Oliveira, a "Pracinha de Itararé" e, atualmente do Centro de Educação da Primeira Infância.

Luis Pauloi Amorim
Presidente da AMBI

OTTO EWALD JÚNIOR – UMA NOVA ESCOLA

A Escola Municipal de Ensino Fundamental "Otto Ewald Júnior" foi construída no Bairro de Itararé no Município de Vitória, pelos Rotarianos, em 1960. Em 1970, a Escola foi ampliada pela Prefeitura Municipal de Vitória e reformada em 1998 pela Caixa Escolar. Nesse período, foram retiradas todas as grades das janelas, libertando fisicamente a escola e abrindo-a a participação da comunidade. O sentimento foi de "liberdade para quem estava dentro e de abertura para quem estava fora, que poderia então, entrar na vida da Escola".

A Escola desenvolveu e desenvolve vários projetos, dentre eles o "Projeto Família", que surgiu do grande interesse dos educadores em trazer a família para participar da vida escolar de seus filhos. A vivência familiar é um dos elementos fundamentais para compreendermos a dinâmica da personalidade de cada um. A forma mais dinâmica, atualizada e eficiente para efetivar o projeto foi a pesquisa realizada com os pais, na qual se buscou identificar os temas que pudessem ser trabalhos em palestras educativas. O resultado desse projeto foi apresentado no final do ano 2001, com a "Família na Escola".

Outro projeto foi o "Calendário", atividade desenvolvida pela professora de Artes, com a colaboração dos professores de História e Geografia. Neste trabalho, os alunos, acompanhados pelos professores, visitaram os pontos turísticos de Vitória e conheceram suas histórias. Essa experiência foi relatada através de desenhos que, posteriormente, serviram para a confecção do Calendário. Hoje este Calendário, que valoriza os pontos turísticos de Vitória, encontra-se divulgado no mundo inteiro.

Na escola também existe brinquedoteca denominada "Vila dos Sonhos", nome escolhido pelos alunos. Fica no pátio da Escola e apresenta: um "lar doce lar", um banco, uma farmácia, uma delegacia e um mercado, que servem para os alunos brincarem e se socializarem. A Escola ainda oferece uma série de oficinas de danças, coral, vagonite, bijuterias, esculturas, mosaico, capoeira, jogos e, o projeto do pequeno empreendedor, patrocinado por empresários que preparam alunos

para a administração da economia doméstica e para gerência de pequenos negócios, formando-os para o seu futuro econômico. Diversos trabalhos realizados em forma de oficina, como pinturas e desenhos são colocados em quadros e expostos. Muitos alunos, principalmente os que se encontram em situação de risco, se tornam monitores e passam a ficar o dia todo na Escola estudando e ajudando.

A Escola é aberta à noite, para a comunidade que participe dos cursos, principalmente de qualificação profissional, que são oferecidos semanalmente. Também, em sistema de parceria, a Escola cedeu 10 computadores para uma entidade que oferece cursos para os pais e famílias de nossos alunos, e para os próprios alunos.

As pinturas em paredes com temas escolhidos pelos alunos levam seus nomes. O resultado de todo esse trabalho se reflete na auto-estima de cada participante, com a valorização pessoal e no respeito ao patrimônio público. A Escola se torna um espaço vivo e prazeroso, procurado e respeitado pela comunidade. A Escola cumpre, então, seu papel social. Além de oferecer um ensino fundamental de qualidade, possibilita o exercício da cidadania aos pais e a toda a comunidade, um espaço de valorização da pessoa e da família, preparando seus alunos para a vida em sociedade e, profissionalmente, para o mercado de trabalho.

Osmar Magnago Pezzin
Diretor da escola

AMAFVV/ES

ASSOCIAÇÃO DE MÃES E FAMILIARES DE VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

O Espírito Santo é um Estado tristemente marcado pela violência sofrida por seus cidadãos. Essa violência, muitas vezes, acaba com o que existe de mais sagrado: a Vida. A polícia, que deveria estar preparada para nos dar segurança e proteção contra qualquer tipo de violência, executa nossos filhos sem dó e nem piedade, impunemente. O crime organizado está infiltrado nas estruturas dos Poderes do Estado, enquanto a Sociedade Civil se refugia em lamentações, dor ou desespero.

A fim de responder a esta situação, foi fundada, em 1999, através do Movimento Nacional de Direitos Humanos, a Associação de Mães de Vitimas de Violência do Espírito Santo, cujo eixo principal é a Luta Contra a Impunidade e em Defesa da Vida.

Seu objetivo específico é propiciar orientação jurídica, psicológica e social aos familiares das vítimas de homicídios, e orientar eventos e outras formas de mobilização contra a violência e a impunidade, com as famílias, nos movimentos sociais e na sociedade civil.



Itararé e o Direito à Segurança

O BAIRRO ITARARÉ E A QUESTÃO DA VIOLÊNCIA

Nas discussões realizadas com o grupo de observadores do Bairro Itararé sobre os Direitos Humanos, esteve sempre presente o problema da violência, mesmo quando discutidos outros temas como saúde e educação.

A percepção de como as questões relacionadas à violência estavam presentes em nossas discussões foi ficando cada vez mais clara, à medida que se ampliava a consideração do que era violência. Neste processo, percebemos que, em um primeiro momento, havia a tendência de serem considerados violências apenas os casos que acabavam em mortes.

Esta maneira de pensar a violência foi se ampliando, principalmente quando identificamos a necessidade de discutir melhor a carência de áreas de lazer no bairro. Havia um certo consenso de que o bairro não dispunha de áreas para recreação, sendo levantados dois pontos que foram intensamente discutidos.

O primeiro deles sustentava a idéia de que a ausência da área de lazer contribuía para o aumento da violência no bairro, tendo em vista o tráfico de drogas e o número de jovens envolvidos. Os que defendiam este argumento entendiam que os jovens de Itararé estariam menos envolvidos com o crime organizado se dispusessem de uma área para praticar de atividades recreativas e de lazer.

O segundo ponto, que surgiu a partir deste primeiro, foi a constatação de que, no Bairro Itararé, havia uma bonita quadra pública para o lazer, que, apesar de não atender à demanda, é um espaço desejado por moradores de diferentes bairros. Entretanto, este espaço não podia ser utilizado pelos moradores por ser controlado por um grupo de pessoas relacionadas ao tráfico de drogas. Neste sentido, freqüentar uma das poucas áreas públicas de lazer no bairro implicaria correr grande risco.

A partir daí, percebeu-se que discutir a violência não se resumia a homicídios, sendo necessário abordar os diferentes aspectos da violência no dia-a-dia da comunidade, que restringiam os direitos da pessoa humana.

Trabalhar o tema da violência não foi, em um primeiro momento, nada fácil e não era, entre os temas, o que mais queríamos discutir. Hoje, avaliamos que, em grande parte, a resistência para abordar este tema estava relacionada ao sentimento de receio e insegurança que temos enquanto moradores desta comunidade.

Entretanto, ao identificarmos que grande parte de nossas discussões trazia, direta ou indiretamente, a questão da violência e que o objetivo aqui não era de denunciar este ou aquele caso, mas sim de discutir situações em que o direito à segurança não estava sendo promovido, consideramos necessário, a partir de nossa observação, trazer elementos que contribuam com a discussão deste tema.

A FALTA DE SEGURANÇA

Muitos moradores afirmaram que não se sentem seguros na comunidade de Itararé. Para alguns deles, dependendo do horário, o simples fato de se transitar pelas ruas pode ser uma atividade muito arriscada. Conversamos com algumas pessoas que disseram que só saem de casa para ir ao trabalho e, no máximo, para a igreja, um dos locais em que se sentem menos ameaçadas.

A falta de segurança nas ruas, na opinião de um de nossos entrevistados, interferia até mesmo na participação dos moradores nas atividades culturais, como festas comunitárias organizadas pela igreja ou pela associação de moradores. A violência faz com que estas atividades sejam cada vez menos freqüentadas e até uma das festas tradicionais da comunidade deixou de existir em consequência disto.

“A violência leva as pessoas a não saírem de casa e até mesmo deixarem de organizar festas no bairro. A última que ocorreu na parte alta do bairro foi o ‘Arraiá da vovó Olga’ há mais de seis anos. Hoje, as festas que acontecem são realizadas na parte baixa (...)”. (morador)

Muitas ruas da comunidade de Itararé dão acesso a outros dois morros, o São Benedito e o Bairro da Penha, pontos onde também há ação do crime organizado. Além disso, o bairro possui muitos becos utilizados por criminosos para despistarem a polícia. Por estas características, é comum haver tiroteios, tanto nas perseguições policiais como entre traficantes rivais que disputam os pontos de drogas nos bairros vizinhos. Esses confrontos acontecem a qualquer hora do dia e, nestas situações, uma das grandes preocupações é o medo de bala perdida.

“Eu estava em casa quando ouvi os tiros. Pensei que fosse bombinha e não me assustei e nem imaginei que algo pudesse estar acontecendo com meus vizinhos ou até mesmo com minha filha. Quando descobri que não era bombinha e pensei que os tiros poderiam ter acertado em um inocente a tal ‘bala perdida’, tive medo”. (morador)

“Eu estava em casa quando ouvi os tiros e logo pensei: aconteceu alguma coisa na escola porque o barulho parecia ser de lá e as crianças gritavam muito. Na hora eu senti muito medo porque não sabia se tinha acertado algum inocente, assim corri até a rua pra ver o que tinha acontecido. Só fiquei tranquilo porque o pessoal já comentava o acontecido e soube logo que não era nenhum conhecido”. (morador)

“Na hora do susto não dá pra pensar em nada, eu cheguei perto dos dois colegas que estavam comigo, eles estavam bem apesar do susto aí fiquei tranqüilo”. (morador)

O Bairro Itararé fica muito próximo do 1º Batalhão da Polícia Militar do Espírito Santo, estando dentro de sua área de abrangência. Contudo, esta proximidade não garante segurança e tranqüilidade à população da comunidade.

VIOLÊNCIA DO CRIME ORGANIZADO

Quando reunimos o material que envolvia casos de homicídio, percebemos que a maioria possuía alguma relação com o tráfico de drogas e que, nestes casos, as maiores vítimas eram jovens e adultos do sexo masculino.

Esta percepção foi confirmada quando conversamos com o chefe do Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP), que afirmou que a maioria dos homicídios na região de Itararé ocorre por dívida com o tráfico ou por disputa do comércio de drogas.

Muitos moradores do bairro também têm esta mesma percepção, que mencionaram ser comum haver confrontos violentos, que resultam em mortes, motivados por dívidas com o tráfico de drogas.

“Eu conhecia a vítima de vista, disseram que ele já havia levado um susto na terça-feira de madrugada e que tinha o prazo até quarta-feira para pagar a dívida e como não pagou dançou”. (morador)

A frequência com que estes casos acontecem na comunidade parece ter banalizado esta situação, a ponto de alguns moradores não considerarem estas mortes algo grave.

“Aqui no bairro não acontece coisa grave com frequência, o que acontece muito é assassinato por dívidas com o tráfico e morte por velhice”. (morador)

“Eu estava chegando do serviço e parei numa vendinha e ao entrar na venda vi uns caras correndo, mas não achei nada estranho. Quando terminei de entrar na venda só ouvi os tiros. Na hora fiquei curioso para ver quem era e quando vi que era ‘vagabundo’ pensei: Tem que morrer mesmo! (...). Então fui ver quem havia sido baleado, foi quando vi o cara caído no chão quase morto e as pessoas falando: ‘Ah! Mas eu ouvi mais tiros só pegaram esse’. ‘Quanto ele devia?’ ‘De graça não foi’”. (morador)

VIOLÊNCIA POLICIAL

A presença da polícia na comunidade nem sempre é vista como um fator de segurança, pois a postura abusiva e a demonstração de força por parte de alguns policiais constroem a população gerando mais medo e insegurança. Para

exemplificar isso, um de nossos entrevistados relatou como os policiais chegaram para intervir em uma briga de alunos.

“Os policiais chegaram e desceram do carro apontando as armas para os rapazes. Os policiais os algemaram e os levaram para o quartel onde passaram o dia, só sendo liberados com a presença dos pais”.

Um colega de turma de um dos garotos envolvidos na briga descreveu a ação dos policiais:

“A atitude que os policiais tomaram foi exagerada, porque tinham vários alunos na rua e eles já desceram do carro com as armas nas mãos. Parecia ser um confronto entre marginais. Todo mundo que estava no local ficou em silêncio ao ver que aquilo tinha virado uma coisa séria com a presença da polícia”.

Em outro depoimento, foi relatado o caso de uma pessoa que foi baleada por um policial por um desentendimento que havia ocorrido no passado, referente a uma dívida que esta pessoa tentava negociar com o dono do bar. O policial, por sua própria conta, se meteu na conversa e, depois disso, começaram as ameaças.

“Num final de semana, X estava em um bar tomando uma cervejinha em companhia de um amigo quando entrou um policial que não gostava dele. Isto era motivo para que sempre que o policial o visse, tentasse provocar uma briga. Por ser muito calmo X sempre deixou por menos e nunca quis brigar. Só que, naquele sábado, o policial não provocou, esperou X entrar no banheiro e ficou esperando ele sair. Quando X saiu do banheiro, o policial sacou a arma e foi para cima dele. Os dois brigaram e o policial atirou em X, que caiu no chão enquanto o policial fugiu do bar em sua moto. Havia muitas pessoas no local, mas nenhuma se dispôs prestar socorro com medo de represálias”.

Da mesma forma que nos crimes cometidos pelo tráfico, muitas vezes o medo de represálias leva as pessoas a não denunciarem a violência policial ou a não prestarem socorro às vítimas. Neste caso citado, a própria vítima relatou como ficou a sua vida enquanto viveu sob ameaça deste policial.

“Várias vezes ele me ameaçou mostrando a arma para mim e com certeza ele tirava proveito disso porque era policial”.

(...)

“Naquela época, minha vida mudou para pior. Fiquei com cisma dele porque ele não conseguiu me matar naquele dia e poderia tentar de novo. Eu não me prevenia, mas evitava sair muito de casa”.

(...)



“Foi um alívio quando o policial morreu. É ruim desejar a morte dos outros, mas foi um alívio poder andar à vontade”.

Uma mãe que teve seu filho brutalmente assassinado pela polícia relatou o que aconteceu:

“Meu filho, de 49 anos, foi executado por PMs, com 19 tiros, a 100m de minha casa, depois de uma simples ‘batida policial’. Ele estava com todos os documentos no bolso, trabalhando como cuidador de carro. Nunca foi preso, não era estuproador, era um trabalhador. (...) Deram tantos tiros que tiraram o olho do lugar, arrasaram o rosto dele e deixaram-no todo deformado”.

Nas situações que envolvem violência policial, nem sempre são simples a investigação e a responsabilização dos culpados. No caso do rapaz ferido, ele somente se sentiu livre das ameaças quando o policial morreu. Já a mãe que teve seu filho assassinado relatou o que enfrentou para que o caso de seu filho fosse investigado.

“Eu sempre fui atormentada com as ameaças dos PMs, e quando eu recebia qualquer ameaça corria para o rádio, jornal e falava que não iria me calar. Há 3 anos e 128 dias, venho tendo essa luta, não só sobre o meu filho, a minha luta é em ‘favor’ das famílias vitimadas por esses criminosos, e essa luta só vai acabar quando eu ‘cair por terra’, quando eles me matarem de verdade, pois, apesar deles terem acabado comigo, com minha vida, continuo viva. Não tenho nenhuma proteção, mas minha luta é conhecida por todos que lutam pelos Direitos Humanos e até a Comissão de Direitos Humanos Internacional já trabalhou neste caso.”

O desaparecimento de provas e a falta de segurança para os que testemunham em favor das vítimas cooperam para que estes crimes não sejam esclarecidos, favorecendo a impunidade destas condutas.

“Os policiais se encobrem, até as balas que estavam no corpo de meu filho sumiram e ninguém foi testemunha...”

Para que o crime não ficasse totalmente impune, esta mãe buscou a mídia e os órgãos de defesa dos Direitos Humanos. A visibilidade deste caso levou outras mães que passavam pelo mesmo tipo de problema se unirem, criando, assim, a Associação de Mães Vítimas de Violência Policial.

Segundo o chefe da Delegacia de Homicídio e Proteção à Pessoa, a própria polícia já está se reformulando para que crimes como estes sejam evitados e, em sua opinião, a quebra do corporativismo é fundamental para isso.

“A grande revolução na questão da segurança será feita pela polícia, e ela já está começando ‘cortando a sua própria carne’. Antes, quando prendíamos alguém da polícia, existia um certo abalo, hoje já não há mais pena nem culpa, o corporativismo está sendo combatido. Entendemos que temos que mudar essa realidade e não nos abalamos quando prendemos um colega de trabalho, cometeu um crime tem que pagar. Hoje mesmo prendemos um colega, ao saírem olhem um policial bem apessoado, olhos claros e gordinho, sentado na poltrona, está preso e vai prestar depoimento”.

A LEI DO SILÊNCIO

Muitas pessoas afirmaram ter medo de denunciar ou testemunhar os crimes que presenciaram e, na maioria das vezes, a lei do silêncio impera para a violência cometida tanto pela polícia como pelo crime organizado local.

Vários moradores relataram crimes que ocorreram na comunidade, mas a maioria descartava totalmente a possibilidade de denunciá-los. Um exemplo disso foi o caso do rapaz que teve seu avô morto. Ele afirmou que:

“Uma mulher, segundo muitos, presenciou o crime, mas teve medo de prestar depoimento. Dizem que muita gente sabe quem atirou em meu avô, mas, por medo, ninguém denuncia.”

“Ela não fala e não tiro a razão dela. Pode ser que eles, os matadores do meu avô, também a matem se ela prestar o depoimento, não sei...” (morador)

Segundo alguns moradores, há na comunidade regras impostas pelo crime organizado e que devem ser seguidas por todos, mesmo por aqueles que não têm relação nenhuma com o crime. Uma destas regras é a lei do silêncio. Na percepção destas pessoas, ficar calado é a atitude mais segura.

“(...) acredito que aqui no bairro os bandidos respeitam os moradores que respeitam a lei do silêncio”.

“(...). Quem atirou em ‘Y’ foram moradores do Bairro da Penha (...). Hoje quase não se houve mais falar nesse assunto e, depois disso, já aconteceram três novos casos bem piores. Infelizmente a polícia não faz nada para impedir a ação dos criminosos. Por isso eu prefiro seguir a regra dos três macaquinhos ‘um não vê, um não fala e o outro não ouve’, pois assim é mais seguro”.

Segundo a Divisão de Homicídio e Proteção à Pessoa Humana (DHPP), o aumento da criminalidade se dá à medida que

as pessoas não denunciam. Entretanto, a própria DHPP reconhece não ter condições de garantir a proteção de quem sofre ameaças por ter denunciado ou testemunhado algum crime.

“Temos o disque denúncia, mas quem vai denunciar? Às vezes pensam até em denunciar, mas são pais de família e a segurança deles não é garantida? Quando a pessoa chega a denunciar já pode se considerar eliminada”.

“A proteção não é garantida nem mesmo quando a pessoa ameaçada sobreviveu a uma tentativa de homicídio e não morreu porque Deus não quis. Em casos extremos, há necessidade de se deslocar funcionários do Plantão para prestação de serviço de segurança, porém só nos momentos de alto risco”.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Outro tema que também surgiu nas discussões foi o da violência doméstica. Em grande parte dos casos levantados, as mulheres foram as maiores vítimas deste tipo de violência, sendo a agressão física a mais mencionada. Foi comum ouvir histórias de mulheres que eram agredidas e ameaçadas por seus companheiros.

“Em outra ocasião, ele bebeu em um aniversário onde estávamos, percebemos que algo iria acontecer pelo jeito que ele pegou nossa filha no colo, com muita maldade. A família dele o segurou pelos braços e eu arranquei minha filha e saí correndo pela rua, mas ele me alcançou na porta de casa. Foi uma grande confusão. Ele me bateu muito, mesmo com a filha no colo, tentou me estrangular e queria me jogar aqui de cima, do segundo andar, lá em baixo. Os vizinhos desta vez intervieram, tirando-o de cima de mim”.

“Outro episódio grave foi quando me escondi na casa de uma vizinha e de lá via os maus tratos com minhas filhas. Arrastou a mais nova pelo cabelo, pois sabia que eu viria socorrê-la e, então, começou a me bater, me jogou no chão e pisou em cima de mim, me deixando toda machucada; bateu em minha mãe que veio em meu socorro, quebrando costelas e braço e só parou com a chegada de meu irmão, quando conseguimos amarrá-lo”.

“Vou relatar o caso de uma Sr^a., casada há 25 anos, apresentou os seguintes documentos: Certidão de Nascimento dos filhos e 19 boletins de ocorrência por agressão física junto à Delegacia de Mulher. O marido alcoólatra cumpre pena alternativa na Clínica Bom Jesus para recuperação de drogados. Esta Sr^o. tem medo de ser morta pelo marido, que não quer dissolução da sociedade conjugal.” (advogada do JUS Social)

Infelizmente, alguns casos de violência contra a mulher no espaço doméstico vão além das agressões físicas e ameaças, resultando na morte das vítimas.

“Eu estava dormindo, quando de repente ouvi os tiros e ele gritou o nome de sua mulher, aí eu e meu filho fomos para o portão e continuamos olhando e vimos ele sair da casa com sua filha e foi embora. Eu fui para frente da casa dela e pedi permissão aos proprietários da casa para entrar, pois a casa era alugada, porque pensava que ela estava apenas ferida. Entrei e vi uma roda de sangue como se ele tivesse puxado ela pelo cabelo. Não houve briga, ele a chamou, entrou e cometeu o crime, na minha opinião ele abafou o tiro mortal com o travesseiro. Segundo a mãe da vítima eles não viviam bem, ele era muito ciumento, viviam se largando e voltando. Todo mundo ficou abismado com o que ele fez.”

O desconhecimento da existência de delegacias especializadas no atendimento de mulheres fez com que, em alguns casos, a denúncia não se efetivasse.

“(…) chamei a polícia, indo todos para a Delegacia local. Porém, estava demorando muito a sermos ouvidas e fomos levar mamãe para o hospital, pois estava muito machucada e quando voltamos, ele já estava em casa, pois o delegado o soltou porque não tinha ninguém para registrar a queixa”. (depoimento de vítima)

“Inicialmente pensei em sair dali direto para a delegacia, mas por eu estar na casa dele, os policiais não iriam acreditar em mim, pois eu não era nenhuma menina. Também não o denunciei por que eu tinha uma filha pequena e quis poupá-la para que no futuro ela não fosse apontada como a filha de uma mulher estuprada. Então resolvi abafar o caso. Fiquei com raiva por que ele não seria punido, mas do contrário minha moral iria por água abaixo”. (depoimento de vítima)

Contudo, nem sempre apenas realizar a denúncia basta. Quando os mecanismos para responsabilizar os agressores não são eficazes, muitas vezes acaba ocorrendo o fortalecimento dos agressores.

“Só de uns 5 anos para cá que fiquei mais esperta, dei queixa na Delegacia da Mulher mais de umas 20 vezes e nenhuma providência foi tomada, apenas o chamavam e davam conselhos. Mesmo machucada nenhuma providência tomavam, com isso ele se enchia de razão”. (depoimento de vítima)

Uma advogada, que atua em um programa de assessoria jurídica na região, comentou que, quando faltam mecanismos que responsabilizem os agressores, isso não apenas os fortalecem, como



também gera outras violações. Vejamos seu depoimento:

“Quando se rompe o silêncio, denunciando os maus tratos a uma autoridade policial específica em amparo à mulher, e a segurança não lhe é garantida, o resultado é uma ameaça ainda maior por parte do agressor, ocorrendo, nesta situação, outra violação, a da omissão de socorro e proteção à pessoa” (advogada do JUS Social)

O Bairro de Itararé conta com um Programa de Assessoria Jurídica conhecido como **JUS SOCIAL**. Este programa é resultado de um convênio ecumênico entre a Paróquia Santa Rita de Cássia, situada no Bairro da Praia do Canto, a Igreja

Presbiteriana do Brasil e a Fundação Ação Social Metodista do Brasil e está localizado no bairro de Santa Lúcia. O objetivo deste programa é orientar e ajudar a população sobre questões jurídicas, atendendo pessoas que ganham até dois salários mínimos e que não podem pagar um advogado, com causas sobre pensão alimentícia e separações.

A existência do JUS SOCIAL no bairro é resultado de uma realidade que evidencia a violação do Direito Civil, Direito Trabalhista e Direito de Família, modalidades atendidas pelo JUS. A busca pelo amparo legal por parte dos moradores do bairro Itararé, ao mesmo tempo em que denuncia a violação do direito, desperta para o exercício de cidadania e a necessidade de serem criados aparatos que garantam esse exercício.

SEGURANÇA PÚBLICA E CIDADANIA

Estamos hoje sob um Estado constitucional que se quer democrático e de direito, elegemos democraticamente nossos governantes e nossos representantes no poder legislativo, dispomos de um sistema de normas de proteção dos direitos do cidadão que, se aplicado e respeitado, garantiria uma melhoria substancial da qualidade de nossa cidadania. Mas quando verificamos a qualidade do serviço público prestado na área da segurança pública do cidadão e a forma como a legislação penal e criminal é aplicada entre nós, não é nada complicado perceber que há uma variedade de práticas institucionais que estão na direção contrária do que é legalmente previsto. São práticas que se repetem e, ao terem como autores funcionários encarregados da aplicação da lei, justamente aqueles que deveriam zelar pela proteção e segurança dos cidadãos, tornam pouco efetivas as leis existentes, pela via da sua sistemática violação ou da aplicação favorecida da mesma.

Quando o Estado, através de seus órgãos policiais, de seus funcionários encarregados da aplicação da lei, faz uso da força e da coerção para além do que está autorizado para garantir a manutenção da segurança pública, ele está agindo em detrimento do direito. As práticas que violam os direitos do cidadão em geral se caracterizam pela completa ausência de limite ético e legal, pelo uso da força para além do limite consentido, ignorando as condições prescritas e as situações previstas antecipadamente pelas normas legais. São práticas que fazem prevalecer entre nós procedimentos próprios de um regime ou Estado de exceção ou ditatorial, que põem em constante risco de ruptura a normalidade legal e democrática.

Numa situação de estabilidade institucional como a que vivemos no Brasil, onde estão Constitucionalmente garantidos os direitos fundamentais da pessoa humana é lastimável que ainda persistam situações nas quais o cidadão comum se vê completamente desprotegido das garantias legais diante do sistema policial e de justiça e se depare com práticas institucionais desrespeitosas de seus direitos que lhe causam danos de diferentes ordens. Não é difícil enumerar algumas dessas práticas pois elas estão presentes no cotidiano da sociedade, vitimizam inumeráveis pessoas e, em decorrência delas muitos cidadãos são presos arbitrariamente; acusados de um crime sem que se tenha procedido qualquer investigação prévia; se vêem na contingência de ter a sua casa arrombada, invadida pela polícia a qualquer hora do dia ou da noite, sem nenhuma justificativa legal ou mandato judicial; agredidos fisicamente (o tapa na cara) nas abordagens policiais e/ou submetidos a tortura em delegacias para confessarem crimes que não cometeram; molestados publicamente por uma autoridade policial em abuso de poder; extorquidos ou “simplesmente” mortos pela ação da polícia.

Esses procedimentos são graves e tendem a atingir alvos específicos dentre os quais o cidadão comum não-delinquente, sem qualquer envolvimento com o mundo do crime, cujo pecado é o de portar alguns “defeitos” do tipo: ser pobre, morar em bairros considerados violentos e não ter capital político e organizativo para denunciar e reivindicar reparação por atos arbitrários praticados por agentes do Estado.

É bem verdade que a ação arbitrária e ilegal da polícia, que atinge sobretudo o cidadão desprovido de poder e renda, se alimentada da automática associação que costuma ser feita entre pobreza e criminalidade.

Historicamente presente no imaginário coletivo da sociedade brasileira essa associação tende a colocar o pobre na condição de um sujeito potencialmente violento. A premissa básica que vincula pobreza e violência parte do pressuposto de que os agentes da criminalidade violenta são, em sua maioria, oriundos das classes mais desfavorecidas da sociedade. A conclusão a que esta associação induz é perversa, porque tende a considerar que a condição de pobreza gera revolta e que esta revolta é o motor propulsor da criminalidade. Este tipo de associação entre pobreza e crime tende também a atribuir aos pobres um maior potencial para a criminalidade violenta na medida em que parece acreditar que o crime praticado sem recursos (materiais e intelectuais) para salvaguardar seu autor da punição, apoia-se fundamentalmente na causação de danos irreparáveis às suas vítimas.

Historicamente, as ações oficiais na área da segurança pública partem dessa premissa e, não raro, manifestam uma acentuada preocupação com a violência e a criminalidade, real ou potencial, dos segmentos pobres, tradicionalmente considerados como parte indivisível da chamada “classe perigosa”, percebidos como problema para a manutenção da ordem pública. Consequentemente, as estratégias de controle e disciplinamento social das massas populares nos centros urbanos parecem marcadas por uma opção: a de segregar os pobres e excluídos, apoiando-se em recursos autoritários diversos que avalizam a repressão e a violência policial contra as classes subalternizadas, a despeito de qualquer direito ou garantia constitucional. Tem sido comum a estas estratégias de controle a vigilância permanente, a exibição ostensiva do instrumental bélico, a tática do “prende para depois ouvir”, a humilhação e o desacato a honra do “suspeito”. A finalidade destas estratégias parece residir na disseminação do medo e do terror, na contenção e repressão do comportamento considerado potencialmente violento, impróprio ou insubordinado do sujeito pobre diante da autoridade policial. Basta lembrar a abordagem policial ou o camburão da polícia fazendo uma ronda nos bairros pobres ou assistir a uma blitz policial em bairros considerados violentos para percebermos o quanto desta estratégia é posta em prática.

A população mais empobrecida em termos econômicos, sociais e de acesso à justiça é duplamente atingida pela violência urbana. É uma população que vive em condições precária de subsistência e que se encontra permanentemente acuada entre a violência da polícia e a violência dos delinquentes e chefes de gangues criminosas.

Para a construção da paz social é fundamental que exerçamos a nossa cidadania, que nos manifestemos contra as práticas arbitrárias e ilegais dos agentes encarregados da aplicação da lei. Cada homem e cada mulher, jovem ou adulto, não pode fazer de conta que estas coisas não acontecem, não é possível mais naturalizar a violência policial achando que quem a sofre é porque “tem culpa no cartório” pois “onde há fumaça há fogo”. Não é possível mais que as ações de segurança pública dêem tratamento penal à pobreza. É necessária uma parceria entre o Estado e a sociedade para vencermos esse problema. É fundamental que façamos um pacto em favor de uma sociedade mais justa e solidária na qual sejam igualmente promovidos e respeitados os direitos civis e políticos e os direitos econômicos, sociais e culturais dos cidadãos. É importante que neste pacto possamos reafirmar o que os grandes filósofos dos séculos XVII e XVIII nos ensinaram: ninguém será isento da observância da lei e imune a suas penalidades, nem mesmo aqueles a quem cabe a sua promulgação ou aqueles encarregados de zelar por sua aplicação permanente.

Vanda de Agular Valadão

Professora no Curso de Serviço Social da Universidade Federal do Espírito Santo



ESPÍRITO SANTO

JARDIM BOTÂNICO



Quem Somos?

THALYTA BOTELHO MONTEIRO

Eu sou Thalyta Botelho Monteiro, mais conhecida como Thatá. Tenho 18 anos, nasci em 22 de janeiro de 1984 no hospital São José, em Vitória, à 1h30m da madrugada. Moro com o meu pai, Cleomar Ricardo Monteiro, de 45 anos, e minha mãe, Elza Botelho Monteiro, 44 anos. Meu pai é mineiro e minha mãe é de Nova Venécia, norte do Espírito Santo. Eles se casaram em 17 de setembro de 1983. O meu pai só estudou até a 7ª série e minha mãe tem o magistério. Já moramos em Vila Velha, hoje residimos no Bairro Rio Marinho, em Cariacica, que é, em vista de outros, um bairro calmo, pois o número de assassinatos e tráfico de drogas parece ser menor que em outros lugares.

Eu faço curso de inglês e pré-vestibular, no qual estou me preparando para prestar vestibular para o curso de Artes Visuais. Concluí o ensino médio no primeiro semestre de 2002, pois uma greve atrasou o ano letivo de 2001.

Participo da Igreja Católica, embora, atualmente não esteja frequentando muito, pois estou estudando aos sábados e domingos. Sou delegada da Pastoral do Menor, da qual participo desde os 12 anos. Já representei a Arquidiocese de Vitória em assembleias regionais e nacionais nesse vários anos de caminhada. Fiz teatro, dança, canto, mas o que amo fazer é cantar, tanto que há 3 anos canto em aniversários, bodas e casamentos.

Antes de entrar na Pastoral do Menor Espaço Gente Feliz, eu era uma criança muito retraída e um pouco complexada, pois eu quase não tinha contato com pessoas de fora de casa por não poder ficar exposta aos raios solares. Brincava, mas não como as outras crianças. O meu pai fez uma casinha de boneca para mim onde me refugiava e brincava o tempo todo. Minha mãe conta que, quando eu tinha uns 2 anos, não importava o lugar em que eu me machucasse, eu começava a mancar; podia ser o braço, a cabeça, a barriga, eu mancava. Tinha amiga imaginária que se chamava Anieli com quem eu conversava. Tive um amor platônico aos 8 anos por um garoto 5 anos mais velho que não dava valor e nem respeitava o que eu sentia. Hoje estou sozinha, feliz, mas a procura de alguém especial e que me ame de verdade.

Tenho 1,57m de altura, 45 quilos, olhos azuis. Sou solteira, albina, ou seja, não possuo melanina (pigmentação da pele), e não tenho filhos, pois acho que é uma responsabilidade muito grande e não me considero preparada para tal situação. Sou muito carinhosa, responsável e amiga. Lógico que como todo ser humano tenho defeitos. Sou super estressada e perco a paciência muito facilmente com as pessoas irresponsáveis e as que costumam fazer críticas destrutivas, talvez por eu ter uma vida muito corrida e dar o melhor de mim no que faço.

Uma das minhas manias é cantar no banheiro. Sou apaixonada pela música "Por um minuto", de Bruno e Marrone, mas o meu grupo preferido é o Moxuara, grupo regional daqui de

Cariacica. Tenho pasta deles, vou aos shows, eles são demais...

Também tenho uma grande saudade. Tenho saudade de um amigo que foi assassinado no dia 17 de novembro de 1999. Nós éramos super amigos... É complicado falar do Júnior, a saudade é imensa. Ele fez e faz parte da minha vida e o considero como o meu anjo da guarda. Era um amigo com quem podia contar a todo instante. Ele, como eu, adorava música. No domingo anterior a sua morte (dia 14/11/99) nós cantamos juntos e, na segunda, ele foi à minha casa me agradecer por tê-lo levado para a igreja e me convidou para ensaiar os hinos do próximo domingo. Aquela segunda-feira ficou marcada, foi a última vez que o vi vivo. O Júnior e sua mãe foram assassinados, segundo relatos, devido ao envolvimento que o irmão dele tinha com drogas. Dizem que foi vingança. Sinto muita a falta do Jú.

Para mim é difícil aceitar algumas perdas, pois já perdi minha avó paterna, o meu padrinho, o Júnior, o meu avô paterno, presenciei um assassinato e tudo em menos de um ano. A vida já me pregou muitas peças.

Vamos falar de algo agradável como sentar com os amigos, bater papo, tocar violão. São coisas maravilhosas, considero-me privilegiada, pois tenho grandes amigos como o Paulo Sérgio, o Rodrigo, o Neuclis e o Edimar que sempre estão dispostos a me ajudar. Valorizo muito minha família e minhas amizades, pois eles são muito importantes para mim.

Não sei se você vai entender... sou filha única, mas tenho um irmão. Calma eu explico: ele se chama Fabrício e tem o mesmo sobrenome que eu, Monteiro, e quando descobrimos começamos a falar que somos irmãos. Na verdade, não temos parentesco algum, mas o carinho foi crescendo tanto que hoje o considero como um irmãozão. Ele é uma das minhas felicidades. Como é bom ter pessoas que nos amam e nos querem bem.

Minhas cores prediletas são a azul e a preta, eu adoro polenta recheada e chocolate. Torço pelo Corinthians e pelo Vasco da Gama.

Trabalho com pessoas maravilhosas como a Sônia, que é monitora, o Janderson, o Vagner, a Darlene, meus companheiros, e o Edimar, que é um grande amigo.

Hoje meu objetivo é passar no VESTUFES e falar bem o inglês para que eu consiga um bom emprego para poder ajudar meus pais. Adoraria conhecer Londres, mas sei que este é um sonho que me custará tempo e muito dinheiro. Vou batalhar pelo que quero. Procuro me manter informada dos meus direitos, conheço a lei do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e tenho alguma compreensão da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Estou participando da formação do Centro de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, e procuro sempre estar aprendendo um pouco mais.

Espero que tenha gostado de saber um pouco sobre mim.



Quem sabe um dia você possa vir conhecer nosso estado que possui tantas coisas boas como o Grupo Moxuara, Dallas Compani, Macucos, Rastaclone, Manimal, Casaca, entre outros. Temos também grandes artistas como Estênio Garcia e o Rei Roberto Carlos. Nos pontos turísticos somos privilegiados pela

beleza do Convento da Penha, Prainha, as praias, o Horto de Maruipe, os Museus, a Catedral, a Terceira Ponte, o Farol de Santa Luzia, a Pedra do Penedo, a Pedra Moxuara, a Pedra Azul, o Parque Moscoso, o parque da Cebola, as cachoeiras, entre outros lugares lindíssimos.

EDIMAR MORAES SILVA

Meu nome é Edimar Moraes Silva, tenho 18 anos e sou morador do bairro de Jardim Botânico, Vitória-ES.

Meus pais se conheceram em Pedro Canário (norte do Espírito Santo). Meu pai é natural da Bahia e veio para o Espírito Santo a trabalho, já minha mãe sempre morou aqui. Casaram-se e viveram juntos por 17 anos. Nesse período, tiveram cinco filhos: Andréa, Adriana, Aleandra, Silvio e eu. As minhas três irmãs hoje são casadas, e meu irmão é vocalista de um grupo de HEP "Falha do Sistema". Bem, voltando aos meus pais, a separação deles foi muito difícil pra nós, pois tínhamos uma estrutura financeira muito boa, possuíamos um restaurante, uma ótima casa e um bar no centro de Pedro Canário. Tínhamos um futuro praticamente garantido, mas a separação acabou com tudo. Minha mãe se mudou para Guarapari comigo e meus irmão, deixando meu pai e tudo que possuía para trás. Já em Guarapari, município próximo à Vitória, minha mãe conheceu meu padrasto, que se tornou mais que um pai para mim, na verdade, ele era meu pai e meu amigo. Mudamos para a região da grande Vitória, primeiro na Serra, nos bairros José de Anchieta, Jardim Tropical e Jardim Carapina e, agora, em Cariacica, Jardim Botânico onde moramos até hoje.

Quando meus pais se separaram eu era muito pequeno, tinha apenas 6 anos, isso prejudicou um pouco a minha infância, pois trabalhei muito quando pequeno: vendi picolé na praia de Guarapari, salgados nas ruas de Vitória, trabalhei com trapos numa fábrica de estopas e cuidei de animais em uma casa de família. Isso até aos 14 anos. Mas agora estou feliz. Nós nos mudamos para Cariacica e aqui passei toda minha adolescência, aprendi a viver em comunidade e passei a ver a sociedade de outra forma. Conheci a Pastoral do Menor, Espaço Gente Feliz, que me ofereceu vários cursos como informática, datilografia, padaria, teatro, pintura e aprendi a tocar violão.

Estou cursando o 3º ano do ensino médio. Gosto de ler bons livros, participo dos movimentos estudantis, sou coordenador de relações estudantis do grêmio do meu colégio e, também, sou um dos diretores da União Cariaciquense de Estudantes Secundaristas (UCES). Por essa convivência, eu valorizo muito minha escola. Estudo também no Centro Federal de Educação Tecnológica do Espírito Santo (CFETE-ES), onde estou fa-

zendo um curso de técnico em mecânica. O CFETE é uma das melhores escolas do estado, estou aprendendo muito e gosto do que faço, mas tenho um sonho que é cursar Engenharia Mecânica na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). O problema é que, com as sucessivas greves que vêm ocorrendo em nosso estado, esse projeto ficará para o final do ano de 2003, pois o ano letivo 2002 de minha escola só terminará no segundo semestre de 2003, o que representa um descaso com a educação e uma violação muito grave dos nossos direitos.

Mudando de assunto, vou falar um pouco do meu bairro, Jardim Botânico. É um bairro de classe média baixa, que não oferece a estrutura necessária para se viver com a dignidade que realmente merecemos, mas, mesmo assim, me identifico com muitas coisas aqui. O que mais me cativa na minha comunidade são as minhas amigas e são coisas como essas que fazem um bairro relativamente ruim se tornar um lugar agradável de se viver. Meus amigos, na maioria, são da Pastoral do Menor e da Igreja Católica; um dado curioso é que sou evangélico (da Igreja Cristo Verdade Que Liberta) o que não muda o meu relacionamento com eles. Também tenho muitos amigos evangélicos que para mim são verdadeiros irmãos.

Depois da Igreja e da escola, o que mais gosto de fazer é praticar esportes. Pratico futebol, basquete e vôlei e, assim, passo meu tempo e esqueço todos os meus problemas. Também adoro música, o meu estilo preferido é o Pop Rock e as bandas que mais gosto são Catedral e Oficina G3.

Falando novamente de minhas amigas, o que mais admiro nas pessoas é o caráter, também acho que honestidade e fidelidade são essenciais para uma amizade se fortalecer. Eu me dou muito bem com pessoas comunicativas que têm sempre um assunto novo para falar, eu adoro falar sobre política, esporte, assuntos sobre os quais eu possa dar minha opinião e dizer o que penso. Minha principal característica é a perseverança, já que luto muito pelo que quero e acredito. Não gosto de demonstrar meus sentimentos, na verdade, eu sou um pouco complicado, pois falo o que penso, mas não digo o que sinto. Dizem que é esse meu jeito diferente de falar e de pensar é que mais atrai meus amigos.

VAGNER CONCEIÇÃO BERTOLE

Eu me chamo Vagner Conceição Bertole, mas sou mais conhecido como Bambam. Tenho 22 anos, moro em Rio Marinho, Cariacica. Minha família é composta por cinco pessoas: eu, minhas irmãs, Elizangela, 27 anos e Penha, 19 anos, e meus pais, José Carlos e Josefa. Meu pai, quando solteiro, morava

em Anchieta, cidade localizada no sul do Estado. Quando completou 18 anos, veio para Vitória e trabalhou na escola São Vicente de Paula como inspetor e, depois, como caminhoneiro, função que exerce até hoje. Minha mãe morava no norte do Estado, nasceu em Pancas e viveu até sua adolescência em Nova

Venécia. Aos 14 anos veio para Vitória trabalhar como empregada doméstica, hoje ela é do lar.

Meus pais se conheceram na escola São Vicente, cujo dono era patrão de minha mãe, logo começaram a namorar e se casaram. Depois que de casados foram morar no Morro do Quadro, em Vitória, em um terreno de minha avó paterna. Meus pais moraram lá até o ano de 1981. Quando minha irmã e eu já havíamos nascidos, meu pai percebeu que tinha necessidade de possuir um lote independente e em um lugar plano, por causa dos filhos pequenos. Nós, então, nos mudamos para o bairro Rio Marinho onde estamos até hoje. Minha irmã mais velha já está casada e tem duas filhas.

Eu aproveitei muito bem minha infância, brincava muito com meus colegas na rua, era a maior diversão. Brincávamos de tudo, bolinha de gude, que era minha brincadeira preferida, pique esconde, pique bandeira, polícia e ladrão. A noite chegava e a brincadeira continuava, só entrávamos quando minha mãe chamava. Nos domingos, a família se reunia e os primos que, na época eram todos crianças, faziam a maior bagunça. Minha infância foi algo muito precioso em minha vida. Minha adolescência foi mais devagar, pois fiquei mais caseiro, mais na minha. Foi na adolescência que se despertou em mim o desejo de servir a Cristo. Fiz minha primeira eucaristia e, aos 15 anos, comecei a atuar como catequista, o que faço até hoje.

Sou muito católico, participo de várias equipes e sou tão atuante que meus colegas me chamam de “padre”. Em minha família, a maioria das pessoas são muito atuantes na Igreja Católica, tenho, inclusive, um primo seminarista. Portanto, está no sangue da família o desejo de servir a Cristo e a Maria.

Há quatro anos, participo na Pastoral do Menor, Espaço

Gente Feliz, onde desenvolvo um trabalho voluntário muito gratificante, como educador de reforço escolar, participo da equipe de coordenação e cultivei várias amizades. Sou também conselheiro suplente no Conselho Municipal de Direitos da Criança e Adolescente de Cariacica (COMDCAC), há dois anos.

Ainda não tive oportunidade de trabalhar com carteira assinada, pois emprego está muito difícil. Em um futuro bem distante pretendo ingressar na UFES (Universidade Federal do Espírito Santo) para fazer o curso de História, pois pretendo ser professor. Mas, infelizmente, é muito difícil conseguir ingressar na universidade pública, pois só consegue quem tem um poder aquisitivo melhor ou quem consegue pagar um curso pré-vestibular. Mas, se Deus quiser, eu vou conseguir passar no vestibular, entrar na universidade e ser um ótimo professor.

Moro em um município muito carente, apesar de ser bem próximo da capital. Nosso estado tem muita coisa bonita como o Convento da Penha, Pedra Azul, Pedra da Cebola, Pedra do Penedo, que fica na baía de Vitória, e a praia de Camburi, que é o cartão postal do nosso Estado, sem falar nas demais praias muito lindas.

Dentre as nossas riquezas culturais temos a “moqueca capixaba” que é a principal comida típica do nosso Estado. O ritmo do momento, por aqui, é o Congo, que é um folclore capixaba. Temos vários grupos que estão se destacando na mídia nacional e internacional como as bandas Casaca, Manimal, Macucos, Rastacclone, Java Hotts, sem falar na Banda Dallas Company, que está levando a música country pelo Brasil inteiro.

Ah! Eu me esqueci de colocar no início da carta que sou um sofredor porque sou Botafoguense doente.

JANDERSON PEREIRA GONÇALVES

Olá! Meu nome é Janderson Pereira Gonçalves, tenho 18 anos e sou natural de Aimorés, Minas Gerais, onde morei até os dez anos de idade. Minha infância foi boa, eu brincava muito de bola, de pique, de tudo que uma criança pode brincar, estudava numa escola legal onde tinha vários amigos.

Morei com minha mãe, que se chama Eva, minhas irmãs e minha avó, porque, devido a falta de oportunidade de emprego em Aimorés, meu pai, Braz, veio para o Espírito Santo para trabalhar. Ele vinha nos visitar todos de mês em mês, chegava em casa no sábado à noite e ia embora no domingo à tarde, por isso, ficava muito pouco tempo com a gente. Meus pais se conheceram em um curso de formação religiosa em uma igreja em Aimorés. Depois do curso, passaram a se comunicar e começaram a namorar, até que, no dia 15 de maio de 1982, eles se casaram. Tiveram três filhos, eu, Elizangela e Elizabeth.

Em 1993, toda a família se mudou para o Espírito Santo onde moramos até hoje, no bairro Jardim Botânico, em Cariacica, na rua A nº 164, Cep 29142-730. Apesar do Jardim Botânico ser considerado um bairro violento eu gosto de morar aqui, pois tenho vários amigos, dentre eles, um que considero como se fosse meu irmão, o Márcio. Foi no Botânico também que eu conheci uma pessoa maravilhosa pela qual me apaixonei e pre-

tendemos nos casar no futuro.

Pratico esportes, como basquete, vôlei e futebol, e também faço teatro, mas no momento estou parado. Eu e alguns amigos havíamos montado uma peça de teatro sobre a ALCA (Área de Livre Comércio das Américas) que tinha o objetivo de conscientizar as pessoas sobre o que os Estados Unidos querem com esse acordo. Foi um sucesso, fizemos quase vinte apresentações em diferentes locais.

Eu trabalho voluntariamente na Pastoral do Menor, no Espaço Gente Feliz, aqui no bairro. A pastoral é uma entidade que abriga 380 crianças e adolescentes de várias religiões e situações sociais diferentes. Somos em 35 voluntários na entidade. As crianças e os adolescentes têm aulas de reforço escolar e aprendem vários cursos, como datilografia, padaria, capoeira, danças culturais, artesanato, costura, marca, crochê e informática, curso do qual sou instrutor.

Concluí o ensino médio em 2001 na Escola Dr. Afonso Schwab, no Jardim América, pois no meu bairro não temos escola que ofereça o ensino médio. De lá pra cá, já fiz vários cursos, dentre eles um de informática na Data Control, o de padaria na Pastoral do Menor e o de desenvolvimento de habilidades gerenciais na Faculdade UNIVILA.



Meu objetivo maior, no momento, é passar no vestibular e fazer o curso de Engenharia Mecânica na UFES (Universidade Federal do Espírito Santo) e, posteriormente, ajudar minhas duas irmãs a terem também um curso superior. Uma está cursando o 2º ano do ensino médio e a outra está na 6ª série.

Eu gosto de sempre estar ajudando na comunidade, fazendo o que estiver ao meu alcance. Participo de várias pastorais sociais, dentre elas a PJ (Pastoral da Juventude), que tem um trabalho voltado para os jovens do bairro.

Este projeto do Observatório de Direitos Humanos é uma experiência nova para o grupo do Jardim Botânico, porque nós temos costume de trabalhar em grupo, mas nunca discutindo, pesquisando e relatando sobre Direitos Humanos. Antes de entrarmos neste projeto, não sabíamos muito sobre o assunto e, hoje, nós já estamos conscientes dos nossos direitos e sabemos identificar várias violações a eles. O trabalho está sendo muito enriquecedor para todos, pois estamos tendo experiências novas e estamos gostando cada vez mais do trabalho.

DARLENE RODRIGUES FERREIRA

Olá tudo bem?

Sou Darlene Rodrigues Ferreira, tenho 21 anos e nasci aqui mesmo no Espírito Santo, precisamente em Vila Velha. Já morei em outros estados, como Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Minas Gerais. Como podem ver, minha infância foi bem diversificada.

Fui, e sou muito moleca, para falar a verdade, uma “capetinha”. Aprontei muito. Uma vez, numa viagem, voltando de Santa Catarina para o Espírito Santo, o ônibus fez uma parada, já à noite num local onde não me lembro. Mamãe e eu desembarcamos para comprar um lanche e, de repente, sem que desse tempo dela perceber, eu saí de perto dela e entrei em um ônibus que ia para Belém, que já estava saindo quando entrei. Eu, então, comecei a brigar com uma mulher dizendo-lhe que aquele lugar era da minha mãe e que era para ela se levantar se não eu ia chamar meu pai. De repente, um homem de moto (creio que ele trabalhava na rodoviária), parou o ônibus e levou-me de volta até minha mãe que já estava em prantos. Eu olhei para ela e disse: “mãe não chora, eu guardei seu lugar”. E o ônibus já estava a um quilômetro da rodoviária. Essa só foi uma, sem contar que eu jogava bola com queijo no supermercado, pulava corda com a lingüiça, e isso quando só tinha 3 anos. Gostava muito de brincar de casinha, mas eu era sempre a mãe. Para brincar de escolinha, só aceitava se eu fosse a professora.

Estudei em muitas escolas de vários estados diferentes, como já mencionei acima, mas isto por causa do trabalho do meu pai que, apesar de ter apenas o 1º grau incompleto, desempenhava o cargo de capataz “A”, de ar comprimido. Foi nesse emprego que minha mãe o conheceu, pois ele trabalhava com meu tio.

Vivi até meus oito anos com uma família completa. Mas a maldita cachaça tomou conta de nossas vidas e meu pai colocou todo futuro de uma família em um litro de pinga, sem dar o menor valor à mulher guerreira que minha mãe sempre foi. Colocou um casamento de 11 anos a perder por pura irresponsabilidade e imaturidade.

Chegou um momento, em que não dava mais para agüentar, então, eu e minha mãe fomos morar na casa de minha avó, que era uma casa alugada. Nessa época, minha mãe trabalha-

va dia e noite para pagar um lote onde ela mora até hoje com minha avó e uma prima.

Minha mãe sempre me ensinou a traçar o caminho do bem e conquistar tudo com dignidade. Trabalho como educadora de danças culturais na Pastoral do Menor “Espaço Gente Feliz”. Tenho muito orgulho de trabalhar aqui. A Pastoral do menor é uma entidade filantrópica, não recebemos nenhum centavo do governo, tudo que temos é resultado de doações. Sou muito feliz por já ter feito parte desta família como educanda. Entrei aprendendo bordados em ponto cruz, depois passei a fazer costura, mas, nunca tive muita paciência para ficar sentada bordando ou costurando, por este motivo, sempre larguei tudo pela metade, só aprendi por aprender, pois não pratico nenhuma estas atividades. Atuo também como conselheira titular no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Cariacica (COMDCAC).

Sou casada há 11 meses com um homem perfeito e posso garantir que não houve experiência melhor em toda minha vida. Edney é quase tudo para mim, porque, além dele, tenho minha mãe. Foi um trato que fizemos de não colocar nada na frente de nossas mães a não ser quando tivermos nossos filhos. Ele faz tudo que quero, na medida do possível, é claro. Meu casamento é tão bom que não tenho nem o que falar, só sei que eu o amo e tenho certeza de seu amor por mim.

Sou uma pessoa que tem muitos amigos e tenho muito orgulho dos mesmos, pois são verdadeiros. Como estudei em várias escolas diferentes (dez no total), acabei fazendo muitas amizades. Sempre fui muito popular em todas as escolas pelas quais passei, pois, em menos de um mês, já conhecia a todos, até mesmo a diretora eu conseguia conquistar. Todos sempre gostavam de mim pelo meu modo atrevido de ser. Sempre fui líder de turma e a sede de justiça também sempre foi uma característica minha.

Hoje sou católica, mas já fui espírita, aliás, uma religião que admiro muito, embora não tenha me identificado com ela, pois a religião não gira em torno de um ideal que é DEUS, mas em torno do dinheiro que é o que gira o mundo hoje em dia. Para dizer a verdade, gosto do espiritismo, sou apaixonada pelo catolicismo, mas amo a DEUS. Despeço-me, desejando muita paz, e alegria a todos vocês e seus familiares.

Onde estamos?

Nosso bairro fica no município de Cariacica, no Espírito Santo, e é chamado de **Grande Jardim Botânico** por ser composto por outros pequenos bairros: **Liberdade**, **Caçaroca**, **Vista Linda**, **Nelson Ramos** e **Jardim Botânico**.

O bairro **Nelson Ramos** é o mais novo: foi fundado há apenas cinco anos. O nome se refere ao antigo proprietário da fazenda que existia no lugar onde hoje se situa o bairro. Apesar de ser o mais novo, é o melhor estruturado, pois possui energia, água, telefone, as casas são todas de alvenaria e o bairro está quase todo pavimentado. É uma planície ampla, bonita e tem o maior e melhor supermercado da região.

O bairro **Liberdade** é formado, em sua maior parte, por morros e foi ocupado pelo povo numa história marcada por tragédias. A origem de seu nome se refere justamente à conquista do espaço a partir da organização popular. Depois da ocupação, a luta permaneceu e, hoje, o bairro está todo asfaltado (um asfalto ecológico, mas aliviou a poeira ou a lama) e possui rede de esgoto. Uma importante conquista foi a linha de ônibus que liga o bairro ao terminal de Vila Velha, facilitando a vida dos moradores, principalmente nas madrugadas e à noite. Outra conquista da comunidade foi a creche escola São João Crisóstomo que, por enquanto, funciona provisoriamente em uma casa de dois cômodos, mas, em 2003, terá um prédio novo com condições para atender a necessidade do bairro.

Caçaroca é um bairro carente. A origem de seu nome vem da língua Tupi, falada por povos indígenas da região, e significa bosta seca. Não dispõe de rede de esgotos e suas ruas não têm pavimentação. A única escola do bairro atende apenas as primeiras quatro séries do Ensino Fundamental e fica num lugar de difícil acesso, pois está localizada no alto de um morro, é cercada por uma mata nativa, num lugar meio deserto. Atualmente, há um grupo procurando organizar a Associação de Moradores.

Vista Linda é um bairro que possui este nome pois, de lá, se tem uma visão muito bonita das luzes da cidade de Vila Velha, com destaque especial para o Convento da Penha e outros pontos turísticos, sendo também possível ver o mar e suas lindas praias ao longe. À sua esquerda, vê-se o bairro Liberdade. E, descendo os olhos, vê-se J. Botânico, Nelson Ramos e o bairro Caçaroca.

O **Jardim Botânico** é o único bairro que não temos certeza sobre a origem de seu nome, a população mais antiga acredita que este lhe foi dado devido à beleza das fazendas e à vasta plantação de eucalipto e palmito que não existe mais. Segundo o ex-presidente da Associação, Ozéias, morador há mais ou menos 25 anos, até o areal que existia no local era bonito. Moradores afirmam que havia uma linda pedra e uma lagoa que eram usadas por eles para divertimento. O bairro possui uma escola, que atende às quatro primeiras séries, localizada próximo ao campo de futebol e de fácil acesso. Em 2000 e 2001 atendeu a alunos de quinta e sexta série no período noturno, porém, graças à Associação de Moradores, isso foi suspenso, e hoje a escola passa por reformas e ampliação.

A única escola de ensino fundamental e médio da região chama-se Alzira Ramos, localizada em Rio Marinho, bairro vizinho que está entre 15 a 30 minutos a pé. Essa escola atende a mais de dez bairros e, por esse motivo, alguns alunos deslocam-se para outros municípios, enfrentando várias dificuldades, tais como garantir passagem de ônibus, agüentar salas superlotadas, além dos riscos de violência, principalmente à noite. E como é escola estadual, as greves são constantes. Há três escolas particulares de ensino infantil e não se tem nenhuma creche municipal.

Apesar de haver muitas ruas esburacadas e falta de saneamento básico, atualmente, a prefeitura vem elaborando esses serviços, melhorando um pouco a condição geral dos bairros que compõem o Grande Jardim Botânico.

Quanto ao transporte, circulam coletivos que dão acesso ao Terminal de Campo Grande, que fica no município, bem como aos terminais de Vila Velha e Dom Bosco, em Vitória. Uma outra luta da associação de moradores é a tentativa de construir o Terminal de Cobilândia, bairro de Vila Velha que oferece um fácil acesso para todas as cidades da Grande Vitória.

Nosso bairro tem elevado índice de violência. Jovens e adultos são assassinados por motivos desco-



nhecidos, sem hora e nem lugar, e qualquer pessoa pode ser vítima de uma bala perdida. Mas, apesar de tudo, os moradores convivem em um clima de companheirismo e amizade compartilhando momentos tristes e alegres.

Próximo à nossa região, há algumas indústrias, como a Belgo Mineira, Coca Cola, Selita, Companhia Vale do Rio Doce, entre outras.

Um dos maiores problemas do Grande Jardim Botânico é a saúde, pois nosso posto está desativado, por isso, para qualquer emergência, temos que correr para o posto de saúde de Rio Marinho, que foi aberto há pouco mais de um ano e fica a 25 minutos a pé. Em casos mais graves, somos obrigados a procurar hospitais de outros municípios pois os postos de saúde de Cariacica não são bem estruturados e não fornecem atendimento adequado à demanda. De qualquer maneira, há pouco tempo, recebemos uma boa notícia: o atual prefeito de Cariacica assinou um Projeto de Lei que viabiliza o início das obras do posto de saúde no bairro.

Uma característica do Grande Jardim Botânico é o trabalho informal, que possibilita um complemento para a renda familiar. As principais ocupações informais são sacoleiras, salgadeiras, artesãs (em bijuterias), pedreiros, donos de quitandas ou botequins (pequenos comércios). Em muitos casos, é comum a mulher se tornar a provedora da casa, trabalhando, geralmente, como empregada doméstica.

Em relação ao lazer, os moradores não têm sequer uma quadra de esportes e a praça mais próxima fica a mais de 3 quilômetros do nosso bairro. Somos bastante prejudicados no acesso aos bens culturais da cidade. O teatro mais próximo, por exemplo, fica na capital, Vitória, a trinta e cinco minutos de ônibus, e, além da distância, só o freqüentamos quando o espetáculo é gratuito, porque não temos sequer a possibilidade de pagar. Além disso, para um trabalho escolar, temos de nos deslocar para outros municípios, pois não dispomos de uma biblioteca.

Apesar desses problemas, o município de Cariacica possui belezas naturais e culturais, tais como a Pedra Moxuara, a cachoeira de Maricarã (ambas de fácil acesso), além da banda de congo, do grupo Moxuara e do grupo de Hip-Hop, que vem se estruturando.

ESPAÇO GENTE FELIZ

O Espaço Gente Feliz foi criada em 1993, a partir da necessidade de se ocupar o tempo livre das crianças e adolescentes em situação de risco, assim como o dos moradores da Grande Jardim Botânico. Essa iniciativa partiu da Comunidade Eclesial de Base, Santa Cruz. A entidade faz parte dos projetos da Pastoral do Menor e pertence a Cáritas Arquidiocesana de Vitória.

Como toda ação em que o povo é sujeito e protagonista, o trabalho começou com pequenos passos. Primeiramente, organizamos a rua do lazer, buscando atrair as crianças e adolescentes. Posteriormente, foram criadas oficinas de bordado, artesanato, corte e costura e reforço escolar. Também foi estimulada a participação em lutas por melhorias do bairro e pelo desenvolvimento de uma consciência crítica.

Após várias buscas, contando com diferentes parceiros, foi comprado o terreno onde existia uma casinha encardida, como era chamada, local em que passaram a ser realizados os encontros e trabalhos. Pelo convênio realizado com a Companhia Vale do Rio Doce, a comunidade concretizou o seu sonho; construir um espaço digno para desenvolver as atividades de preparação para o trabalho. É como diz a canção: "ninguém pode prender um sonho, quando se sonha em mutirão".

Em 1997, o prédio foi inaugurado na alegria de fazer parte da história de vida do idoso, do adulto, do jovem, do adolescente, da criança que ajudou a levantar paredes. Um espaço que ajuda a formar vida, a resgatar dignidade, a promover a auto-estima. Atualmente, o prédio é um Centro Educativo Comunitário que recebe, semanalmente, 380 crianças e adolescente que participam dos cursos de informática, padaria, datilografia; de oficinas de teatro, dança e capoeira; além de receberem uma refeição.

Tem sido um trabalho valorizado pelos pais, pela comunidade em geral e pelos seus usuários que amam, defendem e conservam o "Espaço Gente Feliz".

Elzi de Carvalho Alves
Coordenadora

PROJETO LUZ

O Projeto Luz surgiu no início de 2002, após o curso de empreendedor social promovido pela Cáritas Arquidiocesana de Vitória em parceria com o Centro de Formação Comunitária (CENAFOCO). É um projeto desenvolvido na região da grande Jardim Botânico com o objetivo de minimizar o índice de violência entre os jovens, promovendo ações de entretenimento, capacitando-os e informando-os através de cursos, treinamento e palestras formativas.

Faz jus ao nome, procurando ser uma luz para os moradores do bairro, oferecendo aulas de violão, estudo comunitário de preparação para o vestibular, cursos de capacitação como bordado em chinelos, caixas de presentes, pintura em molde vazado, confecção de bonecas, porta-jóias, sache, velas decorativas, além de oferecer esporte, jogos, brincadeiras, torneios, arte cultural e quermesses. Estas atividades são desenvolvidas com o objetivo de despertar nos participantes uma interação, bem como uma alternativa de trabalho informal, que proporcione aumento na renda familiar. Surpreendentemente, jovens e senhoras, assim que aprendem as atividades, fabricam artesanatos voltados para a comercialização, proporcionando uma ajuda na renda familiar.

Para realizar este projeto, contamos com a parceria do Grupo de Jovens da Pastoral da Juventude (JOCMILI), atuantes na Comunidade Eclesial de Base Santa Cruz do bairro Jardim Botânico, com o Centro Educativo Comunitário Espaço Gente Feliz, com a Associação de Moradores e com o grupo de mulheres.

Rogério Rosa Vago
Coordenador

Jardim Botânico e o Direito à Educação

A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO NO JD. BOTÂNICO

Desde os primeiros encontros, o tema educação apareceu como ponto forte nas discussões do grupo do Jardim Botânico, sendo descrita como uma realidade precária que necessitava ser mudada. Pelas reflexões realizadas no grupo, a educação, por ser uma das importantes vias de acesso às informações, contribui muito para que as pessoas lutem pelos seus direitos.

Inicialmente, a discussão centrou-se no direito de acesso à escola. Neste ponto, foi muito considerada a realidade do município. Na Grande Jardim Botânico, assim como nos outros bairros de Cariacica, o número de escolas é insuficiente para atender à demanda, trazendo sérios problemas para os moradores da região.

Na conversas, percebemos que este problema esteve presente na vida de alguns membros do próprio grupo. Alguns observadores contaram que, por falta de escolas, ingressaram no ensino com mais de sete anos. Além disso, para não ficar sem escola, era comum ter que se deslocar para outros municípios em busca do ensino fundamental e, mais tarde, do ensino médio.

Os relatos destas experiências favoreceram a continuidade da reflexão no grupo. Conforme íamos discutindo, novos aspectos relacionados à questão da educação foram surgindo. Assim, começou-se a pensar que a luta pelo direito à educação, no Bairro Jardim Botânico, não poderia se restringir à disponibilidade de vagas e ao maior número de escolas, mas também reivindicar um ensino de qualidade.

A partir desta reflexão, destacaram-se como pontos funda-

mentais para a discussão do direito à educação, no Bairro do Jardim Botânico, o acesso à escola e a qualidade do ensino. Para se discutir a qualidade de ensino, se pensou em dar destaque a capacitação profissional, as condições de trabalho, a falta de recursos didáticos/pedagógicos e as relações vividas no ambiente escolar.

DE OLHO NA EDUCAÇÃO

Segundo o artigo XXVI, da Declaração Universal dos Direitos Humanos, *“todo ser humano tem direito à instrução”*. Sendo um direito humano, é dever do Estado buscar formas e leis para a sua plena garantia. O acesso à instrução é obrigatório e gratuito e deve ser oferecido possibilitando pleno desenvolvimento social e humano, sustentado pelo respeito às diferenças, aos valores humanos e ao exercício da cidadania.

Nas discussões, bem como nas entrevistas realizadas, foi muito lembrado o ano de 2001, marcado pelo desrespeito à dignidade de professores e alunos da rede pública. Os professores reclamavam dos baixos salários que, além disso, estavam atrasados. Os alunos reclamavam das faltas dos professores e da qualidade das aulas.

Devido aos salários baixos e atrasados, os professores ficaram em greve durante três meses e, em função disso, o ano letivo de 2001 encerrou-se somente em abril de 2002. Esse problema persistiu no em 2002 que, mal começando o novo ano letivo, enfrentava uma segunda greve. Hoje, discute-se a terceira greve do ano letivo de 2002 que, por enquanto, está previs-



to para encerrar em junho de 2003. Sobre isto, vejamos um depoimento de um aluno:

“Um fato marcante para mim na escola nestes últimos anos foram as sucessivas greves que antes de terminar uma já se tinha notícia da próxima”

Quando conversamos com o subsecretário de educação, percebemos que a situação vivida nestes dois últimos anos não é nova. “Fui professor durante 15 anos e foram 15 anos de greve”

Apesar de alguns alunos reconhecerem que a greve dos professores era justa, muitos lembraram algumas dificuldades que elas lhes causam. Para os alunos do último ano do ensino fundamental ou do médio, o término do ano letivo que não coincide com o final do ano, muitas vezes, dificulta a matrícula em cursos de formação técnica ou superior. Para exemplificar isso, descrevemos um relato de um aluno da rede pública que passou pela prova de seleção no Centro Federal de Educação Tecnológica.

“O 3º ano do ensino médio que hoje curso iniciou no mês de maio, pois o ano letivo de 2001 terminou em abril de 2002 devido aos três meses de greve dos professores. Em vista disto, quase que perdi a vaga no Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET-ES), pois meu segundo ano encerrou-se no último dia da matrícula e, para ingressar na escola técnica, era exigido o 2º grau completo. Neste ano estou vivendo um problema semelhante ao do ano passado. Pretendo fazer a prova do VEST-UFES 2003 e, se passar, dificilmente vou conseguir me matricular, pois mal o ano letivo começou e já estamos na segunda greve, devido ao atraso do pagamento dos professores”.

A precarização do trabalho do profissional da educação é gritante. Conversando com professores, pais de alunos e alunos, verificamos que a greve tem diferentes sentidos para cada um destes grupos: para a maioria dos professores, a greve é instrumento para fazer valer o direito a condições dignas de trabalho; para os alunos, significa uma ameaça à formação que, mesmo sem as greves, já é bastante prejudicada; e, para os pais, é motivo de preocupação por não terem condições de garantir a educação formal de seus filhos. Este quadro distancia a possibilidade de alcançar o sentido de educação garantido por lei.

O PROBLEMA DA EDUCAÇÃO NO BAIRRO JARDIM BOTÂNICO

POUCAS ESCOLAS

O Estatuto da Criança e do Adolescente, no art. 53, reforça o direito à educação, visando o pleno desenvolvimento da pessoa e preparação para o exercício da cidadania. Segundo este estatuto, toda criança e adolescente têm direito à escola pública e próxima de sua residência.

Para os moradores de Jardim Botânico, o exercício pleno deste direito fica comprometido. O bairro possui duas escolas que atende as primeiras séries do ensino fundamental. Para dar

continuidade aos estudos, os moradores são obrigados a se deslocar para o bairro vizinho, que conta com uma única escola – a Escola Estadual Alzira Ramos – para atender aos alunos da 5ª série em diante e os do ensino médio, de dez bairros adjacentes, inclusive o Jardim Botânico.

Em 2000 e 2001, devido à superlotação da Escola Alzira Ramos, cuja prioridade é o ensino médio, a Escola Jardim Botânico abriu um terceiro turno para os alunos que terminaram a 4ª série e não encontraram vaga. Com isso, é comum que crianças menores de 14 anos passem a estudar à noite, infringindo a Lei.

Em 2002, com a construção da escola no Bairro Maracanã, a 6 km do Jardim Botânico, os alunos concluintes da 4ª série foram ali matriculados, aumentando ainda mais a preocupação dos pais, pois, além de os filhos terem percorrer longas distâncias para chegar à escola, havia o custo do transporte, o que exigiu dos pais que se organizassem para adquirir passes escolares.

POUCAS VAGAS

A luta pela conquista por mais escolas e de vagas é enfrentada pelos diretores e pela comunidade. Os pais passam a noite em filas para conseguirem a senha a fim de matricularem seus filhos.

“Minha mãe teve que dormir na fila para mim e para o meu primo estudarmos aqui. Ela veio entre 21 e 22 horas da véspera da matrícula”.

“É tão pequeno o número de vagas oferecido que tive de passar a noite na fila para conseguir a matrícula e éramos mais de cem pessoas a noite inteira na rua”. (entrevista com aluna)

Para se tentar diminuir o problema da faltas de vagas, uma das soluções encontradas foi aumentar o número de alunos por sala de aula. Contudo, isso superlota as salas que, algumas vezes, não têm nem mesmo condições físicas de atender tantos alunos.

“Não há vagas na Escola, principalmente de 5ª. a 8ª. série. As salas são superlotadas”. (entrevista com a diretora)

“Infelizmente não se tem nem mesa, nem cadeiras para atender a todos que estudam aqui. Em 2001 houve aluno que saiu de escola em escola procurando cadeira porque não tinha como estudar. Não há como colocar mais alunos, às vezes o professor não pode chegar até ao aluno em dificuldade porque não tem como se locomover”. (diretora da escola)

“Em termos quantitativos podemos chegar a quarenta e cinco alunos e temos quarenta nas séries mais adiantadas. Em compensação, na primeira e segunda série que devíamos ter vinte e cinco em cada turma, temos trinta”. (diretora da escola)

POUCAS CONDIÇÕES

Alguns professores também se queixaram da falta de espaços para se realizar atividades pedagógicas diferenciadas, como

quadras, bibliotecas, laboratórios e salas de informática. Na opinião destes professores, a presença destes recursos ajudaria o ensino e o aprendizado dos alunos.

“Mas não é só sala de aula que precisamos, também não temos laboratórios, sala de artes, biblioteca”.

“Falta-nos uma quadra esportiva, biblioteca, brinquedoteca, mesas e cadeiras no lugar de carteiras para facilitar a socialização”.

“Falta um laboratório para ensinar os alunos a utilizarem o computador, falta uma sala de vídeo”.

“A falta de um laboratório de informática impossibilita a pesquisa”.

A luta para garantir um espaço físico adequado também chega a ser a luta por um espaço que não ofereça riscos para os alunos. Prova disso foram a demolição e a reconstrução da escola São Jorge, na região, que apresentava sérios problemas em sua estrutura, colocando em perigo a vida dos alunos.

“Há muito tempo eu sabia que a escola estava com rachaduras, parede caindo, porque minha filha estudava lá e sempre dizia que vinha embora porque chovia na sala, a escola já estava condenada pela defesa civil”. (mãe de aluno)

“A escola era péssima estava quase caindo na cabeça das crianças. Eram tantas os estragos, paredes e tetos rachados, quando chovia a sala ficavam cheias de água, o prédio não era seguro foi várias vezes assaltado. A escola foi interdita várias vezes as crianças ficaram muito tempo sem estudar”. (servente da escola)

“A escola São Jorge com 20 anos nunca havia passado por uma reforma, correndo o risco de cair sobre as cabeças dos alunos. Chamamos a superintendência, o corpo de bombeiros que constataram a gravidade da situação. Foi então interdita e no início do ano 2002 foi demolida, estando agora em construção”. (diretora)

A demolição da escola São Jorge é um fato especial, pois foi necessária uma ação popular para que as autoridades compreendessem a situação de risco em que se encontrava a escola. Cansados de esperar, diretora, professores, pais e alunos organizaram-se e foram à Secretaria de Educação pressionar o Governo. O relato de mães que participaram do movimento para demolição da escola mostra o processo de organização da comunidade na reivindicação da garantia do direito.

“A escola já estava condenada pela defesa civil há mais de três anos. A comunidade fez umas quatro reuniões na Igreja católica e decidiu por

invadir a Secretaria de Educação. A comunidade lutou muito, pois se não fosse desta maneira teria surgido mais um problema para o nosso bairro. Tivemos um apoio muito grande da líder comunitária Enni, da secretária da escola a Isabel, o apoio do Vasquinho, candidato a deputado federal e do Capim, líder comunitário.

Tivemos dificuldade em relação ao transporte, pois não tínhamos dinheiro para pagar passagem, mas saímos ao meio dia, mais de cinquenta pessoas entre mulheres e crianças para o protesto. Entramos, fechamos a porta e ninguém entrava. Fomos atendidos pela Creuza Venturim na SEDU, o secretário não nos atendeu. Reivindicamos a demolição e reconstrução da escola S. Jorge e creches, pois há muitas mães que precisam trabalhar mas não têm com quem deixar seus filhos ou não podem pagar. Só voltamos às cinco horas da tarde. Hoje vendo as obras de reconstrução a gente diz: ‘Valeu a pena reivindicarmos nossos direitos, graças a Deus.’”

“Fomos à SEDU duas vezes. Na primeira vez nada conseguimos. Levamos cartazes, mas só entraram três pessoas que foram atendidas por um representante do secretário. Ficou agendada uma visita à Escola. Deixamos bem claro que voltaríamos se não acontecesse nada. E tivemos que voltar mais uma vez, depois de uma reunião com pais, professores e lideranças comunitárias. Chegando lá, ficamos no sol quente do lado de fora com crianças no colo, porque não nos deixaram entrar. Algumas pessoas ficavam lá de cima zombando da gente e eu sentia vergonha, raiva e revolta. Depois de muita espera, chegaram dois rapazes do Sindicato dos Trabalhadores e nos deram a maior força. Eles sentaram o pé na porta e mandaram entrar. Entramos como uma boiada. A diretora, que ficou de ir conosco, já estava lá em cima na sala do secretário, ela passou pela porta do fundo por onde com certeza, o secretário fugiu. Eu tive a maior surpresa quando vi a diretora lá dentro. Com o apoio dos rapazes do sindicato, firmamos o pé que de lá só sairíamos à noite”.

A demolição da escola representou sérios transtornos, pois as crianças ficaram mais de oito meses sem ter onde estudar. Para amenizar a situação, foi providenciado um barracão para abrigar os alunos enquanto se constrói o novo prédio. A construção da nova escola tem criado a esperança de um espaço bom e adequado para as diferentes atividades didáticas e pedagógicas.

QUALIDADE DO ENSINO

Num contexto educacional em que as pessoas brigam pelo acesso à escola, a reflexão sobre a qualidade do ensino oferecido chega a ficar em segundo plano. Ter uma escola com um ensino de qualidade torna-se um sonho distante diante da ameaça de não se ter nem escola.



Iniciamos nossa discussão sobre educação com base na realidade da comunidade, centrando a atenção na ausência de escolas. Todavia, não se pode falar de educação sem discutir a qualidade do ensino como um dos pontos que torna possível a conquista do pleno direito à educação.

Nos depoimentos levantados, identificamos como elementos que prejudicam a qualidade do ensino problemas relativos aos recursos didáticos e pedagógicos. Alguns alunos e professores afirmaram que, nas escolas, nem sempre o material didático é suficiente ou de boa qualidade.

“O material didático é insuficiente. Neste ano só veio livro para uma 5ª série e imagine, são seis turmas que temos. Os alunos do ensino médio ou compram apostilas ou usam o quadro”. (entrevista com diretora).

“O material pedagógico é precário, e durante o 3º ano a biblioteca ficou trancada”. (entrevista com aluno).

A falta de material didático limita a atuação do profissional que, muitas vezes, se vê obrigado a passar a matéria do livro no quadro. Alguns alunos afirmaram que chegam a passar 50 minutos de aula copiando a matéria, ou seja, a maior parte da aula é utilizada para cópia, prejudicando as explicações, discussões e reflexões sobre o conteúdo dado. A falta de bibliotecas também foi mencionada por alguns professores, o que impede a realização de atividades de pesquisa para se aprofundar os temas estudados em aula.

O envolvimento e a dedicação de alguns professores na tentativa de garantir um melhor ensino e suprir, pelo menos em parte, os poucos recursos didáticos disponíveis os leva a abrir mão de parte do próprio salário para viabilizar materiais didáticos.

“A minha animação em estar com eles me leva a investimentos, como: comprar CDTECAS, coleções de livros que tragam novidades para a alfabetização, assinatura de jornal e até um aparelho Rádio-CD – Cassete. Tudo isso para que o trabalho seja feito de forma dinâmica e prazerosa”. (entrevista com professora)

Este exemplo, apesar de demonstrar que alguns profissionais têm um compromisso com a educação que é muito superior às dificuldades em que o sistema escolar público está submetido, evidencia o quanto a educação tem sido tratada com descaso.

Contudo, a má qualidade da educação não se resume à falta e à precariedade dos materiais didáticos. Alguns alunos também mencionaram que a atitude de alguns professores contribui para a má qualidade do ensino.

“A professora chegava muito mal humorada, mandava os alunos comprarem a apostila e não explicava a matéria. Ao ser questionada pelos alunos, começava a discutir com os mesmos expulsando-os da sala de aula”.

“Quando eu estava no 3º ano, os professores de Física e Matemática pediam que um aluno

elaborasse as provas. Depois de elaboradas, eram também alunos que as aplicavam e fiscalizavam. Eram também nós, os alunos, que corrigíamos. Tudo o que eles (professores) faziam era pegar as notas conosco. Eu já cheguei até passar notas para a pauta e para o canhoto que é entregue à secretaria”.

O descomprometimento do professor, sem dúvida, prejudica muito a qualidade do ensino. Neste ponto, na opinião de alguns pais, a aprovação automática também contribui para que alguns professores não se empenhem para ensinar os alunos.

“B. está na segunda série e não sabe nem escrever seu nome, acho isso um absurdo passar um aluno sem aprender nada, uma professora me falou que tem um projeto do prefeito na escola, que sabendo ou não os alunos têm que passar de ano, se não, não recebe uma tal verba não sei pra quê!” (entrevista com mãe).

“O L. estuda no Botânico há três anos, está na 3ª série, o ensino na escola é muito ruim, pois ele não consegue aprender nada. Se hoje lê e escreve, fui eu quem pegou no seu pé, mandando soletrar em casa”. (entrevista com mãe).

A angústia sofrida tanto pelos pais quanto pelos alunos se sustenta no entendimento de que a formação educacional deficiente incapacitará a entrada no mercado de trabalho, que cada vez mais exige um nível de instrução “superior”.

“A escola pública não prepara ninguém para faculdade e nem para o mercado de trabalho. O aluno pode ter o ensino da escola como base, mas tem que estudar muito por fora para obter o aprendizado”.

A visão de um ensino voltado para o vestibular e o ingresso no mercado de trabalho encontra-se muito presente nos jovens e em alguns profissionais da educação. Em nossa opinião, esta visão coloca em risco o direito à educação, pois, ao priorizar a aprendizagem de conceitos e cálculos, muitas vezes se esquece de seu primordial objetivo: “o pleno desenvolvimento da personalidade humana”.

PROBLEMAS DE RELAÇÕES NA ESCOLA

Nos debates e entrevistas com os jovens identificaram-se conflitos na relação professor/aluno, que se apresentaram desde posturas inadequadas, de ambas as partes, até atitudes discriminatórias por parte do professor. Os relatos a seguir descrevem fatos que exemplificam melhor a situação.

“Sempre procurei ser uma boa aluna. Sentava na frente, prestava atenção nas explicações, respeitava o professor; estudava em casa, resumindo cumpria com minhas obrigações de aluna. Um dia o professor de física, Aluizio, marcou uma prova e a aula dele seria no último horário de 10h30 às 11h20. Ele chegou para aplicar a prova às 11:00 horas e passou as questões no quadro

para que copiássemos. A turma pediu para que o dia da prova fosse adiado, pois ele já havia chegado atrasado e ainda tendo que copiar a prova do quadro não daria tempo e o resultado seria ruim. Ele foi irredutível e, quando o sinal bateu, queria pegar as provas.

Eu disse que não devolveria, pois tinha o direito aos meus cinquenta minutos de prova; aí ele puxou a prova da minha mão e foi nesse instante que eu perdi a cabeça e a razão, porque atirei três livros nele.

O professor saiu da sala com minha prova e foi até a sala dos professores e eu até a pedagoga. Para meu azar a pedagoga estava na sala dos professores e ele comentou com ela que eu havia jogado os livros nele.

A pedagoga me chamou e perguntou o que aconteceu e eu lhe contei. Ela nos colocou frente a frente e ele veio para mim sorrindo. Eu virei para ele e disse que eu não era dentista.

A pedagoga conversou conosco e disse que ambos tinham culpa. O professor por querer de qualquer maneira dar uma prova bimestral sem o tempo devido e eu por ter tacado os livros nele. No final de tudo eu assinei uma ocorrência por ter dito a ele com muito deboche que eu não era dentista só porque ele sorriu para mim”.

“No ano passado (2001), quando estudava no 2º ano, o professor estressado me chamou de negrinha na frente de toda a turma. Imediatamente fui procurar meus direitos tanto de aluna quanto de cidadã. Fui falar com a diretora da escola, mas não estava presente, então fui encaminhada ao coordenador; contei-lhe tudo que havia acontecido e exigí providências. Alguns dias depois o coordenador foi até a minha sala e me chamou e me levou ao professor que me pediu desculpas”.

Tinha me sentido humilhada, indignada, revoltada com o fato, depois fiquei feliz, pois a escola fez o seu papel, cumpriu seu dever; foi um exemplo para muitos. Feliz também por ter mostrado ao professor que racismo é crime e que os alunos como os professores gostam e têm o direito de serem respeitados”.

Chama atenção, nestes dois exemplos, que, apesar de ter havido atitudes inadequadas por parte de alunos e professores, a intervenção de pessoas relacionadas à direção da escola foi fundamental para mediar e solucionar os conflitos. Nestes casos, destaca-se que, antes de se tomar alguma decisão, tanto a pedagoga da escola como o coordenador buscaram ouvir os dois lados envolvidos, julgando-os de maneira neutra, sem favorecer os professores ou os alunos. Posturas como estas podem fortalecer a relação dos alunos e professores com a direção enquanto uma instância que pode mediar os conflitos existentes.

Um outro ponto que se levantou nesta discussão foram as questões relacionadas à discriminação na escola, que, segundo os casos levantados, aconteceu tanto entre professores e alunos como entre os próprios alunos.

“Montamos um time feminino de futebol de salão e fomos jogar. Tínhamos seis titulares na linha e dois reservas. Eu, Thalyta, era uma das titulares e no decorrer do jogo me machuquei precisando ser substituída. Como o time só possuía seis camisas, foi necessária a troca destas com as reservas e foi aí que tudo começou. A Sabrina, garota que me substituiria, se negou a vestir minha camisa afirmando que eu, por ser branquinha, tinha uma doença e iria contaminá-la. Talvez por ignorância ela não soubesse que sou albina, ou seja, não possuo melanina, pigmento que dá coloração à pele. Sabrina se recusou a vestir minha camisa e uma colega, a Giza, vestiu minha camisa e passou a dela para a Sabrina. Fiquei super nervosa e chateada, mas levantei a cabeça. No término do jogo, os alunos que presenciaram o fato expuseram o assunto para o restante da turma, que decidi dar um gelo na Sabrina que não agüentou e trocou de turno. Os professores souberam do assunto e passaram trabalhos sobre preconceito”.

No âmbito educacional, o tema da discriminação pode e deve se apresentar como uma situação que suscite uma reflexão e que, se possível, favoreça a reversão de um pensamento ou uma atitude discriminatória em uma atitude de reconhecimento do direito à diferença. No caso acima relatado, o fato foi aproveitado pela escola para que se discutisse e se trabalhasse o tema do preconceito.

É POSSÍVEL FAZER DIFERENTE?

Ao discutirmos relação professor/aluno como um fator que possibilita ou não um crescimento em educação, não podemos deixar de destacar a postura de alguns profissionais que imbuídos de paixão, ultrapassam as limitações e, utilizando a própria criatividade, envolvem os alunos em um processo participativo.

São profissionais que compreendem o ato de ensinar como uma forma de intervenção no mundo, uma tomada de posição, uma decisão. Buscam estabelecer com os educandos uma autêntica comunicação da aprendizagem, com gente com alma, sentimentos, emoções, desejos e sonhos. Como afirma Paulo Freire (1997), “é necessário que o saber-fazer da auto-reflexão crítica e o saber-ser da sabedoria exercitada ajudem a evitar a degradação humana”.

Envolver os alunos no processo de aprendizagem significa transpor os limites do processo, pois todos se apresentam como conhecedores capazes de produzir conhecimento, opondo-se firmemente à definição de escola ouvida pelos observadores do bairro Jardim Botânico: “A função da escola é ensinar a escrever, ler e calcular”. Os relatos que se seguem alimentam a esperança de um possível fazer diferente.

“Quando eu estudava no 2º ano na escola



Alzira Ramos, tinha um professor muito dinâmico, o Marcelo, que era professor de Filosofia, uma matéria da qual quase todos não gostavam, pois exigia muita leitura de textos longos e interpretação.

Marcelo sempre tentava deixar suas aulas bem dinâmicas. Mesmo assim alguns alunos, aqueles mais desinteressados, matavam suas aulas.

Certo dia o professor pediu que todos pegassem suas cadeiras e levassem para o pátio debaixo de uma árvore. Neste dia até os alunos que gostavam de matar aula participaram. Primeiro nós batemos um papo e depois toda a turma que estava em círculo debateu a história de dois filósofos. A aula foi muito produtiva e animada, diferente e dinâmica e, quando percebemos, já haviam se passado os 50 minutos de aula e todos, até os desinteressados, participaram com boa vontade”. (entrevista com aluno).

“Além de ensinar e aprender com muita música, gesto e danças, preparamos comida fria em sala de aula para depois saborearmos juntos. O interessante é que durante o período de preparação cada um se compromete a trazer o que puder. No caso de uma farofa, por exemplo, o grupo se organiza decidindo quem vai trazer a farinha, outro, os ovos, outro os temperos e assim há uma integração que aumenta no momento em que vamos juntar os ingredientes. Primeiro fazemos a receita escrita no quadro, lemos e escrevemos no caderno. Enquanto juntamos os ingredientes, uma criança vai marcando na receita do quadro o que já foi usado. Falamos durante este momento de preparação sobre os cuidados que devemos ter, tais como: higiene das mãos, dos alimentos, dos utensílios; dos perigos com faca, fogo, fogão, gás, eletricidade; a fome no Brasil, etc. (...) Enfim, há várias maneiras de construir a aprendizagem, sem que ela se torne uma carga para as crianças, por isso, a cada dia, tem que ter algo que as conquiste e as traga de volta no dia seguinte. A escola deve ser um lugar em que os alunos sintam que faz parte da vida deles”.

O compromisso destes professores, visando garantir o desenvolvimento humano no processo da aprendizagem, apresenta alternativas que criam o desejo e a possibilidade de mudanças sociais, econômicas e políticas. O professor se mostra como alguém que aprendeu a ensinar e a lidar com as dificuldades encontradas, abrindo espaço para si próprio e colocando em questão sua maneira de ensinar.

“Para conseguir levar mais ânimo para os estudantes e proporcionar um melhor aprendizado na minha disciplina, Física, adotei alguns procedimentos simples. A realização de experiências na sala foi um deles. Os alunos estudam certos conteúdos da disciplina e selecionam em

livros e revistas experiências que demonstrem a utilização do que aprendeu na prática, apresentando a seus colegas o seu experimento. É interessante notar nos olhos dos alunos o prazer da descoberta e ver que eles são capazes de realizar as experiências, de entender e de explicar os fenômenos. Lembro-me das palavras de uma aluna aos seus colegas de sala ao tirar nota máxima na apresentação: ‘Viram vocês disseram que eu não conseguia, mas eu consegui’. Resolvi também ir além dos muros da escola. A primeira visita que realizamos foi à Escola de Ciência Física, em Vitória-ES. Lá, os alunos puderam ver e realizar experiências dos principais conteúdos da Física. Uma diversão só. Aprenderam coisas que jamais aprenderiam na sala de aula. Os resultados foram facilmente notados quando explicava as matérias após a visita. Era só fazer referência à escola de ciência que todos entendiam do que eu estava falando. E quando visitamos o Planetário de Vitória? Após a viagem virtual ao espaço sideral era uma felicidade só entre os alunos. Muitos perguntavam qual seria a nossa nova aventura. Pensando na questão social e visando inserir mais ainda o nosso jovem carente no convívio social, inovamos mais uma vez. Em parceria com um cinema da cidade, conseguimos levar de uma só vez 140 alunos a uma sessão. Jovens que nunca haviam ido ao cinema. Foi uma aventura. Os alunos retornaram empolgados e ficaram mais animados na sala de aula. E o mais importante foi ouvir de muitos que voltariam mais vezes ao cinema. O senso cultural foi despertado nesses alunos (...) Estou criando um projeto para trazer a comunidade para a escola, montando uma escolinha de futebol nas nossas instalações, aproveitando o espaço esportivo que fica ocioso nos finais de semana. Ainda é uma idéia, mas que breve pretendo executar”.

As alternativas aparecem à medida que professores, alunos, pais, direção da escola e outros envolvidos no processo começam a tomar consciência de suas capacidades de descobrir soluções novas e aprendem a se organizar e a defender seus direitos.

Quando o povo se junta em busca de novas soluções, ele também ensina. Ensina como é possível criar soluções a partir de si mesmo, que é possível ter uma nova atitude, uma nova maneira de agir. O povo que se desenvolve como ser humano sente orgulho de sua cultura e a promove; sente indignação diante da desigualdade que discrimina, da violência geradora de relações inibidoras e destrutivas e procura tomar parte nas soluções dos problemas.

Nós, jovens observadores do Jardim Botânico, compreendemos que o direito à educação é um instrumento de transformação social, uma vez que o conhecimento nos permite ampliar a visão dos direitos e deveres sociais e nos dá condições de propor alternativas de convívio social mais justo e solidário.

EDUCAÇÃO E CONTEXTO

Recentemente, o governo do Espírito Santo veiculou na mídia local diversas informações positivas do estado. Segundo algumas destas informações a educação escolar pública estadual vinha apresentado melhoria tanto nas condições de trabalho como nas condições físico-estruturais.

A educação escolar nos municípios, por sua vez, foi beneficiada com a instituição do Fundef, um dos bons ventos trazidos com a aprovação, em 1996, da lei de diretrizes e base da educação nacional. Em que pense as imprecisões contidas na legislação e documentos oficiais relacionadas ao Fundef, a sua própria denominação – fundo de manutenção e desenvolvimento do ensino fundamental e de valorização do magistério – já apontava os avanços que promoveria. Em alguns sistemas municipais de ensino é possível observar um gradativo aumento na oferta de vagas, melhoria na remuneração dos professores e desenvolvimento de políticas de formação do professor em serviço.

No entanto, os dados levantados pelos jovens do Observatório de Direitos Humanos na grande Jardim Botânico (município de Cariacica), contradizem as informações veiculadas na mídia e denunciam o não cumprimento de políticas públicas básicas para a educação escolar, comprometendo, assim, a qualidade do ensino e a garantia da educação como um dos direitos humanos.

Em uma das entrevistas apresentadas neste relatório, o próprio secretário estadual de educação reconheceu que o ensino público de hoje certamente não está melhor do que ontem.

Atualmente, a organização e a competência pela oferta do ensino médio são atribuídas ao estado, enquanto os municípios devem oferecer a educação infantil, tendo como prioridade, o ensino fundamental. Nesse sentido, podem ser localizadas as esferas do poder público envolvidas ou responsáveis pela situação encontrada pelo núcleo de observadores na grande Jardim Botânico. Se, por um lado, há apenas uma escola de ensino médio e outra de ensino fundamental para atender dez bairros, como informa os observadores, por outro lado, a maioria das quatro escolas de educação infantil relatada nos lembra mais um depósito de crianças. Em todos os níveis de ensino, porém, as entrevistas demonstram claramente a existência das péssimas condições físico – estruturais nas escolas (espaços e materiais pedagógicos inadequados e ou ausentes), e a não valorização dos professores (baixa remuneração, atraso nos pagamentos, formação em serviço precário ou inexistente), entre outras deficiências.

As informações colhidas através das entrevistas fornecem uma riqueza de dados para se entender a atual situação da educação naquela localidade, sob o ponto de vista de diferentes atores envolvidos, e particularmente quanto aos temas: qualidade de ensino, números de escolas e relação. Destes, o número de escolas se apresentam como o tema mais facilmente apreensível: fica claro que há um número reduzido de escolas para atender a região, acarretando o problema de vagas, com possíveis repercussões sociais. Os outros dois temas, no entanto, apresentam – se um pouco mais complexos.

A qualidade de ensino necessita de indicadores mais precisos, que esclareçam o que significa tal expressão. Nesse âmbito, porém, parece que a greve foi tomada como uma questão central. Certamente as intermináveis greves nos serviços públicos, em específico na área de educação escolar, acarretam consequências negativas à qualidade do ensino. Desse modo, ela própria é expressão de uma qualidade de ensino indesejada. Contudo, os problemas estruturais da sociedade que, por sua vez, afetam às greves, precisam ser considerados durante as análises dos dados, pois, caso contrário, pode – se atribuir às greves a causa dos problemas da escola. Neste sentido, a própria greve deve ser contextualizada e algumas entrevistas podem ser, elas mesmas, esclarecedoras.

As relações interpessoais existentes na escola também foram destacadas, bem como remetidas à qualidade do ensino, pois, conforme advertiram os observadores, sabemos que nas relações entre professores e alunos, direção e professores há diversos atritos e isso dificulta a qualidade de ensino. De fato, as entrevistas demonstraram a interferência dos problemas de relacionamento pessoal no encaminhamento do trabalho pedagógico. Porém para análise adequada dos dados, há que se distinguir os problemas de relacionamento de ordem estritamente pessoal e esporádico daqueles que exigem uma compressão mais aprofundada. Do mesmo modo, as percepções dos atores entrevistados, embora devam ser respeitadas, também precisam ser matizadas, a fim de se evitar naturalização como, por exemplo, poder-se-ia acontecer numa análise superficial desta fala de uma diretora: “a clientela da escola pública e desinteressada tanto os alunos quanto os pais”. Pelo menos, é necessário assegurar a exposição do contexto em que se inserem as falas, assim, nesse âmbito, processos considerados individuais muitas vezes incluem e, curiosamente, expõem suas relações com processos externos, micro e macrosociais.

Kefren Caleira dos Santos

Mestre em educação e professora da faculdade Salesiana de Vitória



ESPÍRITO SANTO

JARDIM CARAPINA



Quem Somos?

AURÍLIO MENDES DE ARAÚJO

Começo minha história de vida, falando sobre o meu pai. Ele veio do interior do Ceará, onde moram todos os nossos parentes e onde ele conheceu a minha mãe. Não sei bem como isso aconteceu, apenas sei que eles namoraram lá por dois anos e depois se casaram, minha mãe, aos 19 anos, e o meu pai, aos 20 anos. O primeiro fruto desse casamento foi a minha irmã, que recebeu o nome de Auridene.

Quando ela completou 22 dias de nascida, apareceu um homem chamado Zé Cearense que era encarregado de uma firma em São Paulo, procurando pessoas para trabalhar. Foi quando meus pais decidiram ir com ele acompanhado por mais duas famílias. Chegando lá, as condições não eram boas. Não chegaram a passar fome, mas não comiam direito, a água não era tratada e eles, freqüentemente, tinham diarreia. Todos viviam com diarreia. Para completar, a casa em que eles moravam só tinha dois cômodos que tinham que dividir com mais duas famílias. Além disso, todo o salário do meu pai era descontado no próprio escritório. A empresa controlava a comida e todas as despesas da casa e meu pai nem chegava a ver o dinheiro. Minha irmã adoeceu, falecendo com quatro meses de vida. Não sei o nome da doença, pois minha mãe já não se lembra mais, apenas sei que os médicos disseram para minha mãe que minha irmã não se deu muito bem com o clima. Quando eu soube dessa história fiquei muito triste, porque o que eu mais queria era ter uma irmã. Meus pais ficaram em São Paulo por volta de seis meses. Depois disso, viajaram para Minas Gerais pela mesma empresa por motivo de trabalho, onde permaneceram por dez meses e foi lá que o meu irmão Airton nasceu.

Meu avô paterno comprou uma casa para que meus pais voltassem para o Ceará e morassem perto de nossas famílias. Eles voltaram e ficaram por lá cerca de um ano. Depois, se mudaram para o Rio de Janeiro, mais uma vez por causa de serviço. Eles moraram no Rio por oito anos, foi onde tiveram mais dois filhos: meu outro irmão Almir, e euzinho, Aurílio. Passados oito anos, vieram todos para o Espírito Santo, também por questões de trabalho. Aqui em Vitória nasceu o quarto filho que se chama José Arildo, mas nós só o chamamos de Arildo. Moramos por algum tempo de aluguel, mas depois conseguimos construir nossa casa própria.

O Airton, meu irmão mais velho, hoje tem 25 anos, ele é um grande irmão e é uma das pessoas que eu mais admiro, por ele ser muito religioso e levar as coisas da igreja a sério e com amor. Ele toca guitarra e violão em um ministério de música católico chamado "Essência de Deus", do qual ele é o coordenador. Ele também participa de uma comunidade chamada

" Mensageiros da Boa Nova", que organiza acampamentos de oração, cuida de um orfanato, visita doentes, hospitais e arrecada brinquedos e roupas para as crianças desse orfanato. Ele trabalha numa creche particular " Uirandê", onde toca violão para as crianças.

O Almir tem 22 anos, gosta muito de informática e sempre procura aprender mais. Trabalha como professor na escola de informática Masterpro e foi ele quem me levou para trabalhar como instrutor de informática. Atualmente, Almir está fazendo um curso de " Web e design", para se especializar na construção de *sítes* e ele também mexe com montagem e manutenção de micros.

O Arildo tem 14 anos e apenas estuda, está na 8ª série. Assim como eu e o Airton, ele toca violão no grupo de adolescentes da igreja de que participamos. É um adolescente inteligente, aprende facilmente, porém, o único problema é que ele é um pouco relaxado, mas acredito que ele tem um grande futuro pela frente.

Eu tenho 19 anos, participo da Igreja Católica onde toco violão nas Celebrações, Missas, e no Grupo de Oração. Curto demais evangelizar as pessoas através da música. Também curto participar de encontros. Quero poder um dia, se for da vontade e de Deus, também formar um ministério de música, como o meu irmão, pois eu gosto muito de tocar, principalmente na igreja.

Também gosto de informática e pretendo me aperfeiçoar, penso, inclusive, em fazer prestar vestibular para o curso de Ciências da Computação. Gosto de praticar esportes como andar de skate e jogar futebol, mas, ultimamente, não tenho praticado nenhum dos dois.

Sobre meu bairro, o que tenho a dizer é que, no mercado de trabalho, ele não nos oferece nada, as pessoas é que desenvolvem alguns trabalhos informais. O meio de transporte não é lá essas coisas, mas quebra um galho. Por exemplo, no horário de pico, o coletivo passa de dez em dez minutos, mas ainda não dá para atender aos passageiros, pois nesses horários os ônibus ficam lotados obrigando o motorista a passar direto em alguns pontos, deixando várias pessoas para trás. Além disso, a passagem não pára de subir. Outro problema é o policiamento que aqui no bairro é muito fraco, apesar de que, nesses últimos dias, a viatura tem vindo constantemente por causa de algumas brigas de gangues que tem acontecido por aqui. No bairro não há posto de saúde, área de lazer e a situação do saneamento básico é muito precária.



FAUSER DE ASSIS DOS SANTOS

Olá. Meu nome é Fauser de Assis dos Santos, tenho 19 anos, nasci na cidade de Colatina-ES. Trabalho como barman, de sexta a domingo, no período da noite. Com o dinheiro que ganho, procuro ajudar nas despesas da minha casa e comprar algumas coisas para mim, como roupa, tênis etc., mas nem sempre isso é possível, porque ganho pouco. Gosto muito do trabalho que faço, por ser muito divertido. Às vezes, preciso viajar a trabalho e tenho a oportunidade de conhecer várias pessoas e muitos cantores (as).

O que não gosto muito de fazer é estudar, por vários motivos. Mas sei que para ter uma vida digna é preciso estudar, por isso, me esforço. Gosto muito dos meus colegas de escola, costumamos nos divertir muito. No bairro onde moro tenho também muitos amigos, alguns que eu considero como irmãos.

Minha mãe nasceu em Iconha- ES e o meu pai, em Minas Gerais. Ela é dona de casa e não tem estudo, mas a escola da vida a ensinou muito, gosta de ajudar as pessoas da comunidade e luta pelo o que acha correto. Meu pai estudou até a 4ª série, é o meu melhor amigo porque me entende e eu o entendo. Atualmente, ele trabalha como motorista na empresa Prosegur Brasil. Antes de ser motorista, foi lavrador, serralheiro, cobrador de ônibus, cozinheiro, ajudante de pedreiro e fez vários outros tipos de "bicos". Meus pais são as pessoas mais importantes da minha vida.

Tenho uma irmã que se chama Irlânia de Assis dos Santos Messias, tem 22 anos e trabalha como agente de saúde do bairro. Ela é casada e tem dois filhos, uma menina e um menino. Atualmente, ela mora com seu marido, mas quando morava com meus pais também ajudava nas despesas de casa.

Antes de morarmos no bairro de Jardim Carapina, moramos em um bairro vizinho por alguns meses. A nossa mudança para cá foi muito sofrida, porque o bairro não oferecia nenhuma infraestrutura, pois sua ocupação começou com uma invasão. Nós morávamos em um barraco de madeira que nem piso tinha, o bairro não tinha iluminação pública, água encanada e não era servido por nenhuma linha de ônibus, mas com muita luta essa situação mudou. Hoje, o bairro está bem melhor, com muito esforço conseguimos construir a nossa casa, depois, compramos outra casa e alugamos a primeira para o "Projeto Vida", uma instituição filantrópica. Moramos neste bairro há 15 anos e não pretendemos sair daqui, porque nossos a maioria de nossos parentes e de nossos amigos estão aqui. Gosto muito das pessoas que moram aqui, o que não gosto muito é que não temos área de lazer e a infraestrutura ainda é ruim. Acredito que os moradores merecem uma vida com condições mais dignas.

Há algum tempo, participei de uma entidade que ajuda crianças e adolescentes com dificuldade de aprendizado, dificuldades familiares etc. Esta entidade é o "Projeto Vida Padre Gaillhac", fundado pela irmã Juidy Calliman que funciona no bairro há seis anos. Tenho muito a agradecer a este projeto porque lá aprendi muitas coisas boas, fiz vários cursos, como informática, teatro, dança afro, capoeira etc. Agradeço à Irmã Juidy e ao mestre de capoeira Ronaldo, aos quais considero como se fossem meus pais.

No tempo livre, gosto de praticar esportes, principalmente futebol, gosto também de ir ao shopping com meus amigos (as).

Eu espero que num futuro próximo as pessoas possam usufruir seus direitos que são garantidos por lei.

JAQUELINE CONCEIÇÃO GOMES

Meu nome é Jaqueline, tenho 17 anos, sou capixaba e nasci no dia 16 de março de 1985. Sou morena, olhos cor de mel, cabelos cacheados na altura das orelhas, 1,70 m de altura, 65 quilos e extrovertida, adoro brincar e contar piada. Porém, sou muito sentimental, apesar das pessoas que me conhecem não acharem isso. Sabe, não gosto muito de demonstrar esse meu lado.

Acho que um dos meus piores defeitos é que me apego muito fácil às pessoas e isso me prejudica. Valorizo a amizade, pois é sempre bom saber que se pode contar com alguém.

Moro com meus pais e um irmão. Meu pai não completou o ensino fundamental, trabalhou como marceneiro e, atualmente, trabalha como motorista na CST (Companhia Siderúrgica de Tubarão). Minha mãe não teve oportunidade de estudar, mas agora ela está começando e eu dou a maior força. Eles se conheceram aqui em Vitória, mas são de Colatina. Vieram pra Vitória há mais de 23 anos e hoje já estão casados há 19 anos.

Tenho dois irmãos, um de 20 anos, que é meu irmão apenas por parte de mãe, tem um filho de 3 meses. Meu outro irmão tem 8 anos e está na 2ª série. Lamento ter perdido uma pessoa muito importante, meu avô paterno.

Estou cursando o 2º ano do ensino médio, na Escola Almirante Barroso. Tenho queixas, pois alguns educadores não respeitam os alunos. Foi nesse colégio que descobri minha paixão, o voleibol e o handebol, mas, às vezes, arrisco um pouco no futebol.

Moro no bairro de Jardim Carapina há 12 anos. No início, foi muito difícil, pois eu vinha de um bairro com boa infraestrutura e que não tinha os problemas que este bairro apresenta. Quando mudamos, não tínhamos água encanada, energia elétrica, as ruas eram tão cheias de lama e mato que mal dava para passar em algumas delas e a violência era muito grande. Eu e minha mãe tínhamos muito medo, pois meu pai trabalhava na cidade de Linhares, no interior do estado, e ele só vinha em casa uma vez por mês. Demorei a me adaptar com as condições do bairro, mas o tempo foi passando e algumas coisas mudaram.

Trabalhei como babá por dois meses. Depois trabalhei como Agente Jovem por seis meses, mas saí para trabalhar como Observadora de Direitos Humanos. Colaboro com o "Projeto Vivendo com Saúde Integral" há três anos. Esse projeto desenvolve atividades de prevenção da saúde bucal, atendendo 300 crianças da comunidade. Participei também por alguns meses

do “Projeto Vida”, que desenvolve várias atividades relacionadas à prática cultural e educacional.

Nos finais de semana, gosto de ler livros, ir ao cinema, ao pagode, teatro, excursões e acampamentos. Sempre vou com meus amigos que não são poucos e sempre que estamos juntos é um barato. Sou torcedora fanática do Flamengo. Não gosto muito de jogar futebol, mas entendo e gosto de assistir.

Minha perspectiva de vida é terminar o ensino médio, prestar vestibular para o curso de Medicina e entrar em uma universidade. Enquanto estiver estudando, pretendo ajudar algumas instituições, pois acho muito legais esses trabalhos voluntários.

Não penso em casar e ter filhos, pois acho que isso não combina comigo. Vivo cada dia da minha vida como se fosse o último, tento aproveitar cada instante.

CARLOS COSTA DOS REIS

Meu nome é Carlos Costa dos Reis, tenho 21 anos e nasci na cidade de Eunápolis, na Bahia. Estou cursando o primeiro período do curso de matemática na Universidade Federal do Espírito Santo, a UFES. Gosto muito de estudar e me identifico muito com as disciplinas de matemática e informática. Pretendo, inclusive, após concluir o curso, começar outro, mais diretamente ligado à informática, como Ciências da Computação ou Engenharia da Computação.

Já trabalhei como repositor numa loja de utilidades chamada Megalar, durante um ano e dois meses, com carteira assinada, e mais dois meses sem carteira. Durante esses dois meses, eu estava procurando um emprego melhor; foi quando fui chamado para trabalhar como office-boy na farmácia Alquimia, onde fiquei nove meses. Saí do emprego devido à minha aprovação no vestibular, pois precisava estudar no período da manhã e não dava para conciliar trabalho e estudo, então, preferi estudar, principalmente por poder contar com o apoio dos meus pais.

Meus pais também são baianos. Meu pai se chama Laurindo Ferreira dos Reis e minha mãe, Valdec Vieira Costa dos Reis. Eles são casados há 27 anos e tiveram quatro filhos: o mais velho se chama Cláudio, tem 26 anos, é mineiro, casado e tem uma filha; a segunda filha se chama Cláudia, tem 25 anos, baiana, casada e tem dois filhos; o terceiro é o Clóvis, tem 23 anos, é baiano, casado, tem um filho e sua esposa está grávida; e o quarto filho sou eu.

Morávamos em Eunápolis-BA e, como meu pai estava desempregado há algum tempo, viemos para a cidade de Vitória. Primeiro, ele veio sozinho para procurar emprego e quando conseguiu foi buscar meus irmãos para arrumar a casa que meus tios iriam emprestar para que nós morássemos. Dois meses depois, meu pai voltou para nos buscar. No dia 31 de dezembro de 1990, chegamos em Vitória. No início, foi difícil nos adaptarmos com os costumes, mas, graças a Deus, a situação melhorou. Alguns meses depois, minha mãe começou a trabalhar como empregada doméstica.

Depois de nove meses morando aqui, meu tio pediu a casa e tivemos que sair. Minha prima havia conseguido um terreno em Jardim Carapina, construímos um barraco e nos mudamos.

No início, tínhamos muito medo por causa da violência, além do fato de que o acesso ao bairro era muito difícil, pois foi fundado numa região de mangue. As ruas eram vielas e para construir a dificuldade era grande. Com o passar do tempo, vencemos o medo e, com muito trabalho dos meus pais, que não chegaram a concluir a 5ª série, conseguimos terminar nossa casa.

Minha mãe trabalha como zeladora de condomínio há oito anos. Meu pai está desempregado e ajuda a manter a casa fazendo “bicos” como pedreiro, pintor etc.

Participo da Igreja Católica São Benedito, onde sou catequista. Participo do Grupo de Jovens J.S.C (Jovens à Serviço de Cristo), toco violão e canto no Ministério da música do grupo de oração Cristo Vida, na mesma comunidade. São atividades que realizo com muito amor.

Outra atividade que gosto muito é jogar futebol. Joguei durante três anos no clube da AERT (Associação Esportiva Recreativa de Tubarão), saí por causa da idade, pois completei 16 anos e o clube não tinha time com essa faixa etária. Também joguei em outros times, os que mais marcaram, além do AERT, foram o Núcleo do Atlético Mineiro, o time de futebol do colégio “Belmiro Teixeira Pimenta”, onde estudei da 5ª série até o 2º grau técnico em Contabilidade, no qual fomos tricampeões do torneio da escola. Além desses, teve também o clube do Vitória, onde fiz um teste e passei, mas não joguei, pois não tive condições financeiras para pagar passagens, e os times do bairro onde resido, onde sou muito querido (América, Juventude, Boa Vista e o Jardim Carapina Futebol Clube).

Há três anos fui convidado para participar da secretaria da Associação de Moradores, porém não aceitei, pois eu trabalhava e estudava e também por achar que eles não dão espaço para a comunidade participar e ter conhecimento do que é feito na associação.

Apesar de todas as dificuldades que eu e meus familiares encontramos ao chegar nesta cidade, atualmente vivemos muito bem, mesmo com os problemas que toda família enfrenta, mas vivendo com a Graça de Deus podemos alcançar a vitória.

SANDRA APARECIDA ALVES FERREIRA

Meu nome é Sandra Aparecida Alves Ferreira, tenho 17 anos, 1,63m de altura, olhos castanhos, cabelos pretos encaracolados. Sou do signo de libra e sou solteira. Moro no bairro de Jardim Carapina, cidade de Serra há 14 anos. Nasci no dia 18

de outubro de 1984, na cidade de Peçanha, em Minas Gerais.

Meus pais são mineiros também são mineiros. Tenho sete irmãos, sendo seis homens e uma mulher. Morei em Minas Gerais durante seis anos. Meu pai trabalhava de meeiro na lavou-



ra de café, mas não gostava muito, então, nos mudamos aqui para o Jardim Carapina. Tivemos muitas dificuldades, pois há 14 anos atrás, não havia água encanada e, todos os dias, antes de ir trabalhar, meu pai e minha mãe levantavam bem cedo para buscar água. Além disso, não tínhamos energia elétrica, usávamos lamparinas e vela, e, quando chovia, o barraco em que morávamos enchia de água. No bairro tinha muita lama e, se precisássemos sair, tínhamos que pisar na lama e andar muito até o ponto de ônibus.

Quando mudamos pra cá, meu pai começou a trabalhar na coleta de lixo. Ele trabalhou durante dois anos e seis meses, mas depois foi atropelado e acabou sendo despedido. Depois de alguns anos, um de meus irmãos faleceu de meningite, aos 11 anos. Atualmente, a situação de minha família está melhor.

Meu irmão mais velho é casado, tem um filho, que é meu afilhado, e mora no quintal da casa de minha avó. Meu pai estudou até a 2ª série primária e minha mãe, que é dona de casa, estudou até a 4ª série, pois, na época em que ela estudava, não havia escola próxima, então ela não pôde continuar a estudar. Meu pai tem pressão alta, por isso, toma remédios frequentemente. Atualmente, ele está desempregado e somente eu e minha irmã trabalhamos para sustentar a família.

Estou cursando o 3º ano do ensino médio na Escola Belmiro Teixeira Pimenta, no bairro Eurico Sales, próximo ao bairro em que resido. É um colégio pequeno, com seis salas, e os professores são qualificados. Fiz teatro e dança durante um ano e dois meses. Comecei a participar de uma peça de teatro, mas tive que parar e, atualmente, me arrependo disso. Mas, não tive muita escolha porque precisava trabalhar para ajudar mi-

inha família, pois somente minha irmã estava trabalhando e estava muito difícil para ela sustentar toda família.

Trabalhei no caixa de um supermercado durante três meses juntamente com minha irmã, mas brigávamos muito. Por isso, às vezes, não tinha vontade de ir trabalhar, sentia vontade de sair correndo e nunca mais voltar ao trabalho, mas me controlava porque sabia que quem sairia perdendo seríamos nós mesmas. Depois que saí do supermercado, fui chamada para participar do Projeto Agente Jovem, um projeto que visa a integração do jovem na comunidade. Esse projeto ensina os jovens a preservar o meio ambiente e a limpeza do bairro. Eram apresentadas aos agentes jovens palestras sobre prevenção de gravidez na adolescência, tínhamos aulas de teatro, fazíamos cartazes com temas relacionados à cidadania. Participei desse projeto durante seis meses, depois fui convidada para participar da Rede de Observatório de Direitos Humanos.

Sou uma pessoa muito feliz e simples, graças a Deus. Às vezes, sou nervosa e procuro ajudar as pessoas sempre que posso. Gosto de axé, pagode, de participar de excursões, viajar, jogar vôlei, ouvir músicas, de colocar a conversa em dia com os amigos, de sorrir e conhecer novas pessoas. Gosto também de sair com os amigos para ouvir e dançar pagode e de ir a lugares onde não há tanta violência.

Costumo sempre sonhar alto. Quero terminar o ensino médio, fazer faculdade de Direito ou Administração. Pretendo seguir minha vida e mostrar às pessoas o que aprendi como observadora de Direitos Humanos. Quero realizar meus sonhos, conquistar meus objetivos e ser mais feliz do que eu sou hoje.

Onde Estamos?

Há 16 anos, deu-se início a ocupação de nosso bairro numa região de mangue. Essa ocupação foi feita sem planejamento e de forma desordenada, por isso, formaram-se vielas, palafitas e valões onde escorre esgoto e todos os tipos de dejetos, o que obrigou os moradores a fazerem fossas nos terrenos de suas casas.

O nome do bairro foi escolhido em uma votação realizada em 1987. Inicialmente, foi feita uma lista com vinte nomes, dentre eles Vargem Alegre, Mangue Seco e Jardim Carapina. Foi eleito o nome Jardim Carapina por ficar perto da região de Carapina, município da Serra, cidade pertencente à área metropolitana da Grande Vitória, ES.

Com o passar do tempo, as ruas foram formadas e, atualmente, as quatro ruas que constituem a avenida principal do bairro têm rede de esgoto e pavimentação. Nos dias em que chove, a maioria das ruas ficam intransitáveis, pois os bueiros existentes não funcionam e água acaba invadindo as casas. Os valões transbordam espalhando lixo, animais mortos e dejetos sanitários nas ruas e nas casas que estão próximas. Proliferam doenças como verminoses, hepatite A e febre amarela e também aumenta a quantidade de mosquitos, ratos, baratas e cobras. Há até registros de uma criança que morreu após cair no valão.

Mesmo após a colocação de manilhas, caixas e bueiros em 51% do bairro, em algumas ruas, a rede ainda não foi ligada, o que dificulta o escoamento e acaba provocando alagamentos na avenida principal, dificultando muito a vida dos moradores.



À margem do bairro, há um manguezal que representa um meio de sobrevivência para alguns moradores que catam caranguejos, seja para o sustento da família ou para fins comerciais, sendo esse último em quantidade pequena.

A coleta de lixo é feita duas vezes por semana e o carro de “fumacê” passa semanalmente, colaborando para a redução dos mosquitos.

Em seu início, o bairro era pouco povoado. Hoje, de acordo com a Associação de Moradores, possui aproximadamente 17.000 moradores. A maioria não tem ensino fundamental completo e nem oportunidade de freqüentar cursos profissionalizantes, o que dificulta muito suas chances de conquistar uma vaga no mercado de trabalho, que estão cada vez mais escassas. Por isso, a inserção dos moradores no trabalho informal é cada vez maior. Muitos acabam desenvolvendo funções como vendedor ambulante (churrasco, pipoca, churros, sorvete, milho verde, cachorro quente, salgado etc), vigia de carros, feirante, salgadeira, artesãos, lavadeira e passadeira de roupa, manicure, cabeleleira, barbeiro, relojoeiro e técnico em eletrônica. Outros abrem comércios de pequeno porte como bares, lanchonetes e restaurantes. O trabalho informal é percebido pelos moradores como a única alternativa para tentar suprir as necessidades familiares, mas, mesmo assim, com poucos recursos, pois a renda familiar da maior parte não chega a três salários mínimos.

Os homens empregados, na maioria das vezes, realizam funções como pedreiro, gari, ajudante, pintor, eletricista, mecânico e motorista. As mulheres desempenham funções de zeladora, empregada doméstica, cozinheira e passadeira. Geralmente, essas vagas de trabalho são oferecidas no Centro ou nos bairros nobres de Vitória, como Praia do Canto, Jardim da Penha, Mata da Praia e, também, no município de Vila Velha ou Praia da Costa. A distância para o trabalho obriga esses trabalhadores a saírem de suas casas de madrugada.

Com relação ao acesso e a distância a escolas, no bairro há somente a escola Padre Gabriel da rede de ensino da Prefeitura Municipal que oferece aproximadamente mil vagas para o ensino fundamental, sendo que de 5º a 8º série funciona pelo modelo supletivo. Porém, sua situação não é satisfatória: há problemas na estrutura física, que é precária, pouco recebimento de verbas, as vagas oferecidas são insuficientes para atender a demanda da comunidade local, sem contar que ela não oferece o ensino médio. Por isso, muitas crianças, adolescentes e adultos buscam vagas nas escolas de bairros adjacentes e de outros municípios como Vitória, Vila Velha e Cariacica. Muitos são obrigados a procurar vaga em várias escolas, pernoitando em filas e, mesmo assim, muitas vezes, não conseguem e são obrigados a permanecer sem estudar.

Quando se consegue vaga em bairros vizinhos, é preciso se deslocar, muitas vezes, a pé, atravessando a BR 101 e a Rodovia do Contorno, correndo risco de ser atropelado, pois o trânsito é intenso e não há passarelas nem sinalização adequada. Vários atropelamentos aconteceram, a maioria envolvendo crianças, sendo que alguns resultaram em mortes e outros deixaram graves seqüelas.

Nos casos em que a vaga conseguida fica em escolas que estão em outros municípios, é necessário pagar o valor do passe escolar que corresponde à metade do valor da passagem que é de R\$ 1,50. Esse deslocamento torna-se caro, pois a maioria das famílias possui renda familiar de aproximadamente dois salários mínimos, por isso, os moradores acabam não podendo pagar e continuam sem estudar.

Em 1998 (ano de eleição), após reivindicações dos moradores à Secretária Estadual de Educação (SEDU), iniciou-se a construção de uma escola destinada a oferecer vagas do ensino fundamental. Todavia, as obras foram interrompidas ainda na base, continuando parada até os dias atuais.

Há vários projetos no bairro, como o Projeto Agente Jovem, um projeto do governo Federal que funciona pela prefeitura. Temos também o projeto “Vivendo Com Saúde Integral”, que possibilita uma boa saúde bucal para as crianças do bairro, o “Projeto Vida”, que desenvolve atividades de lazer, cultura, reforço escolar e cursos de artesanato, informática, culinária, além de doar cestas básicas às famílias dos adolescentes participantes. Além desses projetos, a Fraternidade Espírita também desenvolve várias ações, dentre elas, o trabalho de Alcoólicos Anônimos, reforço escolar e entrega de cestas básicas. A Pastoral da Criança desenvolve atividades como preparo e distribuição de medicamentos alternativos, produção de farelo, multimistura, pesagem e visitas às famílias para auxiliar o desenvolvimento nutritivo etc. A igreja Batista desenvolve atividades de artesanato e a Pastoral Operária realiza reflexões sobre as condições de trabalho na sociedade, gerando cooperativas. Destaca-se também a participação de crianças e adolescentes no PETI - Programa de Erradicação do Trabalho Infantil - que é realizada na comunidade de Boa Vista, vizinha a esta. Enfim, todos esses projetos, têm a função de realizar atividades que promovam os direitos humanos, resultando em melhorias da saúde, educação, trabalho, renda, cultura e lazer, além de promoverem o sentimento de dignidade dos moradores.



No bairro há uma creche da rede municipal de Serra, que atende aproximadamente 300 crianças, 32 Igrejas Evangélicas, duas Igrejas Católicas, uma micro-empresa de salgados, duas creches particulares, uma escola de ensino fundamental, dois restaurantes, quatro lojas de material de construção, uma linha de ônibus articulada ao terminal de Carapina (servida por quatro ônibus), água encanada, energia elétrica, linha telefônica, bares, lanchonetes, duas mercearias, dois supermercados, dois açougues, três abatedouros de frango, sete padarias, um horti-fruti, oficinas mecânicas, lojas de roupas, danceteria e quatro papelarias.

No bairro, todo ano ocorrem festas juninas, julinas e também tardes de louvor, que são promovidas pelas Igrejas Católicas e Evangélicas. Além disso, os moradores promovem esporadicamente torneio de futebol e gincanas.

Não há no bairro campo de futebol, praça com quadras poliesportivas, posto de saúde, escola que ofereça ensino médio, hospital público, bancos, posto policial, agência de correio e casa lotérica. Também não temos uma sede para a associação de moradores.

Caso resolvam nos visitar, será uma enorme alegria para nós, pois, apesar dos problemas, nosso coração é grande e acolhedor.

CDDH

CENTRO DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS

O Centro de Defesa dos Direitos Humanos do Município de Serra foi fundado no mês de março, no ano de 1984, após o IV Encontro Nacional dos Direitos Humanos realizado no Estado do Espírito Santo.

O Centro partiu da iniciativa de um grupo de pessoas que, diante das violações de direitos e abusos de trabalho ocorridos em algumas fábricas do município da Serra, resolveram criar um centro que trabalhasse na defesa dos direitos humanos. Essa iniciativa surgiu após uma denúncia, realizada por algumas mulheres, acerca de um caso de acidente de trabalho ocorrido na fábrica de compensados Atlantic Vener do Brasil, onde duas mulheres foram esmagadas por uma máquina prensadeira.

Os membros do CDDH estão articulados com Centro de Defesa de Vitória, integrando-se nas diversas atividades que assumem. Esse compromisso é baseado nos direitos humanos, no qual a prioridade é a vida. Inclui em suas atividades a mística que os leva a defender a vida, pois a mesma é dom de Deus. Tem como principal lema a frase do Evangelho de João 10,10: "Eu vim para que todos tenham vida e vida em plenitude".

Os objetivos desse Centro são estimular a consciência do povo para que este seja capaz de se defender de violações e arbitrariedades, de lutar com firmeza para garantir a plena vigência dos direitos humanos em qualquer circunstância, de combater todos as formas de discriminação por confissão religiosa, diversidade étnica e cultural, opinião pública, sexo, raça, idade, deficiências físicas, etc. O Centro busca incentivar e garantir a autonomia dos movimentos populares, ultrapassando os interesses institucionais partidário e religiosos.

Isso nos leva a assumir, em todos os lugares, o compromisso com a vida, indignando-se diante de quaisquer atitudes que possam violar os direitos humanos e negar a vida plena.

Rosa Maria Nascimento Miranda
Coordenadora do CDDH-SERRA.

ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL PADRE GABRIEL

A Escola de Ensino Fundamental Padre Gabriel, foi fundada no dia 14 de maio de 1991 pelo Decreto Municipal nº 1812/91, com o objetivo de atender a demanda de matrícula da 1º a 4º série. A Escola tem um passado historicamente marcado por movimentos de resgate dos direitos humanos junto à comunidade, inclusive com documentário em vídeo.

Em observância ao que determina a legislação em vigor quanto ao papel principal da escola, a entidade vem realizando uma análise crítica sobre os resultados obtidos no desenvolver das atividades escolares. Constatou a necessidade de rever seus conceitos e de oferecer suporte social no acompanhamento e desenvolvimento dos alunos, tanto no plano do rendimento escolar, quanto no crescimento pessoal e social dos alunos, que convivem com a negação de direitos.

A Escola possibilita à comunidade local espaço para práticas esportivas, atividades lúdicas, recreativas, artísticas, culturais e religiosas, de forma organizada, cedendo a cópia da chave.

No ano de 2001, a escola conseguiu fechar um contrato de atendimento voluntário pelo Hospital Universitário Antônio Cassiano de Moraes (HUCAM), de profissionais como psicopedagoga e psicomotricista, clínica e otorrinolaringologista, além de fonoaudióloga, neurologista, psicólogo e pediatras. Este trabalho tem garantido todos os procedimentos necessários, inclusive internação e cirurgias, apesar da demanda reprimida.

O resultado deste trabalho vem atraindo novos parceiros, beneficiando a comunidade escolar.

Nadir Aníziio de Almeida
Diretora.

Jardim Carapina e o Direito à Saúde

A SAÚDE EM DESTAQUE

Nas primeiras discussões sobre Direitos Humanos com os jovens observadores de Jardim Carapina, sobressaiu, entre as várias violações sofridas pelos moradores do bairro, a questão da saúde.

Inicialmente, o foco da discussão centrou-se na ausência de uma Unidade de Saúde no bairro. Em grande parte, esta discussão foi motivada pelos transtornos enfrentados pela população quando necessitava de atendimento médico. Dois foram os principais problemas apontados nesta discussão: ter que se deslocar para bairros vizinhos sempre que houvesse necessidade de algum tipo de atendimento médico; e, como consequência, o aumento da demanda nas unidades procuradas, fazendo com que, na maioria das vezes, houvesse uma longa fila de espera para ser atendido ou, até mesmo, uma resposta negativa ao atendimento procurado.

Por um bom tempo, esse foco de atenção norteou o grupo que fundamentava, nestes argumentos, a necessidade da existência de uma Unidade de Saúde no bairro. A partir desta problemática inicial, começou-se a refletir como diferentes visões sociais implicam diversas formas de se pensar a promoção da saúde. Nesta discussão, observou-se que a promoção da saúde

pode ser pensada de forma curativa, visando prioritariamente o tratamento de doenças, ou de forma preventiva, buscando-se prevenir o surgimento de algumas doenças.

No aspecto preventivo, refletiu-se intensamente que, para se ter saúde, é necessária uma infra-estrutura satisfatória, ou seja, é preciso ter rede de esgoto, coleta de lixo eficiente, ruas pavimentadas, trabalho e renda que proporcione condições dignas de moradia e alimentação adequada e políticas públicas que viabilizem educação, cultura, lazer e segurança.

Esta reflexão levou o grupo a perceber que o bairro é desprovido de serviços essenciais para prevenir situações de agravo à saúde, o que, conseqüentemente, acarreta o aumento da procura pelos serviços de saúde. Com isso, o foco de atenção do grupo passou ser a ausência de saneamento básico.

A QUESTÃO DA SAÚDE NO BAIRRO JARDIM CARAPINA

O bairro Jardim Carapina formou-se há dezesseis anos numa região de mangue. Esta formação se deu por meio de uma ocupação desordenada e sem planejamento, resultando num aglomerado de vielas, palafitas e valões.

Os valões são três valas que cortam o bairro por toda sua extensão, sendo que duas passam nas extremidades do bairro



e uma corta os quintais de algumas casas e ruas. Estas valas desembocam no mangue, que fica às margens do bairro. No início da constituição do bairro, passavam nestes valões apenas componentes do mangue.

A construção das casas em uma área que não havia rede de esgotos destinou aos valões o esgoto local e todos os tipos de dejetos, o que representa um grande risco para a saúde dos moradores. Um dos exemplos disso são os dias de chuva, quando o problema dos valões se torna maior, pois a água, cujo nível se eleva em aproximadamente 50 cm, invade ruas e casas, espalhando doenças e causando prejuízos aos moradores. Vejamos alguns depoimentos que descrevem esta situação.

“Quando chove a água da vala transborda pelas ruas e as crianças brincam nela”.

“No bairro acontecem muitos alagamentos. A vala transborda fazendo com que o lixo fique espalhado pelas ruas; a água invade as casas, provocando doenças e destruindo os móveis, causando muito prejuízo. Dependendo da quantidade de água que entra nas casas, os moradores ficam sem lugar para morar e as crianças são as mais prejudicadas”.

“Uma das piores coisas do bairro é o valão, pois provoca mau cheiro, muito mosquito e, quando chove, enche e transborda, invadindo as ruas e as casas dos moradores, trazendo água podre e muitas doenças, como verminose, frieiras, alergias e leptospirose”.

Para lidar com a falta de rede de esgotos e se evitar o uso dos valões no despejo de dejetos sanitários, alguns moradores recorrem à construção de fossas.

“Não temos rede de esgoto, por isso somos obrigados a abrir fossas nos nossos quintais, que nem sempre são bem cobertas”.

No caso das fossas, por exemplo, são necessárias uma cobertura adequada e constante limpeza, além de requerer dos moradores um conhecimento de onde é possível ou não abrir fossa para que a mesma não venha oferecer riscos à saúde.

A manutenção e a construção de fossas que sejam mais adequadas às condições de saúde exigem recursos que nem sempre os moradores dispõem. A falta de recursos é tanta que, em algumas moradias, não existe nem mesmo banheiro, como mostra o relato a seguir:

“Na casa da minha vizinha não tem rede de esgoto e nem banheiro, então eles fazem suas necessidades no quintal e jogam areia encima”.

Os problemas de saúde, em muitos casos, decorrem das condições precárias de saneamento e moradia. Atualmente, em parte das ruas, tem sido feita a instalação da rede de esgoto, mas, segundo o depoimento de alguns moradores, o funcionamento destas redes ainda é muito precário. Vejamos um destes depoimentos:

“A rede de esgoto deveria ser melhorada para que a água da chuva não fique empossada nas ruas”.

O departamento de saneamento básico da secretaria municipal de obras tem conhecimento da situação do bairro e afirma que 50% da rede foi construída. Segundo informações do próprio departamento, o esgoto do bairro é destinado à estação de tratamento de um dos bairros vizinhos, que não tem condições de comportar mais uma linha de esgoto. A solução para este problema seria a construção de uma outra estação de tratamento, contudo, no atual momento, a prefeitura não dispõe de verbas para isso.

Sobre este mesmo tema, conversamos também com o engenheiro civil da Secretaria de Obras da Prefeitura Municipal da Serra. Na sua opinião, uma grande dificuldade encontrada na instalação das redes de esgoto seria a área de mangue onde o bairro está localizado. Esta característica exige uma preparação do solo antes de serem instaladas as redes, aumentando o tempo de realização da obra.

“É muito difícil fazer qualquer tipo de obras no bairro porque é uma área de mangue. Há muita água e lama, então qualquer escavação feita tem que primeiro ter uma drenagem. Sendo assim, não temos previsão da conclusão deste tipo de obra no bairro”.

Grande parte deste problema resulta do fato de o bairro ter sido constituído em uma área de proteção ambiental, impróprio para construções de moradias. Somam-se a isso as precárias condições em que se fez a ocupação da região pela população de baixa renda.

Enquanto isso, os moradores de Jardim Carapina são obrigados a conviver com todos os agravos na saúde decorrente da inexistência de condições básicas para garantia da saúde.

O VALÃO X SAÚDE DOS MORADORES

A Organização Mundial de Saúde define saúde como um completo estado de bem-estar, contemplando acesso a educação, segurança, cultura e lazer, trabalho e renda e condições dignas de moradia. No Brasil, a Constituição de 1988 apresentou grandes avanços na garantia de direitos à saúde, incluindo, além do direito ao atendimento médico, mudanças sociais que garantam qualidade de vida.

Contudo, na prática, moradores de bairros periféricos, como Jardim Carapina, não dispõem de condições dignas de sobrevivência que lhes proporcione saúde. A grande quantidade de lixo acumulada nos valões e nos terrenos baldios contribui muito para a existência de muitos animais e insetos que proliferam doenças, colocando a vida dos moradores em risco.

“A condição do bairro favorece o aparecimento de doenças. Convivemos com cavalos soltos pelas ruas, baratas, ratos, carrapatos e até cobras que já entraram na minha casa. Esta situação fica pior quando chove e a água da vala transborda, invadindo ruas e casas. A situação só será melhorada quando for feita a rede de esgoto”.

“Aqui no bairro há muitos terrenos baldios cheios de matos, lixo e lama, provocando o surgimento de ratos e mosquitos. Na rua há muitos animais soltos e as crianças brincam na terra que contém fezes de cavalos, cachorros, etc, sendo assim sempre temos que correr para tratamento médico”.

Este quadro faz com que determinadas doenças, como verminoses, cólera, problemas de pele, febre amarela, entre outras doenças, sejam freqüentes nos moradores de Jardim Carapina. Vejamos os relatos de alguns moradores sobre os problemas de saúde mais freqüentes em suas famílias.

“Na minha família houve casos de cólera, verminose, dengue e diarreia”.

“Meus filhos costumam ter vários tipos de doenças, como frieiras por causa da lama, dengue por causa água parada, hepatite A por causa da água contaminada, alergias e bronquite asmática”.

“As doenças mais freqüentes em minha família são a verminose, a diarreia, e manchas na pele. Essas doenças são comuns aqui no bairro e acredito que seja provocada pela falta de rede de esgoto e pavimentação em muitas ruas e principalmente pelo valão que provoca a procriação de mosquitos, ratos, cobras, baratas e mau cheiro. Quando chove, as ruas se enchem de água podre que invadem nossos quintais e até nossas casas”.

“Costumamos enfrentar problemas de saúde, como gripe, diarreia, verminose, micoses, manchas pelo corpo e até caso de leptospirose”.

Os problemas destacados são confirmados pelas pessoas que prestam atendimentos em atenção à saúde dos moradores. Vejamos relato da líder da Pastoral da Criança, que acompanha diretamente as crianças quando se encontram doentes.

“Acho que a situação do saneamento básico no bairro de Jardim Carapina é péssima. O primeiro item a destacar é a vala onde houve casos de crianças que caíram nela, resultando em sérios problemas de saúde. Houve um caso de um senhor de idade, que ao tropeçar caiu dentro da vala, perdeu a visão e teve sua pele infeccionada, passando por um processo de descamação, o que resultou na troca da mesma. Também há valas nas ruas, onde as águas contaminadas escorrem gerando doenças, como bronquite alérgica, sinusite, rinite, alergia, coceiras, problemas na pele e verminoses. Por estes motivos, destaco como real prioridade a rede de esgoto”.

Vejamos também o relato de um agente de saúde que atua no bairro.

“Como agentes de saúde andamos muito pelo bairro e ouvimos muitas reclamações dos moradores. Principalmente sobre o valão que atrapalha muito nosso trabalho. A situação do saneamento básico é muito precária e representa uma dificuldade para o desempenho do trabalho, pois esta realidade resulta em muitos casos de doenças como a dengue, diarreia, verminose e problema dermatológico, tanto em crianças como em adultos, causados principalmente pela existência do valão, onde escorre esgoto a céu aberto por toda extensão do bairro. Em época de chuva, os problemas de saúde aumentam, pois os moradores ficam expostos à água contaminada, porque o valão transborda inundando ruas e casas”.

A extensão dos problemas de saúde vividos pela população carente fica ainda mais explícita quando se verifica que muitas doenças poderiam ser evitadas com a existência de melhores condições de habitação e saneamento básico. Essa situação poderia ser prevenida por meio da realização de políticas públicas eficazes.

A PROBLEMÁTICA DO LIXO

A situação vivida pelos moradores de Jardim Carapina revela que a infra-estrutura do bairro é inadequada para proporcionar saúde.

Além do problema do esgoto, destaca-se também, em Jardim Carapina, o do lixo. As pessoas convivem com lixos espalhados pelas ruas, em terrenos baldios e nos valões, acentuando a precariedade do saneamento básico. Neste caso, as principais reclamações referem-se às poucas vezes em que os carros coletores de lixo passam no bairro e ao fato de a coleta pública de lixo ser feita apenas em algumas ruas da comunidade.

“Também poderia melhorar a situação se o carro coletor de lixo passasse mais vezes evitando que os lixos colocados pelos moradores se espalhem”.

“Com relação à coleta de lixo, o carro coletor deveria passar por todo o bairro, pois ele só passa em algumas partes. Deveriam ser coletados também o lixo que fica acumulado na beira da vala e o que fica às margens do mangue, pois, além de trazer várias doenças e mosquitos, acaba com a paisagem do mangue”.

Além da presença de lixo nas ruas e em terrenos baldios e da falta de calçamento nas ruas, foi também bastante lembrada a grande quantidade de lixo acumulada tanto dentro dos valões como à sua margem, que nos dias de chuva é trazida para as ruas e casas.

As precárias condições de saneamento têm como uma de suas conseqüências os constantes problemas de saúde vividos



pelos moradores do bairro, levando-os, muitas vezes, a recorrer com maior frequência ao atendimento médico, o que leva a uma nova dificuldade: a carência deste atendimento.

ATENDIMENTO MÉDICO NO BAIRRO JARDIM CARAPINA

Os moradores de Jardim Carapina enfrentam muitas dificuldades em busca de atendimento médico. Para serem atendidos em especialidades como pediatria, ginecologia e clínica geral, muitos moradores se vêem obrigados a madrugar para que tenham a mínima possibilidade de serem atendidos nas Unidades de Saúde dos bairros vizinhos. Contudo, nos casos de especialidades como cardiologia, ortopedia, otorrinolaringologia, entre outras, estas pessoas são obrigadas a dormir na fila, sem ter nenhuma garantia que serão atendidas. A respeito disso, vejamos o seguinte caso:

“Um jovem morador do Bairro Jardim Carapina procurou atendimento médico na especialidade de ortopedia no posto de saúde do bairro Boa Vista (bairro vizinho ao que ele reside). Devido à escassez de vagas, ele teve que ficar na fila do posto das 19:00 às 6:30 horas do outro dia. Quando chegou no guichê de atendimento, lhe informaram que não haviam sido destinadas vagas para a especialidade médica que ele necessitava. O jovem foi para casa e no dia seguinte novamente foi para a fila do mesmo posto nas mesmas condições para tentar marcar a consulta. Desta vez, conseguiu marcar a consulta, sendo atendido por um ortopedista alguns dias depois”.

“No caso de um atendimento para especialista, como um dermatologista, sou encaminhada para outros lugares, porém, tenho que esperar dias para conseguir consulta médica”.

Esses relatos exemplificam as dificuldades que os moradores encontram para tratar os seus problemas de saúde. Nestes casos, identifica-se uma oferta de serviços que não atende à demanda dos bairros, o que reforça a negação de direitos aos moradores de periferia.

Entretanto, o problema do atendimento médico não se limita apenas à falta de oferta. Também foi lembrado que, algumas vezes, o próprio atendimento médico é de baixa qualidade, o que faz aumentar a problemática vivenciada pelos moradores no que diz respeito à melhora de sua saúde.

“Uma jovem de 19 anos, moradora do bairro Jardim Carapina, há aproximadamente três meses sentiu durante a noite fortes dores no rosto. Às 5:00 horas da manhã foi em companhia de uma amiga ao pronto-socorro de Carapina em busca de atendimento médico.

Lá, foram informadas que havia dois médicos, clínicos gerais, para atender as muitas pessoas que esperavam atendimento. Esta jovem foi atendida às 10:00 da manhã. Durante o atendimento o médico mediu sua pressão, recei-

tou-lhe um remédio e a mandou ir para casa.

Sua amiga foi até o posto de saúde do Bairro de André Carlone, na tentativa de conseguir o remédio receitado, onde foi informada pela atendente da farmácia que o remédio prescrito era para tratamento de derrame.

A jovem insistiu em tomar três comprimidos que não resultou em nenhuma melhora. Após três dias tornou a sair de casa às 05:00 horas da manhã em busca de atendimento médico, desta vez no pronto-socorro de Carapina.

Lá, apesar de esperar até às 09:00 horas da manhã não conseguiu atendimento. Então se dirigiu ao posto de saúde do Bairro de André Carlone, mas também lá não conseguiu atendimento. Em uma outra tentativa, dirigiu-se ao posto de saúde do Bairro de Boa Vista, onde a mandaram esperar por uma desistência. Debilitada em função da dor que sentia, começou a ter sensações de desmaio sensibilizando as atendentes que a encaminharam para a consulta médica.

O médico que a atendeu a encaminhou para o Hospital Universitário Antônio Cassiano de Moraes – Hucam, porque no posto não havia aparelhos necessários para tornar possível o diagnóstico médico.

No Hucam a jovem foi atendida às 17:30 horas, conseguindo o alívio da dor, mas seu problema não foi identificado. Posteriormente procurou um médico particular, que descobriu seu problema. A jovem começou a fazer sessões de fisioterapia e atualmente usa um aparelho odontológico na boca”.

Este caso retrata algumas das dificuldades até aqui descritas sobre o atendimento médico para os moradores de Jardim Carapina, no que se refere tanto ao atendimento quanto à sua qualidade. Contudo, a dificuldade no tratamento de problemas de saúde tem ainda um outro agravante: a falta de medicamento nos postos de saúde.

ACESSO AOS MEDICAMENTOS

Muitos moradores do Bairro de Jardim Carapina relatam que, na maioria das vezes, não encontram os medicamentos receitados nas farmácias das Unidades de Saúde. Segundo estes moradores, costuma faltar medicamento até para os casos simples como os de verminose.

“Quanto ao tratamento da verminose, o médico nos receita o remédio que nem sempre conseguimos no posto”.

“O problema é que pra conseguir esses remédios nos postos de saúde é muito difícil e se não tivermos dinheiro para comprar as crianças ficam sem se tratar”.

Agrava ainda este problema a demora com que os medicamentos são repostos nestas farmácias. Segundo moradores, em alguns casos, os remédios demoram tanto para chegar às farmácias dos postos que, quando chegam, já está vencida a receita passada pelo médico, impedindo os pacientes de retirarem os medicamentos.

“Os médicos receitam alguns remédios que não consigo pegar na farmácia do posto de saúde pelo fato de ter acabado e muitas vezes quando o remédio chega a validade da receita já venceu. Então se tenho dinheiro compro o remédio, mas se não tenho fico sem tomar”.

A falta de medicamento nas farmácias dos postos de saúde representa para os moradores a impossibilidade de tratar o problema diagnosticado pelo médico, pois a maioria não tem condições financeiras para comprar os medicamentos. Segundo dados do IBGE (2000), 18% das famílias não possuem rendimento e 31% têm renda familiar de até dois salários mínimos, o que revela o índice de desemprego e subemprego.

Diante da dificuldade em adquirir os medicamentos nos postos de saúde ou comprá-los, muitos moradores recorrem a outras opções, como a “farmácia alternativa”, existente no bairro e mantida por membros da Igreja Batista, que distribui gratuitamente alguns medicamentos com a apresentação de receitas médica, como é descrito no relato a seguir.

“Os médicos apenas receitam alguns remédios que às vezes consigo pegar na farmácia alternativa da Igreja Batista”.

“Temos a farmácia alternativa que fornece remédios aos moradores que não tem condições de comprar, basta apresentar e receita médica”.

Outra forma encontrada pelos moradores para tratamento de doenças refere-se aos “remédios alternativos” produzidos pela Pastoral da Criança da Igreja Católica do bairro. Vejamos o relato da líder da Pastoral da Criança no Bairro de Jardim Carapina:

“A Pastoral da Criança acompanha diretamente as crianças quando elas estão doentes e na maioria das vezes são problemas que poderiam ser evitados, por este motivo trabalha-se a prevenção junto aos pais para evitar o retorno da criança com o mesmo problema. Além disso, desenvolve vários medicamentos como: uma pomada cicatrizante, constituída de óleo de girassol, ervas e cera de abelha; óleo de assa-peixe; leite de soja; remédios para matar verminoses; xarope de abacaxi e óleo de sabugueiro, indicados para rinite, dor de cabeça e bronquite asmática. A procura é grande”.

Os medicamentos produzidos pela Pastoral são oferecidos aos moradores. Daqueles que podem pagar, é cobrado um va-

lor mínimo e, para os que não têm recursos, o remédio é garantido pela Pastoral. Este serviço tem sido um suporte, para os moradores, no tratamento de algumas doenças. Além dos “medicamentos alternativos”, a Pastoral busca acompanhar alguns problemas de saúde que surgem na comunidade, indicando formas baratas e caseiras de combatê-los.

“Há aproximadamente seis anos, no Bairro Jardim Carapina, Serra, uma moradora do bairro procurou a Pastoral da Criança, pois seu filho de um ano estava desnutrido. A líder da pastoral, informada da situação, comunicou o fato às demais líderes, que decidiram acompanhar o desenvolvimento do garoto. Nesse acompanhamento as líderes davam ao garoto nutriente caseiro como farelo de trigo e de arroz e casca de ovo, que eram misturados na comida. O tempo passou e o menino se restabeleceu, então as líderes ensinaram a mãe da criança a fazer os nutrientes para que não faltasse para seu filho”.

As doenças relacionadas a má alimentação, moradias precárias, ausência de saneamento básico e de um atendimento médico de qualidade evidenciam a negação do direito à saúde.

Percebemos que, para algumas pessoas da comunidade, as violações ao direito à saúde evidenciam-se com mais força no momento em que se busca e não se consegue atendimento imediato. É como se a população tivesse que usufruir o direito à saúde apenas “no momento da crise”.

A carência de serviços essenciais que garantam a saúde dos moradores foi também entendida como um direito que deveria ser garantido pelos órgãos e agentes públicos.

“Acredito que a situação só será melhorada quando nos unirmos para cobrar dos vereadores que cumpram seu papel de defender os interesses dos moradores no bairro”.

“Muitos moradores não ligam e deixam como está. Não procuram manifestar para melhorar a situação que estamos vivendo, que é a falta de saneamento básico e a falta de pavimentação das ruas do bairro. O presidente da comunidade deveria olhar para o bairro não apenas como presidente, mas como morador”.

Estas afirmações trazem o entendimento de que a pessoa eleita pela população deveria representá-la na luta pela garantia de seus direitos, formulando e defendendo políticas que atendam às carências do bairro. Contudo, estes mesmos depoimentos apontam para a necessidade de uma organização popular, destacando o papel da associação comunitária enquanto meio eficaz de pressionar as instâncias de decisão. Neste entendimento, a construção da cidadania se faz com base na reivindicação concreta e os moradores passam a ser sujeitos de um processo a partir da organização e mobilização da comunidade.



SANEAMENTO BÁSICO

Serviços que garantam o saneamento básico como fornecimento de água com qualidade, coletar e dispor lixo e esgotos de forma correta, drenagem, controle vetores e poluição atmosférica, entre outros fatores, é de preponderante importância para a saúde da população.

O fator ambiental, também é, entre estes, determinante. A presença de valas, a céu aberto, favorece a promiscuidade com os esgotos e a ocupação desordenada de áreas em que o solo é arenoso, como as de mangue, contribui para a contaminação do lençol d'água que, nestas regiões, é muito superficial. Há ainda problemas infra-estruturais como a rede coletora de esgotos, que é insuficiente para a demanda, além das poucas condições para a educação e cidadania.

Pelos casos que são aqui apresentados, percebe-se que apesar de ser as crianças quem mais ficam expostas aos problemas causados pela falta de saneamento é a população como um todo que também sofre com as inundações dos valões que recebem os esgotos, tornando-se um grave problema de saúde pública.

Alguns estudos já identificaram que um dos mecanismos ambientais de veiculação de endemias são as inundações dos espaços utilizados pela comunidade. Percebe-se que os casos de inundações tornam-se mais frequentes em locais onde não há drenagem e os esgotos são disposição de forma inadequada. Esta é a situação de muitos dos casos que foram aqui descritos.

Problemas também acontecem quando a destinação do lixo é feita de forma inadequada, seja por um sistema de coleta insatisfatório ou, ainda, quando certas áreas passam a ser utilizada pela comunidade como depósito de lixo. Nestas condições, animais domésticos que ficam soltos e outros vetores como moscas, baratas, ratos e pernilongos, ocasionam o aumento da incidência de dengue, cólera, leptospirose, verminoses e outras doenças relacionadas à falta de saneamento.

No texto aqui relatado, não houve referência ao armazenamento e utilização da água, configurando desconhecimento da importância deste fator para a saúde ou a minimização do problema em função de outros mais graves e urgentes como a coleta e afastamento dos esgotos domésticos e lixo.

Outros estudos coincidem em demonstrar, mesmo com metodologias diferentes e resultados nem sempre concordantes, o impacto positivo do esgotamento sanitário e abastecimento d'água sobre a morbidade por doenças diarreicas (VanDerslice & Bricoe, 1995), hepatite A, verminoses e doenças de pele que, normalmente, são agravadas pela desnutrição e se tornam recorrentes devido às condições ambientais.

Segundo a maioria destes estudos, os índices de prevalência de doenças diarreicas e helmintíases, geralmente varia na razão inversa da oferta dos serviços de saneamento ambiental, em especial a coleta e afastamento dos esgotos sanitários. Assim, há uma relação direta entre a urbanização das ruas, com drenagem ou presença de valas a céu aberto, e a diminuição ou aumento da prevalência de agravos na população.

As características da comunidade aqui descrita se assemelham a tantas outras no estado e no país que, como esta, necessita estender a um grande percentual da população serviços de saneamento básico cujo custo, muitas vezes elevado, dificulta sua implantação. Estes custos seriam mais bem absorvidos ao serem feitos estudos de relação custo-benefício considerando a redução nos custos de saúde envolvidos no tratamento das doenças ocasionadas ou agravadas pela ausência de um sistema eficiente de saneamento.

Dione Miranda
Engenheira Sanitarista

O QUE SÃO OS OBSERVATÓRIOS?

Desenvolvidos desde o ano 2000, os Observatórios levantam informações qualitativas sobre a situação dos Direitos Humanos de comunidades afetadas pelos problemas da violência e da pobreza, a partir do ponto de vista de jovens moradores desses locais. Para tanto, formam-se grupos de cinco jovens bolsistas que, acompanhados por pesquisadores, são capacitados neste tema e, ao mesmo tempo, realizam a pesquisa, divulgando os resultados entre outros moradores e para a opinião pública.

O projeto visa fortalecer esses jovens e envolvê-los em associações comunitárias, buscando conciliar formação para a atuação comunitária com um processo de diagnóstico qualitativo sobre a situação dos Direitos Humanos na própria comunidade. Esse diagnóstico objetiva apontar violações destes direitos no cotidiano, avaliar o impacto local de políticas públicas e identificar possíveis “boas práticas” locais.

OBJETIVOS

- Contribuir para a redução das violações dos Direitos Humanos, através da reconstrução da identidade social dos jovens e do fortalecimento de lideranças locais.
- Criar espaços participativos, fomentando e encorajando o envolvimento de jovens em associações comunitárias.
- Produzir informações sobre a situação e a percepção local dos Direitos Humanos, partindo do ponto de vista dos jovens sobre essa problemática.
- Desenvolver uma Rede de Observatórios de Direitos Humanos para a troca de experiências e informações entre as diferentes organizações envolvidas, direta ou indiretamente, no projeto.
- Disseminar os resultados do trabalho, por meio de publicações destinadas aos jovens e à opinião pública em geral.

COMO SÃO FORMADOS?

Os Observatórios são coordenados por organizações que tenham afinidades com os temas dos Direitos Humanos e experiência em relações comunitárias. O grupo de coordenação seleciona associações comunitárias, as quais acolhem um grupo de cinco jovens observadores cada uma.

Os jovens, como bolsistas, participam de uma capacitação voltada para os Direitos Humanos e prática da observação, ao mesmo tempo em que coletam e registram informações qualitativas sobre a situação dos Direitos Humanos nas suas comunidades. Durante o processo, dialogam e trocam experiências com outros grupos de jovens e associações atuantes nas comunidades, formando uma rede local.

Concluída a fase de observação, as informações acumuladas são convertidas em um informativo destinado aos jovens (LUPA) e no Relatório de Cidadania. Ambas publicações são preparadas com a participação dos jovens e divulgadas tanto em suas próprias comunidades como para o público em geral.

HISTÓRICO

A proposta inicial dos Observatórios surgiu de discussões entre o professor Ignacy Sachs, do Centro de Pesquisas sobre o Brasil Contemporâneo (Paris), o professor Paulo Sérgio Pinheiro, da Universidade de São Paulo, e Malak Poppovic, da United Nations Foundation. A idéia era envolver a sociedade civil em atividades de pesquisa, normalmente restritas à universidade, e fortalecer o debate sobre os Direitos Humanos, envolvendo os jovens como relatores desse processo.

A inspiração do projeto veio de uma experiência realizada na Índia pelo Centre for Science and Environment (CSE) que, na década de 80, elaborou pesquisas sobre as culturas agrícolas e o meio ambiente indiano, com a participação direta de representantes de diversos grupos culturais daquele país, condensando essas informações no chamado *Citizen's Report* (Relatório dos Cidadãos). O trabalho trouxe uma visão diferenciada da realidade local, pois incorporava especificidades culturais.

PROJETO PILOTO

A implementação dos primeiros Observatórios foi coordenada pelo Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo – NEV/USP e desenvolvida com a parceria do Instituto Sou da Paz, entre 2000 e início de 2002. Os primeiros grupos de observadores estavam sediados em quatro associações atuantes em comunidades da Zona Sul do Município de São Paulo.

A partir de encontros e pesquisas com outros jovens da comunidade, cada grupo determinou um tema para a observação entre aqueles sugeridos pela Declaração Universal dos Direitos Humanos. Durante esta fase, os quatro grupos com que trabalhamos estavam na Zona Sul da Região Metropolitana de São Paulo e os temas escolhidos foram:

- Jardim Ângela – Segurança
- Capão Redondo – Cultura e Lazer
- Jardim Jacira (Itapeceira da Serra) – Emprego
- Heliópolis - Educação

FASE II - OBSERVANDO A ESCOLA

Em 2001 e começo de 2002, foi dada continuidade ao trabalho iniciado no piloto, tendo em vista a consolidação da metodologia e dos grupos. A fase II manteve o trabalho nas mesmas áreas e contou com os mesmos grupos de jovens, que foram ampliados.

Nessa fase, foram retomados os assuntos discutidos no piloto e decidiu-se que, em vez de cada grupo trabalhar separadamente um tema, todos trabalhariam o mesmo. A escola pública serviu como ponto de partida para a fusão dos eixos. Os temas trabalhados foram:

- Escola e Violência
- Escola, Cultura e Lazer

INSTITUTO SÃO PAULO CONTRA A VIOLÊNCIA

O Instituto São Paulo Contra a Violência foi fundado em novembro de 1997, como resultado do Seminário São Paulo Sem Medo, realizado pelo Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo, Fundação Roberto Marinho e Rede Globo de Televisão em maio de 1997. O seminário reuniu especialistas e representantes de organizações governamentais e não-governamentais que, de maneira unânime, enfatizaram a necessidade de políticas, programas e ações mais eficazes para reduzir a criminalidade e a violência e aumentar a segurança dos cidadãos em São Paulo.

O Instituto São Paulo Contra a Violência, formado por associações empresariais, instituições acadêmicas, associações comunitárias e organizações da mídia, é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, com o objetivo de apoiar o desenvolvimento de políticas, programas e ações inovadoras e eficazes, para controlar e reduzir a criminalidade e a violência. Para atingir este objetivo, o Instituto promove parcerias com organizações não governamentais e governamentais para identificação e resolução dos problemas afetando a segurança dos cidadãos, a qualidade de vida da população e a organização comunitária no Estado de São Paulo.

O Instituto São Paulo Contra a Violência enfatiza a importância de ações integradas em quatro áreas estratégicas para reduzir a violência e melhorar a qualidade de vida da população:

- Melhoria dos serviços de segurança pública;
- Melhoria dos serviços de justiça criminal;
- Melhoria do sistema penitenciário; e
- Desenvolvimento de políticas sociais e urbanas em áreas de alto risco de violência.

Estas ações são implementadas através de uma série de projetos:

- Disque-Denúncia, em parceria com a Secretaria de Estado da Segurança Pública, a Polícia Militar e a Polícia Civil;
- Fórum Metropolitano de Segurança Pública, em parceria com as prefeituras municipais da Região Metropolitana de São Paulo;
- Rede de Observatórios de Direitos Humanos, em parceria com o Núcleo de Estudos da Violência da USP, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos e Secretaria de Estado da Assistência Social;
- Cadernos Sobre Violência e Discriminação, em parceria com a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos e Secretaria de Estado da Assistência Social;
- O Policiamento que a Sociedade Deseja, em parceria com o Núcleo de Estudos da Violência da USP.

**Instituto São Paulo
Contra a Violência**

NÚCLEO DE ESTUDOS DA VIOLÊNCIA

O Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (NEV/USP-CEPID) é uma organização pioneira nos estudos e na promoção dos Direitos Humanos no Brasil.

Fundado em 1987 e contando atualmente com cerca de 60 pesquisadores, o NEV/USP-CEPID busca a análise e a solução dos problemas ligados a questão da violência no país. Entre os temas pesquisados estão a impunidade penal, as políticas de segurança pública, a participação da comunidade na solução da violência e a visão da população em relação aos Direitos Humanos.

O Núcleo, além das pesquisas acadêmicas, incentiva o diálogo entre entidades governamentais e civis na busca de soluções concretas, encorajando toda uma geração de pesquisadores a unir os trabalhos relacionados à violência ao ativismo de Direitos Humanos. Um exemplo desta atuação são as atividades conjuntas com a ONG Teotônio Vilela de Direitos Humanos.

Como reconhecimento das ações e do seu papel no desenvolvimento da pesquisa no Brasil, desde 2000 o Nev participa do Programa Centros de Pesquisa, Inovação e Difusão (Cepids) da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo (Fapesp), razão pela qual a sigla CEPID foi incorporada no logo da organização.

Os Projetos de Pesquisa desenvolvidos no Núcleo exploram as relações entre violações aos Direitos Humanos e as taxas de impunidade criminal, assim como analisam o desigual acesso aos Direitos Humanos no Brasil. As principais pesquisas desenvolvidas são as seguintes:

- Monitoramento das graves violações aos Direitos Humanos.
- Análise da construção das políticas públicas de segurança no Estado de São Paulo.
- Identificação e medida da taxa de impunidade penal.
- Identificação dos conceitos de justiça, direitos e punição na população.
- Teoria Integrada de Direitos Humanos.



REDE DE OBSERVATÓRIOS DE DIREITOS HUMANOS



COORDENAÇÃO DE REDE

Tel: (0xx11) 3091-5077
e-mail: rodh@usp.br

Instituto São Paulo Contra a Violência

Av. Paulista, 119 – 5º andar – Bela Vista – São Paulo – SP
Cep 01311-903
Tel: (0xx11) 3179-3704 / 3179-3708
e-mail: correio@spcv.org.br
Hpg: www.spcv.org.br

Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo

Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues,
Trav. 4, bloco 2 Cid. Universitária – São Paulo – SP
Cep: 05508-900
Tel: (0xx11) 3091-4951
e-mail: nev@usp.br
Hpg: www.nev.prp.usp.br

GRUPOS DE TRABALHO LOCAL

Cáritas Arquidiocesana – Vitória ES

Rua Abílio dos Santos 47 – Centro – Vitória – ES
Cep: 29015-620
Tel: (0xx27) 3223 4977 - Fax: (0xx27) 3223 3057
e-mail: caritases@escelsa.com.br
Hpg: www.arquidiocesadevitoria.org.br/caritas.html

Instituto Sou da Paz - São Paulo SP

R. Luis Murat, 260 – Vila Madalena – São Paulo – SP
Cep: 05436-050
Tel: (0xx11) 3812-1333
e-mail: soudapaz@soudapaz.org
Hpg: www.soudapaz.org.br

Movimento República de Emaús – Belém do Pará PA

Travessa Dom Raimundo de Seixas, 918 – Umarizal – Belém – PA
Cep: 66050-110
Tel: (0xx91) 224-7967 / 241-7007
e-mail: cedecaemaus@uol.com.br
Hpg: www.emauscrianca.org.br

Movimento Fraterno de Ação Comunitária (MOFAC) – Pesqueira PE

Rua Manoel Borba, 520 - Pedra Redonda - Pesqueira – PE
CEP: 55.200-000
Tel: (0xx87) 3835-1843
e-mail: mofac@pesqueira.com.br

Centro Dom Helder Câmara de Ação Social (CENDHEC) – Recife PE

R. Gervásio Pires, 921 – Boa Vista - Recife - PE
Cep: 50050-070
Tel: (0xx81) 3231 3654 / 3222 0378
e-mail: cendhec@elogica.com.br

Organização de Auxílio Fraterno (OAF) - Salvador BA

R. do Queimadinho, 17 – Lapinha – Salvador – BA
Cep: 20021-130
Tel: (0xx71) 319-9700
e-mail: oaf@oaf.org.br
Hpg: www.oaf.org.br

Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável (CIEDS) – Rio de Janeiro RJ

Av. General Justo, 275 – Centro – Rio de Janeiro – RJ
Cep: 20021-130
Tel: (0xx21) 2240-8479 / 2544-4516
e-mail: cieds@cieds.org.br
Hpg: www.cieds.org.br

MADALENA LUIZA SCARAMUSSA • ARCOVERDE • ANTENOR VAZ • ADRIANO FELIX DE SOUZA • AURÍLIO MENDES DE ARAÚJO • CLAUDIO LUIS FERREIRA PEREIRA • ROSÂNGELA RODRIGUES DA SILVA • GISELE SIMÕES DOS SANTOS • DANIELA DOS SANTOS DE SOUZA • MARCELA DA ROCHA NUNES • DANIELA MARIANO • CHAPEU MANGUEIRA • ALEXANDRE SANTA RITTA • DOUGLAS EMÍDIO DE ALMEIDA • CLÁUDIA RENATA GUIOMAR DOS SANTOS • JONAS GRACILIANO DA SILVA • EDMILSON DIAS ROCHA • BRUNO TEODORO DE OLIVEIRA • EMERSON TEIXEIRA DE SOUZA • LUCIANE SABINO • EVERTON DANILO RAMOS • COELHOS • MAURÍCIO JOSÉ S. MACHADO • IGOR FONSECA BECYK • SALVADOR • JANAÍNA DO NASCIMENTO • CLEONICE INVERSO MARTINS • JEFFERSON H. LEAL • ALEX SANDRO GOMES FRANCO • COMPLEXO DO ALEMÃO • BELÉM DO PARÁ • LUIZ RICARDO PEREIRA • JULIANA FERREIRA DA SILVA • ITARARÉ • MARINEZ ZITO ROSA • JANDERSON PEREIRA GONÇALVES • MICHELI CRISTINA FLAUZINA DOS SANTOS • ELIAS SIDCLEI OLIVEIRA SOARES • WELLINGTON ANGELO MARIANO • WASHINGTON BARROS DO NASCIMENTO • RIO DE JANEIRO • ADRIANA CAMPOS SILVA • EDUARDO NOGUEIRA BELLO SIMAS • JOÃO RODRIGUES DA COSTA • EMILÂNIA DE MELO GUIMARAES • LUIS RICARDO CICARONI • MARGARETE PEREIRA FRAGA • MOISÉS BAPTISTA • GABRIELA GOULART • JARDIM BOTÂNICO • ÂNGELA JESUS DE SOUZA • CARLOS COSTA DOS REIS • SÍTIO GRANDE • ANA LETÍCIA EVANGELISTA PAIXÃO • EDIVANE DOS SANTOS BEIRÃO • SAPOEMBA • ANTONIO CARLOS SANTOS BIZARRO JR. • JARDIM NOVA ERA • JAQUELINE MACHADO DOS SANTOS • JUSSARA LÚCIA DE MELO NOGUEIRA • JORGE DA SILVA SANTOS • DIOGO MAURO DA SILVA FERNANDES • MÁRCIO DE ALMEIDA ARAÚJO • CAROLINE PRISCILA ROGEL • PRISCILA REIS DE OLIVEIRA • NERIANE DE CÁSSIA SOUSA CARVALHO • TATIANA LIMA DA SILVA • RENATA GONZAGA • ULISSÉS FERREIRA • NEIDIANY VIEIRA JOVARINI • RENATA CAMAROTTI • ROGÉRIO FERNANDO FERREIRA • DIADEMA • ALESSANDRA RODRIGUES BARBOSA • DARLENE RODRIGUES FERREIRA • ANDERSON DANTAS DA CRUZ • ALEXANDRE PAULO DA SILVA • YANE BARRETO • ALINE COSTA DA CUNHA • MARIA EDVANIA NOGUEIRA DE OLIVEIRA • ANA CRISTINA DE SOUZA GONÇALVES • BRUNO TARTA DO NASCIMENTO • PAULO ROBERTO COSTA DOS SANTOS • CARLOS RENATO SILVEIRA AVILA • ALAN JOFRE TENORIO GONÇALVES • DANILO FERNANDES LIMA • DAVID DA SILVA DAS GRAÇAS • DENISE SANTOS • KENIA PALOMA DE OLIVEIRA • BENGUI • JAQUELINE CONCEIÇÃO GOMES • EDILEIA NASCIMENTO AGUIAR • JULIA NEPOMUCENO • JOICE DA SILVA EUGÊNIO • NICODEMOS FELIPE DE SOUZA • LEANDRO DA CONCEIÇÃO CALDEIRA • ROSMEIRE SILVA DA ANUNCIÇÃO • EDILSON ANDREOLI MESQUITA • SÔNIA AMÂNCIO • RECIFE • LEANDRO MOREIRA CARDOSO • ÂNGELA DE ASSIS DA SILVA • LILIAN MARTINS • HELENA MASSI • LOURDES CRISTINA FERREIRA SANTOS • PESQUEIRA • MARGARETH DE SOUZA BARROS • MARCO ANTONIO FIDELIS DE SOUZA • JOSILENE SANTOS OLIVEIRA • MARCOS VINÍCIUS LIMA AVELINO • JARDIM ÂNGELA • EDINEIA FIGUEIRA DOS ANJOS OLIVEIRA • ALEXANDRE TEJADO BARBOSA • MICHELLE ANTERO LOPES • MARGARIDA ALMEIDA • ROBERTA SILVA DE SOUZA • ROSANE KELLER • DANCING DAYS • VANESSA GOMES OLIVEIRA • JULIANA SENA ROCHA • SÉRGIO MARTINS DA CRUZ • MARIANNA AGUIAR ESTEVAM DO CARMO • FABRÍCIA MOURA DE LIMA • RODRIGO SALGUEIRO BARBOSA • LUCIANA RAMOS DO AMARAL • NELSON MOREIRA CASTRO FILHO • ÂNGELA MEIRELLES DE OLIVEIRA • CAMILA CLEMENTINO LAMARÃO • TERRA FIRME • JOSE ROBERTO RODRIGUES DOS SANTOS • ISABEL MEDEIROS BARBOSA • ALEX SANDRO RIBEIRO BORGES • REALENGO • SANDRA MARIA DA SILVA • RAIMUNDA CREUZA DA COSTA FERREIRA • LOBELIA FACEIRA • BRASILÂNDIA • CRISTINA HILSDORF • ANA PATRÍCIA FEITOZA DA SILVA • EDIMAR MORAES SILVA • ANA PAULA DE OLIVEIRA SILVA • ANDRÉ OLIVEIRA SANTOS • ANDREZA RODRIGUES DE SOUZA • LEDINILZA SANTANA DO NASCIMENTO • ERALDA TEREZA GALINDO • JOSELMA BARBOSA DA SILVA • WALLACE NOGUEIRA • JUSSARA CLAUDIA TENÓRIO DE OLIVEIRA • NALDEMIR SIMÕES CECILIOTE • MAGDA MARIA CAVALCANTE VASCONCELOS • ANNE DENISE DA COSTA • MARIA AUXILIADORA DOS SANTOS • VILA DA BARCA • MARIA NAZARE DA SILVA • PRISCILA CORREIA RIBEIRO • CALABAR • WILLIAM FIRMINO MAGRI IANNANTUONI • KÁTIA REGINA CHAGAS DOS PASSOS • VALÉRIA MARIA FREITAS DE BARROS • CARLOS ALBERTO RIBEIRO • GILBERTO DE BRITO JÚNIOR • VAGNER CONCEIÇÃO BERTOLOTE • GENECY RAIMUNDO LEAL • MARCELO DAHER • VITÓRIA • CRISTINA PEREIRA DE SOUZA • FLÁVIA CRISTIANE FERREIRA DA SILVA • FAUSER DE ASSIS DOS SANTOS • GIRLENE BATISTA DE LIMA • BRUNO ARMELAU SANTOS • SÃO PAULO • JOSIANE JERÔNIMO DA SILVA • ALANA DE CARVALHO • COMPLEXO DA MARÉ • MARCIO ROBERTO PINTO SOARES • ALAGOINHA • SANDRA APARECIDA ALVES FERREIRA • MICELANE DOS SANTOS RIBEIRO • FERNANDO SALLA • SUBÚRBIO FERROVIÁRIO • TATIANA CARNEIRO DE ALBUQUERQUE SOARES DE SANTANA • RICARDO HENRIQUE DE AGUIAR • LINO LEOPOLDINO DO NASCIMENTO • TATIANA BARBOSA • TATIANE DAS VIRGENS DE JESUS • MORRO DOS URUBUS • FERNANDA PAES • REGIANE ALVES PEREIRA • MÉRCIA MARIA ALVES DA SILVA • FLÁVIA LUCIANA GOMES • RENATO ALVES • ÁBIA MEURILIM OLIVEIRA NOGUEIRA • GILSILENE GOMES • CLEBER TAVARES SANTA BRÍGIDA • EMANUELA FERREIRA LEAL • CYNTHIA ALEXSANDRA GOMES DO NASCIMENTO • JARDIM ROSANA • RAILDA SILVA PEREIRA • BABILÔNIA • DALTON LUIZ DA COSTA MARQUES • EDUARDO RIBAS D'AVILA • THALYIA BOTELHO MONTEIRO • ELIZABETH BRITO TEXEIRA • LAUDICÉIA FERNANDES BEZERRA • JARDIM CARAPINA • ERANILDE NOGUEIRA DE FARIAS • MARTA FERREIRA DE LIMA • ROSENILDA OLIVEIRA • MARIZA DA SILVA LIMA • ANA CAROLINA MENNELA • ILHA DE ITAPARICA • SAMUEL DAVI REBOUÇAS DA SILVA • JARDIM MONTE AZUL • DANIEL DOS SANTOS LEITE • JOISIANE FERREIRA SOUSA • WANDERLÚCIO SANT'ANA • MARIA CLARA SILVA DE LIMA • ENTRA APULSO • MARCEL HAZEU • MILENY MATOS • INTERIOR DE PERNAMBUCO



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA



SECRETARIA DE ESTADO DOS DIREITOS HUMANOS



SECRETARIA DE ESTADO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL



Instituto São Paulo Contra a Violência

